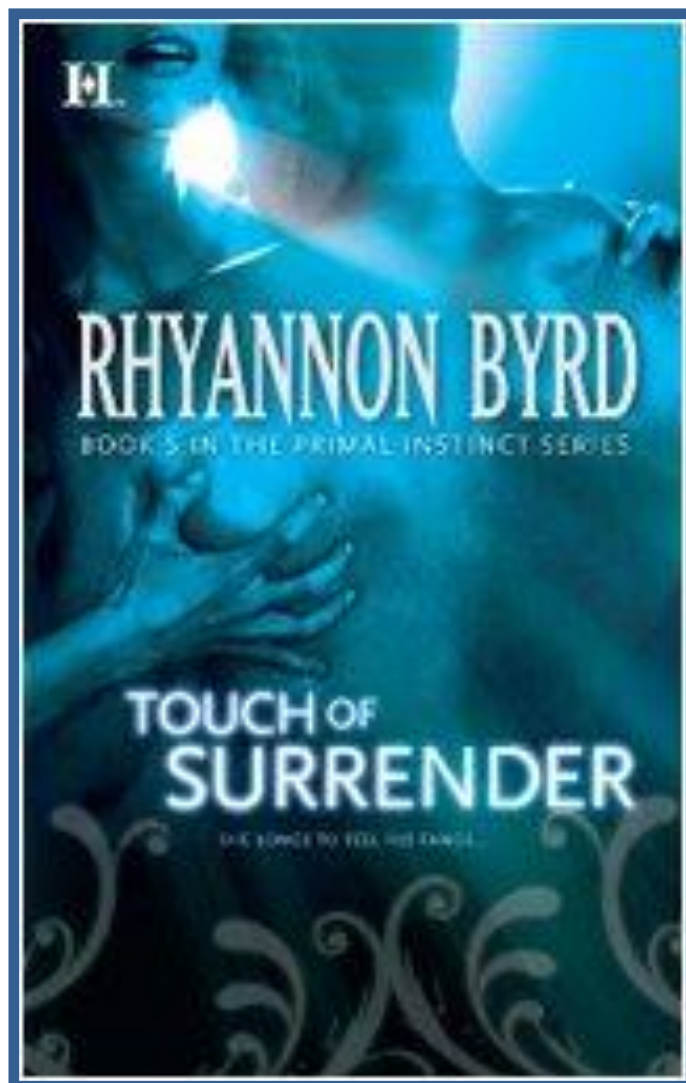




Rhyannon Byrd
Instinto Primitivo 05
TOQUE DE RENDIÇÃO



Com seu cabelo ruivo e curto, Kierland Scott parece ser mais homem do que Lycan. Mas seus instintos de lobo são despertados pelos olhos cinzentos de Morgan Cantrell. Não por causa de sua beleza, mas por causa de sua traição no passado, uma escolha decisiva que fez de seu amor impossível.

Agora, entretanto, os dois Sentinelas devem formar uma equipe, deixando o país, para seguir para as florestas da Escandinávia. Para salvar o irmão de Kierland, eles devem seguir um vampiro e combinar sua força e destreza sensorial em uma batalha que poderá levá-los além da morte. Os dois aprendem juntos a compreender um ao outro, o que fará com que entendam seu passado. Mas eles terão de superar a própria morte, para que essa paixão tenha uma chance.

Revisão Inicial: Cintia B.

Revisão Final: Michelle Montaldi

Visto Final: Lorena B.

Colaboração: Andy

Projeto Revisoras Traduções

Parceria PRT/PL

- R B - Instinto Primitivo 00 - À beira da Paixão (PL)
- R B - Instinto Primitivo 01 - À beira da Suplica (PL)
- R B - Instinto Primitivo 02 - À Beira do Perigo (PL)
- R B - Instinto Primitivo 03 - À Beira do Desejo (PL)
- R B - Instinto Primitivo 04 - Toque de Sedução (PRT)
- R B - Instinto Primitivo 05 - Toque de Rendição (PRT)
- R B - Instinto Primitivo 06 - Toque de Tentação (PRT)
- R B - Instinto Primitivo 07 - Avanço da Escuridão (PRT)
- R B - Instinto Primitivo 08 - Avanço do Prazer (PRT)



CAPÍTULO UM

Praga, República Tcheca.

Sábado à noite.

O CLUBE CHEIRAVA A sexo, drogas e rock n'roll.

“Se pudesse chamar esse ruído terrível de rock” Morgan Cantrell pensou, desejando ter trazido consigo um conjunto de tampões de ouvido. Embora ela não fosse uma especialista, a sentinela duvidou que o lixo chamado batida Techno que saía do sistema de som do clube a cem decibéis pudesse ser classificada como música. Tortura parecia uma descrição apropriada. Seus tímpanos, muito mais sensíveis do que os de um humano estavam provavelmente sangrando em protesto, mas ela bloqueou a dor, concentrando-se em seu alvo. No homem ou lobisomem que veio especificamente para localizar.

Preenchido com todo tipo de vício depravado que se possa imaginar, o escuro estabelecimento da moda, era o último lugar na terra, que ela teria esperado encontrar o Sentinela Kierland. E, no entanto, Morgan sabia que o homem alto, ruivo entre as duas metamorfos loiras esbeltas e, pouco vestidas era Kierland. Mesmo com a distância da sala, enorme com luz difusa entre eles.

Ela reconheceu o duro e áspero ângulo de seu lindo rosto. Reconheceu o corpo magro e ágil que parecia tão letal como o era delicioso. Ele usava uma desbotada calça jeans que ficava pendurada abaixo da cintura, botas de couro macio e camisa branca que destacava perfeitamente sua pele bronzeada pelo sol e o físico musculoso. Ela sabia que ele teria escolhido as roupas apenas pelo conforto. Apesar de sua ultrajante boa aparência, ele não era vaidoso ou pretensioso. Ele era apenas puro magnetismo animal masculino. Lindo. Perigoso. E feito para o pecado.

A respiração de Morgan diminuiu, e o pulso acelerou, ela queimou de repente sob sua pele, sentindo como se tivesse engolido algo quente e grosso.

Não importava como eles se sentiam um pelo outro. Não importava que eles não pudessem estar na mesma sala. Apesar do quanto ela gostasse dele sempre a fazia se sentir como se tivesse sido injetada com uma overdose de hormônio sexual... Ou algum tipo de afrodisíaco que deixava sua cabeça girando.

Não quer dizer o quanto você o deseja, que você gosta dele?

Empurrando a pesada cortina de seus cabelos sobre os ombros, Morgan ajustou a irritante voz em sua cabeça, estava focada ao seu redor, instintivamente procurando qualquer sinal de perigo. O estabelecimento era, obviamente, voltado para clientela não humana, havia homens de vários clãs espalhados ao redor das paredes. A coleção dinâmica, diversificada de espécies paranormais, os clãs antigos viveram escondidos entre a sociedade humana ao longo dos séculos, o segredo da sua existência guardado pela organização dos metamorfos onde Kierland e ela trabalhavam, como sentinelas.

No momento que Morgan passou pela porta, deixando os ventos uivantes de janeiro atrás de si, ela foi esmagada pelos fortes aromas diferentes de todas as espécies juntas na pista de dança, os corpos cobertos de suor enquanto movia-se em uma espécie de frenesi, hipnótico

sexual. Havia Lycans, bruxas, diversos metamorfos e até mesmo alguns vampiros, embora tivesse olhado para a multidão com a mesma expressão arrogante de Kierland, sentiu todas as contorções de loucura das pessoas na sala fechada.

Vestindo jeans e botas, juntamente com uma camiseta justa preta de gola alta, Morgan tinha mais pele coberta do que qualquer uma das outras mulheres no clube, o que lhe convinha, aliás. Ela não tinha chegado a ingressar no mercado de carne. Ela só precisava falar com Kierland e dizer-lhe porque estava lá. Então caminhou em direção a ele. Não bastava ficar ali juntando poeira.

— Certo. — Murmurou baixinho, e ainda assim, não se moveu, seus batimentos cardíacos aumentando a velocidade enquanto sua pele ficava fria e úmida, mesmo com essa sensual queima de calor ainda fumegando dentro dela. Havia muitas pessoas, e sem espaço suficiente, ela podia sentir o surto familiar de pânico que a tinha assombrado durante a última década subindo por ela.

Respirando fundo, ela se esforçou para manter o controle. Seria fatal perder a calma em um lugar como este. Havia muitos predadores que poderiam aproveitar a oportunidade para intimidá-la. Vê-la como um alvo fácil e mover-se para matá-la, por nenhuma outra razão de que ela fosse mais fraca do que eles.

Vinha de uma linha de metamorfos de pensamento livre, que tinha se reproduzido com várias espécies de geração em geração, leão com veado, lobo com o cordeiro. Morgan era incapaz de tomar a forma de qualquer animal específico, e foi considerada "deficiente" pela maioria das raças de metamorfos. O preconceito predominava, mas essa era a natureza da besta para muitos dos clãs. E ela não tinha deixado de devolvê-lo assegurando-se de que viria a se tornar uma sentinela como sua avó paterna tinha sido. Ela simplesmente treinou mais tempo e mais duramente do que seus oponentes, incansavelmente aprimorou suas habilidades para compensar o fato de que ela só podia metamorfosear um pequeno conjunto de dentes e garras curtas, e havia se transformado em uma ótima sentinela como resultado. Ela nem sequer pensou que sua incapacidade de mudança fosse uma fraqueza, mas usou isso como uma vantagem, sabendo que seus adversários, muitas vezes a subestimavam.

A única fraqueza verdadeira que ela tinha era esse nauseante medo de lugares lotados de pessoas, a sensação ainda era pior quando ela estava dentro de casa, sem a liberdade do céu sobre sua cabeça. Ela queria tanto dar meia-volta e retornar aos espaços abertos da noite, mas não havia como voltar atrás. Embora ela odiasse a situação, teria que lutar com ela. Teria que forçar seu caminho pela multidão, em redemoinho a sua volta enquanto caminhava para Kierland do outro lado.

— Apenas faça. — Resmungou baixinho, com as mãos flexionando a seu lado quando deu um passo à frente, e depois outro. Sua visão turvou, sua garganta começou a fechar, uma gota de suor deslizou pela espinha, mas ela empurrou, recusando-se a ceder a seus medos.

Não olhe para ninguém, só para Kierland. Basta focar nele. Era fácil seguir a instrução mental, uma vez que o Lyncan era tão grande.

Tão... Satisfeita de olhá-lo, e ela não era a única que tinha essa opinião. Mais do que alguns olhares de fome, olhares cobiçosos abrangendo sua forma, alta de músculos esculpidos, bebendo-o, vindo de mulheres e homens. Podia literalmente sentir o poder que emanava dele. A força e o potencial mortal que estavam sob controle magistral. Era fascinante, puxando-a para mais perto, como um feitiço, até que só queria pressionar-se contra ele. Tocar sua pele

escura com a ponta dos dedos, apenas para sentir o poder hipnótico e pulsante zumbindo abaixo da superfície.

Enquanto ela o observava, ele encostou-se ao pilar, sua posição casual como a das metamorfos loiras encostadas em ambos os lados de seu corpo, seus olhares tão semelhantes, imaginou que elas deviam ser irmãs. Talvez até mesmo gêmeas. Elas eram excepcionalmente bonitas, mas a raça dos cisnes sempre era sua pele pálida, quase branca, cabelo loiro denotando sua espécie. Eles eram também, na experiência de Morgan, um tanto como pássaros bobos... E bem conhecidos por sua fúria ciumenta. Elas não iam gostar dela se instalando em seu território e que sabia, sem dúvida, que o teimoso Lycan ficaria irritado ao vê-la. Ele sempre ficava.

Era estranho, a verdade particular que ainda incomodava. Após uma década de discórdia entre eles, durante a qual eles tinham evitado um ao outro tanto quanto possível, ela realmente deveria ter se acostumado com isso agora. Era frustrante que ela não tivesse sido capaz de dominar este conceito simples, não importa o quanto tivesse tentado.

Ela o tinha visto de passagem há uma semana em Harrow House, propriedade de sua família na Inglaterra, a casa para onde sua unidade Sentinela tinha recentemente se mudado, vindo do Colorado por fins de segurança. Embora Morgan fosse uma parte do contingente sentinela em Reno, nos últimos cinco anos, ela havia se juntado a uma unidade de Kierland um mês atrás. Quando seu irmão Kellan ligou, dizendo que ele e os outros poderiam usá-la para ajudar a proteger uma menina chamada Jamie Harcourt de um grupo de Casus - monstros que estavam em seu encalço.

Juntos, Morgan e os outros foram à Inglaterra, onde se encontraram com Kierland. Ele tinha ficado em Harrow House com eles até que todas as atualizações de segurança necessárias fossem feitas na mansão anteriormente abandonada, mas assim que possível saiu de lá, fugindo. Apesar dos seus amigos quisessem que ele ficasse, alegou ter ainda negócios inacabados em Praga, onde tinha estado em negociações com o conselho, o corpo diretivo dos funcionários que governavam os clãs das raças antigas restantes.

Ou talvez ele simplesmente estivesse se coçando para voltar para suas namoradas. Sacudindo o pensamento perturbador, Morgan estava tentando decidir a melhor forma de aproximar-se dele, quando a cabeça de Kierland de repente levantou-se, e ela soube que ele sentiu o seu cheiro. Fios de cabelo castanho escuro caíram sobre a testa, e pela forma como aquela boca sensual se contraiu em uma linha dura e apertada no momento que seu olhar verde-pálido caiu sobre ela, teve certeza que estava tenso. Apesar da irritação esculpida em sua feroz expressão, não pode impedir o brilho intenso de seus olhos que quase a fez estremecer violentamente.

Como podia esperar que ele ficasse feliz em vê-la? Na verdade. Ele preferiria se aconchegar com um esquilo raivoso.

—O que você está fazendo aqui? — Exigiu com uma voz grossa e baixa, no instante em que ela esteve perto o bastante para poder ouvi-lo. — Você está sozinha? Onde estão os outros?

Ela não ficou surpresa com a rápida sequência de questões, considerando como era perigoso para os sentinelas no momento ficar fora da fortaleza por conta própria. Depois de tudo, eles estavam em guerra.

Embora os sentinelas não tivessem a intenção de interferir no mundo dos clãs, a menos que lhes fosse ordenado a fazê-lo por seus superiores, os tempos mudaram com o retorno dos Casus e o despertar do clã Merrick que no passado haviam sido imbatíveis. Embora os Merrick já fora um dos mais poderosos dos clãs antigos. Foram dizimados junto com seus companheiros humanos depois de anos de guerra. Durante séculos, os traços originais do clã tinham ficado adormecidos na chave genética dos humanos que descendiam deles, até o recente retorno do Casus e o reinício da guerra.

Uma raça de imortais sádicos que haviam permanecido presos por mais de mil anos, por seus crimes contra a humanidade, de alguma forma o Casus descobriram uma forma de escapar de sua prisão metafísica. Precisavam do poder que vinha de se alimentarem de seus inimigos de longa data, assim começaram a caçar os descendentes dos Merrick, dessa forma despertando a genética adormecida, embora algumas vezes estivessem determinados a destruí-los.

Agora, os sentinelas estavam agindo com suas forças combinadas para lutar e impedir o retorno do Casus, os seus esforços organizados pela unidade de Kierland. Estavam sendo auxiliados por três Merricks recém-despertados, Ian Buchanan, Saige e Riley, cada um possui um poder misterioso que ajudou na busca por uma coleção de artefatos, chamados os Marcadores das Trevas. Na verdade, foi Saige Buchanan que tinham descoberto um conjunto de mapas criptografados que levavam aos locais onde os Marcadores estavam escondidos, o seu poder "único" lhes permitia decifrar o código em que os mapas foram escritos. Como as únicas armas conhecidas capazes de matar um Casus e enviar sua alma para o inferno, os marcadores das Trevas tornaram-se valiosos para a luta contra o tempo e o Casus. Por isso o Casus também os queriam.

Eles até conseguiram roubar os mapas por um curto período de tempo, sem dúvida fizeram cópias, enquanto estiveram em sua posse. Cópias essas, que todos esperavam que eles fossem incapazes de decifrar.

A guerra, a esse ponto, foi sangrenta, e o Casus tinha sido brutal em seu último confronto na Inglaterra no mês anterior, quando os monstros tinham atacado a unidade de Kierland na tentativa de por as mãos sobre Jamie Harcourt com apenas três anos de idade. Mas foram derrotados pela unidade sentinela. Desde então, eles assaltaram vários membros da unidade que tinham saído em busca dos Marcadores das Trevas, houve situações apertadas, alguns com ferimentos graves o suficiente para serem fatais.

E depois havia os caminhantes da morte. Os sentinelas estavam imaginando o efeito que sua guerra com o Casus teria sobre o mundo, e agora eles sabiam. Um cigano havia predito a volta do Casus e o despertar do clã Merrick, tinha sido baseada na crença fundamental de que tudo no mundo estava interligado e que só agora foram perceber o quanto isso era verdade.

Acreditava-se que com a chegada do mais novo inimigo. Cada vez que um dos Marcadores era utilizado contra um dos monstros vis que estavam à caça dos Merrick, um portal se abre para o inferno. Infelizmente, como a alma do Casus era forçada a passar, outra coisa seria capaz de rastejar para fora. Graças a uma das fontes de Kierland, os sentinelas já sabiam que essas criaturas estranhas, eram como cadáveres, eram chamados de caminhantes da morte, e eles eram más notícias. Uma vez que a alma de um membro dos clãs era condenada ao inferno por seus crimes, se tornavam criaturas enlouquecidas, pelo tempo passado no inferno. Seu único objetivo parecia ser a criação do caos entre os clãs, pareciam

querer que o resto do mundo deslizesse para a loucura como eles. E seu primeiro intento era destruir os sentinelas, uma vez que os altamente treinados metamorfos atuavam como os olhos e os ouvidos do Conselho.

Kierland podia não gostar de Morgan, mas não estava interessado em perder a outro sentinela, especialmente quando tantos sentinelas já tinham caído vítimas dos caminhanes da morte, várias mortes haviam acontecido nas últimas semanas, a lista de sentinelas mortos já era de nove guerreiros.

O Lycan e seus amigos haviam discutido há um mês sobre o que era considerado um risco aceitável quando se tratava de deixar a segurança de Harrow House, que era protegida dos ataques dos caminhanes da morte. O fosso que cercava a propriedade tinha sido abençoado pelo padre da aldeia, tornando impossível para os seres atravessar e Kierland constantemente ressaltava a necessidade de segurança nos números. O que significava que ele iria ficar puto como o inferno por ela ter vindo sozinha.

— Eu não sou uma criança, Kier. Eu não preciso de um acompanhante. — Respondeu. Surpresa pela rouquidão de sua voz quando finalmente começou a responder, pelo menos a uma de suas perguntas.

— Então você está aqui sozinha? — Kierland perguntou. A nota de aço e frustração em suas palavras denotava o quanto ele realmente estava furioso. Conhecido como um mestre do autocontrole, não era muito as vezes que o Lycan perdia a paciência, mas quando o fazia, era sempre perigoso, mas igualmente fascinante, como assistir a um desastre natural irromper diante de seus olhos.

— Eu vim sozinha, pela mesma razão que você veio. Quantos menos de nós deixar a segurança de Harrow House neste momento, melhor. — Respondeu ela. O cheiro adocicado da cisne-metamorfo queimava seu nariz quando se aproximou. Morgan podia não ser capaz de mudar completamente, mas seus sentidos eram ainda mais altamente desenvolvidos do que os de um predador, o que significava que o seu sentido de olfato era excepcionalmente agudo. Era um grande trunfo no campo de batalha, mas não quando respirar a forçava inalar o cheiro barato das namoradas de Kierland.

Ele abriu a boca, olhando como se estivesse prestes a dizer algo feio, mas a loura à sua esquerda grasnou para ele.

— Você realmente conhece essa mulher, Kierland?

— Sim. — Murmurou a palavra enquanto virava, e pegava um copo, o líquido âmbar brilhante cheirava a uísque e sentou-se no bar a sua direita. Como ele segurou o copo na mão grande, Morgan teve de admitir que gostava da forma como os punhos eram fortes e definidos, revelavam as linhas grossas de nervos que subiam para seus braços poderosos, sua pele escurecida parecia ouro quente, resultado das incontáveis horas passadas treinando sob o sol.

— Que... Lamentável. — Disse a loura, com um amuo exagerado, a mão livre tocando as pontas douradas de seu cabelo preso em um rabo de cavalo alto, enquanto ela inspecionava Morgan com um olhar frio e calculista.

— Engraçado. — Kierland disse em uma voz firme, olhando para o conteúdo de seu copo. — Eu estava pensando a mesma coisa.

— Então vamos apenas ignorá-la. — Sugeriu a outra à sua esquerda.

— Se fosse assim tão fácil. — Ele murmurou, jogando a cabeça para trás enquanto dava um longo gole no uísque. Seu cabelo estava úmido em suas fronteiras, fazendo o vermelho parecer quase preto, seu corpo liberava uma onda de calor escaldante que fez Morgan se sentir engolida por aquele calor. Sua própria temperatura corporal estava em ascensão, mas honestamente não podia dizer se foi a partir da temperatura no clube... Ou a intensidade do calor de Kierland ou a forma como olhou para ela. Olhos verdes que continham uma sombra profunda.

À olhou de maneira fria, os cílios escuros sombreando a íris que começava a brilhar de forma sobrenatural, sinalizando que o animal se sobrepunha ao homem.

Oh, ele está chateado, com certeza.

— Então o que exatamente você está fazendo aqui? — As palavras saíram duras, mas ela ainda gostava do jeito que rolavam de sua língua, o traço do sotaque britânico moldando as sílabas individuais. Havia algo inerentemente masculino sobre a maneira como as palavras saíam de sua boca, a curva quase cruel de seus lábios adicionando um elemento perverso, pecaminoso a sua masculinidade áspera. O que fazia isso ainda mais sexy era o fato de que não era um algo premeditado. Era apenas Kierland.

— Precisamos conversar. — Disse Morgan, desejando que sua voz não soasse tão ansiosa.

A loura com o rabo de cavalo deu-lhe um sorriso arrogante e condescendente. — Na verdade, ele está aqui conosco esta noite, assim você vai ter que correr e encontrar o seu próprio homem. Eu acho que algo como um poodle pode ser mais seu estilo.

— Ou talvez um porco da Guiné. — A outra riu. — Ela poderia ter uma chance de mantê-lo interessado.

Ignorando as mulheres, Morgan manteve seu olhar focado em Kierland.

— Nós temos um problema.

— Errado. — Respondeu seco. Os tons profundos de seu cabelo castanho avermelhado brilhando sob as luzes pulsantes do clube, ele jogou a cabeça para trás engolindo o resto de sua bebida, sua garganta forte movimentando-se enquanto ele engolia.

Por uma fração de segundo, ela teve um flash de fantasia, imaginando como seria bom pressionar ali com sua boca para sentir a pele masculina quente, mordê-lo de leve com seus dentes, mas ela rapidamente balançou-se para voltar a sua sanidade normal.

— Você e eu não temos nada, Morgan. Nunca tivemos. Nunca teremos.

As palavras cáusticas teriam ferido, se tivesse sido estúpida o suficiente para deixar. Mas ela se preparou para ouvir isso ou pior esta noite, sabendo que ele faria tudo para ser desagradável. Ele sempre era... Com ela. Era como todos os outros a tratavam.

Ele tinha sido um dos mais justos, bondoso e encantador há muito tempo atrás. Cruzando os braços sobre o peito, ela respirou fundo e tentou falar claramente para que o idiota entendesse.

— Olha, eu sei que eu não sou a sua pessoa favorita, Kier, mas você realmente acha que eu teria vindo aqui se não fosse importante?

— Se houvesse um problema. — Argumentou ele, voltando o seu copo para baixo. — Os outros teriam me contatado.

— Nós decidimos que seria melhor explicar pessoalmente. — Assim você não poderia sair correndo antes que eu tivesse a chance de encontrá-lo. — E você está agindo como um verdadeiro bastardo.

— O que poderia ser tão importante para eles te enviarem? — De repente ele rosnou, saindo rapidamente para longe dos braços de suas acompanhantes, quase as derrubando de seu salto agulha forçando-as a se segurarem em seus braços poderosos como apoio.

Apesar de sua tentativa de parecer casual, ele obviamente estava fervendo de fúria, toda ela dirigida a Morgan.

— Que diabos você quer comigo?

— Não é o que eu quero que me trouxe aqui. — Ela mexeu a cabeça para trás de modo que ainda podia ver seu rosto quando ele chegou mais perto, pairando sobre ela. — É o que você vai precisar. De mim. — Sua expressão escurecida com a raiva, mas ela segurou levantou a mão, falando rapidamente, antes que ele pudesse impedir. — É sobre Kellan.

Ele fez um som grosso em sua garganta, e esfregou uma mão sobre a metade inferior de seu rosto.

— O quê? Você finalmente partiu o seu coração? Será que a culpa a fez pedir minha ajuda para que eu possa tentar devolver-lhe o coração?

A frustração a fez juntar as sobrancelhas.

— Não importa quantas vezes nós dissemos a você, recusa-se a escutar. Mas eu vou dizer de novo de qualquer maneira. Kellan e eu somos apenas amigos. — Era a verdade, não que Morgan esperasse que ele acreditasse nela. Ele acusou-a de afundar suas garras em cada homem que ela encontrou pela frente. Seu irmão não era exceção.

— É hora de você correr agora. — A loura pegou o braço de Kierland sem conseguir movê-lo.

Cansada de sua interferência, Morgan dirigiu a cada mulher um olhar duro de aviso.

— E por que não tenta se meter com seus próprios assuntos?

Arrogante estreitou os olhos azuis com indignação.

— É melhor ver como você fala comigo. — Uma das mulheres assobiou. — Minha família é proprietária deste clube. Eu vou ter você jogada fora em um buraco antes de saber o que te bateu.

Morgan arqueou as sobrancelhas e sorriu, um choque quente de satisfação através da queima de seu sistema quando ela viu os olhos de Kierland se alargarem um pouco, como se ele soubesse o que ela era capaz.

— Será que isso significava que quer me impressionar? — Ela perguntou com uma voz suave. — Porque você deve realmente deixá-los saber que eu poderia fazer com que este lugar tivesse um pouco de classe. Eu pude sentir o cheiro da imundície no instante em que entrei.

— Sua vagabunda. — A mulher zombou. Ela quase surpreendeu Morgan com uma rápida bofetada, mas o instinto a fez sair de lado, e Morgan envolveu o pulso da mulher com um forte aperto.

Regra número um: Nunca subestime seu inimigo. Ela sorriu tristemente como se as palavras de Kierland corressem por sua mente com o tom profundo de barítono, uma lembrança dos dias em que tinha sido uma jovem e idealista pretendente à sentinela, ele tinha sido seu instrutor. Mas ela não era mais uma adolescente desajeitada e com certeza ela não iria deixar a loira aqui levar a melhor sobre ela.

— Quem é você? — Resmungou a loira, puxando sua mão do aperto de Morgan e apertando o próprio pulso para aliviar a dor.

Ela sorriu o suficiente para descobrir suas presas. — Um pouco de tudo.

Os lábios injetados de silicone enrolaram com nojo. — Mestiça.

Morgan ergueu as sobrancelhas. — Isso pode fazer com que um híbrido queira chutar o seu traseiro. — Ela ofereceu em um tom seco, quase esperando que a loira fosse tentar bater novamente.

— Basta! — Kierland rosnou, agarrando o braço de Morgan e fazendo-a dar a volta. Ela bateu em seu peito com tanta força que sua respiração falhou por um segundo, seus sentidos de repente sobrecarregados com a dura e quente, agressividade masculina. — Que diabos você está fazendo?

— Eu. — Ela ofegou, piscando para ele. — O cisne que começou!

Embora a música continuasse a ressoar pela sala, a dança parou, todos se aproximaram para ver o que estava acontecendo, um murmúrio se espalhou como uma chama em uma trilha de gasolina pela sala. Do canto do olho, Morgan pode ver as loiras conversando com as cabeças juntas, e ouviu quando uma delas disse ao barman para chamar o guarda-costas. Ao que parecia, as gêmeas clones da Barbie, tinham seu próprio grupo de intimidadores.

Ela também achava que era tempo de saírem de lá. Fixando o seu olhar em Kierland, ela disse o óbvio.

— Nós deveríamos sair daqui.

— Você quer dizer antes de causar mais problemas? — Agarrou-a, olhando para ela, nesse momento ele era pura raiva.

— Não foi assim. — Ela murmurou. — Você só está preocupado que eu pudesse quebrar um dos seus brinquedinhos novos.

— Você está sendo ridícula. — Morgan o ouviu dizer, mas não conseguiu ouvir o que ele continuava falando, quando um Hulk musculoso mal encarado apareceu no meio da multidão e lançou-se sobre ela, jogando-a no chão. Ela pode ouvir o ofego indignado de Kierland, seguido por uma erupção de som, mais guardas apareceram, atacando o Lycan, e o caos estourou em todo redor. A massa bruta em cima dela, que cheirava como um cruzamento entre um urso e um texugo suados, era obviamente um dos guardas das loiras. As cisne-metamorfos ficavam incitando-o, gritando coisas como:

— Ela é mestiça!

— Mostre-lhe uma lição, Frankie!

— Oh, sim. Vou mostrar-lhe uma lição. — Ele zombou, sua respiração quase tocando a garganta de Morgan. Seus olhos lacrimejaram quando ele centrou-se na forma de seus seios,

um sorriso lascivo curvou sua boca úmida quando ele se agachou sobre ela, prendendo seus braços contra o chão.

Decidindo a lutar sujo, Morgan subiu o joelho e viu sua expressão de horror cômico quando ela atingiu seus testículos, ele os segurou com ambas as mãos. Ela só começou a empurrá-lo de cima de si, quando Kierland estava lá, já devia ter dispensado os guardas que tinham saltado sobre ele. Soltou um profundo, som gutural que era animal puro, ele puxou o cara de cima dela que ainda estava deitada no chão, sua expressão era um ultraje selvagem quando ele jogou o filho da puta pesado através do bar.

— Obrigado. — Ela murmurou, se colocando em pé, mas Kierland já tinha virado, trocando golpes com mais um metamorfo de urso, e Morgan começou a se perguntar quantos seguranças as loiras teriam.

Então, novamente, considerou a personalidade delas, provavelmente de que elas chateavam muito as pessoas, por isso ela não deveria ter se surpreendido.

— Deus, você ainda sabe como causar uma cena, não é? — Kierland murmurou, depois que ele conseguiu derrubar o guarda.

Ela sorriu, sabendo que ele estava se referindo ao momento em que ele tinha tomado convencido a classe a comemorar depois que tinham concluído a sua formação de combate. Eles estavam comemorando em um pub local, quando um grupo de Regan, um dos antigos clãs que eram bem conhecidos pela sua violência apareceu e começou a bater em Morgan e nas outras meninas de sua classe. Quando um deles tinha dado um tapa em seu traseiro, ela respondeu com um soco no nariz ouvindo enquanto os ossos eram moídos por seu punho o que acabou resultando em uma briga de bar enorme, e Kierland tinha sido forçado a arrastá-la para fora do pub.

— Não foi minha culpa antes, nem é está noite. — Argumentou, soando apropriadamente insultada. — Tudo que eu pedi foi uma oportunidade de falar com você!

Ela duvidou que ele sequer tivesse ouvido essa última parte, já que outro guarda veio em sua direção, e Kierland derrubou o cara com um poderoso golpe em sua mandíbula.

Infelizmente, ela podia ver que cinco gigantes estavam logo atrás de seu camarada caído, abrindo caminho através da multidão. Eram incentivados por bêbados, drogados, um grupo de espectadores sedentos de sangue, e a loira com o rabo de cavalo gritou:

— O que vocês estão esperando? Sua coragem desapareceu?

— Nossa, essas são algumas garotas de classe que você tem aqui. — Morgan não pode resistir à provocação.

Kierland aproximou-se para o lado dela. Com sua visão periférica, ela viu a um sorriso torto aparecendo no canto da boca do Lycan, enquanto virava a cabeça sobre seus ombros, seu olhar estreitado fixo sobre os guardas que se aproximavam.

— O que posso dizer? Depois de passar as últimas semanas perto de você, elas se encaixam ao meu humor. — Antes que ela tivesse uma chance de responder a seu comentário, ela estava ocupada defendendo-se novamente. Embora Morgan não tivesse muita carne em seus ossos, o que ela tinha era pura massa muscular magra que havia sido treinada para o combate. E ela sabia como usá-la para se defender.

Enfrentando adversários que eram maiores do que ela, bem como mais fortes, mas era a aglomeração de pessoas que estava mexendo com sua mente. Ela apertou os lábios e tentou controlar seu crescente sentimento de pânico, a multidão parecia estar mais próxima à sua volta. Enquanto Kierland derrubava um dos guardas abrindo caminho entre dois dos enormes mutantes, fazendo-a dar uma volta brusca e rápida, as suas garras longas, totalmente incisivas e mortais alargado à medida que forçava passagem pela multidão na pista de dança.

— Nós não temos que lutar, um pouco? — Um dos guardas chamou, vindo para ela com um sorriso de dentes afiados.

— Isto mesmo. — O outro riu.

— Podemos ir a um lugar mais calmo para brincar. — Quando começaram a circular em torno dela, a fúria de Morgan finalmente cancelou seu pânico. Ela não ia deixar que esses idiotas a ferissem. Sabendo que poderia pegá-los desprevenidos com algumas jogadas ofensivas, a sentinela voou em movimento, chicoteando a perna direita com um giro alto e poderoso que bateu contra a mandíbula do guarda.

Ela imediatamente voltou-se e deu um rápido chute lateral na virilha do outro. O primeiro já tinha se recuperado do poderoso golpe em sua mandíbula, e ela balançou o corpo em um mergulho gracioso para fugir do ataque de suas garras, em seguida, golpeou-o com um duro golpe em seus rins que levou-o a cair de joelhos. Com a respiração difícil e úmida pelo esforço, ela defendeu-se de um selvagem ataque de golpes vindos do guarda que ela tinha acabado de atingir na virilha, quase perdeu o equilíbrio quando ele conseguiu desferir um golpe com o punho fechado em seu rosto. O gosto metálico de sangue encheu sua boca, vindo de seu lábio partido, onde ele fora esmagado contra a ponta afiada da sua presa.

— Sua puta. — Rosnou, agarrando-a, enquanto ela tentava ainda se recuperar do golpe em seu rosto. Porra, ela teve que se esforçar, para não deixar o pânico dominá-la.

Ela já não podia ouvir a música ou os gritos das loiras, o barulho de seu coração pulsando rápido era o único som que enchia sua cabeça, tão alto como uma tempestade em uma terra fustigada por um terremoto. O homem puxou-a muito próximo de seu corpo para poder atingi-lo com o joelho, seus pulmões carentes de ar reclamavam contra o aperto opressivo.

Oh inferno. Aqui vou eu.

Sua visão escureceu... Via tudo nebuloso, o pânico crescente, estava a apenas alguns segundos de distância de cair sobre ela em uma onda negra sufocante. Morgan abriu a boca, pronta para gritar por Kierland, seu orgulho disposto a tomar o golpe se isso significasse ficar livre... Sair desse buraco fechado e poder ir para longe. Estava quase se entregando, quando um punho de repente bateu como um martelo sobre o nariz do bastardo pesado.

Seu agressor imediatamente caiu inconsciente no chão, seu parceiro rastejando para longe com o resto dos guardas, e um novo par de mãos agarrou-a. Na sua confusão, ela continuou a luta, mas ela foi puxada contra um peito musculoso e sentiu o cheiro quente e delicioso, os olhos verdes brilhantes, quase a queimaram. Era Kierland. Suas mãos eram grandes como algemas em torno de seu braço, quase a levantando do chão, seu corpo estava tão perto que podia sentir as batidas violentas do coração pressionado duramente contra seus seios. Por uma fração de segundo, ela ficou presa na violência de seu olhar, pensando que ele iria sacudi-la ou mandá-la embora com raiva. Mas ele não fez nenhuma dessas coisas. Em vez disso, ele fez um áspero, som animal vindo do fundo de sua garganta, e então ele... Beijou-a.

Beijar? A mim? Oh meu Deus...

CAPÍTULO DOIS

MORGAN LUTOU PARA QUE tudo a sua volta fizesse sentido, os pensamentos confusos, mas não conseguiu. Sua habilidade para raciocinar ou aplicar a lógica nessa situação tinha sido extinta, em primeiro lugar pelo ataque de pânico... E depois pela invasão chocante do toque da boca de Kierland Scott contra a dela. Ela sabia que ele podia provar o sangue de seu lábio esmagado quando ele se aprofundou na invasão devastadora, e era uma espécie de intimidade explícita que fez o beijo carnal ainda mais que um contato físico das bocas. A potente raiva masculina pairava no beijo, mas a sua principal força vinha de algo ainda mais potente... Mais selvagem do que a fúria, sem que ela conseguisse definir o que era. Nesse momento, tentar se agarrar a qualquer tipo de pensamento era como tentar segurar um punhado de fumaça.

Sua respiração rápida, enquanto aprofundava a invasão de sua boca, lambendo, provando-a com os lábios, degustando-a intensamente, foi levada por uma onda estrondosa de prazer, que sacudiu seu corpo.

De certa forma, seu efeito sobre ela era mágico, pura força masculina que ele sempre possuía, era ainda pior agora do que quando tinha sido uma tímida adolescente, desajeitada de dezoito anos. Não importava que ele fosse um idiota e um burro, o seu corpo traidor ainda o queria. A parte dela que sempre tinha fome dele... Sempre se perguntou como seria beijá-lo, queria tanto se perder nos detalhes físicos dele. O calor de sua pele. O rico e limpo cheiro de seu suor. O calor, os sabores doces da boca e a agressiva e possessiva maneira que os dedos se fechavam em torno de seus braços a segurando. Foi tudo lindo para ela, tão dolorosamente erótico como era sedutor. Quase sem sentidos devido à aceleração da luxúria, Morgan estava realmente tentada a buscar um caminho até o seu corpo, desesperada para chegar o mais próximo a ele possível, quando então sentiu uma lufada de perfume das loiras agarradas à sua roupa. Só assim, para que o fogo se apagasse. De um segundo para o outro, a raiva se levantou como um gêiser, em profunda ebulição, apagando o prazer de seu cérebro. Afastou-se da boca dele, Morgan estava consciente que só pudera se afastar por que ele permitira. Em seguida, a palma de sua mão bateu de encontro ao rosto dele antes que ela mesma percebesse o que estava fazendo, com a força do tapa a cabeça de Kierland foi para o lado.

— Nem pense em me beijar quando você cheira como essas duas prostitutas baratas.
— Ofegou, esforçando-se para recuperar o fôlego.

— Não se preocupe. — Murmurou, puxando as costas de sua mão sobre a boca úmida. Ele olhou para ela através do espesso véu de seus cílios. — Elas não são prostitutas. E elas com certeza não são baratas. — Seus lábios curvaram-se.

— Eu sinceramente pensei que você tinha um gosto melhor do que isso.

— Não soa tão indignada. — Seu sotaque era suave e lento, mas a cor de sua face morena ainda estava sob o efeito da febre do beijo. — Eu não estava querendo me casar com elas.

Ela deu um suspiro suave e revirou os olhos, não querendo que ele soubesse o quão profundamente o beijo a tinha afetado.

— Sim, eu sei exatamente o que você estava procurando aqui.

— Cuidado, Morgan. — Murmurou, estalando a língua, seus olhos estreitados com desconfiança. — Você parece quase ciumenta.

— E você está bêbado, obviamente. — Ela foi para trás, para sair do alcance do brilho cintilante de seus olhos. Com a briga, o frenesi da massa de pessoas se contorcendo a afetou onde exatamente queria evitar, com foco em sexo novamente ao invés do combate. — Oh, vamos lá. Será que ela realmente vai chamar a polícia? — Morgan perguntou, notando que a loira com o rabo de cavalo estava segurando um telefone celular ao ouvido, a mulher tinha um desdenhoso olhar cravado em Morgan com a ferocidade de um pit bull raivoso.

Kierland olhou por cima do ombro ensanguentado, em seguida, soltou um rosário de impropérios. — Provavelmente um dos seus irmãos. — Resmungou com uma dose de espessa irritação. — Precisamos sair daqui antes que a prole toda apareça.

Olhando para sua expressão dura, Morgan ergueu as sobrancelhas, o canto de sua boca inchada pelo beijo, chutando para cima com um sorriso irônico. — Uau. Eu nunca pensei que veria o dia em que o lobo estaria com medo de um bando de pássaros.

— Pare de tentar brigar comigo. — Murmurou, agarrando-lhe o pulso e puxando-a atrás dele, começando a dar cotoveladas nos ocupantes da pista de dança para saírem do seu caminho. — Nós não temos tempo para isso.

Quando eles passaram pelo último dos bailarinos ela teve uma imagem clara das portas duplas que levavam para a rua, Morgan pode ver que já era tarde demais.

A ÚNICA COISA QUE SE INTERPUNHA entre Kierland e Morgan da liberdade da rua eram cinco metamorfos chacais, a espera deles a porta de entrada do clube. Outro olhar rápido sobre o ombro mostrou a Kierland que a retirada não era uma opção, uma vez que os guardacostas, com quem ele e Morgan haviam lutado, pelo menos os que tinham conseguido levantar do chão, tinham se amontoado na saída dos fundos.

O mais alto dos chacais, um barril com um peito enorme e um cabelo preto desarranjado, parecia faminto por sangue, suas mãos do tamanho de um presunto agressivamente postas a seus lados, enquanto os outros se espalharam ao redor dele.

— Você pode me chamar de louca. — Morgan murmurou. — Mas esses caras não se parecem com cisnes.

Ele soltou um suspiro tenso, mantendo sua atenção focada em um dos homens no centro da parede humana que os bloqueava. Então disse:

— Isso porque as loiras são adotadas.

— Por uma família de chacais? — Ela resmungou.

Ele deu um suspiro cansado. — Sim.

— Uau. — Não pôde esconder o nojo em seu tom, mas ele não podia culpá-la por isso, considerando as circunstâncias. — Você realmente sabe como escolhê-las, não é?

— Você não tem ideia. — Murmurou, enquanto ela vinha para seu lado.

Vestindo olhares expectantes de agressão, os chacais vieram para frente, espalhando-se em um arco largo. Como o do meio, todos eram altos, de peito exagerado, ombros e maxilares quadrados, os olhos já brilhando com um fogo sobrenatural.

— Para trás de mim. — Kierland disse em voz baixa, esperando sua ordem ser seguida. Claro, ele devia ter pensado melhor, considerando com quem estava falando.

— Atrás de você? — Ela resmungou. — Sim, certo.

— Agora não é hora para discutir, Morgan.

Ao mesmo tempo permitiu que as garras afiadas se libertassem, para transformar-se na fera mortal que existia entre o homem e o homem-lobo, em seguida, permitiu a seus dentes deslizarem de suas gengivas. Kierland estava totalmente preparado para lutar tão sujo quanto preciso para tirar Morgan de lá viva, mesmo que para isso fosse preciso rasgar algumas gargantas. De uma forma que não faria para nenhum dos outros colegas sentinelas, silenciosamente ele rosnou, obscenamente irritado pelo prazer de sua besta com a ideia de proteger essa mulher em particular.

— Parece-me que o momento é perfeito para discutir. — Ela atirou de volta. — Eu sou uma sentinela, Kierland. Igual a você. Eu não preciso me esconder atrás de suas costas.

Kierland sabia que era verdade, especialmente depois de ver o quanto Morgan lutou ferozmente durante a batalha na Inglaterra no mês anterior. Mas ele ainda estava... Interessado. Esse confronto duro com o Casus tinha sido muito árduo. Ele e seus amigos haviam quase perdido a luta, e que tinham tido sorte por não terem perdido ninguém. Mais um minuto e alguém de seu grupo seria, sem dúvida, ferido gravemente, se não pior. Mas eles haviam combatido com determinação absoluta para fazer o necessário para manter seus amigos e entes queridos protegidos e Kierland sabia que esse era o motivo da coragem e da força que tinham quando lutavam, era algo que os Casus jamais entenderiam.

O chagal, no centro do grupo, obviamente havia recebido sua descrição pelo telefone, porque ele examinou a multidão com os olhos pretos entreabertos antes de fixar o olhar de fera sobre Kierland. Com um movimento lento de seus lábios, disse alguma coisa para o homem à sua direita, empurrando o queixo em sua direção.

Embora a multidão tivesse parado de dançar pela segunda vez naquela noite, a música continuou a ressoar pelos alto-falantes. Com um som pesado de ranger de ossos, os chacais correram para eles como uma grande parede de fúria. Kierland respirou fundo, em seguida, entregou-se a seus instintos naturais quando a batalha sangrenta começou.

Com o canto dos olhos, ele podia ver Morgan lutando com o porte gracioso e agilidade que ele esperava dela. Ele ainda não entendia como os guardas tinham sido capazes de levar a melhor sobre ela antes que tivesse entrado em pânico, por isso a beijara.

Ele tinha visto sua habilidade para luta vezes suficiente para saber que não importa se ela estivesse em minoria. Ela sempre era rápida e astuta o suficiente para evitar o impacto dos golpes dirigidos a ela, e era sempre ela a causar danos. Por alguma razão, ela hesitou dentro do clube, mas agora ela estava em sua forma normal de ser. Agora, rasgava através de seus alvos com uma eficiência que não podia ajudar, mas admirou.

E era estranho, a maneira fluída como ele e Morgan sempre lutaram juntos, quando optaram por deixar as disputas por tempo suficiente para realmente focar em outras ações. Ainda assim, foi uma rixa sangrenta, confusa, e os sacanas desferiram alguns bons golpes contra os dois, embora Kierland tivesse se esforçado para colocar-se entre os ataques das garras cortantes que foram destinados a sentinela feminina.

Ele não sabia quanto tempo a luta poderia ter durado, se o som repentino de sirenes de polícia distantes não tivessem enchido o ar. Apesar de ninguém da multidão tivesse se preocupado em oferecer-lhes alguma assistência, alguém aparentemente pensou em chamar a polícia.

É óbvio, que os chacais não queriam confusão com as autoridades humanas locais, os chacais rosnaram deixando clara sua intenção de acabar com eles mais tarde, logo em seguida desapareceram pela porta do clube.

Kierland esperou até os bastardos estarem fora de vista, em seguida, voltou a sua forma humana e envolveu seus dedos ao redor do pulso delicado de Morgan.

—Vamos. — Resmungou, movendo-se rapidamente com o êxodo dos frequentadores do clube que se dirigiam para a saída traseira para fugir da polícia ao invés da possibilidade de uma outra dança.

Misturaram-se com os outros na rua, Kierland instantaneamente olhou para cima para garantir que nada estava se preparando para cair sobre eles de algum telhado. Havia também muitos perigos para Morgan por estar fora por conta própria, e os caminhanes da morte eram o problema principal, considerando que os que tinham encontrado até agora eram capazes de assumir uma forma vaporosa que lhes permitia voar.

— Você trouxe água benta com você? — Perguntou ele. Eles começaram a carregar frascos de água benta salgada depois de saber que a combinação podia ser usada para assustar os caminhanes da morte. Infelizmente, eles ainda não tinham ideia de como matar as criaturas, mas Kierland esperava que suas fontes fossem capazes de chegar a algo em breve. — Eu tenho meu frasco. — Disse, mantendo-a próxima em meio à multidão.— Foi estúpida por vir aqui. — Resmungou, mantendo o domínio sobre seu pulso. — Um risco excessivo.

— Sim, bem, um telefonema, não teria sido o melhor a se fazer. Você teria apenas fugido antes que eu pudesse terminar o que vim dizer.

Kierland não poderia imaginar o que poderia realmente ser, mas se forçou a ser paciente, até que estivessem em um lugar tranquilo e fora de perigo. E, entretanto, ele ainda tinha muito a dizer sobre o que ela tinha feito.

— O ponto é que você não deveria ter deixado Harrow House, por qualquer motivo. — Resmungou. — É o único lugar que é seguro agora. Eu não posso acreditar que Quinn...

— Seu melhor amigo, não tem nada a dizer sobre o que eu faço. Deus, Kier. Eu não sou uma criança.

Ha. Como se ele pensasse nela como uma criança, mesmo com esse novo corte de cabelo, ela era perturbadora. Ela havia cortado o cabelo longo, até a altura dos ombros, desde que ele deixou a Inglaterra. Isso a fez parecer mais jovem, como a garota que ele tinha conhecido há tantos anos, e seu estômago revolveu com a lembrança. Mas ele com certeza não pensava nela como uma criança.

Comichão. Era assim que Morgan Cantrell fazia ele se sentir, como se tivesse um milhão de formigas em suas calças, todas elas deslizando sobre sua pele. Alta e delgada, com sombrios olhos cinzentos e um rosto em forma de coração que parecia que tinha sido esculpido em porcelana fina, ela era inegavelmente bela. Ela tinha as formas e a compleição física magra de uma mulher que era uma lutadora treinada, e, ainda assim, carregava uma aura de feminilidade sensual que era o inferno na libido de qualquer homem. Sem se falar em como isso afetava o lado predatório da natureza de um macho. O lobo de Kierland sempre foi fascinado por ela, a tal ponto de uivar.

Quando ela entrou no clube. Na verdade o lobo ficara fascinado, seu desejo incessante do sabor dela tinha finalmente vencido seu lado racional, pela primeira vez. Kierland não recorria à cena do clube muitas vezes, mas estes foram momentos de desespero.

Ele tinha sido forçado a estar perto de Morgan por muito tempo e teve necessidade de colocar uma grande distância entre eles. Embora tivesse trocado só duas palavras com ela no mês passado, ele sentiu sua presença em Harrow House como se ela fosse uma parte dele, colada contra a sua pele. Quando dormia, ela enchia seus sonhos e suas horas de vigília eram passadas constantemente se perguntando onde ela estava... O que estava fazendo. Isso o tinha deixado louco, o jeito que ela se deu bem com os outros, sua aceitação por eles, como se ela fosse já uma parte de sua unidade, quando tudo o que ele queria era se livrar dela.

A instabilidade acentuada das sirenes da polícia se aproximando encheu o ar, e ele mudou o local onde fazia pressão em seu pulso, puxando-a atrás dele quando começou a correr rua abaixo.

— Vamos lá. Eu tenho um carro estacionado a alguns quarteirões de distância. — Eles cortaram pelos lados de um prédio, esgueirando-se em um beco escuro. Ele se concentrou na procura de potenciais perigos e se apressou pelo corredor estreito, tentou não pensar sobre a mulher correndo atrás dele.

— Você vai ter uma terrível ressaca. — Disse a ele, fazendo uma suave careta.

— Duvido.

— Você nunca ouviu falar que uísque pode colocar um homem em apuros? É estúpido embriagar-se. — Ela disse a ele. — Especialmente nestes dias. Você precisa ficar alerta.

Kierland fungou.

— Eu concordaria com você, se eu estivesse realmente bêbado.

— Como não? — Ela disse com voz arrastada. — Você cheira a uma destilaria. Estou ficando alta só com o cheiro.

Em tom seco, ele disse: — Isso é porque quebraram uma garrafa de uísque em minha cabeça no clube.

— De jeito nenhum. Quem fez isso? — Seu tom era ainda mais seco do que antes.

— Eu acho que uma das loiras opôs-se à maneira que eu estava lutando contra seus irmãos.

Ela riu, fungando algo que soou como "clássico" sob sua respiração.

Então ela disse: — Ainda assim, isso não significa que você está sóbrio. Eu vi você com uma bebida.

— Uma bebida apenas. Eu sou um homem grande, Morgan. É preciso muito mais bebida para bater na minha bunda.

Eles saíram do beco para uma rua larga. Diminuiu a velocidade da caminhada, por causa dos carros que passavam, atirando flash de luz de seus faróis. Depois de um momento, ela tossiu e disse:

— Você está me dizendo, uh, que você não está bêbado realmente?

— Não estou.

— Então, o que foi aquele beijo? — Ela explodiu.

“Ah, é isso que a está deixando nervosa” pensou ele, passando a língua sobre seus dentes. Porra, ele deveria ter dito apenas que o álcool o induzira a essa estupidez quando ele teve a chance. Sem olhar para ela, Kierland revirou os ombros e respondeu:

— Eu estava apenas tentando chamar sua atenção. Na hora, parecia que era a única maneira de fazer você parar de sucumbir ao pânico.

Ela puxou a mão da dele e cruzou os braços.

— Você quer dizer o que?

— Eu tinha planejado resolver meus assuntos. — Disse ele razoável. E era a verdade. Ele só precisava de uma mulher durante a noite para ajudá-lo a queimar energia. Ironicamente, as cisnes tinham o atraído simplesmente porque eram tão diferente da mulher atualmente que lhe dava o inferno.

A mulher que ele estava se esforçando para esquecer.

— Uma delas, não é? — Ela retrucou, com uma forte dose de sarcasmo. — E como eu disse antes, elas começaram.

Kierland deslizou-lhe um olhar curioso de canto do olho.

— Você normalmente não é tão facilmente irritada.

— E você geralmente não vai para lugares cheios de drogas. — Disparou de volta, suspirou ligeira o que fez com que o tecido de sua camiseta apertasse contra os seios. Eles não eram pesados ou muito grandes, mas um homem teria que ser cego para não perceber que eles eram... Bem, perfeitos. E Kierland, infelizmente, tinha uma excelente visão.

— Eu não estava lá pelas drogas. — Murmurou, mudando sua atenção para longe dela. Ele olhava para frente, determinado a não olhar para ela ou para os perfeitos seios dela, porque uma vez que ele comesse, não poderia ser totalmente certo de que seria capaz de parar. Ela pode ser uma das pessoas mais irritantes em seu interior que já tinha conhecido, independentemente de sua espécie, mas ele não podia negar que do lado de fora, ela era exatamente o que ele gostava em uma mulher.

Era apenas uma daquelas anomalias enlouquecedoras no universo que deixava claro que alguém lá em cima ou tinha um senso de humor realmente doente... Ou só queria dar um pontapé em sua bunda, porque não havia nenhuma dúvida de que o mundo teria sido um inferno muito mais simples para Kierland se ele preferisse loiras baixas, ao invés de morenas altas e musculosas com atitudes espinhosas.

— E de qualquer forma. — Ela murmurou: — Eu não estava aterrorizando as suas gatas quando você me beijou. Eu estava ficando presa por um dos seguranças das filhas da puta.

Ele grunhiu em resposta, e andou mais rápido, achando que ele tinha uma chance melhor de fazê-la calar a boca se a mantivesse ocupada tentando acompanhar seus compridos passos.

— Chegamos. — Sinalizando com seu queixo em direção ao Spider preto lustroso que estava estacionado próximo à calçada.

Um assobio suave saiu de seus lábios enquanto ela passava a mão em cima do capô frio e brilhante.

— Nossa. Quando você comprou isso?

— Há poucos dias. — Ela subiu no banco do passageiro, esperando Kierland dar a partida. Era uma prova de seu perturbador estado de espírito que nem mesmo o ronronar baixo do motor V6 pudesse acalmar seus nervos, quando ele ligou o motor.

— Como você conseguiu que o Conselho aprovasse a compra?

— Na verdade, eu mesmo paguei por ele. — Explicou ele, e ela moveu a cabeça tranquilamente, pois sabia que ele e Kellan tinham herdado uma fortuna de seu avô.

— Você sempre gostou de carros rápidos. — Foi tudo o que ela disse em resposta, antes de colocar seu cinto de segurança.

Ele esperou que ela fizesse algum comentário mordaz sobre como ele gostava de mulheres rápidas também, bem, mas ela estava absorvida em verificar o interior elegante do Spider, um som baixo, e quase sexual escapava de seus lábios enquanto ela corria as mãos por todo o couro macio de seu assento.

O queixo de Kierland quase caiu no chão, sabia que quando uma mulher acariciava seu carro, estava em sérios apuros. Saiu para o tráfego, e deixou escapar as primeiras palavras que vieram a sua mente.

— Você agiu bem lá atrás contra os chacais.

MORGAN PROCUROU ALGUM SARCASMO escondido nas palavras asperamente ditas, mas não conseguiu encontrar nenhum. Era um reflexo, uma vez que a maioria das pessoas, além de sua família, a tratavam como se fosse algo inferior. Kierland era uma das poucas exceções. Pelo menos quando ela o conheceu. Ele a obrigava treinar mais forte do que os outros em sua classe, esperando que ela fosse a melhor, porque no campo, ela teria que se quisesse sobreviver. E então ele pediu que ela se superasse, o que a levou as mais altas expectativas da academia. Ele a tinha feito sentir-se estupidamente especial, até que ela descobriu que ele secretamente tinha dúvidas sobre suas habilidades. Saber disso tinha sido mais uma dor em cima de tantas outras, e ela nunca tinha esquecido.

Limpando a garganta, ela finalmente decidiu ser magnânima e disse:

— Você estava muito bem também. — Na verdade, ela havia ficado hipnotizada por sua agressividade. Embora ela tivesse visto Kierland lutar em inúmeras ocasiões, ele nunca deixava de surpreender-lhe com o quanto perigosamente belo ele era durante um combate, o seu corpo em movimento, como um poderoso animal, a graça que o tornava invencível. Hoje à noite, ele cortou através do grupo com uma ferocidade que ela nunca tinha visto nele antes e tinha lhe faltado o fôlego, seus sentidos ainda estavam embotados com o prazer.

Ele deslizou facilmente o carro a uma velocidade superior, acelerando na rua.

— Talvez agora fosse um bom momento para me dizer o que você está fazendo aqui, antes de sermos atacados novamente. — Que, considerando a forma como esta noite foi longa, poderia ser a qualquer segundo.

— Como eu disse antes, é sobre o Kellan.

— Ele mandou você até aqui? — Todos sabiam que Kellan tinha ficado furioso quando Kierland tinha deixado Harrow House sozinho, argumentando que o risco de ficar em Praga era grande demais.

Molhando os lábios, Morgan procurou a melhor forma de contar o que tinha a dizer. — Não em tantas palavras.

— Ele atirou-lhe um olhar rápido e duro. — Qual o significado?

— Olha. — Ela respirou fundo, e envolveu suas mãos em torno da alça de seu cinto de segurança. — Não há nenhuma maneira fácil dizer isso, então eu só vou contar. Kellan desapareceu.

Silêncio, e então sua voz grossa soou como pedra.

— O que quer dizer com desapareceu? Ele está na Noruega com Noah, em busca do próximo marcador.

Noah Winston era um ser humano que teve o azar de ser infectado pelo sangue de um Casus, em suas veias corria o sangue das criaturas e por isso a linhagem de Noah estava sendo usado como "hospedeiro humano" para as almas dos Casus que escapavam de volta para este mundo. "Meridian" era o nome para a prisão metafísica onde haviam sido presos há mil anos.

Não querendo acabar sendo usado como uma roupa de corpo pelos Casus, Noah tinha se juntado a unidade de Kierland alguns meses atrás, determinado a ajudar os sentinelas e os Merrick a encontrar uma maneira de parar os monstros antes que fosse tarde demais.

— Este é uma longa história. — Ela começou a explicar. — Quando Kellan e Noah regressaram da Finlândia, há algumas semanas, Kellan me fez uma confidência e me disse que tinha uma pista que iria seguir, se as coisas não dessem certo. Enquanto ele e Noah estivessem na Noruega.

— Que pista?

— De onde Chloe Harcourt está sendo mantida.

— A meia-irmã de Olívia? — Perguntou ele, sacudindo a cabeça.

Olívia tinha sido professora de jardim de infância em uma cidade pequena, e estava noiva de um dos colegas de Kierland, um de seus melhores amigos, um tigre-metamorfo chamado Aiden Shrader.

Apesar de Olívia ser humana, seu pai havia se casado com uma mulher que tinha ligações tanto com os Merik como com os Mallory um clã de bruxos, dando duas irmãs a Olívia. Sua meia-irmã mais velha, Monica Harcourt, tinha sido assassinada pelo Casus há vários meses, após o despertar dos Merrick, deixando uma filha pequena, Jamie.

Mas essa não era toda a história. Por um tempo, o fantasma de Monica Harcourt tinha sido capaz de se comunicar com uma garota com poderes psíquicos chamada Molly Stratton que estava sob a proteção de Kierland, advertindo-os de que os monstros estavam vindo para pegar sua filha. Ela também foi capaz de dizer-lhes que Chloe Harcourt, a mais jovem meia-irmã de Olívia, estava sendo mantida prisioneira pelos Casus em segredo.

Mas Monica não tinha sido capaz de lhes dar uma posição, e agora era tarde demais. Uma vez que tinham chegado a Harrow House e ela soube que sua filha estava segura, o espírito Mônica tinha partido deste mundo.

— Ela mesma. — Morgan disse suavemente, em resposta à sua pergunta sobre Chloe.

— Kellan tem saído por conta própria seguindo seu exemplo, determinado a resgatá-la.

— Isso não faz nenhum sentido. Por que ele iria tomar esse risco por alguém que não significa nada para ele? — As palavras afiadas eram grossas com a frustração e o medo. — Quero dizer, é trágico que esta menina tenha sido levada, e eu quero encontrá-la tanto quanto todos os outros, mas isso não é motivo para Kellan ir a uma missão suicida para recuperá-la. Ela é uma estranha, pelo amor de Deus!

— Kellan sente de forma diferente. Eu não sei a maneira certa de descrever isso. Mas há algum tipo de conexão entre eles.

Ele fez um som zombeteiro, mudando as marchas de velocidades com uma violência que poderia ter arrancado o câmbio fora.

— Idiota. Ele nunca sequer a conheceu.

Morgan sabia que tentar fazê-lo entender que ia ser difícil.

— Ele carrega uma foto dela dentro de sua carteira, Kierland. Ele está... Eu não sei, obcecado.

— Você quer dizer que ele quer transar com ela. — Resmungou, esfregando a mão pelo rosto. — Cristo. Seu maldito pau vai ser a morte dele.

O mais jovem de sua unidade de sentinelas em 2006, Kellan tinha uma reputação questionável quando se trata de sexo e os direitos e dificuldades. Morgan entendia a raiva de Kierland, e, no entanto, ela também acreditava que algo estranho estava acontecendo com Kellan. Isso era algum tipo de mudança... Que estava acontecendo em sua vida e, apesar de ela não conseguir explicar e realmente não entender, ela amava seu amigo suficiente para saber que isso era algo que ele tinha de fazer.

— Eu entendo como você se sente, Kier, mas acho que há algo mais do que apenas sexo ou atração física. — Tentou explicar.

— E o idiota tem um plano? — Perguntou ele, sacudindo a cabeça. — Ou ele está apenas indo até a vala do Casus para pedir-lhes docemente para entregá-la?

— Kellan disse-me que se a oportunidade se apresentasse, ele iria permitir que aos homens de Westmore capturá-lo. Ele pensa que vão levá-lo para o esconderijo onde estão mantendo Chloe, e uma vez dentro, ele planeja salvá-la.

Ross Westmore era ainda outro nome na longa lista de inimigos que tinham no momento, e provavelmente ele estava no topo. Ele parecia ser o cérebro por trás do retorno do Casus, embora eles ainda não entendessem as suas motivações. Por um tempo não tinham sequer a certeza da espécie que ele pertencia, mas depois descobriram que ele era um Kraven, a prole de uma vampira do clã Deschanel que havia sido estuprada por um dos monstros Casus antes de sua prisão. Dentro da hierarquia dos vampiros, os Kraven eram considerados um segredo embaraçoso e tratados um pouco melhor do que escravos. Não era surpreendente, então, que Westmore se virasse contra os Deschanel, delatando os locais de assentamento deles a uma organização militante composta por seres humanos fanáticos que tinham a intenção de livrar o mundo das raças sobrenaturais, em troca de favores.

Os fanáticos provavelmente queriam o Casus mortos, mas sua ambição tinha levado a melhor sobre eles, e as informações que tinham recebido de Westmore resultaram em horríveis massacres.

— E você disse a Kellan que ele estava fora de seu juízo, maldita? — Kierland sentiu o cheiro quente e provocante de seu corpo aumentar com a sua raiva.

— Não. — Ela se virou para olhar para ele, olhando para seu perfil rígido.

— Claro que não. Porque você é uma grande amiga, hein?

Calmamente, ela disse: — O sarcasmo não vai ajudar a situação, Kierland. Mas você já sabe que não.

Ele rosnou, esfregando a palma da mão sobre a mandíbula coberta de pelos curtos, a leve sombra de barba cor de gengibre, deixando-o mais másculo.

— Como ele pretendia despistar Noah, na Noruega? Noah não é um idiota. Ele não teria deixado Kellan sozinho.

Eles tinham feito uma curva acentuada, e Morgan teve que se apoiar.

— Houve uma briga, quando Kell disse que estava saindo. — Explicou ela, enquanto eles atravessaram o rio Vltava. — Ficou muito violento, e de acordo com Noah, Kellan o atacou na forma de lobo.

— Jesus. — Ele respondeu. — Eu estou surpreso que eles não tenham matado um ao outro.

— Noah regressou esta manhã e está bem ferido, mas eu tenho certeza que ele deu alguns bons golpes em Kell, também. — Ela tossiu, então, cuidadosamente, disse: — Na verdade, há outra coisa que você deve saber. Eles não encontraram o marcador na Noruega.

Ele soltou uma série de palavrões, em sua expressão era visível a preocupação e a frustração.

— Havia um bilhete?

— Sim. Com a mesma explicação do anterior.

Outra explosão de desabafo, maldições e palavrões encheram o interior do elegante carro esporte, Morgan não o culpou. A situação era terrível. Nas últimas semanas, membros da unidade de sentinelas de Kierland tinham saído à procura dos três marcadores... E só tinham voltado com um. Depois de que Noah e Kellan tinham encontrado um dos antigos cruzamentos na Finlândia, Saige Buchanan tinha rapidamente declarado que a Espanha era o próximo local, e Noah tinha ido com Michael Quinn, outro sentinela e noivo de Saige, para recuperá-lo. Mas quando eles encontraram o esconderijo da cruz, uma nota havia sido deixada esperando por eles, alegando que o Casus já haviam descoberto o marcador e o levado. Em seguida, eles foram atacados, e Quinn, uma ave-metamorfo, tinha sofrido uma lesão grave em uma de suas asas.

— Por que não fui chamado quando Noah chegou a Harrow House? — Kierland exigiu. — Quinn sabe melhor do que ninguém que não deve manter esse tipo de porcaria escondido de mim.

— Porque nós sabíamos exatamente o que você faria quando ouvisse sobre Kellan, e ele não quer correndo por sua conta. É ruim o suficiente que você esteja hospedado aqui em Praga, sem ninguém para apoiá-lo. A última coisa que ele quer é você e Kellan desprotegidos.

O silêncio sombrio fervilhava entre eles, como uma presença física no interior do carro, até que ele disse:

— Qual era o plano de Kellan mesmo? Se Westmore e o Casus podem ler os mapas, e estão os procurando provavelmente neste momento, considerando que eles levaram dois marcadores debaixo de nosso nariz, então para que vão precisar dele? Não vão levando para decifrar o código. Eles mais provavelmente apenas vão matá-lo no local ao em vez de levá-lo para a prisão.

— Kell acredita que vão usá-lo para pedir os outros marcadores para nós. Os que sua unidade já tiver encontrado.

— Merda. — Murmurou. Do jeito que ele bateu no volante com a palma da mão, Morgan percebeu que ele obviamente concordava.

— Eu também sou da mesma opinião, mas Kellan acredita que vai dar certo. Como sou sua amiga...

— Como sua amiga... — Ele rosnou, cortando-a. — Você deveria querer o melhor para ele.

— E se o que é melhor para ele, acabar por ser essa mulher?

Ele fez um daqueles sons grossos, sarcástico que só um homem conseguia fazer.

— Poupe-me dessa bobagem romântica, Morgan. Não é o seu estilo.

— Não dê sua opinião Kier. — Advertiu em voz baixa, estreitando os olhos. — Porque você não tem ideia de qual é meu estilo.

Desta vez, o som que surgiu a partir de sua garganta era brutal e explosivo. Uma veia pulsava em sua fronte denunciando seu estado de espírito.

— Chloe Harcourt não vai ser mais do que qualquer outra mulher, outro entalhe na correia do meu irmão. — Ele forçou as palavras através dos dentes cerrados. — E isso é se ele conseguir entrar no esconderijo e sair, sem ser morto.

Outra onda de silêncio se estabeleceu entre eles, e Morgan quase desejou mais da discussão, pois nesse momento seu trauma de lugares fechados começava a se fazer presente no Spider com ele. Uma dessas dores devastadoras que pouco se poderia fazer para acalmar. A dor física dentro de seu sangue e seus ossos a fez querer escancarar a porta e sair correndo para a liberdade, para o frio arrepiante da noite, apenas para que ela pudesse escapar. Ele estava em todos os lugares, o cheiro quente cobrindo sua pele... Entrando em sua cabeça... Afundando em seus poros. Ele cheirava a algo que Morgan queria ter dentro de sua boca e afundar seus dentes, o efeito estonteante de seu perfume tornou difícil para ela ficar quieta, e ela mordeu o lábio, fazendo tudo que podia para não dar um gemido embaraçoso.

Deus, ela preferiria morrer a deixar o Lyan saber que ela era afetada pela sua presença, a ideia lhe enviou um frio e doentio arrepio por sua espinha. Ela se lembrou de como se sentiu quando estava tendo um ataque, e franziu o cenho, incapaz de acreditar que quase se denunciou, enquanto lutavam contra os guardas. A única verdadeira bênção para ela se libertar do pânico é que ela nunca o tinha sentido durante uma batalha. Era só depois, se ela tivesse

sido forçada a lutar em um espaço fechado, que o cobertor grosso, sufocante da ansiedade de chumbo, às vezes, a superava, esmagando-a, quando entrou em pânico esta noite no meio da luta. E estranho que não tivesse sofrido qualquer medo da asfixia durante a luta contra aos chacais.

Mas então, ela não tinha estado sozinha na segunda batalha. Ela tinha um lobo furioso lutando para manter os chacais longe dela, deixando-a respirar... E trabalhar. Tinha sido uma visão verdadeiramente impressionante, observar Kierland abrir seu caminho através dos chacais-metamorfs. Ele ainda não tinha se transformado totalmente para a forma animal, e ainda assim, cortou um caminho através de suas fileiras, como um tanque de lavra através de um campo de corpos. Correu um olhar em direção a ele no interior escuro do carro, ela viu o pulso dele começar a pulsar mais forte, e sabia que tinha de fazê-lo entender os motivos de Kellan.

— Seu irmão não é uma criança, Kierland. Você não pode tomar decisões por ele, mas ele sabe o que está fazendo.

— Como diabos que sabe.

Após a morte de seus pais, ela sabia que tinham sido enviados para a Inglaterra para viver em Harrow House com seu avô. E Kellan tinha dito, que Kierland havia assumido os cuidados de seu irmão mais novo, dando-lhe o amor e o carinho que ele precisava.

— Você tomou conta dele por um longo tempo, mas ele é um homem agora, Kier.

— Um homem que age como uma criança. Há um milhão de coisas que poderiam dar errado. Chloe já poderia estar morta por tudo o que sabemos. — Morgan sabia que era uma prova de sua fúria que ele pudesse pronunciar essas palavras sem pestanejar.

— De acordo com o fantasma de sua irmã, ela ainda está viva.

— Ainda estava viva. Só Deus sabe se ela ainda está. Você sabe muito bem que Monica não está mais se comunicando com Molly. E por que te enviaram aqui em pessoa afinal? Não vai me impedir de ir atrás dele, e Quinn sabe.

Calmamente, ela disse: — Você não pode estar pensando nisso, Kierland.

— Estou pensando muito bem. — Argumentou ele, com uma voz primitiva.

— Onde é que você deixou suas malas?

— Em seu hotel.

— Chame a recepção e diga-lhes para levarem suas coisas para o aeroporto. Sua bunda está voltando para casa, para Nevada. Eu estou indo atrás de Kellan sozinho.

Ela começou a responder, mas ele cortou-lhe a palavra, dizendo:

— É para seu próprio bem, Morgan. A coisa vai ficar feia daqui em diante. Eu não quero alguém que não faz parte do grupo seja colocada em perigo.

— Não, você só gosta de me chamar para agir como o pedaço de carne profissional.

Ele passou-lhe um olhar rápido antes de focar o olhar brilhante na estrada.

— Você ainda está chateado por que Ian despertou?

Ian Buchanan não era apenas um amigo deles, mas também foi o primeiro a ter seu sangue Merrick dormente, acordado pelo retorno de um Casus chamado Malcolm DeKreznick.

Preocupado que ele pudesse acidentalmente tirar a vida da mulher que amava. Ian se recusou a dar o seu despertar Merrick uma alimentação adequada, o que poderia ser feito apenas por tomar sangue durante o sexo. Kierland pediu para Morgan ir para o Colorado e oferecer o uso de ambos seu corpo e seu sangue para o teimoso. Morgan ficaria encarregada disso, para que então ele pudesse finalmente enfrentar os Casus que estavam caçando vítimas inocentes humanas, e ela concordou.

Morgan só podia agradecer a Deus que Ian havia se recusado a tocar outra mulher, sabendo que perderia Molly para sempre se o fizesse. Ian Buchanan era um macho alfa lindo, mas não era o tipo de mulher que gostasse de um caso de uma noite, muito menos o tipo que saltava para a cama com um homem que ela nem conhecia.

Apesar de que era obviamente o que Kierland pensava dela. Ela sabia que ele conhecia varias sentinelas femininas, mas foi a ela que foi pedido isso especificamente. Perguntou-se se era o tipo de mulher que se daria a um estranho. E o soldado dentro de si entendia a necessidade disso. Sabia que dar a Merrick o que ele precisava para derrotar o Casus era a coisa certa a fazer. Mas, no fundo, Morgan tinha suspeita que a mulher em si nunca teria sido capaz de fazer isso. Rodeando o corpo com seus braços, virou o rosto para olhar a janela do lado do passageiro.

— Para ficar chateada por você ter feito isso, eu teria que realmente me preocupar, Kierland. E eu o conheço melhor.

— Se você soubesse alguma coisa. — Murmurou. — Você nunca teria vindo aqui.

— E você está errado sobre eu não fazer parte do grupo. — Disse ela, ainda não olhando para ele. — Eu aproveitei para dizer-lhe agora, que fui transferida para sua unidade.

Ele permaneceu em um silêncio atordoado, e então a voz saiu um pouco grossa e rouca. — Você não pode fazer isso.

— Isso já foi feito. — Ela murmurou, esfregando os braços. — Quinn fez o pedido para mim, e o Conselho aprovou ontem.

— Quinn vai ter sua bunda chutada. — Resmungou, deixando o Spider em uma velocidade mais baixa.

Ela fungou um riso suave, amargo em sua respiração.

— Sim, ele disse que você diria isso.

Ele não disse nada por um tempo, o coração batia forte enquanto atravessava as ruas nevoentas da cidade de Praga, a arquitetura do mundo antigo da cidade, dando um ar fantasmagórico à noite. E então veio a erupção, explodindo de encontro a ela como um vento quente e seco.

— Tudo bem. Não volte a Reno. Eu não me importo de uma forma ou de outra. Mas você está voltando para a Inglaterra, Morgan. Nós não estamos indo atrás de Kellan juntos.

Soprando uma respiração tensa, ela disse: — Na verdade, você não pode ir sem mim, Kierland.

— Quer apostar? — Resmungou as palavras guturais soando o animal por baixo mais forte que o homem.

Morgan virou-se para olhar para ele.

— Qual o nome do jogo. Porque eu não vou perder.

Ele virou a cabeça na direção dela quando parou no sinal vermelho, olhando-a com tal dose de violenta de raiva, que ela quase desistiu. Segurando sua fúria, ela disse: — Você nunca poderá encontrá-lo sem mim.

— O que você está dizendo?

— Migalhas de pão.

Ele a olhou, não compreendendo. — Migalhas de pão?

— Antes de Kell ir para a Noruega, ele veio me ver. Pediu-me para te dizer que as coisas funcionariam do jeito que ele queria, eu sou a sua trilha de migalhas de pão. Porque ele não achava que você seria capaz de encontrá-lo de outra maneira.

Morgan percebeu o instante em que ele compreendeu o que ela estava dizendo. No instante em que todos os pontos clicaram juntos em sua cabeça para formar uma imagem completa, coerente. Um arrepio atravessou seu corpo, e ela preparou-se para a tempestade, ela não tinha dúvida que estava prestes a desabar.

— Ele não fez isso porra.

— Na verdade, ele fez.

O estouro repentino de uma buzina atrás deles o fez acelerar através do cruzamento a uma velocidade perigosa.

— Você tem alguma ligação psíquica com ele? — Ele perguntou em uma voz dura.

Graças à sua linhagem eclética, Morgan tinha sido agraciada com um inusitado, mas não inédito presente para algumas raças de monitoramento de sangue, que lhe permitiram dar a localização de uma pessoa, uma vez que tivessem tomado seu sangue.

Ela assentiu com a cabeça em resposta a pergunta de Kierland, a observá-lo com cautela a partir do canto do olho, então ela disse. — Isso é o porquê de você não poder me deixar para trás.

CAPÍTULO TRÊS

O OLHAR QUE KIERLAND lançou em direção a Morgan foi pura fúria selvagem.

— Você está me dizendo que tomou o sangue dele em seu corpo?

Com uma careta, ela explicou:

— Pare de fazer esse som sujo, porque não dormi com ele. Não que seja da sua conta, mas eu nunca dormi com ele. Eu tomei de seu pulso, e Quinn estava na sala com a gente o tempo todo.

Sua boca torceu com uma expressão que era muito significativa para ser um sorriso.

— E eu aposto que Kell odiou, hein?

Troca de sangue tinha a tendência de despertar os desejos do ser que era mordido, mas que não tinha sido o caso com Kell. A ideia fez Morgan corar. Deus, pensava no Lycan como um irmão, queria gritar em voz alta. Mas ela não perdeu o fôlego tentando explicá-lo, quando sabia que Kierland não iria acreditar de qualquer maneira. Em vez disso, ela simplesmente disse:

— Ele fez isso por você.

Sua risada era baixa e feia. — Como os diabos que ele fez.

— Kellan disse que se você tivesse uma direção para seguir, ele sabia que você ia achar uma forma de encontrá-lo, mas que seria quase impossível. Então eu fiz a conexão.

— Sim. — Disse, esfregando a mão sobre a forma cruel de sua boca. — Foi tudo só para a minha paz de espírito.

— Bem, por Chloe, também. — Lembrou a ele. — Pelo que Kell deduz que seja o lugar em que a estão mantendo, a única maneira de tirá-la viva de lá, vai ser conseguindo entrar como prisioneiro. Pois de outra forma o local deve ser muito bem guardado, por isso a razão de permitir que Westmore o capture. Uma vez que estivermos perto o suficiente, eu vou ser capaz de identificar onde ele está sendo mantido, mas nós não vamos tomar qualquer atitude. Pelo menos não até que ele tenha conseguido realizar o seu intento. Kell acha que vai levar quase uma semana antes dele chegar perto o suficiente para ser capturado, e pediu para darmos mais uma semana no interior da toca das criaturas, o que significaria que o seu tempo esgotaria-se em duas semanas a partir de ontem. Se ele não encontrar Chloe, então, podemos pôr em prática nosso plano e nos lançar ao ataque.

— E salvar o seu rabo.

— Na verdade, Kell foi muito claro quanto ao objetivo. Será pouco provável conseguirmos violar as defesas deles, e que mesmo que conseguíssemos seria uma verdadeira caça as bruxas, ele deixou claro que se correremos algum risco era para deixá-lo para trás.

Ele não disse mais nada porque entraram na Avenida Third, o hotel de luxo onde ele estava hospedado ficava apenas uma quadra abaixo da estrada. Morgan tinha estado lá antes naquela noite, para sentir o cheiro de Kierland, e o seguiu para a discoteca. Estranho como o evento parecia ter acontecido há séculos atrás, ao invés de um mero punhado de horas. Estacionando o carro na garagem subterrânea do hotel, Kierland desligou o motor e se mexeu no banco para ficar de frente para ela.

— Diga-me onde ele está, Morgan.

— Eu não estou tentando ser uma cadela ou manipulá-lo, Kierland. Mas eu não posso apenas dizer-lhe a localização. Não funciona assim, e você sabe disso. Meu melhor palpite é em algum lugar na Escandinávia, provavelmente no norte da Noruega, já que é para onde ele foi, mas isso é tudo que eu posso dar-lhe até que nos aproximarmos. Então você tem que me levar com você. Se você não fizer isso, você pode nunca encontrá-lo. Vai ser quase impossível localizá-lo pelo cheiro nesse clima.

Ele saiu do carro, andando para lá e para cá na fila de espaços do estacionamento vazio, em seguida, virou-se e bateu com o punho na parede de tijolos. O golpe violento rompeu a pele dos dedos, o cheiro quente de seu sangue enchendo a cabeça de Morgan quando saiu do carro.

Morgan não estava com medo dele. Por todo o ciúme dele e de sua raiva, ela sabia que ele nunca iria machucá-la. Kierland preferia arrancar fora seu próprio braço antes de ferir uma mulher. Não, ela não estava com medo. Mas ela sabia melhor do que ninguém como oferecer-lhe conforto. Firmou as mãos nos quadris, a cabeça pendurada para frente, e tomou uma lenta e profunda respiração. Então, ela inclinou a face para cima e trancou um olhar com os brilhantes olhos verdes dele.

— Eu vou matá-lo por isso. — Murmurou, os lábios mal se movendo como se ele tivesse forçado as palavras a romperem do silêncio.

— Eu sabia que você não ia gostar, mas você é...

— Eu odeio. — Ele rosnou, cortando—a. — Eu odeio isso, Morgan.

— Bem, você pode odiar tudo o que você quiser. — Falou endireitando a coluna, recusando-se a desviar o olhar do dele, com raiva e ódio. — Mas, até encontrarmos Kell, você vai ter que conviver comigo.

HORAS MAIS TARDE, ESSAS palavras ainda retumbavam em seu cérebro, quando Kierland se sentou na beirada da cama em seu quarto de hotel. Ele inclinou-se e apoiou seus cotovelos sobre os joelhos separados, sentindo uma vontade imensa de acender um cigarro. Travando sua mandíbula, ouviu o barulho do pulsar dentro de sua cabeça... E olhou para a porta fechada. Não era apenas uma porta qualquer. Não, esta levava para a sala onde Morgan Cantrell estava dormindo naquela noite.

— Cristo. — Gemeu, quando se deixou cair de volta na cama. Uma maldição saiu de seus lábios quando ele se perguntou pela milionésima vez porque ele tinha desistido dos cigarros para começar. No momento, ele precisava da fumaça em seus pulmões tanto que era uma dor física. Necessitava do gosto amargo na boca para destruir os restos daquele beijo sangrento. Necessitava disso para não colocar as mãos em Morgan mais uma vez, a pele macia, lisa... “Merda” pensou ele, rosnando tão alto que o som de um animal selvagem ecoou no quarto espaçoso.

Ele não podia acreditar no que estava fazendo. Que realmente iria levá-la com ele. Ela podendo monitorar sangue ou não, ele tinha que ter perdido a cabeça de vez para concordar em levá-la. Seu coração não parou de bater como uma britadeira desde que tinha posto os olhos nela no clube, e ele ainda tinha que usar toda sua força de vontade para não ficar rígido de luxúria. Nenhum choque até aí. Eu sou sempre assim quando estou perto de Morgan. Seu

lábio curvou com o pensamento, cada respiração aromatizada o fazia tremer e apertar os pulmões. Kierland desprezava a fraqueza de seu corpo, perguntando como poderia haver tal desentendimento entre seu cérebro e seu pênis. As malditas partes de seu corpo estavam todas trabalhando na mesma equipe, então por que diabos elas não poderiam concordar com uma coisa tão simples?

Morgan Cantrell era uma má notícia. Sempre foi, e ela sempre seria. Eles chegaram de volta ao hotel uma hora atrás, pegaram a bagagem que Morgan tinha deixado na recepção e pediram um quarto próximo ao seu. O quarto era ao lado do seu. Ela seguiu ao seu quarto para se limpar, concordando em se encontrar com ele novamente em uma hora, o que significava que ela só teria de caminhar através da porta que ligava os quartos individuais a qualquer momento agora. E então a batalha real iria começar quando eles colocassem as feras à mostra, sempre tinha sido assim, suas vontades conflitantes, como duas forças opostas da natureza.

Seu relacionamento com Morgan sempre tinha sido um pesadelo. O professor apaixonado por sua aluna, embora apenas um punhado de anos os separasse por idade, quando ela completou a fase final de sua formação na academia, na Inglaterra. Mas em termos de experiência, tinham sido anos-luz distantes. Kierland tinha visto como a tímida e inocente adolescente de dezoito anos de idade, tinha mudado, e tinha sido... Bem, muito longe de ser inocente. Ele que não tinha direito de se envolver com ela. Assim, ele não o fez. Mas não era o passado que o preocupava agora. Não, o que preocupava era o futuro. Todas essas novas oportunidades para o desastre.

A possibilidade de que seu irmão pudesse estar a caminho de sua morte. Sem mencionar a notícia de que outro marcador tinha caído nas mãos de Westmore e dos Casus. E o último de todos... O fato assustador de ter que passar algum tempo com Morgan Cantrell, era perigoso, talvez até mesmo mortal. Não importa que tipo de ilusões tentasse colocar em sua cabeça, Kierland conhecia os fatos. Ele cometeu erros por causa desta mulher. Imperdoáveis erros que tinham resultado em tragédia, que tinha custado vidas e ele ainda estava lidando com as consequências dez anos depois. Se ele não tivesse cuidado, ele poderia facilmente ver a si mesmo descendo esse mesmo caminho novamente, e ele sabia muito bem onde iria terminar.

Em algum lugar onde ele não estava disposto a ir. Não agora... Nem nunca. Devia ajudar o fato de que ele conhecia quem ela era. Que a verdade havia finalmente quebrado as ilusões que ele construiu em torno dela em um milhão de partes, a luxúria, mas não foi sempre uma coisa lógica. Não havia razão para ouvir os conselhos. Ele só queria, desejava... Ansiava. Mas isso não significa que ele tivesse que dar a ela.

Toc... Toc... Toc.

O suave bater o trouxe de volta do escuro emaranhado de seus pensamentos, e ele sentou-se ereto na cama. Limpou a garganta, e gritou:

— Está aberta.

A porta se abriu, e então ela estava caminhando pelo quarto, fechando a porta atrás de si. Morgan encostou-se na porta com as mãos para trás, tinha acabado de sair do banho e usava uma camiseta cinza com uma foto de alguma banda de rock moderna na frente e um moletom preto. Ela tentou esconder, mas nem mesmo os remanescentes perfumes de seu shampoo e sabonete podia disfarçar o cheiro sensual de seu corpo. Ele sempre lembrava a

Kierland de uma selva tropical banhada na primavera, deliciosamente quente e provocante. Tomando uma respiração profunda, ele finalmente disse:

— Se você está certa sobre Kellan estar em algum lugar no norte da Noruega, poderíamos ter um problema.

Seu olhar cinza suave vagou pela sala luxuosa, decorada com madeira escura, só então se focou no rosto dele.

— Nós temos um problema.

Ele deu-lhe um olhar fechado debaixo de seus cílios.

— Então você acha que ele está na Noruega. — As palavras duras foram entregues como uma declaração, ao invés de uma pergunta, embora Kierland quisesse que ela estivesse errada. A Noruega foi para onde as famílias dos vampiros Deschanel foram exiladas, uma vez que o Conselho os julgou. A maioria dos vampiros residia em assentamentos, que eram localizados por toda a Escandinávia e Europa Oriental. Instalaram as comunidades em castelos antigos, onde as famílias podiam viver em segurança, as terras protegidas por magia que os manteve escondidos do mundo exterior.

— Eu não posso ter certeza do local exato até que estejamos mais perto. — Concluiu — Mas isso é a nossa melhor pista, desde a última vez que conversamos. É também por isso que Kell me pediu se eu poderia me ligar a ele, pois rastreá-lo pelo cheiro seria virtualmente impossível naquela região. Ela enviou um olhar para o celular deitado na cama ao lado dele, e sacudiu cabeça.

— Você tentou chamá-lo, não é?

Kierland soltou um fôlego curto, explosivo.

— Eu sou seu irmão e ele está com problemas. É claro que eu tentei ligar para ele.

Inclinando a cabeça um pouco para o lado, ela continuou.

— Eu duvido que ele teria atendido sua chamada, pois ele sabe que seria apenas para tentar dissuadi-lo do que ele está fazendo. Mas se ele se dirige para onde estamos pensando, é provável que o telefone já não funcione mais. A tecnologia não funciona naquela região. As magias usadas para manter os ninhos exilados dentro de suas fronteiras têm um efeito estranho na maioria das formas de tecnologia moderna, tornando-as inúteis.

— Eu sei disso, droga. — Ele tomou outra respiração profunda, o que foi estúpido, uma vez que preenchia ainda mais sua cabeça com seu cheiro apetitoso. — Eu também sei que dois metamorfos não podem apenas ir valsando através da região dos Deschanel, — Murmurou. — Se andarmos fora das zonas neutras, o que é bem provável, vamos estar em uma emboscada dentro de uma hora.

— Na verdade, eu já fiz uma chamada para Ashe. Sendo um Förmyndare, ele está bem familiarizado com a região. Ele seria o melhor guia que poderíamos encontrar. Eu estou à espera que ele ligue de volta.

Kierland estava tão atordoado que uma áspera gargalhada ressoou acima de seu peito. Ele olhou para a beleza delicada, fina de seu rosto, na quase profundidade de prata de seus olhos, e esperava com os infernos que ela não estivesse falando sério.

— Será que isso é algum tipo de piada?

Calmamente, ela disse: — Eu sei que não é uma solução que você teria escolhido, Kier, mas Ashe é a nossa melhor opção.

Do ponto de vista puramente insensível, ele podia ver a lógica no que ela estava dizendo. Förmyndares eram conhecidos como protetores dos Deschanel, e muitas vezes o seu dever era perseguir os vampiros desonestos que tentaram encontrar refúgio naquela região bravia. Como tal, Ashe saberia em primeira mão se isso acontecesse, assim como ela tinha dito. Infelizmente, a emoção era muito mais uma parte da situação.

— Com o inferno. — Murmurou, a força bruta do seu tom fazendo seus olhos se estreitarem. Ashe Granger era a razão em grande parte da animosidade entre ele e esta mulher. Kierland odiava que ela confiasse no vampiro arrogante que tinha trabalhado com eles de vez em quando, durante seu treinamento na academia. Sempre seria assim. Não era apenas que a garota que Kierland queria tinha fugido e caído de amor pelo vampiro, mas ele era suficientemente honesto consigo mesmo para admitir que a forte e explosiva onda de ciúme sempre fosse um fator chave. Mas ele e Ashe nunca tinham estado em termos amigáveis, mesmo antes Morgan ter aparecido entre eles, ambos muito autoritários por estar no controle e fazer as coisas à sua maneira.

Granger tinha ido morar perto da academia quando Kierland tinha sido um instrutor, e com relutância concordou em ajudar a treinar os alunos para melhor defender-se contra Deschanel desonestos. Então a relutância de Ashe desapareceu quando conheceu Morgan, e um verdadeiro ódio tinha nascido entre os dois homens quando o vampiro demonstrou seu interesse por Morgan. Ainda se lembrava de como tinha querido desmembrar o vampiro a primeira vez que ele percebeu que Ashe estava interessado nela. A onda quente de ciúme foi tão forte, que ele cometeu o primeiro erro que acabou por ser uma série de imperdoáveis erros que simplesmente alimentaram seu ódio por Granger ao longo dos anos, a passagem do tempo não fez nada para diminuir a maneira como ele se sentia. E ele teria mentido se dissesse que não era a mesma dose de ódio que o outro dirigia para seu próprio rabo, também.

— O que há de errado com Ashe? — Perguntou ela, juntando as sobrancelhas denunciando o fato de que ela realmente não entendia nada sobre os homens. — Quer dizer, eu sei que vocês dois não gostam um do outro, mas este não é um passeio social, Kierland. Eu achei que você estaria disposto a tê-lo por perto, se isso significasse ser capaz de dar a Kellan a ajuda que ele precisar. E não é como se nós tivéssemos um monte de outras opções aqui.

— Você ainda está dormindo com ele? — Murmurou, tomado de surpresa por sua própria pergunta. Ele não tinha a intenção de perguntar isso a ela, caramba, mas era tarde demais para voltar atrás. Morgan piscou para ele, e ele viu como a surpresa se espalhou em um processo lento, através de seu olhar.

— Honestamente Kierland. Eu não posso ver como o meu atual relacionamento com Ashe Granger seria preocupante para você.

Ele estreitou os olhos, ficando em pé, enquanto andava para o outro lado do quarto, onde um bem abastecido bar havia sido colocado na parede. Ele estava chateado consigo mesmo por ter feito a pergunta idiota, e ainda mais chateado com ela por não respondê-la. Sem olhar para ela, ele estendeu a mão para a garrafa de uísque e disse:

— Pelo que sei, ele vai estar muito ocupado apertando-lhe para ser de alguma ajuda. E eu não poderia prometer que não vou matar o filho da puta, se eu o ver. — Sua respiração fazia

um som curto, irritado, e ele podia sentir a força de seu olhar ardente a suas costas e pescoço, quando ele abriu a tampa do frasco e derramou uísque em seu copo.

— Se você vai ser infantil e se recusar a trabalhar com Ashe. — Disse ela após um momento. — Então suponho que você tem uma ideia melhor?

Ele se virou e revirou os ombros, antecipando a reação dela.

— Gideon. — Grunhiu em voz baixa.

Seus olhos abriram, com surpresa cômica.

— Gideon Granger? Irmão de Ashe?

— Sim. — Murmurou, sorvendo uma dose muito necessária de uísque. — Ele tem um apartamento em Praga, e podemos visitá-lo amanhã logo cedo.

Com uma nota de incredulidade em sua voz, ela declarou:

— Eu sei que você fez algum tipo de acordo com Gideon, mas eu não tinha percebido que você confiava o suficiente nele para pedir-lhe ajuda em algo como isso.

Kierland entendeu sua reação, considerando-se como ele tinha se sentido sobre vampiros desde que uma de suas namoradas tinha sido morta por um ninho dos desonestos bastardos. Nicole era uma garota que morava perto da academia, quando Morgan era um estudante de lá, e Kierland tinha começado a sair com ela, a fim de manter-se longe de Morgan. Depois Nicole foi brutalmente atacada pelos bandidos, devido à sua associação com Kierland, ele tinha sido incapaz de estar perto de qualquer um dos Deschanel sem vomitar. Sabendo de tudo isso, os amigos de Kierland tinham ficado surpreendidos que ele tivesse feito negócios com Gideon. Mas ele não tinha sido capaz de dizer não quando o Deschanel se aproximou dele no mês passado. Gideon e Ashe tinham perdido familiares durante os recentes massacres realizados pelos extremistas. Eles sabiam que Westmore era quem tinha dado os locais dos ninhos para os soldados humanos, e eles queriam vingança. Em troca de entregar Westmore, se a unidade de Kierland colocasse as mãos sobre ele, Gideon fez um acordo de descobrir tudo o que pudesse sobre os caminhantes da morte e ele já havia entregado as informações sobre o sal e água benta.

— Eu ainda acho difícil de acreditar. — Ela sussurrou. — Quero dizer, que você realmente tenha feito um acordo com ele. Você não é homem de confiar facilmente, especialmente em um estranho que além do mais é um vampiro.

— Eu não tive muita escolha, não é? Gideon manteve sua palavra, fornecendo-nos informações valiosas.

— Mas você realmente acha que Gideon vai concordar em nos ajudar a navegar naquela região? — Perguntou, com tom de dúvida. — Eu nunca o conheci, mas a impressão que eu tenho dele pelo que Ashe me contou, é que ele é um homem que gosta de luxo. Eu não posso imaginá-lo marchando através daquele frio, por florestas escuras, só pela bondade de seu coração.

— Ele ajudou antes. — Disse Kierland, dando outro longo gole de sua bebida. — E as chances são boas de que Chloe esteja sendo mantida em cativeiro nessa área por Westmore. Considerando o quão mal Gideon quer Westmore, eu não acho que vai demorar muito para convencê-lo a nos ajudar.

— Se você está se sentindo tão magnânimo, então eu me sinto obrigada a ressaltar que Ashe ajudou, também. Se não fosse por ele, talvez nunca teria sido capaz de destruir os vampiros que mataram Nicole. Você sabe assim como eu.

A preferência pelo Deschanel arrogante era evidente, fazendo girar o estômago de Kierland. Durante anos, ele tentou entender o que os uniu. Era apenas sexo? Ou Morgan tinha sido honesta com o filho da puta vaidoso?

— Ele não é o vilão que você quer fazer parecer. — Acrescentou ela em voz baixa.

— Eu não me importo se ele é um santo maldito, Morgan. Se isso vai funcionar. — A voz áspera não conseguia esconder o nojo. — Não vamos tocar no nome desse bastardo de novo. Está claro?

Ela arqueou uma sobrancelha delgada, o canto de sua boca se contraiu quando ela balançou a cabeça.

— Você está sob algum tipo de equívoco louco, se está pensando que eu vou acatar suas decisões! Porque eu posso garantir que não vou.

— Você vai. — Murmurou, batendo seu copo no bar.

Ainda encostada na porta, ela cruzou os braços sobre o peito.

— Eu sei que Kellan e os outros muitas vezes optaram por seguir a sua liderança, porque você já provou a eles que você é capaz de tomar decisões difíceis. Eu poderia respeitá-lo, Kierland, mas até eu que eu veja isso por mim mesma, não vou considerá-lo mais capaz de liderar este projeto do que eu. — Concluiu com uma tirada um pouco impetuosa, um sorriso relutante tinha se formado nos cantos de sua boca, sua irritação momentânea recuando.

— Em tempos como estes, é difícil acreditar que você seria sempre a tímida e insegura garotinha de dezoito anos que conheci.

— Eu não sou esta garota faz muito tempo. — Sua cabeça inclinou um pouco para o lado quando ela disse: — Na verdade, estou surpresa que você ainda se lembre dela.

— Lembro-me de muitas coisas. — Murmurou com um sotaque lento, derretendo em seu sorriso torto. Ela sabia que ele estava pensando na maneira como ela corava cada vez que ele a tocava durante o treinamento de combate, sua fome por ele impossível de esconder devido a sua inexperiência. — Tal como o fato de que não era tão boa em esconder suas emoções como é agora. Seu feromônios eram especialmente fáceis de identificar.

— Confie em mim quando digo que você não quer ir para lá. — As palavras calmas, tinham um fio condutor de aço que não podia deixar de admirar. Mesmo suas extremidades tremendo tocou um lugar dentro dele que ele não queria identificar.

E rapidamente o momento de doces lembranças passou deixando descontentamento e agressividade. Perdido no puro cinza de seu olhar, ele começou a andar pelo quarto, fechando a distância entre eles.

— E quanto a nós, Morgan? E o nosso pequeno problema? — Kierland sabia que a estava surpreendendo novamente, o aperto nos ombros e braços. Sua expressão era uma mistura de cautela e foco de alerta, como se ela estivesse tentando identificar o perigo da situação.

— Como? Não temos um problema, eu não sei exatamente o que você quer dizer.

Um riso brutal estrondou de seu peito e ele apoiou o ombro contra a frente de um armário de mogno maciço, sem deixar mais do que um punhado de metros entre eles.

— Você honestamente acha que vamos ser capazes de passar tanto tempo juntos e não matar um ao outro? — Perguntou, erguendo as sobrancelhas. “Ou isso... Ou enlouquecer até a morte” pensou ele. Ambas eram as possibilidades. Embora ele estivesse fortemente inclinado a isso a um segundo, dado o fato de que era tudo o que ele poderia pensar. Tudo o que ele poderia pensar sobre quando estava perto dela. O que tornou ainda pior era que ela costumava fazer o seu melhor para ignorá-lo, deixando claro que não era afetada pela presença dele em nada. Ele não podia sequer usar o seu olfato aguçado para detectar sua excitação, como ele costumava fazer, ela havia se tornado uma mestra do controle sobre seu corpo esses dias. Ela trabalhou duro para aperfeiçoar suas habilidades de encobrimento, desde que o tinha conhecido, ela precisaria de todas as vantagens possíveis para sobreviver como sentinela.

E, no entanto, houve momentos que Kierland poderia ter jurado que ela não o odiava tanto assim. Tinham sua própria guerrinha particular, cada vez que se viam as faíscas de raiva sempre existiram entre eles, seus encontros sempre acabavam com amargura e frustração. Mas nem sempre foi assim. Torceu o queixo, detestando que aquelas palavras silenciosas fossem verdadeiras. Tinha havido um tempo quando ele e Morgan tinham sido... O inferno, ele não sabia como chamá-la. Amigos? Algo assim. Por um tempo, ele esteve mesmo disposto a apostar sua alma que ela poderia sentir mais por ele do que fome e luxúria, mas ela foi embora com Granger, por ordem do Conselho. Pensaram que os vampiros poderiam estar mais dispostos a seguir suas ordens sob a influência de Morgan, e sua persuasão sensual. O caso com Nicole começou e poucos dias depois ela tinha sido assassinada, e Kierland tinha sido forçado a lutar com sua ira, a culpa ao mesmo tempo o ia destruindo. Por ver a garota que o havia fascinado de uma maneira que nenhuma outra mulher jamais tinha. A garota que ele já deveria ter reclamado como sua, mas o vampiro arrogante tinha sido demais para ele segurar. Os meses que se seguiram apenas aprofundaram o seu ressentimento, quando ele tinha sido forçado a vê-la cair de amores pelo filho da puta. Tinha sido como ter uma faca encravada em seu coração, mais e mais e mais. Como resultado, suas emoções por Morgan tinham se tornado uma louca mistura caótica de raiva, culpa e perda que continuou dentro dele até hoje.

Claro, ela nunca tinha tido nenhuma ideia de como ele se sentia por ela. Ele supôs que deveria ser grato por esse pequeno triunfo, mas deixou um amargo, gosto azedo na boca de Kierland.

— Bem? — Alertou, antecipando sua resposta. O aumento do incômodo e da cor ao longo das maçãs do seu rosto delicado teria sido uma visão satisfatória, se não fosse ser tão atraentes.

— Eu nunca entendi por que você me odeia tanto, Kierland. Mas eu estou disposta a colocar nossas diferenças de lado por causa de Kellan. E você?

— Você não está me deixando muita escolha, não é? — Perguntou ele, deslizando-lhe um duro sorriso.

— Eu poderia ter trazido alguém comigo e te deixado fora disso completamente. — Disse com voz arrastada, quase como se propositalmente o lembrasse disso. — Então por que você não se deixa cair na rotina e fica grato de que eu vou deixar você vir junto?

— Grato? — Ele engasgou, espantado, de ela ter a ousadia de enfrentá-lo. Não que ele pudesse a culpar por isso, já que ele teria reagido da mesma maneira. Ele também não podia negar que era sexy como o inferno.

— Sim, grato. Você deve agradecer o fato de que eu estou disposta a levar o seu lixo por causa de Kellan. Você pode experimentar o conceito de gratidão por algum tempo. E agora, se você me dá licença, eu estou caindo fora daqui. Ela se virou para sair, sua mão já na maçaneta da porta, quando ele disse:

— Porra, Morgan. Pare aí.

— Envie-me uma mensagem de texto, se você quiser me encontrar no café da manhã.
— Atirou por cima do ombro.

— Cristo, você vai parar? Você está sangrando. — Kierland atribuiu a aspereza em sua voz à ira, com certeza não era por preocupação. E quem estou tentando enganar? Balançando a cabeça, viu que ela parou na porta aberta e olhou seu ombro.

— Sangrando? Onde?

— Abaixo do seu ombro esquerdo. Está ensopando sua camiseta.

— Merda. — Ela franziu a testa, sua voz suave quando ela disse: — Eu amo essa camiseta.

Ele sacudiu a cabeça novamente, dividido entre a exasperação e o fato de que ela era absolutamente adorável, naquele momento, apesar de ele preferir cortar sua língua, antes que de admitir isso.

— Você está sangrando como um porco, e é com a camiseta que você está preocupada?

— Eu sou uma mulher. — Ela resmungou. — Eu me importo com as minhas roupas. Então me processe.

— Os chacais devem ter te atingido com uma de suas garras. Você precisa ser enfaixada.

Ela virou a cabeça para o lado, mas não antes que ele percebesse o rubor que subiu por seu rosto.

— Não se preocupe com isso. — Disse com voz rouca. — Eu vou viver.

— Eu tenho o meu kit de primeiros socorros. — Disse ele, caminhando para sua bolsa. Ele tinha deixado à bolsa de couro no banco ao pé da cama enorme que era coberta por uma colcha de seda, e seu kit sempre estava em um bolso lateral. — Tire a camiseta e eu vou colocar algo sobre o corte.

Ela bufou com uma voz embargada quando respondeu: — Eu não penso assim.

Com o seu kit na mão ferida, que ele tinha socado contra a parede de tijolos da garagem, Kierland caminhou em sua direção. — Ou você faz isso, ou eu faço por você.

— Sobre o meu cadáver. — Balbuciou, erguendo as sobrancelhas.

— Merda, eu não estou assediando você. — Controlando as palavras que faziam seus olhos se estreitarem novamente. — Eu só quero ver as suas costas. — Acrescentou ele, apontando para ela se virar. — Vá para o banheiro.

— Eu não vou ser abatida por um arranhão. — Ele não parecia feliz, parecia constrangido, tanto quanto ela. Ele a seguiu até o opulento banheiro, era todo em azulejos azuis, balcão em mármore e pias que pareciam caber uma pessoa dentro delas. Kierland não sabia por que tinha escolhido ficar neste hotel em particular, uma vez que ele sempre se sentia fora de lugar, com medo de acidentalmente quebrar alguma coisa se ele não fosse cuidadoso.

Puxando o comprimento de seus cabelos pesados sobre o ombro oposto, ela virou-se e deu-lhe as costas e começou a levantar sua camiseta. Kierland sabia que ele deveria se oferecer para ajudá-la, uma vez que a ação estava, sem dúvida, puxando a ferida. Mas ele estava paralisado, pela visão de suas costas nuas quando ela levantou a camiseta mais alto... Mais alto. Músculos lisos corriam pelo comprimento de sua coluna, flexível e enxuta, as delicadas rendas do sutiã quase da mesma cor de sua pele. A marca das garras do Chacal eram longas e rasas, cortando todo o ombro esquerdo, fazendo com que ele quisesse rasgar aquele bastardo de novo. Finalmente, sacudindo-se fora de seu torpor, Kierland ajudou a puxar a camiseta pela cabeça, em seguida, jogou-a sobre o balcão.

— Essa foi a primeira vez que eu vi você jogar sujo... Quer dizer hoje na luta. — Murmurou, um ligeiro tremor se deslocou através de seu corpo enquanto ela abaixou a cabeça, esperando que ele terminasse logo com isto.

— Eu não tenho tempo para ser cavalheiresco. — Murmurou, segurando um pano grosso sob a torneira de água quente. — Esses idiotas só queriam por as garras em você.

Ela deu um ronco suave, feminino. — Um deles fez, na verdade.

— Você deve estar mascarando muito fortemente seu odor que conseguiu cobrir o cheiro de seu sangue de mim. — Ele torceu o pano, colocou uma mão sobre seu ombro para segurá-la, então apertou o pano contra o sangramento da ferida tão delicadamente como pode. — Se não estivesse, eu teria sentido no instante que entrou na sala. O que você está tentando esconder?

— É hábito. Isso é tudo. — Ela atraiu uma respiração profunda, estremecendo, e o surpreendeu, dizendo: — Você percebe que é a primeira vez que estamos juntos sozinhos... Deus, faz muitos anos.

Kierland grunhiu em resposta, não confiando no que poderia sair de sua boca naquele momento particular. A pele debaixo da sua mão era macia e sedosa, e ele cuidadosamente limpou as bordas do corte, ocorreu-lhe que não tinha sido uma brilhante ideia. Ele não era um inocente moleque verde e orelhudo, pelo amor de Deus, e tinha visto muito mais do que seu quinhão de corpos femininos nus em sua vida. Mas não tinham sido Morgan, caramba, e que parecia fazer um inferno de diferença.

Jogando a toalha manchada de sangue na pia, ele chegou a uma das toalhas de mão felpudas para secar suas costas. Então ele tomou algumas ataduras do kit de primeiros socorros e começou a aplicá-las sobre o corte em seções transversais de modo que ficasse fechado. Assim que ele terminou o curativo, o seu olhar vagueou por seu ombro bom, até a curva feminina de sua garganta e a boca molhada como um homem que está morrendo de fome diante de um succulento banquete. Embora ele não precisasse de sangue para se alimentar da forma que os Merrick e Deschanel precisavam, ele ainda queria o gosto dela. A sensação do calor dela em sua boca.

Querida saber como seria afundar seus dentes profundamente na pálida carne de pétalas macias e sentir o calor de seu sangue derramando sobre sua língua. Kierland travou a

mandíbula e tentou tudo o que pode pensar para manter o seu olhar longe do espelho do banheiro, onde a imagem dela estava apenas esperando por ele. Chamava-lhe. Ele pensou sobre ela e Ashe juntos, seu estômago se contorceu quando ele imaginou-os envolvidos em um abraço. Pensou sobre o fato de que ela ainda era, sem dúvida, apaixonada pelo bastardo. Pensou em como ela tinha se jogado para o vampiro arrogante, quando Kierland precisava mais dela.

Mas no final, nada disso foi suficiente, e ele levantou os olhos, olhando para os olhos dela por cima da sua cabeça, seu olhar travou com a visão de dar água na boca, os seios encerrados em pura renda, cor da pele. Se ele já tinha visto algo mais erótico, não conseguia lembrar. Devia ter feito algum tipo de som de fome, gutural, porque o olhar dela disparou. Ela pegou-o olhando para seu reflexo no espelho largo, uma luz suave dourada se derramava do teto emprestando um brilho âmbar a sua pele. Seu maxilar cerrou, enquanto esperava que ela dissesse alguma coisa por tê-lo pego espiando. Mas ela parecia sem fala, sua respiração em rajadas rápidas que o fez pensar em como ela seria boa quando ele estivesse cobrindo-a com seu peso, pressionando-a para baixo, dirigindo seu corpo no dela com um ritmo duro e implacável.

— Você pode ser um soldado pé no cu, Morgan. Mas tem seios lindos — Ele não conseguiu sufocar as palavras lascivas que raspavam sua garganta.

Ela abriu a boca, mas não disse nada. Ou talvez ela não pudesse. Seu peito subia e descia com uma cadência apressada, agitando sua respiração, seus olhos cinza perdidos com a confusão.

Kierland permitiu que seu olhar guloso passeasse preguiçosamente pelo corpo dela, deslocando-se para baixo para o plano e liso estômago, a curva suave dos quadris femininos, e o tesão que havia começado no instante em que ela pisou em seu quarto avolumou-se, lutando contra a prisão de seu jeans. Ele voltou seu olhar para cima, quase sonolento, um olhar de pálpebras pesadas, e os cantos da boca, curvaram em um sorriso apertado, irônico.

— Ainda vou estar aqui e me diga que não temos um problema?

— Eu... — Ela parou, a deglutição de ar, suas pupilas tão dilatadas que eclipsavam o tom cinza de seus olhos, deixando-os escuros com um olhar quente, selvagem de fome. Ela tomou um sorvo de ar e lambeu os lábios. — Eu não sei o que...

As pancadas repentinas na porta cortaram as palavras dela, e ambos vacilaram, para se separarem um do outro.

— Isso deve ser o serviço de quarto. — Falou ele, soando como se tivesse engolido uma pedra. — Pedi nosso jantar, pensando que você poderia estar com fome.

Ela pegou a blusa e se virou, puxando-a rapidamente para trás sobre sua cabeça. Kierland esperou até que ela estivesse vestida, garantiu que sua camiseta cobrisse sua braguilha, então foi abrir a porta. O garçom entrou com um carrinho contendo o jantar, Kierland entregou-lhe uma gorjeta antes de fechar a porta atrás dele.

— O que você gostaria de beber? — Perguntou, pensando que Morgan havia o seguido até o quarto, mas quando ele se virou, não havia ninguém lá. Ele andou até banheiro, mas ele estava vazio, então ele tentou abrir a porta que separava os quartos... E descobriu que a maçaneta não se movia.

A mulher tinha voltado para seu próprio quarto. E tinha trancado a maldita porta atrás dela.

— Merda. — Murmurou, empurrando os dedos pelos cabelos enquanto tentava que seus sentimentos fizessem sentido, uma dor quase nervosa no estômago. Seu estômago roncou, lembrando que ele não havia comido desde cedo naquele dia, e ele fez o seu caminho para a mesa, sentando-se numa das cadeiras de couro. Quando Kierland começou a comer, nem sequer o sabor da comida pôde afastar seu olhar da porta fechada, uma e outra vez, enquanto um único pensamento continuou pairando em sua mente.

Ela poderia correr, mas não conseguiria se esconder.

CAPÍTULO QUATRO

Praga República Tcheca.

Domingo de manhã.

QUASE TODOS OS HOMENS na sala viraram a cabeça para olhar quando Morgan entrou para tomar o café no movimentado hotel. Kierland lhe enviara uma mensagem pedindo para encontrá-lo para o café da manhã, mas agora ele lamentou o ambiente público. Não fazia sentido, mas seus instintos possessivos estavam chutando sua bunda. Ele queria pegar um saco e jogá-lo sobre sua cabeça, em seguida, enrolar um cobertor pesado ao redor de seu corpo suntuoso, apenas para impedir os outros homens de olharem para ela.

Não havia justificativa para a sua ânsia Neandertal. Era estúpida, ridícula, destrutiva. Mas o ciúme fervendo dentro dele era impossível de ignorar, comandando os pensamentos em sua cabeça, tão inexorável quanto a sua necessidade de respirar. E ainda, se ele fosse obrigado a ser honesto, Kierland sabia que não seria desta forma se o passado tivesse sido de forma diferente e ele tivesse seguido seus instintos, indo atrás de Morgan, em vez de correr para Nicole. O simples fato de o assunto de que Morgan poderia ser sua, seu corpo bonito marcado com sua mordida, ele não iria querer escondê-la. Em vez disso, ele teria orgulho de exibi-la como sua mulher.

Foi o "não ser sua" que o fez querer enfiar o punho através de uma parede em um ato para minimizar a frustração. O fato de que ele não tinha qualquer direito sobre ela. Nenhum direito para se opor se outro homem olhasse para ela ou se aproximasse dela. Tocando. Seduzindo-a em sua cama. Kierland não queria esse direito, caramba. Mesmo que ela não tivesse o sangue de seu pai correndo em suas veias, ele nunca se ligaria a uma mulher cujas alterações genéticas podiam ser compradas e vendidas pelo Conselho. Ou que poderia flertar com ele um momento tão inocentemente, e depois fazer e acontecer na cama com um arrogante filho da puta como Granger.

Ser filha de seu pai simplesmente fechava o negócio. O que significa que nada ia acontecer entre ele e essa mulher. Agora não. Nem nunca mais. Seu animal rosnou em resposta à frase familiar, o som baixo, visceral sacudindo o corpo de Kierland. O problema, ele finalmente concluiu, cerca de 3h da manhã, enquanto virava na cama do hotel, era que ele nunca tinha tirado Morgan Cantrell de sua cabeça. Ele pode odiar as escolhas que ela fez em sua vida, mas o lobo ainda ansiava por ela, queria conhecer o que nunca tinha tido. Como uma purulenta ferida, que ainda carregava as dores de fome atroz, demorando-se em necessidades que nunca haviam sido preenchidas.

Então talvez seja a hora de lancetar a ferida, fazê-la sangrar e tirá-la da cabeça. Ele ficou tenso em reação às palavras traiçoeiras do lobo, porque ele sabia muito bem que seu animal estava sugerindo. E ele não confiava nele. O animal sempre tinha sido demasiado possessivo por Morgan. Sabia como ele pensava, como manipulá-lo. Ele lutaria sujo para conseguir o que queria. Ele não tinha moral, impulsionado unicamente pelo seu selvagem instinto animal.

Continua a pensar que nós somos diferentes, mas o que eu sou, tu és, também. Quer o mesmo. Mesma fome. Mesmas necessidades. A mão de Kierland se fechou em punho sobre a mesa até que as veias sob a sua pele se destacaram no relevo austero, mas ele respirou fundo,

forçando um olhar de indiferença entediada no rosto quando Morgan se aproximou. Ela usava outra calça jeans abraçando seu traseiro, botas, mas esse suéter era de um cinza suave que quase combinava com seus olhos.

A espessa cortina de seu escuro cabelo estava reto, caindo como seda sobre a curva feminina dos ombros, a franja fazendo-a parecer muito jovem... Muito inocente. Ela não usava nenhuma maquiagem exceto por um gloss cor de rosa na boca cheia, mas ela não precisava qualquer desses artifícios femininos.

O bolo, como Kellan teria dito, já era delicioso. Ele não precisa de qualquer enfeite. Morgan murmurou uma silenciosa saudação e tomou assento em frente a ele.

— Qualquer notícia esta manhã? — Perguntou ela, pegando o guardanapo de linho. Houve certo nervosismo em seus movimentos, embora ele pudesse perceber que ela estava tentando escondê-lo.

— Recebi um telefonema de Seth. Ele vai deixar a Inglaterra, está se dirigindo de volta para os Estados Unidos.

Seth McConnell era um ex-tenente-coronel do Exército Extremista, e como tal, deveria ter sido seu inimigo. O destino, porém, tinha outros planos e, em uma ironia, Seth estava lutando ao lado dos sentinelas e dos Merrick em sua guerra contra o Casus. O soldado tinha se desiludido com os extremistas, quando tinha descoberto que seus oficiais comandantes tinham feito um acordo com o Casus e seus aliados, o que o levou a rever sua lealdade ao exército e o abandonou. Embora os outros na unidade de Kierland estivessem totalmente preparados para desprezar o homem que outrora os havia caçado, Seth, que mais parecia um surfista da Califórnia do que um soldado acabou por ser alguém difícil de odiar, seu sorriso fácil e muito quente... E seu arrependimento por seus erros passados muito genuíno.

A última vez que Kierland o tinha visto, as sombras escuras sob os olhos verdes de Seth tinham sido a prova que o cara estava ao lado deles nessa luta. Tinha ido a Harrow House para uma breve visita, e o ex-oficial tinha estado fazendo o seu melhor para encontrar Westmore nas últimas semanas, bem como para descobrir alguma informação sobre o paradeiro de Chloe Harcourt. Mas, até agora, Ross Westmore tinha feito um excelente trabalho de cobrir seus rastros e Seth, juntamente com os soldados que tinham permanecido leais a ele e partiram com ele de sua unidade coletiva, não tinham sido capazes de colocar as mãos sobre qualquer informação útil. Até agora.

— Por que ele está voltando? — Perguntou ela

Kierland manteve sua voz baixa, quando explicou. — Parece que os seus homens deram um grande golpe. Finalmente colocaram as mãos em um dos oficiais de alta patente dos extremistas que tem trabalhado com Westmore e o Casus.

Ela ergueu as sobrancelhas. — E o cara falou?

Kierland assentiu. — Não sei se esse cara sabe muito, mas Seth acha que pode tirar mais dele. Seth disse que o homem não parece estar feliz por ter trabalhado com os monstros. — Ele tomou um gole de café, e como o diabo tentou ignorar o quão bem ela cheirava quando continuou. — Eu acho que o cara lhes disse sobre um boato se espalhando que os generais estão mudando de ideia sobre o acordo que fizeram com Westmore. Alguns dos soldados estão ameaçando com uma revolta, pois não gostam do jeito que as coisas estão acontecendo.

— Já falou aos homens de Seth, onde está o complexo de Westmore? — Perguntou ela. — Ou qualquer coisa sobre Chloe?

— Se o cara sabe, ele não compartilhou nada. — Ele se inclinou para frente e colocou seus braços cruzados sobre a mesa. — Mas como eu disse, Seth está esperando que ele possa tirar um pouco mais dele, quando chegar lá.

Após a garçonete anotar os pedidos para o café da manhã, Morgan virou a cabeça, olhando pela janela da frente do café.

— Eu não posso acreditar que estamos realmente sentados aqui, tomando café juntos. — Sua voz era apertada, tensa. — É muito surreal.

— Se você está pronta para ir embora, Morgan, então vá em frente. É provavelmente a coisa mais inteligente que você poderia fazer. Basta dar-me uma direção para seguir.

— Você não vai me convencer de ir. — Murmurou, cortando-lhe as palavras. — Então, você pode desistir, Kierland.

Eles ficaram um em silêncio pesado por alguns minutos, ela olhando pela janela, Kierland olhando para ela, até que a garçonete voltou com os pedidos. Enquanto comia omelete, Kierland encontrou-se dividido entre a frustração com o fato de que ela ou não podia, ou não queria, dizer o local onde Kellan poderia estar... E a reação indesejada de seu animal o deixou ainda mais furioso. O bastardo estava uivando de satisfação, ansioso por esta oportunidade de passar tempo com ela, pensando que a vontade de Kierland acabaria por desintegrar-se e ele finalmente daria ao animal o que ele queria. Qual seria o sabor desta irritante e complicada mulher... Provavelmente... Completamente deliciosa.

— Sobre a noite passada. — Ele murmurou, apenas para ver como ela reagiria. E ele não foi desapontado. O rosto de Morgan ficou vermelho brilhante, as maçãs do rosto escurecendo com a cor e Kierland encontrou-se querendo arrastar sua boca ao longo da pele quente e suave, só assim ele poderia provar o calor de seu sangue florescendo sob sua pele.

— Sem problemas. — Manteve o olhar baixo, forçando cada palavra com precisão, com lento cuidado, como se estivesse com medo de não conseguir que elas saíssem de seus lábios. Kierland empurrou o prato vazio para o lado e apoiou os braços sobre a mesa novamente.

— Então vamos apenas fingir que nada aconteceu naquele banheiro? — Perguntou.

— Pode apostar que vamos. — Foi a resposta seca.

Ele não sabia por que sua recusa o fez ficar com tanta raiva, mas fez. — Droga, Morgan. Isso não vai resolver nada.

— Eu não me importo se isso resolve alguma coisa ou não. — Retrucou, segurando o seu garfo levantado na direção dele. — Por favor, esqueça.

A garçonete voltou naquele momento para reabastecer a xícara de café de Kierland, e ele foi obrigado a sentar-se ali, fervilhando com a frustração, enquanto Morgan conversava com a mulher sobre o hotel e a cidade. No instante em que a garçonete se afastou, ela perguntou:

— Nós ainda vamos ao apartamento de Gideon agora pela manhã?

— Sim. — Respondeu ele, decidido a deixá-la sair com a evasiva. Por hora. — Esse é o plano.

Ela comeu o último pedaço de ovos mexidos, engolindo o resto de seu café. — Você tentou ligar para ele?

Ele balançou a cabeça afirmando e se recostou na cadeira.

— Seu telefone está desligado. Conhecendo o vampiro, provavelmente ele deve estar na cama, em algum lugar com uma horda de mulheres. Nós poderíamos muito bem ter uma pista dele, mas o seu apartamento será o melhor lugar para começar.

Seu telefone começou a zumbir, e ela o puxou do bolso, olhando para a tela.

— Alguma coisa importante? — Perguntou ele.

Sem olhar para ele, ela disse:

— É uma mensagem de Olivia.

Kierland ficou sentado com o olhar fechado em seu rosto enquanto ela lia a mensagem, pensando novamente em como tinha sido fácil para o grupo na Inglaterra, aceitá-la. Ela tinha feito boas amizades com todas as mulheres e os homens a amavam, também.

— Tudo bem? — Ele pressionou.

Ela olhou para ele com um sorriso torto.

— Isso é exatamente o que Liv quer saber.

— Já lhe disseram algo sobre onde Kellan está? — Ele perguntou, enquanto ela começou a digitar a resposta em seu celular.

Ela balançou a cabeça, ainda estava digitando.

— Tudo o que sei é que ele está na Noruega.

— Ótimo. Não lhes diz mais nada.

Seus dedos pararam de teclar, e mostrou surpresa em seus olhos cinzentos quando levantou o olhar, fixando-os nos seus.

— Você não vai lhes dizer para onde estamos indo?

— Só eu sei o que esta acontecendo. Eu não vou arriscar a unidade inteira a seguir depois de nós, se ficarem preocupados, porque não entramos em contato com eles.

Antes, que ele tivesse terminado a última palavra, seu próprio telefone começou a vibrar em seu bolso.

— É Gideon? — Perguntou ela.

Kierland sacudiu a cabeça negando, olhou para a tela.

— É Quinn. — Disse a ela, atendendo a chamada. Mantendo sua voz baixa, ele disse: — Eu não posso acreditar que você tem a coragem de me ligar, filho da puta.

A voz profunda de Quinn retumbou pela linha. — Não fique assim, cara. Você sabe por que eu fiz isso.

— Eu sei que vou chutar o seu traseiro na próxima vez que eu te ver.

— Você não pode chutar o seu melhor amigo. — Quinn disse com seu sotaque fácil, e Kierland teria apostado dinheiro que o desgraçado estava sorrindo. — Eu tenho certeza que há algum tipo de lei contra isso.

— Então, confie em mim quando eu digo que é uma lei que vai ser quebrada. — Atirou sobre o amigo, enquanto Morgan olhava para as profundezas de sua xícara de café com um leve sorriso dobrando o canto da boca, ao ouvir cada palavra. — Há alguma razão para você ter ligado? Ou você só quer me incomodar?

Quinn suspirou.

— Eu só liguei por que Seth me disse que você disse algo sobre uma posição na Escandinávia.

Esfregando a mão sobre os olhos, Kierland reprimiu uma maldição dura.

— Nada de positivo neste momento. Que tal isso?

Ele podia sentir que Morgan ouviu quando Quinn disse: — Eu não acho uma boa ideia, vocês dois irem sozinhos.

— Nós não estaremos sozinhos. Teremos um guia.

Uma pausa surpreendida e, em seguida Quinn perguntou: — Que tipo de guia?

— Não é possível dizer agora. — Falou em uma voz dura.

— Eu vou explicar mais tarde.

— Bem, eu ainda acho que um de nós deve ir junto.

— E eu acho que você deve ficar aí, muito bem onde é seguro. — Retrucou. — Não há nada aqui que Morgan e eu não consigamos segurar.

— O inferno que não existe. — Argumentou Quinn. — Nós ainda nem sequer sabemos o que aqueles caminhantes da morte são capazes.

Quinn estava certo, mas não iria mudar sua opinião. Se ele ia ser obrigado a lidar com Morgan, Kierland não queria outra pessoa lá, para observá-los constantemente. Ele tinha tido mais do que o suficiente disso no mês passado quando ela voltou para Harrow House.

— Temos que ir. — Ele resmungou. — Mas eu vou entrar em contato.

— Kierland. Droga. Não desligue.

KIERLAND ENCERROU A CHAMADA e colocou o telefone no bolso, Morgan estudou sua expressão, tentando avaliar o seu humor.

— Parece que os nossos amigos estão preocupados conosco. — Ela murmurou, tomando um gole do café.

Ele atirou um olhar irônico, mais um daqueles sorrisos tortos chutando no canto da sua boca. — Ou preocupados que vamos matar um ao outro antes de encontrar o meu irmão impulsivo.

Ela deu uma risada suave.

— Não nos matamos ainda.

— Não seja tão apressada. — Falou lentamente. — A manhã ainda mal começou.

— Humm. Estou começando a me sentir como se estivesse indo para minha morte. — Se inclinou para trás, arqueando uma sobrancelha. — Eu deveria estar preocupada?

Um lento, sorriso de lobo pairou na borda da sua boca, seus olhos verdes brilharam com humor. Mas então o humor desvaneceu-se gradualmente, e ela pode ver a tensão que se arrastava de volta para ele, o endurecimento da forma sensual de sua boca. Sob o cashmere preto macio da sua camisa, linhas poderosas dos músculos enrolaram-se através de seus ombros largos e braços poderosos. Morgan tomou outro gole do café quente, olhou para baixo em seu copo por um momento, então forçou seu olhar até o dele. Ela queria estar olhando para ele quando fizesse a próxima pergunta.

— Exatamente por que você me odeia tanto, Kier?

Sua expressão ficou rígida, e havia algo como cautela em sua voz profunda quando ele disse: — Isso é um inferno de uma coisa a perguntar a um homem no café da manhã, Morgan.

— Eu tenho vontade de lhe perguntar isso faz dez anos. — Disse ela, enrolando as duas mãos em torno do calor de seu copo. — Poderia muito bem acabar com isso, já que vamos passar tanto tempo juntos.

Ele murmurou alguma coisa baixinho e olhou para longe, olhando para fora pela janela da frente, e empurrou os longos dedos da mão em seu cabelo. A sobrecarga de luz dava um tom púrpura a alguns fios entre os cabelos de um profundo castanho-avermelhado, quando ele afastou a massa grossa longe de sua face, a mistura das cores era quase como as profundezas de uma brilhante joia.

Quando ele finalmente falou, as palavras vieram em um ritmo, corajoso de trovão.

— Eu não odeio... Você.

Uma explosão de riso rouco saiu de seus lábios.

— Diga-me para ir para o inferno, Kier, mas, por favor, não minta para mim. Eu não suporto um homem que conta mentiras.

Lançando lhe um olhar de lado, ele arqueou um daquelas escuras sobrancelhas arrogantes.

— O que me diz sobre uma mulher que diz mentiras?

Empurrando seu café longe, ela se recostou na cadeira.

— Depende de suas razões.

— Não há um pouco de um duplo sentido? — Ele perguntou secamente.

Rolou um ombro, dizendo: — Estou apenas sendo honesta. E você está evitando a pergunta.

Ele balançou a cabeça um pouco, o canto de sua boca se contraindo com algo um pouco triste para ser humor. — Eu não estou mentindo. Você me deixa puto, mas eu... Eu nunca odiei você, Morgan. Eu acho que... — Ele tomou uma respiração profunda e pausada, olhando para ela de modo tão atento que seu pulso acelerou, então lentamente continuou: — Eu quis odiar você por um longo tempo. Mas eu não consigo fazê-lo.

A excitação de algo perigoso e quente satirizou através de seu sistema, e ela fungou outro riso macio sob sua respiração para cobrir sua inquietação. — Bem, se você não me odeia, você passou uma década fazendo uma representação muito boa.

— É difícil de explicar. — Falou em voz baixa, esfregando a mão contra o queixo duro, seus olhos queimando com verde brilhante e turbulento. — Eu estava confuso após Nicole ser morta. E depois vê-la com Ashe, que eu não podia estar... Não podia acreditar que tinha feito. Que você deixasse o Conselho usá-la como um pedaço de carne apenas para obter a cooperação de um cara como ele. Você valia muito mais que isso.

Por um momento, tudo que Morgan pode fazer foi olhar de volta para ele, incapaz de acreditar no que ele disse. E então a queima familiar de frustração e orgulho ferido começou a crescer dentro dela como uma onda, gigante. Ela não sabia o que tinha esperado ouvir, mas com certeza não era isso. Ela sabia que ele acreditava sempre no pior sobre seu relacionamento com Ashe, mas ela não havia percebido que se sustentava em seu desprezo.

— Então essa é sua resposta? Tudo isso... Esta insinuação rude por causa do que aconteceu com Ashe? — Ela tomou uma respiração profunda, estremeando, medindo a força das palavras, tentando parecer tranquila. — Eu não sei o que ficou pensando, mas realmente espero que possa haver algumas acusações relevantes que possa atirar em mim. Quero dizer, é isso? Você me tratou como lixo, porque você está ainda chateado comigo por algo que não tinha nada a ver com você? Porque você acreditou que eu me vendi barato? Você foi meu instrutor, Kierland. Não é meu maldito pai. Quem me escolheu para ir para a cama com qualquer um nunca foi o Conselho!

Se ela tivesse tido alguma esperança de obter uma reação dele, ela não deveria ter se incomodado. Quando ela tinha terminado com seu ataque, ele estava vestindo sua máscara contra as emoções novamente. O que fez com que Morgan quisesse fazer algo ultrajante, como estapeá-lo. Soando como se estivessem discutindo nada mais interessante do que as tendências da moda em calçados de inverno, ele explicou.

—Você me fez uma pergunta, Morgan. E eu dei-lhe uma resposta. Não é minha culpa se você não gosta dela.

— Sim, bem, chame-me de exigente, mas eu estava esperando por algo melhor.

Observando-a de perto, ele perguntou: — O que exatamente você estava esperando ouvir? — E ela estremeceu, odiando a facilidade com que o timbre profundo, hipnótico de sua voz podia causar arrepios por sua pele. — Você quer que eu acuse de seguir ordens similares ao longo dos anos? Não pense que eu não pensei nisso. Mas eu sempre esperei que fossem espertos o suficiente para ter aprendido a lição com o vampiro.

— Esqueceu que eu tenho meus padrões. — Murmurou, agradecida pela garçonete que chegou com a conta. — Foi uma má ideia. — Não é um eufemismo. Deus, ela não sabia o que tinha pensado, manobrando-o em uma conversa que ela realmente não queria ter, o seu objetivo de encontrar respostas que realmente não queria ouvir. Então, o homem mais sexy da terra que uma vez ela tinha pensado ser a pessoa mais incrível que já tinha conhecido, ainda pensava que ela era uma prostituta. Então o quê? Mantê-la de fora, mas não matá-la. E Morgan sabia que era culpa dela própria por pressionar a questão. Não era como se o Lycan teimoso, de repente visse a luz e mudasse suas crenças, não importando o quão errado elas estavam. Ele achava o que ele queria, tinha sido sempre assim, e se ela tivesse metade de um cérebro, ela não iria perder tempo se preocupando com isso.

Ela sabia a verdade, sabia que tinha feito seu trabalho como sentinela da mesma forma que ele, com orgulho e integridade. Ela não tinha nada para se envergonhar. E ela com certeza, o inferno, não devia nada a Kierland Scott muito menos uma explicação. Ela não lhe devia

absolutamente nada. Ele pagou a conta e ela ainda estava irritada o suficiente para deixá-lo sem um único argumento.

Enquanto eles caminhavam até a garagem subterrânea, onde o Spider estava estacionado, ele recebeu uma mensagem de texto de Gideon dizendo que o vampiro tinha alguma coisa para eles em seu apartamento que eles precisavam pegar. Houve também um pedido de desculpas curto pela "catástrofe" que iam encontrar. Mas era só isso. Nenhum deles sabia o que fazer com a mensagem estranha, mas imaginaram que descobririam o que estava acontecendo em breve.

Quando ela colocou o cinto de segurança sobre o peito, Kierland perguntou-lhe como o ombro estava, e Morgan disse que estava curado. Mas não olhou para ele enquanto falava, mantendo a cabeça voltada para a janela, e ele não disse mais nada. Eles fizeram o trajeto ao apartamento de Gideon Granger em silêncio, o ronronar do motor do Spider era o único som que não era o murmúrio distante da cidade. Apenas alguns raios de sol fracos conseguiam abrir seu caminho através do céu, triste e sem cor, uma sensação de peso no ar fez Morgan se sentir cansada, com frio e agitada. Como ela esperava, o apartamento de Gideon falava de riqueza e prestígio, localizado em uma casa bonita do século XIX que tinha sido convertida em apartamentos espaçosos, de alto preço. Eles pegaram o elevador para o piso superior e bateram ao mesmo tempo nas portas de madeira escura, mas não houve resposta.

— Eu acho que ele não está em casa. — Ela murmurou. — Talvez devêssemos. — Um ranger ecoou no silêncio do corredor de madeira polida, e ela olhou para baixo para ver que Kierland forçou a porta a se abrir. — Não faça isso. — Concluiu ironicamente.

O Lycan deu um sorriso torto. — Não se preocupe. A porta já está quebrada.

— O que quer dizer com já está quebrada?

Ele apontou o dedo em direção as dobradiças.

— A porta foi presa. O que significa que alguém quebrou antes de nós.

— E como nós sabemos que não está ainda aqui? — Ela sussurrou, enquanto ele empurrou a porta e entrou no apartamento.

— Intuição? — Ele ofereceu por cima do ombro.

— A intuição da minha bunda. — Morgan murmurou, farejando o ar. Havia apenas um ligeiro traço de perfume rico, tentativo que a lembrou de Ashe, ela achava que pertencia a Gideon fazia sentido, já que era seu apartamento. Mas isso era tudo o que ela pode sentir.

— Este deve ter sido o que ele quis dizer com aquele comentário "catástrofe". — Disse ela, passando por cima de uma almofada do sofá. Apesar de o apartamento ter sido obviamente glamoroso em um ponto, agora lembrava a Morgan algo que tinha sido capturado no meio de um furacão. Móveis foram revirados, cobrindo o chão, com gavetas e estofados rasgados. — Desde que Gideon mencionou aquilo na mensagem, ele devia saber sobre isso. O que significa que ele tinha estado ali e visto que o local havia sido destruído. — O que você acha que aconteceu?

— Ou alguém estava procurando alguma coisa. — Resmungou Kierland, circulando de forma lenta pela sala destruída. — Ou o vampiro está realmente chateado com alguma coisa.

Morgan empurrou as mãos em seus bolsos e encolheu os ombros.

— Pelo que tenho ouvido sobre Gideon, não se pode ter certeza de nada. Ele é considerado o 'selvagem' da família Granger, segundo o que Ashe, me contou.

Kierland afastou seu cabelo de sua testa e disse: — Basta olhar ao redor e veja o que você pode encontrar.

Entrando na cozinha, Morgan quase riu quando viu o envelope preso à superfície do aço inoxidável da geladeira. Estava preso no lugar por um ímã que dizia: "Cuide dos seus dedos, ou eu mordo...".

— Hei Kier. Há um envelope aqui marcado HOMEM LOBO. Eu acho que isso é pra você.

Ele entrou na cozinha, abriu o envelope e cuidadosamente puxou um pequeno frasco de vidro. Dentro havia um líquido cintilante perolado, mas não havia etiqueta de identificação para dizer o que era. Com uma fenda profunda entre as suas sobrancelhas, ele puxou um pedaço de papel impresso uma nota.

— O que é que diz?

Ele resmungou algo baixinho que soou como "idiota sangrento", em seguida, entregou-lhe a nota de modo que pudesse lê-la por si.

Kierland, recebi sua mensagem e desculpe eu não posso ser de alguma ajuda. Meu conselho é pedir a Ashe. Eu posso imaginar como você está reagindo sobre isso agora, é por isso que eu te deixei esta nota, em vez de telefonar. Além disso, eu queria que você pegasse o "diamante". Pensei que poderia vir a calhar, onde você está indo. Se você não sabe como usá-lo, peça a Ashe para explicar. Não sei quanto tempo vou estar fora, mas eu estou seguindo uma pista sobre os caminhantes da morte. Pode ser algo grande, mas espero que infernos não seja verdade. Se for, vamos ter um problema. Como se precisássemos de mais deles, hein? Não consegui entrar em contato com Ashe para você, mas eu vou continuar tentando. Não sei onde ele está neste momento... Vou deixar que você saiba quando eu encontrá-lo. E não se preocupe com a trava quando você sair. Tem alguém indo arrumar a porta, esta tarde. Eu teria esperado por você, mas o tempo está apertado e eu sabia que você estava muito curioso feito um bastardo para não ir em frente e entrar. Você pode me ouvir rindo? Ass: Gideon

Morgan deslizou um olhar curioso para o frasco que Kierland ainda tinha na mão.

— Você sabe o que é um "diamante"?

Ele fechou os dedos ao redor do objeto e balançou a cabeça.

— Você sabe?

— Nem desconfio. — Firmou seu quadril contra o piso da cozinha em granito, e preparou-se para a explosão que estava certa que viria com suas palavras seguintes.

— Então eu acho que isso significa que vamos para o plano B.

Ele bufou, cruzou os braços sobre o peito largo, apoiou o ombro contra a geladeira, então aspirou novamente.

— Eu pensei que eu já tinha dito que esta piada não é engraçada.

— Você tem alguma outra ideia brilhante? — Ela perguntou, sabendo muito bem que ele não tinha.

— Enfrente Kier. Ashe é a nossa melhor opção.

Ele fez um som gutural que vinha do fundo de sua garganta, enquanto um músculo começou a puxar com um tic abaixo de seu olho esquerdo.

— E exatamente como nós pretendemos encontrá-lo? — Ele murmurou, o cheiro de sua fúria crescente, fazendo-a sentir como se sua raiva fosse algo quase físico entre eles. Um predador mortal, escuro e incrivelmente perigoso. — Cristo, Morgan. Seu próprio irmão ainda não sabe onde ele está, e ele não está retornando suas ligações.

Ela respirou fundo, depois disse calmamente:

— Na verdade, isso não será um problema, porque eu posso rastrear Ashe, também. Com mais facilidade do que posso fazer com Kell.

SENTINDO COM SE ESTIVESSE prestes a estourar além dos limites de sua pele, Kierland caminhou para fora da cozinha, dirigindo-se para as janelas que tomavam toda uma das paredes da sala, agradecido que Morgan não pudesse ver sua expressão. Ele se sentiu muito cru, como se uma camada de pele tivesse sido descascada, deixando nada além de sangue e ossos e o presente visceral, queimadura de fúria destrutiva arranhando contra o seu interior. Ele poderia dizer por seus passos e seu perfume que ela seguiu-o para a sala, embora ela tivesse o cuidado de não chegar muito perto.

— Então, você o mordeu, também? — Seu queixo quase caiu no chão de tanta fúria, ao imaginar Morgan afundando suas presas em Ashe Granger. E ela devia ter feito mais de uma vez, já que tinha uma melhor "pista" sobre o vampiro do que ela tinha de Kellan. O pensamento fez Kierland querer colocar as mãos em torno de algo e estrangular. E por alguma razão, ele quis que fosse a garganta de Granger.

Com voz rouca, ela disse: — Você não acha que se enquadra na categoria de “Nós realmente não devemos falar disso”?

— Estou começando a pensar que talvez devêssemos. — Ele enfiou as mãos em seus bolsos e virou-se para encará-la. — Se nós vamos ter que usar Ashe como nosso guia. — Simplesmente dizer as palavras fazia sentir-se algo como a morte. — Então eu preciso saber exatamente em que pé estão as coisas entre vocês dois.

Deu-lhe um olhar duro de aço.

— Nós somos amigos, e isso é tudo que você precisa saber.

Virando um pouco a cabeça para o lado, Kierland estudou sua expressão.

— Não existe ressentimento após o que ele fez?

— Você quer dizer, me largar? — Ela adivinhou, surpreendendo-o com um riso suave.

— Sim.

— Não.

Ela disse com tanta facilidade, quase com demasiada facilidade e seus olhos se estreitaram com suspeita.

— A menos que não seja assim que realmente aconteceu.

Com um piscar de olhos rápidos, assustada, ela perguntou: — Do que você está falando?

Observando-a de perto, ele disse: — Eu sempre achei que ele ficou sabendo o que você fez indo atrás dele seguindo uma ordem, e o seu orgulho exigiu que ele desse o fora em você. Isso mesmo sabendo que tinha caído de amor por ele não poderia ter passado o que tinha feito. Mas, considerando a maneira como ele é incapaz de tirar os olhos de você... Eu não sei. Há sempre algo que não o satisfaz. Então agora eu estou pensando que talvez isso não seja o que aconteceu, depois de tudo.

Com um ronco suave e feminino, ela balançou a cabeça e sorriu.

— Por que qualquer mulher em sua mente torta despencaria um cara como Ashe? E por falar nisso, por que você se importa?

— Como eu disse antes, valia mais do que o Conselho lhe ordenou fazer. Inferno, Morgan, tinha o talento mais natural do que qualquer outro aluno que já tive.

As palavras faladas tão próximas produziram um efeito imediato nela, o confiante sorriso substituído por um olhar de emoção que quase parecia completamente vulnerável. A coluna delgada de sua garganta moveu-se quando ela engoliu, e depois ela levou seu olhar para longe dele, suas mãos empurradas de volta para seus bolsos quando ela disse:

— Se isso for verdade, então você vai ficar feliz em saber que eles mudaram sua opinião sobre o meu valor. Já me ofereceram um lugar na Guarda Privada do Conselho.

Kierland olhou, espantado com o que ela tinha acabado de dizer. Ser oferecido um lugar na Guarda era uma das maiores honras que qualquer sentinela poderia receber, uma posição de riqueza e prestígio. Composto dos mais altamente qualificados guerreiros de todos os clãs, a Guarda de segurança especial protegia não só o conselho, mas também a qualquer pessoa importante sob a proteção do conselho.

Se as circunstâncias fossem diferentes e o Conselho dos líderes estivesse apoiando a sua luta contra o Casus, Kierland não tinha dúvidas de que a Guarda, já estaria instalada em Harrow House. Mas o conselho tinha tornado-se demasiado atolados em burocracia e corrupção e os seus próprios egos para tomarem as medidas adequadas, e estavam agora fazendo o seu melhor para ignorar o problema.

— Então, se a postura do Conselho em seu conflito contra o Casus, não mudar esta é a última vez que você vai ter que trabalhar comigo, Kier. Em poucos meses, eu não serei mais uma sentinela. — A boca torceu, com um sorriso apertado, amargo, e de repente ela olhou para trás, prendendo seu olhar luminoso com o seu.

— E depois, eu e você nunca mais nos veremos outra vez.

CAPÍTULO CINCO

Kladno, República Tcheca.

Domingo à tarde.

FOI UM INFERNO PARA Kierland, ficar sentado em um café da moda, assistindo Morgan enquanto olhava para uma foto de Ashe Granger que tinha tirado de dentro de seu bolso. Para piorar as coisas, era uma fotografia dos dois juntos. Morgan estava sentada no colo do bastardo em que parecia uma espécie de festa de Natal, ela usava um sexy vestido vermelho e chapéu preto na cabeça, os braços delgados em volta dos ombros largos do vampiro.

Estavam sorrindo, parecendo felizes de estar juntos, e Kierland se perguntou pela milionésima vez, no que o cara estava pensando ao se afastar dela. Ou talvez o vampiro não tivesse pensado em tudo. Talvez tivesse sido apenas um idiota, arrogante, que não tinha percebido o que ele tinha, até que perdeu. Seja qual for o motivo, Kierland não podia ajudar, mas se perguntou se Ashe desejava uma relação diferente com Morgan agora. E em caso afirmativo, como diabos ele iria lidar com isso quando os três estivessem marchando por toda a Escandinávia juntos?

Embora fosse um lobisomem, Kierland sempre se considerou um homem racional, civilizado. Aquele que tinha o controle sobre o seu notável vil instinto predador. Mas ele sabia que tinha os seus limites. Sabia exatamente o quanto ele era capaz de manipular... E o que o empurrava sobre a borda. Ele já estava doente de preocupação sobre seu irmão. Para não mencionar a guerra. Jogando o problema em cima de Morgan, a preocupação era como deixar um incendiário com uma caixa de fósforos. Cedo ou tarde, algo de ruim estava para acontecer... E então a coisa toda iria acabar em água quente e fogo.

— Quanto tempo isso vai levar? — Ele murmurou, soando como uma velha recalcitrante. Ele se perguntava se era assim que Morgan pensava dele, e fez uma careta quando ela se mexeu na cadeira, com pernas longas cruzadas. — Nós estamos aqui à quase duas horas agora. Se eu tomar mais um café eu vou sair saltando para fora das malditas paredes.

— Estou quase terminando. — Murmurou, transferindo o olhar da fotografia para o mapa da Europa que tinha pegado da bolsa e colocado em cima da mesa quando tinham chegado ao café. Ela passou a ponta dos dedos levemente sobre a superfície, lembrando a Kierland de uma cena de filme que tinha visto que tinha retratado um grupo de adolescentes jogando com um tabuleiro Ouija. Salvo que no caso de Morgan, a magia realmente funcionava, ela tinha a habilidade de rastrear sangue, um dom extraordinário que tinha sido proferida a partir de seus antepassados. Quando eles estivessem mais próximos ela não precisaria de um mapa para seguir o sinal, mas quando muita distância a separava de seu alvo, ela disse que os mapas ajudavam a localizar uma área específica.

— Tudo bem. — Finalmente murmurou, deslizando a fotografia de volta para a pequena mochila de couro que usava como uma bolsa. — Eu acho que eu o achei, mas ele não está tão perto quanto eu esperava.

Quando eles tinham saído de Praga, naquela manhã, após deixar o apartamento de Gideon, ela disse a Kierland para ir para oeste, uma vez que era aí que ela "sentiu" o pulsar de

Ashe. Quando eles viajaram pela a autoestrada, seus sentidos gradualmente tornaram-se mais específicos, até que eles tomaram a direção norte, em direção à fronteira alemã.

— Eu estou pensando em Hannover. — Disse a ele, deslizando a mochila sobre o ombro. — Mas eu não saberei ao certo até chegarmos mais perto.

Ao saírem do café, andando pela rua do movimentado mercado, Kierland se pegou pensando na notícia que ela tinha entregado esta manhã sobre o trabalho com a Guarda. Tinha sido impossível esconder seu choque com o atordoante anúncio. Ele quis saber os detalhes, e ela explicou que a mudança a sua unidade sentinela era apenas temporária, até março, quando ela estaria tomando sua primeira missão de proteção especial no sul da Austrália. Parecia que um dos guardas estava se aposentando no final de Fevereiro, e Morgan estaria tomando o seu lugar. Quando ele riu e disse que ela ficaria entediada, nessa tarefa dentro de uma semana, ela tinha apenas meneado a cabeça e sorrido.

Aparentemente, ela ia ser atribuída a uma excêntrica família de estudiosos humanos que estavam estudando antigos pergaminhos da civilização perdida de Atlântida, que sempre tinha sido um tema que a fascinava. Então, ela tinha dito que era o trabalho perfeito para ela, por causa da liberdade e do espaço. Um rancho com uma casa no meio do nada, com nada além do amplo céu aberto e areia vermelha que se estende tão longe quanto os olhos podem ver, era como ela descrevia a família e a casa, e ele poderia dizer que ela estava realmente animada sobre a o lugar ser afastado de tudo.

Kierland, por outro lado, ainda estava tentando chegar a um acordo com a forma como ele se sentia sobre ela. Embora tivesse trabalhado a ideia em sua mente durante todo o tempo em que dirigia pela autoestrada, ele não tinha chegado a qualquer tipo de conclusão. Tudo o que ele sabia era que o alívio que esperava ainda não tinha feito uma aparição... E ele estava começando a se perguntar se ele nunca apareceria. Um mês atrás, se alguém perguntasse a ele como se sentia com a perspectiva de nunca mais ver Morgan Cantrell novamente, ele teria imediatamente respondido com algum comentário sobre como suas preces finalmente iam ser atendida. E em um momento, ele teria se esquecido dela.

Só agora, ele estava começando a perceber o quão errado ele tinha estado. Ele ainda não se sentia confortável ao lado dela... E ainda assim, ele não estava totalmente confortável com a ideia de nunca mais vê-la também. Demorou uma eternidade para fazer o seu caminho na rua movimentada do mercado, algum tipo de bazar local com uma variedade eclética de compradores. Kierland ficou alerta ao seu ambiente, também era um soldado experiente para ignorar a possibilidade de que seus inimigos poderiam estar observando, esperando para atacar, logo na primeira chance.

— Vamos cortar aqui. — Indicou, enrolando os dedos ao redor do braço de Morgan guiando-a pela multidão, rumo a uma loja de arcada coberta que levava para a rua onde tinha estacionado. — Ganhar tempo.

Ela disse algo em resposta, mas ele perdeu as palavras sob as centenas de vozes que se sobrepunham. Quando eles estavam mais próximos à arcada, a multidão se tornou horrorosa, pessoas se pressionando tão estreitamente que era até difícil respirar. A princípio Kierland ficou focado em manter seu domínio sobre o braço de Morgan, certificando-se que não se separariam, mas então ele olhou por cima do ombro e avistou sua expressão de pânico. Parando no meio da multidão, ele se virou e levou ambos os braços, puxando-a bem próximo.

— O que é isso? O que há de errado?

Ela tremia, os olhos nublados com medo, mas ela só gaguejou: — N-nada. É... Nada.

— Você está mentindo. — Rosnou, odiando aquele olhar quebrado em sua bela face banhada de suor. — Morgan, droga. Você está branca como um fantasma. Viu alguma coisa?

A multidão aumentava a sua volta como um oceano violento, pressionando-se em suas costas, empurrando-a contra ele, e ela ofegou, seus olhos estavam enormes.

— Não é possível... Não posso respirar. — Ela falou, e assustou-o como o inferno.

Pegando-a em seus braços, Kierland ignorou as mensagens indignadas das pessoas ao redor deles e começou a empurrar o seu caminho através da massa de consumidores, rosnando a quem não saía do seu caminho rápido o suficiente. Quando eles finalmente saíram da multidão, ele foi direto para o carro que estava próximo, assim que ele pode encontrá-lo estacionado na calçada da rua. Colocando-a sobre as longas pernas, correu as mãos sobre os braços em que ele esperava que fosse um toque suave calmante.

— Você está doente, querida? Venha. Fale comigo.

— Estou bem. — Murmurou, olhando para baixo, os cabelos protegendo o rosto. Kierland chegou a empurrar os fios pesados atrás da orelha, mas ela recuou. Ele recuou um pouco, tendo a outra mão em seu ombro, sentindo que ela precisava de espaço.

Esfregando a mão sobre sua boca, ele se perguntou o que diabos havia causado a ela um pânico como esse, enquanto uma onda de estranhos instintos protetores inundaram seu corpo. De repente tudo parecia estar mudando nele, transformando-se do lado errado, as percepções que ele sempre tinha tido sobre esta mulher, torcendo e virando. Apesar da dura aparência que ela tinha para o mundo exterior, resistente, corajosa, independente, ele estava começando a perceber que havia um núcleo de alguma coisa macia e suave nela. E talvez algo até um pouco quebrado. Algo que Morgan estava tentando esconder dele... Que ela não queria que ele conhecesse.

— Estou melhor agora. — Ela sussurrou, mantendo o rosto virado. — Podemos... Podemos só pegar o carro? — Kierland queria pedir uma explicação, mas sabia que ela não ia dar-lhe nenhuma.

— Tem certeza de que está pronta para andar? — Com a ponta do seu punho, ele levantou o queixo dela e estudou sua pálida face. — Você ainda parece um pouco verde.

— Provavelmente, apenas excesso de cafeína, mas eu estou bem. — Molhou os lábios e tomou uma respiração profunda. — Realmente. Vamos embora.

O Spider estava estacionado a um quarteirão abaixo, e depois de andar perto dela para se certificar de que ela não passasse mal de novo, Kierland abriu a porta do passageiro para ela, esperando até que ela estivesse presa com seu cinto de segurança antes de fechá-la. Ele atravessou a cidade, vagamente familiarizado com o seu visual, desde que ele tinha feito alguns trabalhos lá para o Conselho por vários anos. Querendo evitar o trânsito, dirigiu-se para uma estrada de duas pistas, com menor densidade populacional que circulava em torno da periferia da cidade, cortando por florestas, a terra ainda coberta com os restos remanescentes da última nevasca.

Quando saíram do centro da cidade, Kierland não conseguia parar de pensar no incidente no mercado, transformando o evento em sua mente em um enigma que ele precisava resolver. Ele não podia deixar de perguntar se o motivo era que Morgan estava ansiosa pela liberdade e espaço, por isso estaria à espera de sua vez de ir para Austrália, ela

não conseguia suportar estar cercada por pessoas. O guarda-costas tinha quase conseguido levar a melhor sobre ela no clube na noite anterior, o que nunca deveria ter acontecido. E ela se afastou das pessoas pressionando-se contra ele no mercado. Ele não conseguia lembrar-se de seu pânico por claustrofobia durante seu tempo na academia, mas ele supôs que ela poderia ter feito apenas um bom trabalho escondendo-o. Ainda assim, a volta de seu pescoço ficou com uma inquietante sensação, e ele sabia que não era a resposta. Nem era muita cafeína. Mas se essa não era a resposta, então o que era? Olhando pelo espelho retrovisor, uma cintilação na distância chamou sua atenção, e ele ficou tenso quando avistou um sedan prata elegante atrás deles vindo em uma velocidade perigosa.

— Merda.

Morgan estava olhando dentro de sua mochila a procura de alguma coisa, mas olhou para cima quando ouviu o palavrão bruto.

—O que há de errado?

Colocando o Spider em uma velocidade superior, Kierland pisou fundo no acelerador, mas a explosão de velocidade não foi o suficiente.

— Nós estamos sendo seguidos. — Forçou para fora através de seus dentes, sabendo que não iam ser capazes de superar os seus perseguidores.

—O quê? Você está falando sério? — Ela suspirou, girando em torno de seu assento para olhar pela janela traseira. O sedan prata ainda estava ganhando velocidade e se aproximando deles, o que significava que devia ter sido equipado com um inferno de um motor.

Porra, ele deveria ter estado preparado para isso. Se Kierland tivesse percebido que estavam sendo seguidos, mais cedo, eles poderiam ter tido a chance de escapar. Mas ele estava tão focado em Morgan, que parou de prestar atenção para o que estava acontecendo ao redor, e agora já era tarde demais.

— Segure-se. — Ele resmungou, percebendo que o sedan estava prestes a alcançá-los.

O ranger do impacto veio ao mesmo tempo em que faziam uma curva, batendo-os em uma grade protetora da estrada. Kierland lutou pelo controle do carro e conseguiu girar as rodas tanto que o veículo teve o impacto da batida próxima ao lado do motorista. O Spider ainda bateu lateralmente em dois pinheiros enormes, com o impacto os air-bags abriram-se. Usando uma das facas que carregava para esvaziar o air-bags, Kierland virou-se e rapidamente fez o mesmo com Morgan. Seu rosto estava virado para o lado, longe dele, seu corpo imóvel no assento, mas ele não podia ver sangue ou ferimentos óbvios. Ele encontrou seu pulso no lado do pescoço, e era forte e constante, e rezou para que ela estivesse bem.

Ele queria colocá-la em seus braços e verificá-la da cabeça aos pés para se assegurar de que ela estava bem, mas eles não estavam fora de perigo ainda. Não, pela aparência das coisas, quando ele olhou para fora da janela do lado do passageiro, eles ainda estavam bem no meio dela. O sedan prata parou no meio da estrada, a sua frente, bastante amassado, onde tinha batido contra o Spider. Quatro homens saíram do carro, cada um deles alto e musculoso, com ombros fortes e óculos escuros.

Uma vez que um emaranhado de galhos quebrados bloqueava seu lado do carro, Kierland abriu a porta de Morgan e passou seu corpo com o maior cuidado possível por cima dela. Posicionando-se na frente de Morgan, Kierland teve de lutar contra seu natural instinto

de mudar para forma de lobo quando os bastardos se aproximaram. Eles estavam em plena luz do dia em uma via pública, o que significava que virar animal para a batalha estava fora de questão. Deixou-o sem outra opção, pois ele não tinha uma arma com ele, puxou uma faca de sua bota, feliz de ter passado a primeira parte do treinamento no mês passado com Noah.

Embora Noah Winston tivesse sangue de um Casus correndo em suas veias, era muito diluído para ter qualquer impacto sobre a sua fisiologia, diferente dos seus gelados olhos azuis e em consequência, o ser humano não possuía quaisquer habilidades sobrenaturais lutando. Nenhuma garra ou presas ou força sobrenatural. Para compensar, Noah tinha treinado muito e duro com suas facas, e sua habilidade era impressionante. Tão impressionante que Kierland pediu algumas indicações, enquanto ele estava em Harrow House durante o mês passado. Graças a Noah, Kierland vinha praticando com as lâminas até que elas se sentissem como uma extensão das suas mãos, quase tão natural quanto suas garras e, quando estava com elas em punho, não se importava que estivesse em desvantagem pelos homens vindos em sua direção.

Ele faria qualquer coisa para levar os bastardos ao chão e poder levar Morgan para fora de lá. Quando o grupo se aproximou, vestidos com camisetas pretas e jeans, ele apertou os olhos contra o clarão da luz do sol brilhando em seus olhos, e tentou ver quem eram. Eles cheiravam a humanos, mas em forma humana, os Casus sempre cheiravam assim. O mesmo poderia ser dito para os Kraven. E já que eles estavam vestindo óculos escuros, tornava impossível ver a cor dos seus olhos, eles poderiam ser Casus, soldados extremistas, ou alguns dos Kraven que estavam trabalhando para Westmore. Não ia ser nada fácil saber até que a luta começasse e, ele tivesse a chance de determinar a sua força e habilidade.

— Lycan. — O mais próximo a ele zombou, uma longa lâmina presa em seu punho, Kierland adiantou-se, um instante antes dela atingi-lo, quando o som do guincho de freios encheu o ar. Os próximos sessenta segundos passaram em terror, enquanto ele observava um ônibus pequeno desviar do sedan que tinha sido deixado no meio da estrada. O motorista perdeu o controle, o ônibus se inclinou em duas rodas, e veio em linha reta na direção deles. Seus atacantes se espalharam, mas Kierland não prestou atenção para onde iam, girando sobre si para chegar ao carro e rasgar a correia do banco de Morgan.

Ele amaldiçoou, ciente do ônibus caindo sobre o Spider, o coração bombeava alto, soava como um trovão rugindo em seus ouvidos. Soltou um emaranhado de maldições em sua respiração, ele conseguiu pegar o corpo mole de Morgan em seus braços e pulou para o capô do carro, pulando nas árvores quando o ônibus bateu no lado do passageiro do Spider. A força do impacto arremessou-os na floresta, e Kierland torceu o corpo, protegendo Morgan dos galhos e da terra dura quando seus ossos rangeram contra um emaranhado de raízes e vegetação rasteira. Por alguns segundos, o ar continuou a ecoar com o som ensurdecido da batida de metal contra metal, por gritos frenéticos dos passageiros no ônibus.

Com um gemido baixo, Kierland sacudiu a cabeça, pensando que tudo parecia tão surreal, uma sequência de acontecimentos estranhos que o havia deixado deitado no chão frio da floresta, cercado pelo cheiro de borracha queimada e vapores hidráulicos, embalando uma Morgan inconsciente contra o peito. Seu coração não bateu durante um longo segundo que ele levou para rolar para o lado e deitá-la tão delicadamente quanto pôde, o medo de ter machucado seu corpo, o fez cair em um silêncio, duro, mortal. Então a cabeça virou-se para ele, levantando uma mão para sua têmpora quando ela deu um gemido suave, e ele tomou uma respiração profunda, estremecendo, a onda de alívio tão afiado que realmente machucava. Suas pálpebras vibraram, e ela lentamente abriu os olhos, piscou para ele quando Kierland ajoelhou-se sobre ela.

— O que aconteceu? — Ela resmungou.

— O carro foi atingido. — Tomando cuidado para não machucá-la, ele estendeu a mão e empurrou para trás os cabelos, encontrando um calo inchado em sua linha da têmpora. — Você bateu a cabeça. Provavelmente, na porta.

Tentando se sentar, ela disse: — Minha bolsa. Pegou a minha bolsa?

— Você não precisa dela. Droga, pare de tentar se levantar. Apenas fique deitada por um segundo.

Ela travou seu olhar no dele, uma carranca puxando sua boca macia.

— Eu quero as minhas coisas, Kier. O frasco que Gideon nos deu está na minha mochila. Você tem que voltar e buscá-la.

Sentindo que ela não ia desistir, ele murmurou algo como teimosa, mulher teimosa. Colocou-se em pé, em seguida, deu-lhe um severo aviso para ficar onde estava. Deixando-a sentada no chão, Kierland se moveu através do emaranhado de galhos quebrados até chegar aos lamentáveis restos do Spider, agora completamente encravado entre os dois pinheiros.

O ônibus estava encostado contra as árvores em um ângulo estranho, e Kierland podia ver a estrada através da longa fila de janelas ao longo da lateral do veículo. A cena na rua parecia o caos completo. Os passageiros ainda estavam se acumulando para fora do ônibus, outros vagueavam em torno da pista, as vozes alteradas, trocando suas versões do evento. E o sedan prata afastando-se apressado, com seus quatro ocupantes, o grupo claramente decidiu fugir diante da presença de tantas testemunhas.

Embora o Spider parecesse um pedaço de metal retorcido, Kierland foi capaz de encontrar a pequena mochila de couro de Morgan debaixo do banco amassado. Os passageiros do ônibus estavam muito ocupados verificando se alguém teve ferimentos graves, apenas alguns cortes e contusões, para tomar conhecimento dele procurando dentro do que sobrou do carro esporte. Ele pegou suas malas na parte de trás tendo que forçar os destroços, e deslizou as alças sobre sua cabeça, em seguida, rapidamente fez o seu caminho de volta para Morgan. Encontrou-a sentada com a cabeça encostada num tronco grosso de árvore, olhos fechados, rosto pálido. Sem lhe dar chance de protesto, Kierland inclinou-se e recolheu-a em seus braços, embalando-a contra o peito.

— O que você está fazendo? — Perguntou ela, descansando a cabeça em seu ombro.

— Carregando você. E antes que você perca seu tempo discutindo sobre isso, não vai lhe fazer nenhum bem.

— Tudo bem. — Concordou com um suspiro silencioso, e sua mandíbula apertada em seu fácil consentimento. Não que ele quisesse discutir, caramba. Mas sabia que o fato dela não querer uma briga se devia a enorme dor que ela devia estar sentindo. Como Lycantropo puro sangue, Kierland não era fácil de matar. O modo mais simples, mais infalível de acabar com sua vida era abrir o seu estômago, derramando suas entranhas.

Seu corpo podia lidar facilmente com a maioria das outras lesões, emendando-se rapidamente, apesar de tiros e facadas poderem tirá-lo de circulação por um tempo, se os ferimentos fossem severos o suficiente. Mas Morgan era diferente. A linhagem de sangue eclética de sua família tornou difícil certificarem-se exatamente quais características eram passadas para ela... E o que não era. Durante seus exames físicos na academia, os oficiais médicos foram capazes de verificar que seus poderes de cura eram melhores do que os dos

humanos, embora longe de ser tão eficazes quanto o da maioria dos mutantes. Eram, no entanto, completamente ignorantes quanto à forma de como ela poderia ser morta, o que representava uma visão maldita, mais complicada que seus colegas. Kierland andou cerca de quinze minutos, a posição mais profunda no bosque, antes que ela se mexesse novamente.

— Seu carro? — Ela perguntou, ainda, descansando sua cabeça contra seu ombro, seu corpo leve e relaxado em seus braços.

Abaixando-se para evitar um galho, ele respondeu: — Perda total.

— Desculpe. — Sussurrou a palavra suave contra o lado de sua garganta enquanto se retorcia para ficar mais confortável, e Kierland quase tropeçou sobre seus próprios pés. Tossiu para limpar a garganta.

— Não se desculpe. É certo como o inferno que não é sua culpa. — Levou um momento para contar a ela sobre o ônibus, assegurando-lhe que nenhum dos passageiros tinham sido feridos. Com o seu braço direito pressionado contra seu corpo, ela ergueu a mão esquerda e colocou-a no centro do peito, como se estivesse pressionando a palma da mão em sua pulsação.

— Mas era um belo carro. — Murmurou.

— Sim, bem, o carro pode ser substituído. — As palavras ásperas roçando na garganta, forçando-as para fora, e levou toda a concentração do Lycan para manter sua respiração, mesmo para controlar a resposta física por ter esta mulher provocante em seus braços, seu cheiro apetitoso recheando sua cabeça.

— Eu estou mais preocupado com você.

Ela respirou rapidamente, como se ele a surpreende-se com as palavras, e então ela perguntou:

— Quem eram eles? Os homens no carro prata? Ou devo dizer o que eram eles?

— É difícil dizer. — Resmungou. — Eles estavam usando óculos escuros, então eu não pude ver a cor de seus olhos. Poderiam ter sido extremistas, Casus ou mesmo Kravens. Bastardos. Todos eles têm o mesmo cheiro na forma humana. Infernos, poderia ter sido uma mistura de todos eles, pois eles estão trabalhando juntos agora.

Erguendo um pouco a cabeça, ela olhou para as árvores brancas pela neve.

— Onde exatamente estamos indo?

— Para a estação de trem que fica cerca de meia milha por essa floresta, no lado norte da cidade. Eu penso que há uma linha noroeste que nos levará a Hannover.

— Bom plano. — Murmurou ela, descansando a cabeça em seu ombro novamente. — Isso vai economizar tempo e chegaremos lá mais rápido do que sem uma condução. Por alguns minutos, não havia nada mais do que os sons de sua respiração e a brisa soprando através do inverno e, em seguida, ela suspirou, dizendo:

— Você pode dizer alguma coisa para me distrair dessa horrível dor de cabeça?

Olhando para baixo, Kierland afogou-se no olhar, cinza luminoso.

— Está muito ruim? — Perguntou, a preocupação palpável em suas palavras.

Ela começou a sacudir a cabeça, depois fez uma careta, a ação, obviamente, fazia a dor de cabeça piorar.

— Está melhor, mas eu poderia usar uma distração para não pensar sobre isso. Porque quanto mais eu penso sobre a dor, mais parece machucar.

Sua boca curvou com um sorriso lento quando ele pensou em algo para garantir que ela não pensasse na dor.

— Tudo bem. — Falou facilmente, olhando para frente novamente. — Eu estive pensando em algo que você disse ontem à noite, quando me disse para não te beijar quando eu cheirava a um par de prostitutas baratas.

Ela ficou tensa em seus braços.

— É o que você teria ouvido de qualquer mulher, eu acho.

— Eu apenas pensei sobre o fato de que você não disse que eu não poderia te beijar de novo. Apenas que não queria fazer isso quando eu estivesse perto de outra mulher.

Ela ofegou em uma respiração instável.

— Isso não é o que eu quis dizer, e você sabe disso. — Argumentou, as palavras suaves tremendo de emoção.

— Você estava louca. — Ressaltou ele, em tom leve.

— E?

Ele encolheu os ombros.

— É por que as pessoas estão menos propensas a mentir quando estão chateadas com alguma coisa. Mais frequentemente eles não têm tempo para filtrar suas palavras quando estão com raiva.

— Kierland.

— Sim?

— Cale a boca.

Uma risada baixa deslizou preguiçosamente de seus lábios.

— Hei. Você me pediu para dizer algo.

— Sim, bem, eu vou pensar melhor da próxima vez. — Murmurou. — E você pode me descer ao chão agora.

Provocadoramente, ele perguntou:

— É tão ruim assim, estar em meus braços? Você está preocupada que eu te deixe cair?

— Eu sei que os músculos de um Lycan podem lidar facilmente com meu peso e as malas, mas provavelmente seja melhor não me levar para a estação de trem em seu colo. Nós vamos chamar muita atenção.

— Eu vou colocar você no chão quando chegarmos à estação. Até lá, você vai ficar bem onde está.

— Faça do seu jeito então. Mas esteja avisado. Seu cavalheirismo poderá vir a ser um movimento perigoso. Quer dizer, eu poderia realmente começar a gostar de estar tão perto de você, e então nós realmente teríamos um problema. — Eram palavras suaves, quase perdidas na brisa de inverno. Mas elas trouxeram uma onda de calor a seu corpo que Kierland não pôde ignorar.

— Ótimo. — Resmungou, cedendo e baixando-lhe as pernas até tocar o chão. — Estamos quase lá, de qualquer maneira.

Eles caminharam lado a lado o resto do caminho, e Kierland fez questão de manter seu olhar dirigido para frente, não querendo que ela visse o calor ainda latente em seus olhos... Ou a fome, que com certeza ele não poderia disfarçar.

CAPÍTULO SEIS

— ISSO REALMENTE PASSOU PERTO demais para que eu possa me sentir confortável no momento. — Morgan murmurou, assim que caíram sentados em seus lugares no trem das 03h05 que faria uma parada em Hannover, antes de ir para o norte de Hamburgo. — Se esses caras do sedan eram Casus, quantos você acha que estão em nosso encalço?

— Muitos. — Kierland respondeu, inclinando a cabeça para trás enquanto estendia suas longas pernas. Ele havia comprado bilhetes de primeira classe, e até agora eles eram os únicos passageiros na área vip, o que significava que podiam falar livremente.

Depois de certificar que o pequeno frasco de vidro que Gideon tinha lhes dado não tinha sido quebrado durante o acidente, Morgan colocou sua mochila de couro próxima a seus pés. Quando se arrumou em seu lugar, soltou um gemido baixo, não querendo que Kierland soubesse o quanto tinha sido ferida no acidente. Sua cabeça foi gradualmente ficando cada vez melhor, mas ainda se sentia como se tivesse sido pisoteada por um cavalo.

— Eles tomaram alguns riscos, nos atacando em plena luz do dia. — Nossa unidade está se tornando um espinho em seu caminho, especialmente agora que estamos emprestando os marcadores, dando aos Merrick melhor acesso a eles. Eles provavelmente decidiram que não têm escolha, além de tentar nos tirar do caminho. O que significa que só vai ficar mais perigoso para nós daqui em diante. — Ele deslizou-lhe um olhar fechado a partir do canto do olho. — Ou eles só poderiam estar atrás de você. Os olhos de Morgan se abriram de surpresa.

— De mim?

Rolando seu ombro em um daqueles gestos completamente masculinos que parecia grande com todos aqueles músculos de dar água na boca, ele disse:

— Depois da luta que tivemos contra eles na Inglaterra no mês passado, eles provavelmente pensam que não iriam enviar uma das fêmeas sem um marcador como proteção.

— Bem, eu não estava disposta a toma-lo de Jamie. — Disse ela, franzindo a testa ao pensar nisso. — E os outros foram todos emprestados.

Após a campanha feroz que os Casus tinham montado para por suas mãos sobre Jamie, tinha sido decidido que a menina deveria manter um marcador em seu poder todo o tempo. Kierland fez o empréstimo de outros marcadores que sua unidade havia encontrado até agora. Ele tentou convencer o conselho a permitir que os marcadores fossem usados por qualquer Merrick despertado, pois realmente era quem precisava deles. Mas o conselho ainda arrastava os pés sobre a questão dos Casus e Kierland finalmente perdeu a paciência, e organizou um sistema por conta própria.

— Para quem você está ligando? — Perguntou ela, observando quando ele tirou seu telefone celular e começou a teclar um número.

Segurando o telefone no ouvido, disse:

— Para a linha principal de Harrow House. Eu não estou certo de qual tipo de recepção de telefone teremos uma vez que estamos indo para aquela região, e eu preciso alertar a todos para estarem em guarda.

Com a sua excepcional audição, e sua proximidade, Morgan sabia que seria capaz de ouvir cada palavra da conversa. Ela considerou brevemente colocar seu iPod para dar-lhe alguma privacidade, então, decidiu que não faria isso. Se ele iria discutir com qualquer um de seus amigos, porque não tinha avisado a ele que ela estava indo para Praga, ela queria ouvir.

A linha tocou três vezes e, em seguida, um sotaque profundo disse:

— Shrader.

Morgan inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, ouvindo enquanto o bonitão ao seu lado disse:

— Aiden, é Kierland. Nós tivemos alguns problemas. — O som de sua voz enviou um arrepio que deslizou através de sua coluna, e o canto de sua boca se contorceu com um sorriso irônico. O mundo poderia ser sangrento e estar caindo aos pedaços ao redor deles, e seu corpo ainda reagia ao timbre sexy de sua voz.

— Eu estava me preparando para ligar e dizer a mesma coisa.

O shifter de tigre era normalmente descontraído, no entanto o sotaque estava inconfundivelmente tenso, e ela abriu os olhos, sua respiração presa enquanto esperava, temendo o que o sentinela teria a dizer. Kierland curvou-se para frente em seu assento, apoiando um cotovelo sobre seu joelho, sua voz grossa, preocupada com o que pudesse ter acontecido.

— Noah foi atacado na aldeia. — Explicou Aiden. — Quinn e Riley foram para lá com Saige para buscá-lo. Eles só voltaram há poucos minutos atrás.

Soltou uma maldição e, em seguida Kierland perguntou o quão ruim eram as lesões do ser humano.

— Eles o estão atendendo agora, mas parece que ele vai ficar bem. — Aiden assegurou-lhe. — Eles tiveram que costurar alguns cortes, mas é só isso. Ele é um filho da puta sortudo, porque nenhuma das feridas atingiu uma artéria.

— Ele foi capaz de lhe dar todos os detalhes? — Kierland perguntou, os músculos em seus ombros largos tremendo com a tensão sob a cashmere macia da sua camisa. — Quem foi que o atacou?

— Dois homens. Ele acha que um deles era um Casus, o outro provavelmente fosse um Kraven. Eles o pegaram saindo pela porta lateral de um dos bares. Queriam saber como passar por nosso sistema de segurança. Parece que eles ainda querem Jamie. — Murmurou, sua fúria evidente no tom duro das palavras.

Depois de assassinar a mãe de Jamie, os Casus tinham descoberto que a maldição, o flagelo das bruxas Mallory realmente aumentava os prazeres sádicos dos assassinos. Westmore e os Casus já haviam conseguido sequestrar Chloe Harcourt, mas isso não havia sido suficiente para os monstros abomináveis, e eles se lançaram a uma desesperada caça para colocar suas mãos sobre Jamie, também. Trabalhando juntos, Morgan e os demais tinham frustrado suas tentativas, mas o que obviamente não prejudicou a determinação dos monstros em capturar a criança.

Kierland amaldiçoou novamente em resposta, e Aiden disse:

— São esses meus pensamentos também. Mas eu estou fazendo um diagnóstico sobre todos os sistemas de segurança que Kell instalou. Esses canalhas não vão chegar perto dela.

— Que diabos Noah estava fazendo sozinho na aldeia? — Aiden aspirou.

— O que você acha que ele estava fazendo?

— Cristo. — Kierland rosnou. — Da próxima vez que ele sentir necessidade de sair para transar, diga-lhe para levar algum maldito guarda-costas.

— Então, qual era sua notícia? — Aiden perguntou, mudando de assunto. — Como está Morgan? Vocês dois não mataram um ao outro ainda?

Deu um suspiro cansado e, em seguida Kierland explicou sobre o acidente.

— Eu quero todos em estado de alerta. — Acrescentou, depois que Aiden garantiu que todos já estavam. — Ninguém sai de casa.

— Você sabe que não podemos fazer isso. — Argumentou Aiden. — Há marcadores para localizar e a corrida já começou.

— Não será de grande ajuda se todos nós estivermos mortos. — Sentada ao lado dele, Morgan observou o pulsar de um músculo em seu queixo duro. Ouviu-se um riso através da ligação, e Aiden perguntou:

— Você realmente está preocupado comigo e com Quinn?

Houve uma pausa enquanto Kierland beliscou a ponta de seu nariz, e então ele rosnou de volta, antes de perguntar.

— Como está Olivia?

Podia se ouvir o riso na voz do sentinela quando Aiden disse:

— Estou tentando manter minhas mãos no lugar.

— Ela é boa para você, Ade.

Outro riso torto.

— Muito boa para mim, você quer dizer.

— Você merece uma mulher como ela.

— E quanto a você?

Embora Morgan tivesse virado a cabeça um pouco, ela pode sentir o olhar de Kierland vindo de encontro ao lado de seu rosto enquanto falava em um rico e irônico tom.

— Eu acho que eu tenho as mãos cheias dela.

— Você ainda está jogando esse mesmo velho jogo?

— Que jogo é esse? — Kierland perguntou.

— Aquele que você se recusa a praticar o que pregamos. — Retrucou o amigo. Fez Morgan imaginar onde o metamorfo queria chegar.

— Eu estou me saindo bem até agora. — Kierland disse secamente. — Mas me mantenha atualizado sobre Noah. E tente entrar em contato com as outras unidades. Eles precisam saber o que está acontecendo. — Aiden disse, em seguida, ao Lycan para voltar o mais rápido possível para casa antes de terminar a chamada.

— Você entendeu tudo? — Kierland perguntou, não olhando para ela quando levantou seu quadril e colocou o telefone no bolso do jeans. Por uma fração de segundo, Morgan

pensou em negar, mas depois percebeu que era inútil. Ele sabia de sua excepcional audição, sabia que tinha ouvido a voz de Aiden.

— Eu entendi a maior parte. — Disse a ele, cruzando suas pernas. Eles falaram um pouco sobre Noah e também sobre a gravidade dos ferimentos, Quinn e os outros provavelmente teriam que adiar as buscas, em seguida ela disse:

— Você sabe, com todo esse tumulto, eu me esqueci de te falar sobre o último sonho de Ian.

Assim como seu irmão e irmã, o irmão mais velho dos Buchanan possuía um dom único que se mostrara útil durante o seu despertar Merrick. Enquanto Saige poderia "ouvir" objetos físicos e Riley podia controlá-los com sua mente, Ian tinha a capacidade de experimentar momentos de premonição em seus sonhos.

— Ele teve outro? — Kierland perguntou, seu olhar focado no rosto dela com uma intensidade que teria mexido com sua concentração se Morgan não tivesse se forçado a desviar o olhar.

Ela assentiu com a cabeça, dizendo: — Aconteceu na noite anterior a minha vinda para Praga, então eu só apenas ouvi falar sobre isso. Quinn me pediu para lhe dizer, mas com toda essa loucura acabei esquecendo. — Do canto do olho, ela podia vê-lo esfregar as mãos pelo rosto, em seguida, raspar os dedos para trás, através de seu cabelo.

— O que diabos ele viu?

— Ele nos viu, todos de pé junto a uma porta, tentando passar, mas nós não tínhamos a chave.

— Uma porta?

Morgan esperou enquanto a notícia da partida do trem era anunciada pelos alto-falantes, então disse:

— Nós pensamos que poderia ser a porta para Meridian.

— O que ele viu no sonho?

— Uma porta maciça, de algum tipo de metal negro e reluzente, com marcações por toda ela que lembravam os símbolos gravados nos Marcadores. Que me fez pensar muito durante o voo para Praga. Uma das coisas que Saige disse, antes de eu sair de Harrow House ontem, foi que as cruzes são a "chave para tudo". Eu posso estar enganada. — Concluiu, dobrando uma perna sob o corpo quando se virou em seu assento para encará-lo. — Mas quanto mais eu penso sobre isso, mais eu acho que Saige pode estar certa no que ela imagina. Desde que vi como Westmore está desesperado para colocar as mãos sobre os marcadores, temos tentado chegar a uma conclusão. Uma de nossas suposições é que ele quer o dilúvio, uma forma de trazer todos os Casus de volta de uma vez, certo? E se elas são realmente a chave? Ou chaves? E se é por isso que ele as quer tanto?

— Você quer dizer que as chaves vão abrir a porta? — Sua voz ficou áspera com a surpresa.

Morgan assentiu, e ele perguntou:

— Você disse alguma coisa para os outros?

— Não. — Ela deu uma risada suave e abanou a cabeça. — Para ser honesta, eu não queria soar como uma idiota.

— Não, isso é bom. — Disse a ela, soando como se realmente quisesse dizer isso. — Quando voltarmos, precisamos sentar e conversar com todos. Eu acho que você teve uma maldita boa ideia, Morgan. — Um sorriso lento curvou sua boca, uma vibração estranha de calor surgiu em sua barriga, e no instante seguinte, algo mudou. O ar entre seus corpos tornou-se carregado... Pesado com a expectativa. O tempo tornou-se lento. Ambos se mexiam em seus lugares, seus movimentos ansiosos... Agitados, como se tivesse de repente lhes ocorrido que estavam sentados juntos, tendo uma conversa e... Realmente se dando bem.

Eles tinham mais quinze minutos antes do trem sair da estação, e quando o carrinho com os refrescos passou, Kierland comprou-lhes refrigerantes e chocolate. Mas a cafeína do refrigerante não os impediu de relaxar após a alta adrenalina do acidente. O balanço do trem finalmente a venceu e, Morgan estava exausta, mas muito nervosa para conciliar o sono. Em vez disso, ela se enrolou em seu lugar, descansando seu rosto em suas mãos dobradas... E olhou para o lobo.

A cabeça de Kierland havia se inclinado na direção dela enquanto cochilava, deixando-a livre para analisar seu lindo rosto. Ela nunca tinha percebido como ele parecia um menino quando a tensão não estava endurecendo seus traços. E, no entanto, era definitivamente o rosto de um homem. A mandíbula forte. O nariz longo que tinha tido a sua quota de violência. Mas havia certa suavidade. Os lábios sensuais, entreabertos por sua respiração lenta. Longos, cílios que qualquer mulher adoraria ter. Por poucos minutos, Morgan estudou o queixo escurecido pela barba por fazer em sua mandíbula, os cabelos macios nas têmporas e as escuras sobrancelhas. Ela não conseguia guardar o suficiente dos detalhes, deslumbrada por eles de uma maneira que nunca pensou ser possível.

Ele cheirava tão bem. Logicamente, Morgan sabia que não só o cheiro, mas também o sabor... Estava disposta a apostar sua vida que Kierland teria um sabor divino. Ela podia sentir seu perfume em sua língua, nos lábios, enchendo-lhe a boca, lembrando-lhe o beijo da noite anterior. Pensando em se auto preservar tentou não pensar nisso, mas era como tentar convencer o seu corpo de que não precisava de ar. A maneira como a tinha tirado do mar de pessoas no mercado, e do carro destruído no acidente, pesando em seus sentidos, quando se deu conta sua boca já estava pressionada contra a testa dele, um sussurro escapou dos lábios dele bem baixinho. Morgan esforçou-se para ouvi-lo, mas ele tinha ficado em silêncio novamente.

Por apenas um momento fugaz, ela sentiu-se transportada de volta ao curto período de tempo, quando eles tinham sido amigos e ele era a única pessoa no mundo que a tinha feito se sentir segura. Quando tinha tanta certeza de que ele cuidaria dela e acreditava que o futuro iria revelar-se tão diferente do que era agora. Claro, Morgan poderia facilmente se lembrar do dia que tudo tinha mudado, quando ele lhe apresentou sua namorada. Deus, ela ainda podia lembrar o momento em que conheceu Nicole com clareza cristalina, tal como se acabasse de acontecer. A garota era o oposto completo dela, com cabelos loiros e um corpo pálido pequeno que era toda suavidade e curvas. Ela havia sorrido para Morgan, brilhando de felicidade quando confessou que tinha perseguido Kierland por anos... E finalmente conseguido agarrá-lo algumas semanas antes. As palavras faladas encheram a cabeça de Morgan, a dor em seu peito foi esmagadora, e não podia demonstrar, então sorriu e trocaram gentilezas.

E então ela correu. Direto para os braços de Ashe Granger. Apesar de Morgan ainda não entender como aconteceu, ela de alguma forma chamara a atenção do lindo Deschanel, pouco depois que ele concordou em ajudar na academia. Ele tinha sido a escuridão diabólica enquanto Kierland era a luz dourada, deixando-a incrivelmente nervosa, e ela e o vampiro haviam se tornado amigos durante a sua formação. Ashe deixou claro que queria ser mais, mas até o dia em ela havia conhecido Nicole, todo o foco de Morgan tinha sido sobre o Lycan. E quando ela correu para Ashe depois, precisando dele para abraça-la e tirar a dor violenta, ele não riu dela ou a tratou como uma conquista. Na verdade, ele tinha sido inacreditavelmente carinhoso com ela, foi surpreendente, considerando sua sórdida reputação de uma só noite.

Morgan nunca entendeu porque Ashe foi tão diferente com ela, mas ele foi. E ela não tinha nenhuma dúvida de que ele foi fiel a ela durante seu breve namoro. Apesar de sua sexualidade, escura e devastadora, não foi Ashe quem não pode comprometer-se a uma mulher, simplesmente, por que ele nunca quis. Na verdade, Morgan ainda acreditava que ela poderia mesmo ter tido uma chance com o belo vampiro, carismático, se a vida dela naquele momento não tivesse sido preenchida com tanta agitação. Em primeiro lugar, seu coração foi partido por Kierland e, em seguida tudo tinha escorregado para a loucura quando Nicole foi morta por um ninho de vampiros desonestos e Kierland e seus estagiários foram caçar. Poucos dias depois da morte de Nicole, Kierland tinha descoberto sobre seu relacionamento com Ashe... E o Lycan tirou a sua própria conclusão sórdida. E depois disso, as coisas nunca mais foram às mesmas entre eles. Morgan ainda estava perdida nas memórias dolorosas, os olhos pesados, a deriva no estado lânguido da metade sonolenta, quando de repente um gemido baixo de Kierland a trouxe de volta a consciência.

— Kierland? — Ela sussurrou, pegando seu rosto. Tocando-o com seus dedos sua mandíbula, ele novamente gemeu, o som baixo derretendo seu coração. Ele fez com que uma explosão suave de preocupação tomasse forma dentro dela com o som puramente masculino de aflição. Tolo, e, ainda assim, Morgan não poderia ajudá-lo a se livrar da preocupação inequívoca que aguçaram seus traços masculinos quando estavam na floresta. Inclinando-se, ela passou suas mãos pelos fios de seda do cabelo ruivo e pelo calor úmido de seu rosto, e disse seu nome novamente. — Kierland...

KIERLAND ESTAVA SONHANDO, PRESO em camadas opressivas do sono que eram impossíveis de quebrar, como um inseto tentando lutar para se ver livre de uma teia de aranha. Ele sabia que era um sonho, no entanto, ele não podia retirar-se de volta a consciência. O pesadelo estava sugando-lhe, apesar do quanto ele estava lutando contra a sua atração inexorável. Apesar do quanto ele não queria ver a cena diante dele. Era muito nítida, a definição tão clara como tinha sido há tantos anos atrás, quando ele estava em pé em sua cozinha em casa, assistindo o impossível acontecer.

— Não me deixe. — Sussurrou em voz baixa, olhando a vida de sua mãe escorrer.

Seu pai estava sobre o corpo ensanguentado de sua mãe quando falou: — Nunca ame, Kierland. O amor destrói até mesmo o bastardo mais resistente.

Então, seu pai tinha colocado suas garras sangrentas em seu próprio intestino, derramando suas entranhas para fora sobre o chão. Kierland tinha estado lá, seu pequeno corpo congelado de horror, enquanto a mancha vermelha em torno de seus corpos

destroçados se espalhava como uma mancha, chegando cada vez mais perto... Avançando em direção aos seus pés.

— Kierland, droga, acorda! — As duras palavras foram seguidas por um conjunto de mãos femininas segurando seus ombros e sacudindo-o violentamente. Seus olhos se abriram, e em vez da cozinha coberta de sangue, ele encontrou Morgan inclinando-se, os olhos cinzentos cheios de preocupação gritante. Ela levantou a mão para acariciar seu rosto, sua voz tão suave e calma quando disse:

— Você estava tendo um pesadelo. Isso é tudo. Só um sonho mal. — Sua garganta estava apertada, sua respiração ofegante empurrando em suspiros. Ele ainda podia sentir o cheiro metálico de sangue, mas ele rangeu os dentes, não querendo pensar sobre o sonho ou sobre seu pai ou o passado. Ele só queria ficar olhando para Morgan, respirando lufadas do seu cheiro quente e delicioso. Ela fez mais daqueles sons suaves, como se estivesse falando com uma criança, mas ao invés de acalmá-lo, fez seu coração trovejar, batendo mais rápido... Mais forte, algo primordial e selvagem crescente dentro de si, exigindo libertação. Exigir as coisas que ele quis por tanto tempo. Era como uma grande onda caindo sobre ele. Uma força violenta da natureza que não podia ser restringida ou controlada. Kierland sabia que no instante em que percebesse o que estava por vir, ela começaria a recuar, mas ele colocou suas mãos firmemente em torno de sua cabeça, puxando a boca contra a sua. Seus dedos estavam emaranhados em seus cabelos sedosos, seus lábios cavando um doce caminho quando lambeu o interior da boca dela, um áspero, explícito beijo e de repente o perfume mais delicioso que ele já tinha sentido estava enchendo seus sentidos, arrancando um espesso, som gutural de seu peito.

Nesse momento, o Lycan soube que ele a pegou de surpresa, e ela se esqueceu de colocar seus escudos. Ele poderia cheirar o desejo crescente dela em sua pele quente, fascinante e exuberante, dizendo o quanto ela o queria, e essa certeza explodiu no alto de sua cabeça. Ele não estava pensando, estava agindo puramente por instinto, e se sentia bem. Melhor do que bem. Porra, se sentia incrível. Mantendo uma mão na parte de trás da cabeça dela, Kierland alimentou a respiração irregular em sua boca, enquanto a outra mão deslizou para baixo pela coluna, curvou em torno de sua bunda quando ele a puxou contra si, os seios esmagados contra a parede sólida de seu peito.

Ela engoliu em seco o seu nome, e ele a beijou mais, devastando sua boca, ela estava apavorada ia dizer-lhe para parar. Grata a sua própria força de vontade quando ele de repente virou as posições, empurrando-a profundamente no canto de seu assento, seu corpo inclinado sobre o dela, seus quadris firmado entre as coxas dela. Com uma mão continuava embalando sua cabeça, ele usando a outra mão para segurar-lhe o quadril enquanto se empurrava de encontro a ela, e ela nunca tinha estado tão agradecida à privacidade em toda a sua vida quanto naquele momento, o resto do vagão ainda estava felizmente vazio de passageiros.

Com um rosnado profundo no peito, ele mantinha seu corpo próximo enquanto devorava a boca de Morgan, alimentando-se dos suspiros de prazer que se espalharam a partir de seus lábios, seu pênis tão duro que podia sentir a marca de seu zíper morder sua carne rígida.

— Venha para mim. — Murmurou, sua voz áspera com o desejo e a excitação enquanto a puxava para trás o suficiente para olhar em seus olhos. Rolando seus quadris, ele apertou o cume de seu pênis contra o clitóris, o peito arfante, enquanto observava o rosto dela

ficar deliciosamente rosa, tornando-se úmida com o calor. — Eu quero ver seus olhos quando você gozar pra mim.

Ela afundou seus dentes em seu lábio inferior, sacudindo a cabeça, lutar contra ele.

— Eu não posso. — Gemia, os olhos piscando com faíscas de fogo selvagem, de sua necessidade.

— Você pode. — Sua voz baixa, as cordas guturais do lobo fluindo. — Dane-se. Eu preciso disto.

Ela estremeceu, olhando para ele, com cuidado e confusão, o olhar em seus olhos vulnerável... Macio.

— Eu também preciso. — Sussurrou, chocando-o, a expressão tranquila causando estragos no controle de Kierland.

Ela levou uma mão em concha ao lado de seu rosto, a outra mão curvou em torno do calor úmido na parte de trás do pescoço. Puxando-o para si. Ela disse:

— Só não me deixe. Não me deixe...

As palavras sussurradas, que o lembravam de seu pesadelo, bateram como um martelo, o golpe trazendo-o de volta a seus sentidos.

— Merda. — Ele amaldiçoou, de repente, empurrando-a para longe dele, as mãos sobre os ombros rígidos.

Ela piscou para ele, sua expressão uma mistura de choque, dor e descrença.

— O quê? O que é isso?

Kierland sacudiu a cabeça, incapaz de explicar, a sua respiração batendo tão forte que ele sentia como se o peito fosse explodir. Palavras engarrafando-se na garganta, mas ele as sufocou de volta.

Ele não estava disposto a sucumbir, e reabrir antigas feridas e até mesmo se o fizesse, não haveria nenhum ponto para ele, porque o passado não podia ser desfeito.

— Por favor. Fale comigo...

— Não. — A explosão da palavra tão próxima a fez estremecer, e ela baixou as mãos, drenando o calor para longe do ardor prateado em seus olhos, deixando uma fria pedra cinza em seu lugar.

Afastou-se por entre os assentos, e ficou no corredor, olhando para ela, enquanto milhares de expressões bailavam em seu rosto, refletidas de volta a ele no fundo de seus olhos. Curvou os dedos no topo das cadeiras do corredor, Kierland abriu a boca, querendo se desculpar. Dizer a ela que estava arrependido por ter agido como um louco. Mas ele não conseguia pronunciar as palavras. Tudo o que podia fazer era sacudir a cabeça mais uma vez, murmurando outra maldição afiada, e depois ir embora...

CAPÍTULO SETE

Complexo Kraven / Casus.

Domingo à noite.

DO LADO DE FORA da pequena cela feita de barras de ferro antigo, Ross Westmore passou uma mão pelo cabelo castanho claro e sorriu por sua boa sorte. Para um Kraven, uma espécie que tinha sido tratada um pouco melhor que escravos em toda sua existência, ele estava construindo um grande nome para si mesmo. A poucas celas abaixo, estava à bruxa Mallory Chloe Harcourt, que estava dormindo irregularmente, antes foi a sua mais recente adição à coleção. Ela era magra e bastante simples, mas era inestimável. Ambas eram. Na verdade estas duas mulheres eram sua “carta na manga”, preciosas para sua causa. Westmore valorizava tanto sua inteligência quanto sua crueldade, que sempre lhe foram úteis. Graças à pequena joia diante dele, foi capaz de roubar dois dos marcadores tão cobiçados debaixo dos narizes dos sentinelas.

Era tão doce, não podia deixar de rir toda vez que pensava sobre isso. Aliás, estava se divertindo tanto que estava disposto a ir em busca dos marcadores que os sentinelas já tinham encontrado, pela simples razão de que gostava de brincar com suas mentes. Fazê-los saber que podia adiantar-se a eles nessa corrida. Mas a evolução recente dos fatos obrigara Westmore a mudar seus planos. Agora que os metamorfo estavam compartilhando os marcadores entre seus irmãos tornando-os prontamente disponíveis para os Merrik despertos, para serem usadas contra os Casus, fora obrigado a decidir-se a agir.

Eles podiam ter frustrado suas tentativas, até agora, mas havia dado ordens de ataques à unidade sentinela do Colorado, e também que fossem mortos seus recentes aliados, os Buchanan. Apesar de seus inimigos estarem tendo uma maré de sorte até agora, mais cedo ou mais tarde eles iriam cometer um erro, e quando o fizessem, os Kraven e os Casus iam estar lá para aproveitar a oportunidade.

Westmore não estava preocupado, ele ainda tinha a vantagem. Afinal de contas, os sentinelas e os Merrick não tinham a menor ideia do porque ele queria os marcadores, também porque ele estava tão determinado a facilitar o retorno dos Casus. Pois era assim que ele queria, por agora. Quando a hora certa chegasse, tudo seria revelado, e eles estariam destruídos, mutilados e sangrando no campo de batalha, enquanto ele e os Casus inaugurariam uma nova era de liderança sobre os clãs... E eventualmente sobre o mundo.

E tudo graças ao cruzamento genético pouco comum de sua cativa. Ela estava deitada em sua pequena cama, tremendo de frio debaixo de uma pilha de cobertores. Claramente, estava com frio, o coração do outro lado do complexo estava fazendo pouco para aliviar a pressão do frio no ar. Meio psíquica meio Deschanel também estava com fome, mas ele sabia que seria melhor não lhe dar sangue. Ele precisava dela fraca o suficiente para controlar, mantendo-a apenas no limite da sobrevivência com os poucos bocados de comida que ele permitiu a ela ter.

Sentindo a sua presença, ela levantou a cabeça de seu travesseiro, olhando para ele através dos olhos de cor mais incomum que ele já tinha visto. Um puro cinza pálido dos Deschanel, mas com filamentos azul escuro, criando um hipnotizante efeito, lembrando-lhe de relâmpagos explodindo através de um céu de verão quente.

— Você sabe por que estou aqui. — Ele murmurou, dando um passo para mais perto das grades. Já era tempo de sua psíquica usar seus poderes e dizer-lhe onde os sentinelas estariam procurando o próximo marcador da morte.

Abaixando a cabeça novamente no travesseiro, ela se virou, dando-lhe as costas.

— E você sabe qual é a minha resposta. — Respondeu ela, seu inglês perfeito, sem qualquer traço de sotaque. — Não tenho nada a dizer, exceto que desejo que você morra e vá para o inferno onde você pertence.

Mantendo sua voz suave, ele disse: — Podemos ser civilizados, Raine. Podemos fazer uma troca?

— Pelo que tenho visto, não há nada de civilizado sobre os Kraven. Você é tão monstruoso quanto os Casus. — Ela sabia que ele era isso e muito pior, pois ela era uma Deschanel, e haviam sido os vampiros que tinham mantido a existência da raça de Westmore em segredo por tantos anos. Um segredo que tinha sido tão bem preservado, que nem mesmo o Conselho e seus sentinelas sabiam sobre os Kraven até Westmore ter lançado sua campanha para trazer de volta os Casus.

Caminhando ao longo da frente de sua cela, ele passou a mão ao longo das barras de ferro, seu tom suave completamente em desacordo com a advertência que suas palavras transmitiram.

— Se você me forçar, Raine, você sabe o que vai acontecer. Você realmente quer ser o brinquedo dos Casus de novo? Você quase não sobreviveu a sua última punição. Se você não tomar cuidado, sua impertinência vai ser a sua morte.

Ele viu como o seu corpo esbelto ficou rígido e sabia que tinha atingido exatamente onde queria, com sua ameaça. Ele não se atreveu a permitir que aqueles sob seu comando colocassem as mãos sobre a bruxa Mallory presa nas celas do subsolo, já que ela estava sendo guardada para Anthony Calder. O poderoso Casus que estava trazendo seus irmãos de dentro de Meridian, Calder estava trabalhando com Westmore para coordenar o seu regresso.

Mas enquanto Chloe Harcourt estava sendo protegida, esta vampira psíquica não estava livre do jogo, contanto que não a matassem.

— Diga-me onde está. — Comandou em voz cortante.

— Vá para o inferno. — Ela gemeu, encolhendo-se debaixo das cobertas. — Eu lhe disse ontem, a fêmea Merrick não terminou de decifrar o próximo mapa.

Tinha lhe tomado meses encontrar um médium com o dom único de Raine, de ver o passado e o presente, mesmo tão poderosa como era, havia ainda certas limitações para suas habilidades. Por um lado, ela só conseguia "ver" dentro do tempo de vida da pessoa que servia de base para suas visões. Assim, ela podia mentalmente agir como um "relógio", quando Saige Buchanan havia decifrado o mapa codificado que levavam aos onde lugares onde estavam escondidos os Marcadores das Trevas, ela não podia simplesmente "ver" onde os marcadores estavam enterrados, pois a pessoa que os tinha enterrado já estava morta.

Como resultado, ela era forçada a esperar até que Saige houvesse determinado o local. Assim que tivesse a localização, Raine passava-a para Westmore, como ela tinha feito duas vezes antes, era uma corrida para ver quem conseguia descobrir primeiro os marcadores. Os Kraven e os Casus... Ou os Sentinelas e os Merrick. Depois de uma sessão brutal, com quatro de seus soldados Casus, Westmore estava confiante de que Raine tinha aprendido a lição e agora

pensaria melhor antes de dar-lhe uma informação falsa e, ainda assim, ele não confiava nela para transmitir suas descobertas mentais. E era por isso que ele teve a certeza de adquirir um novo incentivo para ganhar sua cooperação.

Empurrando as mãos nos bolsos, ele apoiou o ombro contra as frias barras de metal, orgulhoso do fato de que estava lá, fazendo ameaças, exercendo todo seu poder. Ele não era o mais bonito dos homens, ou o mais fisicamente imponente, mas quando se era o único no controle, essas coisas não importam. E quando ela tinha vindo para essa cela, tinha sido definitivamente insolente, mas agora era ele quem estava no controle. Casualmente, como se não estivesse prestes a partir seu coração, ele disse;

— Esqueci-me de mencionar que encontramos o seu irmãozinho?

Sentou-se tão depressa que quase derrubou a cama, sua expressão aflita com o medo, quando os cobertores caíram de seu corpo pálido, expondo os seios pequenos que ainda não estavam curados de sua punição, a carne tenra ainda machucada e marcada com mordidas que começavam a desaparecer.

— Você não! — Ela chorou. — Isso não é possível! Ele estava escondido!

— Sim, bem, você ficaria espantada com as informações que se pode comprar quando se oferece o incentivo certo. Lucas não foi tão difícil de encontrar, uma vez que os nomes foram bem mencionados. — Deu-lhe um sorriso pequeno. — Você deveria se orgulhar dele, Raine. Ele é muito corajoso, para um menino de oito anos de idade. Ameaça matar-me cada vez que o vejo, o que é mais do que eu posso dizer sobre a irmã de vocês ela não parava de choramingar.

— Seu bastardo! — Ela gritou, tentando chutá-lo através das grades. Mas seu corpo nu estava muito fraco, e ela caiu no chão, batendo os joelhos nus contra o chão a pedra cinzenta. — Ele é apenas uma criança. — Falou numa voz entrecortada, as palavras suaves devastadas pelo desespero, com os ombros pendidos para frente, as mãos pequenas feridas em punhos apertados.

Westmore fez um som cantarolando baixinho, depois sacudiu a cabeça, o seu tom enganosamente suave quando exigiu: — Preste atenção cadela... Quando você tiver a leitura do mapa feita pela Merrick, diga-me imediatamente, Raine. Se eles acharem o próximo Marcador antes de nós, eu vou trazer o seu irmãozinho para você em pedaços, assim como fiz com sua irmã. Você me entende?

Ela assentiu com a cabeça, seu corpo tremia enquanto balançava para trás e para frente, os cabelos cor de mel emaranhados, sujos caíam em ondas sobre os ombros, quase atingindo o chão

— Boa menina. — Murmurou, apreciando vê-la de joelhos, intimidada por sua crueldade. Era o tipo de imagem que Westmore apreciava, e quando ele se virou, um sorriso curvava os cantos de sua boca. Assobiando baixinho, ele fez seu caminho ao longo das pedras gastas da escada que levava aos andares superiores, os sons crus do choro de Raine o acompanhando pelo caminho.

CAPÍTULO OITO

Weesp, Países Baixos.

Segunda à tarde.

— PRECISAMOS FALAR SOBRE algo. — Apesar de sua aparência calma, Kierland teve que empurrar as palavras abaixo pelos lábios, forçando-as para fora, enquanto seu coração batia como um animal acuado tentando fazer seu caminho através de seu peito. Ele estava sentado com Morgan em um bar na cidade holandesa de Weesp, à vinte minutos da unidade a leste de Amsterdã, cercados por uma enorme quantidade de clientes do bar. Eles tinham chego a Hannover na noite anterior, Morgan pode sentir que Ashe Granger já havia partido. Eles estavam cansados e Kierland ainda estava preocupado com a batida que Morgan havia tomado na cabeça no acidente por isso decidiram descansar um pouco e reservaram dois quartos em um hotel local.

Ele fez algumas ligações antes de ir para a cama, entrando em contato com Aiden novamente para ver como Noah estava passando, e soube que mais três mortes de Merricks tinham sido relatadas, bem como as mortes de dois sentinelas que se acreditava terem sido mortos por Caminhantes da Morte. Ele também conversou com Seth, que tinha finalmente chego aos Estados Unidos e se reunido a seus homens, mas não tinha havido qualquer nova informação para o soldado compartilhar.

Depois de tomar um longo banho quente, Kierland tinha passado à noite atormentado, torcido pela preocupação e frustração, a memória dos momentos quentes no trem com Morgan completamente enroscadas em sua mente. Durante horas, ele tinha repetido mentalmente aquele beijo escaldante mais e mais, analisando e observando, tentando descobrir o que havia acontecido para que ele sucumbisse a ela daquela maneira.

Sim, ele tinha sido pego de surpresa pelo sonho, mas o impulso visceral de necessidade que sentiu quando abriu os olhos e encontrou a face de Morgan tão perto de si... Foi incontrolável. Nesse momento, ele não se preocupou com o passado ou o futuro. Ele só queria a ela, mais do que ele jamais quis outra mulher.

E ainda queria. Quando finalmente voltou para sua cadeira e tentou pedir desculpa, ela se recusara a falar sobre o que tinha acontecido. Seu tom havia sido distante, murmurando alguma coisa sobre o assunto quando disse que não foi mais do que uma “reação ao estresse”, pelo que tinham passado. Então o ignorou completamente e enterrou-se em um livro que tirou da bolsa, mal dizendo duas palavras a ele enquanto tinham feito o caminho até o hotel.

Eles reuniram-se para o café de manhã, e após olharem sobre os mapas, Morgan havia determinado que Granger tinha ido, em direção a Amsterdã. Então, eles alteraram sua rota novamente, em direção ao oeste de Hannover. Foi um dia estressante de viagens em trens lotados, e eles finalmente decidiram saltar em Weesp, para que pudessem ter uma refeição quente.

A garçonete já havia retirado os pratos do almoço e a conta tinha sido paga, o que significava que era hora de Kierland dizer o que precisava ser dito. Uma parte dele sentindo-se, boquiaberta com o que ele estava prestes a fazer, mas ele não via outra maneira. Quando deitou na cama durante a noite, sem dormir por muito tempo, finalmente chegou a uma

conclusão. Ele tinha que tê-la. Era simplesmente isso. E ainda... Não havia nada de simples nisso.

Os restos de seu pesadelo ainda permaneciam em sua mente, causando pontadas de horror e tristeza, mas teve que encarar os fatos. Cedo ou tarde, a luxúria que sempre lutou para puxá-lo a esta mulher, o venceria. E ele preferia lidar com isso em seus próprios termos. Aviso de morte ou não, esta era a sua única opção. Kierland não podia estar perto dela e não tocá-la, como a noite passada tinha provado. Se pretendia sobreviver nos próximos dias enquanto continuavam a busca por seu irmão, então ele precisava fazer algum tipo de reclamação temporária sobre esta mulher. Era a única maneira que via para se impedir de enlouquecer.

Mas ele teria que ser inteligente. Teria de abordá-la de forma objetiva e racional, deixando claro, que era apenas liberação física, uma vez que se envolver com uma mulher como Morgan Cantrell em qualquer nível emocional, seria o maior ato de idiotice que ele poderia cometer. Recostado contra a cadeira acolchoada, Kierland viu quando Morgan aplicou o brilho labial cor de rosa, essa era a cor que ela sempre usava nos lábios, em seguida, empurrou para os cotovelos as mangas do suéter violeta. Enquanto ela checava as mensagens de texto de seu celular, ele pensava na proposta que ia fazer a ela. Sabia que não poderia tê-la feito antes, quando ela tinha sido uma estudante da academia.

O “sexo fácil” como opção simplesmente não teria sido possível, então, porque nunca seria capaz de tocá-la sem perder o controle e acabaria por mordê-la, marcando-a como sua companheira. Seu efeito sobre ele sempre tinha sido muito forte. Quando a conheceu, a atração física foi imediata, mas tinha sido mais do que isso. Uma vez que chegou a conhecê-la, Kierland descobriu que gostava de tudo nela. Sua força. Seu sorriso. Seu riso. Ele não tinha dúvida de que ao tocá-la teria sido para colocar uma marca permanente nela.

Mas agora eles tinham passado por muitas coisas. Seus erros. A morte de Nicole. Seu relacionamento com Ashe. Todos os amargos e desagradáveis anos de raiva em que tentara se convencer de que a odiava. Mas ela ainda quer você, o lobo sussurrou em sua mente.

Sua reação na noite passada com aquele beijo é a prova de que ela ainda anseia por você. Não era muito, mas Kierland iria considerá-lo. Agarrá-la com tudo o que tinha, até que fosse à hora de deixá-la seguir em frente e eles seguissem caminhos separados. Fechando sua mochila, ela olhou para ele, uma expressão interrogativa puxando suas sobrancelhas.

— Não bastava dizer que você tinha algo que queria falar comigo?

Kierland assentiu, e ela ergueu as sobrancelhas, esperando que ele fosse em frente.

— Eu preciso de uma mulher. — Resmungou, e teria rido pela rudeza da declaração se não fossem tiradas de seu maldito corpo atado pela tensão e luxuriante fome mal contida. Não havia nenhum espaço para o humor na mistura selvagem e volátil. Não havia espaço suficiente para se lembrar do que precisava dizer. Seus olhos abriram-se de surpresa, e ela se inclinou para trás, seu cabelo escuro deslizando em seu rosto enquanto se inclinava dando um olhar para os lados.

— Você teve duas mulheres na noite de sábado. Eu pensei que fosse suficiente para manter um homem por alguns dias. Mesmo um Lycan.

— Você sabe muito bem que eu não dormi com elas. Era...

— Isso não é assunto meu. — Falou rapidamente, erguendo as esguias mãos delicadas.
— Então, pare por aí e me poupe dos detalhes.

— Morgan, droga. Eu não toquei nelas.

— Se isso for verdade, então é só porque você não teve chance. — Afirmou, ríspida. Ela olhou ao redor do interior do bar, como se tentasse encontrar algo em que se concentrar, algo que não fosse ele. — Então esse é seu jeito de me dizer que precisa sair sozinho esta noite para pegar uma mulher? — Perguntou, revirando os lábios. — Porque se for assim, certamente você não me deve qualquer explicação, Kier. Eu estarei bem sozinha.

— Cristo, eu não estou falando isso para deixá-la sozinha. — Murmurou.

Ela enviou-lhe um olhar de nojo cômico.

— Bem, eu tenho certeza como o inferno que não vou estar junto!

— Morgan, droga. Eu não estava pedindo para você!

Ela cruzou os braços sobre o peito e olhou-o com cautela, o seu olhar sombreado pelo peso da suspeita.

— Então, seja claro para mim, porque eu não tenho ideia do que você quer de mim, Kierland.

— Você. — Ele rosnou, e era fácil de ouvir o tom duro da voz do lobo na palavra gutural, o animal esticava-se dentro dele, irritado com o ser humano limitando seu corpo. — Você é a única que eu preciso.

Ela piscou, olhando para ele como se lhe tivesse crescido uma segunda cabeça... ou relâmpagos saltassem para fora de suas órbitas. Com uma mão pressionada contra seu peito, ela ofegou e conseguiu responder.

— Isso é algum tipo de piada?

Um som de frustração partiu de sua garganta, e Kierland passou a mão pelo rosto, odiando que pudesse sentir a sensação de queimadura sob sua pele.

— Eu não estou dizendo a você que eu quero sair e encontrar outra mulher. — Murmurou, antes de olhar para fora através do bar lotado. — Eu estou te dizendo que quero você.

— Eu?

— Sim. — Seu olhar voltou para ela, e tudo o que ela viu em seus olhos fez a sua própria face ruborizar, uma flor selvagem de calor e cor em suas bochechas e ao longo da ponta de seu nariz.

— Eu não entendo. — Escolhendo, as palavras com cuidado, como se estivesse conversando com alguém que tinha perdido o seu controle sobre a realidade. E ao inferno, talvez ele tivesse. Kierland esfregou o nó de tensão atrás do pescoço, em seguida, fez uma confissão, corajosa.

— A verdade é que eu não estive com uma mulher desde que você veio para a Inglaterra com os outros.

PREOCUPADA QUE REALMENTE PUDESSE estar sonhando, Morgan beliscou-se debaixo da mesa e afundou uma garra curta em sua coxa. Quando o ferrão agudo de dor desapareceu, ela pode só se maravilhar com o fato de que ela não havia despertado em sua cama, sozinha, para descobrir que tudo isso era causado por algum tipo de cansaço ou stress pós-traumático. Mas Kierland ainda estava sentado em frente a ela, parecendo que queria comê-la viva, o cheiro provocante de fome, fazendo seu corpo reagir a ele.

— O que exatamente você está dizendo? — Ela perguntou, escolhendo suas palavras com cuidado. Estava ainda mortificada com as coisas que ele havia dito no trem. De forma nenhuma ela iria passar pelo mesmo embaraço por ler errado a situação. Ele levou um momento para responder, sua cabeça inclinada para frente e um pouco para o lado quando a olhou diretamente. Olhou para ela através de seus cílios densos, seu olhar comovente sobre suas características, olhos, nariz, boca, antes de retornar para os olhos. Finalmente, ele respondeu sua pergunta.

— Eu estou dizendo que eu não estive com outra mulher no mês passado, porque você era a única que eu queria pra mim. Ninguém mais. E eu estou dizendo que há ainda luxúria entre nós, assim como havia há dez anos. — As palavras a abalaram com a força bruta da emoção que mal podia acreditar ser real. — Não importa o quanto fosse errado. — Ele continuou a dizer. — Ou como desejamos que não existisse. Eu acho que é finalmente hora de colocar isso pra fora, de uma vez por todas.

Piscando, Morgan tomou uma lenta e cuidadosa respiração e molhou os lábios, enquanto seu sangue deslizava por suas veias como xarope quente.

— É... Na verdade, está admitindo que me queria. É isso Kierland?

Ele virou a cabeça mais para o lado, e fez uma daquelas expressões masculinas que tinham um olhar sarcástico e sexy como o inferno.

— Eu pensei que tinha sido bastante óbvio.

— E o que te faz pensar que eu queria você?

O canto de sua boca se contraiu, como se ele estivesse lutando contra um sorriso.

— Você realmente vai tentar negá-lo?

— Não. — Sussurrou, balançando a cabeça. — Mas... Eu era uma menina com meu primeiro amor adulto. Eu tinha estrelas nos meus olhos. Hoje eu tenho uma forte dose de realidade, e eu cresci. — O olhar tranquilo em seu rosto revelava mais do que queria.

Morgan pensou que ele iria questioná-la, retrucando sua resposta, mas ele não fez isso. Em vez disso, ele soltou uma respiração áspera e disse:

— Eu quero você embaixo de mim, Morgan, e eu estou cansado de fingir que não me importaria se isso nunca acontecesse. Porque é uma mentira. Eu me importo um inferno, em querer você e não poder te ter. Eu sempre te quis.

Deus, ela não podia acreditar que este era Kierland sentado a sua frente, falando assim... Abertamente. O homem nunca tinha sido tão claro antes, nem mesmo havia tentado beijá-la há tantos anos atrás, e agora estava afirmando que a queria. Ela curvou a cabeça, imaginando se ele sabia que algumas vezes tinha visto sua fome em seus belos olhos verdes.

Mas se isso era verdade, então por que ele tinha se envolvido com Nicole? Por que nunca disse a Morgan como se sentia?

— Você realmente acha que isso é uma boa ideia? — Resmungou, muito cautelosa para fazer as perguntas que realmente queria ouvir resposta.

— Eu te daria uma opção mais fácil se eu tivesse uma, mas eu não tenho. — A força bruta de seu olhar fez-se perturbador e quente. — O fato é que eu tenho pensado muito sobre isso, e essa é a uma maneira de eu ser capaz de trabalhar com Granger.

Ah... Ao inferno.

Morgan baixou a cabeça para frente e cobriu o rosto com as mãos, segurando-o imóvel, mesmo que ela estivesse tremendo em seu interior. Deus, ela deveria saber onde isso levava. Que iria tornar-se feio, como tudo sempre era entre eles. Lentamente, ela baixou as mãos no colo, um sorriso irônico autodepreciativo curvou o canto da boca.

— Isto não é sobre mim afinal, não é? Trata-se de Ashe. Isso são apenas ciúmes. — Havia uma onda de raiva em suas palavras quando ela disse: — Você não me quer, mas você não quer que ninguém me queira.

A voz de Kierland caiu sobre ela como veludo negro, seu olhar de pálpebras pesadas latente com a luxúria.

— Confie em mim — Ele disse lentamente. — Querer você nunca foi um problema.

— Algum tipo de preconceito contra vampiros, então? — Ela disparou de volta, se esforçando para não derreter sob o calor primordial de seu olhar. — Você não tem estômago para ver alguém da sua unidade com um vampiro?

A frustração fez com que a musculatura de seu corpo endurecesse, explodindo de encontro a ela como uma força física.

— Não me peça para explicar, porque eu não posso. Mas não é nada contra vampiros. Eu só estou... Droga, eu odeio isso. — Resmungou, dando um profundo suspiro trêmulo, disposto a se acalmar. A mão fechada em punho lentamente relaxando, e ele flexionou os dedos, colocando a palma da mão na mesa. Por um momento, tudo o que ele fez foi olhar para baixo, nas costas de sua mão, com os seus dedos longos e veias grossas, enquanto o bar continuava a oferecer um pano de fundo ruidoso de conversas. Finalmente, ele ergueu a cabeça e olhou nos olhos dela quando disse:

— Eu não quero brigar mais com você, Morgan. Eu só quero fazer sexo com você.

Loucura, o quanto essas palavras ásperas mudaram tudo. Sem mencionar o quanto queria acreditar nele. Como desesperadamente queria atirar-se por sobre a mesa e atacá-lo, ali mesmo no meio da pequena multidão. Mas as dúvidas e medos eram quase impossíveis de ignorar. Ela engoliu, e lutou para fazer o sentido das palavras serem assimiladas em sua mente.

— Se você está fazendo isso para me manter longe de Ashe, não é necessário, Kierland. Como eu disse antes, Ashe e eu somos apenas amigos.

Ele bufou, claramente não acreditava nela.

— Essa é a verdade, Kierland. Ele foi um amigo, quando eu precisei de um. Ele esteve junto a mim em um momento muito ruim na minha vida. Impediu-me de me deixar enlouquecer, e devo-lhe mais do que posso retribuir. Eu sei que vocês dois nunca se deram bem, mas ele não é o vilão que você faz parecer.

— Ele é praticamente um santo. — Murmurou sob sua respiração, e ela pode dizer que ele estava se esforçando para controlar seu temperamento.

— Não, ele não é um santo. — Ela concordou. — Mas ele não é mau, tampouco. — Ela baixou olhar, olhando para a superfície polida da mesa. — Eu não vou dormir com ele.

— Então, enquanto estivermos nesta missão, você vai dormir comigo.

O som das palavras devastadoras sacudiram uma risada curta e nervosa em seu peito, e ela olhou para trás, fascinada pela expressão, determinada nos ângulos ásperos do rosto de Kierland. Quando os raios de sol reluzentes derramaram-se através dos vitrais altos, despejando salpicos de cor em seu cabelo brilhante e corpo poderoso, ele realmente era a coisa mais linda que ela já tinha visto.

Molhando os lábios mais uma vez, ela balançou a cabeça um pouco para quebrar o feitiço, e tentou se lembrar de todas as razões pelas quais esta era uma ideia tão ruim.

— Em nome de Deus o que faz você pensar que vou concordar com isso?

— Nós vamos colocar esse desejo de anos para fora, Morgan. Você não acha que é hora de finalmente fazer algo sobre isso? — Ele perguntou em um tom rico e profundo. — Muitas coisas podem estar entre nós, mas sempre a quis a ponto de ficar fora de mim, e é ainda pior agora do que era antes. Estes dois últimos dias têm provado isso. Tanto como eu sei que você também gostaria de negar, mas a verdade é que você quer saber a resposta a essa questão talvez até mais do que eu.

— E a pergunta seria...

Ele se concentrou no rosto quente, com uma intensidade visceral predatória, e respondeu:

— Como vai ser quando eu estiver dentro de você.

Um arrepio correu através de seu corpo, derretido, quente e dolorido, sua expressão não deixava dúvida do que sentia, mas não podia deixar transparecer.

Morgan desejou poder ser sexy e sofisticada sobre intimidade, mas ela não era. Coloque-a num campo de batalha, e ela poderia lutar como uma vadia cruel contra o melhor dos guerreiros. Mas sentia-se perdida no meio de uma conversa sobre sexo, e enrubescceu como uma colegial, o coração batendo tão pesadamente que sabia que ele provavelmente poderia ouvi-lo sobre o barulho do bar. Era ridículo ficar tão nervosa em sua idade.

Por um lado, Kierland dizia essas coisas ultrajantes, seria suficiente para qualquer mulher socá-lo. E por outro... Ela nunca tinha sido íntima de um lobo antes. E Morgan tinha ouvido falar que era uma experiência que uma mulher jamais poderia esquecer. Lycans eram conhecidos por serem amantes insaciáveis, selvagens e vorazes. Tão agressivos quanto os Deschanel, quando seus animais eram despertados. Com esses pensamentos em mente, ela não conseguiu olhá-lo nos olhos quando disse:

— Eu ouvi coisas sobre Lycans, Kier. Há boatos de serem uma das raças mais agressivas... Quando se trata de sexo.

Uma pausa pesada. Uma lufada áspera. Então ele finalmente respondeu: — Você dormiu com um Deschanel, Morgan. Eu não pensei que você tivesse medo de sexo agressivo.

Ele estava certo sobre a reputação dos Deschanel, mas a verdade era que Ashe sempre tinha sido incrivelmente carinhoso com ela, consciente de sua idade e inocência... Preocupado em assustá-la se ficasse muito lascivo. Mas ela não iria admitir qualquer coisa sobre isso a Kierland.

— Eu não estou dizendo que estou com medo. Talvez eu só queira ter certeza de que você não vai se segurar e agir de forma diferente comigo. Por causa da minha linhagem.

Ele esperou até que ela deslizou seu olhar de volta para o seu antes de dizer:

— Eu sempre a considereei uma das mulheres mais fortes que já conheci, então não haveria razão para me segurar com você. — Seu peito tremia com um riso corajoso, que pareceu pegá-lo de surpresa, e um sorriso lento cruzou sua boca. — Duvido que eu possa me segurar mesmo que eu quisesse. E eu não quero. Estou pensando em fazer tudo que posso para me certificar que a experiência seja um impacto. Uma que você nunca mais vai esquecer.

Morgan reprimiu um gemido, tão excitada que mal conseguia ficar parada. Ele estava escondendo isso dela há tanto tempo, e, embora ela tivesse imaginado isso em suas fantasias, ver o ruivo sexy em fome total era muito delicioso para ser real. Mas ele estava mentindo, e ela sabia disso.

— O quê? — Perguntou ele, arqueando uma sobrancelha escura, quando viu as faíscas de acusação resplandecendo em seus olhos.

— Eu sei que não é verdade. — Disse a ele, encolhendo os ombros. — Ashe me contou o que aconteceu com esse ninho de vampiros desonestos. Que você se recusou a atacar com a unidade completa dos estagiários, porque você não quis me envolver. A única explicação que posso pensar é que você estava preocupado que eu pudesse pôr em risco a missão, porque eu não era tão puro-sangue como o resto de vocês.

— Granger fala demais. — Resmungou, empurrando uma mão pelo cabelo ruivo.

— Você não vai negar, então? — Ela perguntou com uma voz suave. — Que você pensou que eu era fraca?

— Eu já lhe disse que a considerava o aluno mais talentoso que eu já tive. — Rosnou com uma explosão de impaciência. — E eu não quero ficar aqui perdendo tempo falando do passado. Eu estou farto do passado. — Murmurou, e então de repente ele sacudiu a cabeça, um estrondoso riso derramou de seus lábios. — Ao inferno, eu sei que parece loucura, mas eu... Eu preciso colocar o passado atrás de mim de alguma forma e ir a partir daqui. Apenas, não posso fazer isso com... Com o que há entre nós, ainda pairando sobre minha cabeça. Juro por Deus, Morgan, eu vou enlouquecer se eu não tirar isto da minha cabeça.

Ela fez uma careta ao ouvir suas palavras. — Você faz soar como algum tipo de doença.

— Você é minha doença. E eu estou apenas tentando colocar em minhas mãos a cura. — Deu-lhe um sorriso profundo que era insuportavelmente bonito, e disse: — Ou talvez dependência fosse uma palavra melhor para você.

— E você está apenas tentando obter sua cura? — Ela perguntou, surpresa ao encontrar-se sorrindo para ele.

— Sim. Algo parecido com isso.

Era tão tentador apenas se deixar cair sob o encanto daquele sorriso diabólico que ele estava dando a ela, mas sabia o que poderia estar esperando por ela do outro lado.

— Se eu disser que sim. — Sussurrou, deslocando seu olhar para longe de novo. — Eu sei como você vai pensar Kierland. Depreciar-me-ia. Me chamaria de puta.

— Não. — Falou com voz áspera. — Isso não vai acontecer.

— Você...

Ele cortou-lhe a palavra, sua voz áspera quando exclamou: — Morgan, eu estou pronto a ficar de joelhos e implorar. Se for isso que você quer, apenas me diga. E eu faço.

— Se eu concordar, — Murmurou, tentando esconder o fato de que seu estômago estava dando cambalhotas. — Quando você quer... Fazer isso?

Sua resposta foi dura e rápida. — Agora.

Incapaz de esconder sua surpresa, ela olhou ao redor, seu olhar atordoado colidindo com o dele.

— Você não pode estar falando sério.

— Você acha que não? — Murmurou. — Nós vamos ser felizes se encontrarmos logo uma cama.

Mais uma vez, ela baixou o olhar, que era tão diferente do dele. Mas ela não podia ajudá-lo, a mudar isso. O calor selvagem de fome em seu lindo rosto estava derretendo-a. Fazendo-a sentir-se despojada e nua e completamente exposta. O que exatamente iria acontecer se dissesse sim a ele.

De repente, Morgan encontrou-se olhando para a forma como suas mãos grandes descansaram a palma para baixo sobre a mesa, imaginando como aquelas ásperas mãos masculinas seriam se estivessem em seu corpo. Imaginando os longos dedos dentro dela, tocando todos os íntimos lugares que sempre desejara ser tocada por esse homem. Ele tinha as mãos bonitas. Não só bonitas, mas grandes... Marcadas com cicatrizes. Com a pele bronzeada. Poderosa... Forte. Ela sabia, sem qualquer dúvida, que essas mãos eram mais do que capazes de fazê-la gritar de prazer.

E oh... Deus estava realmente pensando em concordar com essa ideia louca? Com o fôlego rápido, constrangida, Morgan levantou seu olhar, olhando profundamente em seus olhos de pálpebras pesadas, e sabia que não tinha nenhuma outra escolha. Seus lábios estavam dormentes, mas de alguma forma ela conseguiu formar as palavras que queria dizer.

— Eu... Tudo bem. — Disse em um sussurro suave, trêmulo. Quase demasiado baixo para ser ouvido. — Eu... Eu acho que você está certo. Devemos... Limpar o ar, por assim dizer.

Ela meio que esperava ele se regozijar ou que desse uma gargalhada ou lhe dissesse que foi algum tipo de piada de mau gosto. Mas ele não disse nada. Nem uma palavra. Em vez disso, o Lycan se levantou e pegou sua bagagem debaixo da mesa, colocando as alças sobre os ombros largos. Então ele estendeu a mão, pegando-a pelo pulso e puxou-a para fora do bar atrás dele.

— Onde estamos indo? — Ela ofegou, olhando os raios luminosos de sol do fim da tarde quando pisaram na rua movimentada.

— Para um quarto.

Isso foi tudo o que ele disse. Apenas essas três palavras ásperas. Quando ele desceu para a calçada movimentada, ela correu para acompanhá-lo. Morgan sabia que está era a coisa mais excitante, assustadora, deslumbrante que já tinha ouvido.

CAPÍTULO NOVE

KIERLAND TINHA ACABADO DE entrar no quarto de hotel, havia se segurado para não trazer Morgan junto a si, desde a rua. Mas, com a porta fechada, parou de lutar, e permitiu que a fome o tomasse. A luxúria furiosa tingida de desejo que ele tinha confessado no bar estava de repente olhando-a cara a cara... E ela quase entrou em pânico.

Morgan cambaleou para trás, não para correr dele, mas precisando de algum espaço para respirar... E pensar. Kierland interpretou errada sua intenção, disse uma única palavra desesperada quando deixou as malas caírem no chão.

— Não.

Então ele se moveu tão rápido, que Morgan não podia sequer lembrar-se de vê-lo atravessar a sala, mas de repente ele estava lá, arrastando-a até a cama, caindo sobre ela, esmagando-lhe o corpo, seu peso enorme fixando-a ali. Por uma fração de segundo Morgan preocupou-se que o pânico que muitas vezes vinha quando se sentia acuada em lugares lotados ou confinados, tomasse conta de si, arruinando o momento. Já tinha acontecido antes durante o sexo. Desde a horrível noite, quando as coisas tinham ido tão terrivelmente mal há dez anos, ela não tinha podido ter o peso de um homem em cima dela. Não apenas no tempo que tinha estado com Ashe, mas também com alguns outros amantes que tinha tido ao longo dos anos. O sentimento de estar presa sempre ameaçou levá-la de volta para as memórias que ela trabalhou tanto para esquecer.

Mas o peso de Kierland não a fez sentir medo ou sufocada. Ele fez sua fome... Gananciosa, e ela colocou os braços sobre os ombros largos, agarrando-se em sua camiseta, querendo mais dele, necessitando... Tudo o que ele tinha para dar. Os lábios de Kierland encontraram os dela, ao mesmo tempo duros e macios, o calor deles depois de estar fora no frio da noite arrancou-lhe um suspiro. Com seus longos dedos curvados em torno de sua cabeça, mantendo-a presa, beijando-a como se estivesse fazendo amor com sua boca. Então empurrou seu quadril entre as coxas de Morgan, forçando as pernas a se abrirem, a crista de sua ereção movendo-se contra o calor da mancha úmida de seu sexo. Com um som gutural, ele empurrou o seu pênis coberto pelo jeans contra ela em um movimento que o teria levado incrivelmente profundo, se não fossem as camadas de roupa frustrantes que separavam seus corpos, e ela se arqueou em resposta, agarrando-se em seus poderosos ombros.

É muito bom, pensava ela, perguntando se era possível se consumir em combustão espontânea tamanha era sua luxúria. Ele gemia seu nome, alimentando um rosnado feroz em sua boca, e passou uma mão pelo cabelo dela. Seus dedos tocaram a curva de seu rosto, passeando por toda sua mandíbula, pelo lado sensível de sua garganta e pela frente de sua camiseta antes de se fechar em torno da curva de seu seio, seu polegar encontrou o mamilo e esfregando-o com um toque forte, agressivo. Tremendo, Morgan enrolou as mãos em torno da nuca dele, onde a pele quente e sedosa se encontrava com o cabelo curto e úmido. O calor dele queimou a palma de sua mão, e ele estremeceu sob seu toque, empurrando duro novamente, a mão moldada em seu seio. Sua língua deslizou sugestivamente contra a dela, tornando o beijo selvagem e cru, em seguida, uma maldição rasgou de sua boca, soando baixa e gutural. Puxando-se para trás, levantou da cama, com as mãos fechadas ao lado de seu corpo. Seu peito saltou enquanto ele estava em pé ao lado da cama, olhando para ela com a força de todo o fogo do inferno. Ele parecia atormentado... Pela dor, sua voz era um rasgo grave quando disse:

— Tenho que ir mais devagar.

Morgan empurrou-se para cima com os cotovelos, os cabelos caindo sobre um lado de seu rosto.

— O quê? Por quê?

— Por que esperei demais por isso, para deixar que acabe em questão de segundos. — Falou entre as respirações duras, com as mãos fechadas tentando conter a dura e grossa ereção debaixo de sua calça jeans.

Morgan queria vê-lo nu. Desesperadamente. E, aparentemente, Kierland queria a mesma coisa, uma vez que suas palavras seguintes foram: — Tire a roupa.

Ela começou a sentar-se, mas ele balançou a cabeça, dizendo: — Não. Aí. Deitada. Eu quero ver você tirá-la assim.

Sua respiração estava ofegante, mas ela baixou de volta para a cama, e começou a fazer o que ele disse, pegando a bainha de sua camiseta e puxando sobre sua cabeça. Seus movimentos eram desajeitados pelo nervosismo, não tinha planejado um strip-tease para atraí-lo com sua graça feminina, mas ele não parecia se importar. Ele não se mexia, exceto pela flexão das mãos, como se estivesse lutando contra o desejo de se abaixar e agarrá-la. Morgan nunca, em toda a sua vida, sentiu-se mais desejável do que naquele momento intensamente provocante. Era loucura pensar que alcançaria tal intensidade de sentimentos com um homem que nunca tinha encostando-se a ela.

— Está tomando pílula? — Ele grunhiu, seu olhar travado em seus dedos enquanto ela começava a abrir o botão de metal em seu jeans.

— Sim.

Ele não tinha que perguntar sobre testes ou exames de sangue, e nem ela, desde que doenças sexualmente transmissíveis não afetavam sua espécie. Assim, com a questão de controle de natalidade fora do caminho, eles estavam livres para seguir. Quando Morgan empurrou seu jeans para baixo por suas coxas, chutando-os longe, pensou que poderia morrer se ele não comesse logo. Ela se sentiu coberta, por uma espécie de corrente elétrica que foi surgindo através de suas veias, incapaz de desviar seu olhar de fome para longe de sua surpreendente, hipnotizante e pesada ereção marcada contra a frente de seu jeans. Alcançando o fecho na frente de seu sutiã, ela disse:

— Eu o quero sem sua roupa, também.

Ele deu um aceno de cabeça, com o olhar colado em seus seios enquanto ela descobria-os. Ele pegou a bainha de sua camiseta e tirou pela cabeça.

— Tire-a. — Murmurou, empurrando o queixo em direção à calcinha preta que ela vestia.

Mordendo o lábio inferior, Morgan levou os dedos ao cócs da calcinha e começou a baixá-la por suas coxas, sua atenção focada no peito rígido descoberto. Ela levou um momento babando na beleza escandalosa de seu peito, deslumbrada com o dourado da pele esticada sobre as lajes maciças de músculo, a dispersão das cicatrizes só adicionava perfeição. Ela amava seus mamilos marrons escuros e a forma dos ossos de seu quadril, mas o estômago plano era seu favorito. Ela queria correr a língua sobre os sulcos profundos, beijá-los e descer através dos pelos sedosos que faziam uma trilha em direção à sua virilha, desaparecendo abaixo da cintura

da velha calça jeans. Ela jogou sua calcinha para o lado da cama no mesmo instante as mãos fortes de Kierland começavam a se desfazer do jeans, e Morgan simplesmente esqueceu-se de respirar.

Era impossível desviar o olhar dele, não que ela quisesse. Seu pulso rugiu em seus ouvidos quando ele empurrou o jeans para baixo por seus quadris, juntamente com a cueca de algodão branca, e tudo o que podia fazer era olhar para o grosso e cumprido pênis, sentiu um arrepio subindo pelo estômago, sua boca abriu em busca de ar, o rosto queimou em calor. Ela sabia que não deveria ter ficado tão surpreendida por seu tamanho, considerando que Kierland era enorme em toda parte. Essa obscura parte masculina de seu corpo era apenas em proporção ao resto do corpo, mas, mesmo assim, ela tinha certeza de que estava tendo algum tipo de temor induzido por um ataque cardíaco.

— Suba mais na cama. — Murmurou. — Vá mais para o meio do colchão.

Ele agarrou sua ereção com uma mão dura, alisando o comprimento de seu pênis pesado enquanto Morgan se arrastava desajeitadamente para trás, deslizando ao longo do edredom acolchoado. Morgan lambeu os lábios, querendo tocar com sua língua a gota que aparecia na fenda da cabeça escura de seu galo. Querendo tê-lo em sua mão e sentir a pele quente e aveludada contra a palma. Sentir o pulsar de seu sangue correndo pelas veias grossas. Ele empurrou o queixo em direção a ela novamente, e disse:

— Agora, afaste as pernas. Deixe-me ver isso.

— Você gosta de dar ordens, não é? — Ela sussurrou, insuportavelmente desperta por sua atitude agressiva. Morgan nunca teria imaginado que fosse possível, mas parecia que estar sendo dirigida na cama por um lindo Lyan. Ou talvez fosse apenas por estar sendo dirigida na cama pelo escandalosamente sexy Kierland Scott. O que significava que tinha alguns problemas sérios. Ele podia estar olhando para ela como se quisesse a comer viva, como se não pudesse esperar para descobrir qual era o gosto dela, em todos os lugares, mas ela precisava se lembrar de que isto era apenas sexo para ele. Uma maneira de ele satisfazer a sua curiosidade sobre o que nunca teve, de modo que pudesse colocá-la no passado e seguir em frente. Morgan não podia se dar ao luxo de se perder em emoção. Não podia se permitir qualquer emoção em tudo isso.

— Faça-o, Morgan. — Sua voz, rouca grosseira deslizou em seu sistema como uma droga, hipnotizante em seus sentidos. — Abra suas pernas para mim.

Morgan soltou a respiração com um som constrangedor quando levantou os joelhos em uma pose explícita, mostrando-lhe a carne rosa molhada entre as coxas. Seus olhos se estreitaram, seus cílios grossos deixando sombras pontiagudas em sua face esculpida. Seu corpo parecia se expandir, sua pele esticada sobre os músculos duros. A maneira como ele a olhava... Era como se tivesse lhe mostrado algo impagável. Algo precioso e deslumbrante. Sentiu necessidade de dizer algo antes que começasse a chorar, e isso teria sido constrangedor, então ela lhe disse:

— Eu vou deixar você mandar em mim por agora. Mas vou ter minha vez, eventualmente. Basta estar avisado de que você não é o único que gosta de tomar o controle.

O canto de sua boca se contorceu com um sorriso.

— As mulheres fortes me excitam. — Murmurou, as palavras com evidente duplo sentido. — Eu vou deixar você ter sua vez.

Ele ficou em pé ao lado da cama, então, e Morgan tentou manter a calma. Mas Deus, não era fácil. Ela não fazia sexo há muito tempo, seu interesse em sexo havia diminuído ao longo dos anos. Não que ela fosse uma puritana. Ela tinha apenas sido exigente... Sobre seus parceiros. E quando eles quiseram levar a sério, ela tinha seguido seu caminho, pois não queria um relacionamento. Infelizmente, isso significava que ela agora se sentia insegura e fora de prática, tudo que ele fazia só aumentava seu nervosismo.

A intimidade de ter Kierland Scott pressionando a boca no interior da curva de seu joelho, subindo mais, contra a pele pálida de sua coxa, isso a colocou tremendo, firmemente atada à excitação de tirar o fôlego. Movendo-se mais, ele arrastou-se sobre o corpo de Morgan como algo que espreita sua presa, e ela fez um som que nunca tinha feito antes. Algo baixo e grosso, como um ronronar, o som erótico o fez parar. Era evidente pelo calor em seus olhos quando deslizou um olhar por seu rosto que tinha gostado muito.

Quando ele baixou-se sobre ela, ela sentiu seu calor chocante e sua dureza, e soube que, naquele momento não havia como voltar atrás. Ele era todo seu, suas mãos, a boca, o peso do seu corpo deliciosamente enorme pressionando-a para baixo, enquanto seu perfume masculino fazia sua cabeça girar. Seu coração estava batendo tão forte que fez seu peito doer, mas não se importou. Tudo o que importava era cada vez mais ele... Tudo dele.

Seus dedos se fecharam em volta de sua cabeça novamente quando Kierland a beijou pelo corpo fazendo seu caminho até sua boca, seu corpo tão duro, quente e forte, seu sabor rico... Drogando-a, fazendo-a se contorcer. A estranha sensação de ruptura dos limites de seu corpo se propagando através dela, e mesmo assim, ela ainda estava lá... Ainda inteira. Mas era como se um interruptor tivesse sido invertido dentro de sua mente, e Morgan pudesse sentir de repente tudo que ele fazia, cada toque... Cada pincelada dos dedos e dos lábios, mais acentuadamente do que ela jamais tinha sentido antes.

Ele pousou a mão no cabelo dela e puxou a cabeça para trás, revelando a garganta arqueada para seus beijos, sua respiração irregular e alta no quarto silencioso, tanto quanto a dela. E então ele começou a beijar a frente de seu corpo. Balançando sua língua contra a pulsação rápida na base de sua garganta, a boca quente contra sua pele quando colocou seus beijos sobre seus seios, então desceu. Quando correu os lábios ao longo da curva de seu seio, acariciando com a umidade e o calor de sua língua fechando a boca dolorosamente apertada, ela gritou, o forte som tornando-se um gemido baixo quando chegou entre suas pernas com as longas pontas dos dedos malvados, sabendo exatamente onde a esfregar e quase lhe causando um derrame. Ela já estava encharcada, queimando, tremendo com a necessidade. Levantando a cabeça, Kierland fixou seu olhar no dela enquanto empurrava dois dedos dentro de seu apertado e escorregadio sexo, gentilmente empurrando os dedos duros para frente e para trás dentro da pequena abertura inchada.

— Você é apertada. — Resmungou, seu hálito quente roçando o mamilo sensível. — Parece incrível. Minha mão esta no céu.

Ciente do calor sob a pele, Morgan virou o rosto para o lado na cama. Deus, era uma loucura, como ela se sentia tímida. Ela não era inocente, por Deus e, no entanto, sentia-se como se estivesse indo a algum lugar onde nunca tinha estado antes. Como se algo estranho e desconhecido estivesse do outro lado, esperando por ela, e estava... Preocupada. Sobre o que iria encontrar quando chegasse lá. Sobre ser deixada sozinha. O que era verdadeiramente assustador era a facilidade com que ele parecia lê-la, como se estivesse dentro de sua mente, escolhendo o seu caminho através de seus pensamentos.

— Pare de pensar. — Murmurou, os lábios quentes se deslocando contra seu mamilo enquanto falava. — Pare de se preocupar. Eu não quero mais nada neste quarto, apenas nós dois. Não o passado. Nem nada mais...

Nem o futuro, pensou ela, mesmo que não o tivesse dito. Ela não era uma idiota. Ele implorou a ela... E se isso era tudo o que ela poderia ter, seria gananciosa o bastante para pegar.

Moveu-se mais para baixo, colocando beijos e mordidas contra sua pele enquanto trabalhava a sua maneira ao longo de seu corpo, até que estava ajoelhado entre suas coxas, com seus ombros amplos e sólidos. Ela pode sentir a impressão de seu quente olhar quando separou sua carne com seus polegares, seu hálito quente e úmido contra as dobras sensíveis.

— Linda. — Sussurrou, antes de baixar a cabeça e dar uma longa, lambida. Seus gemidos misturados com um rosar profundo, gutural, e arqueou suas costas quando ele a lambeu novamente, lambendo e lambendo como se tivesse encontrado alguma coisa deliciosa para devorar. Algo que ele precisava obter mais. Apertando os olhos fechados, Morgan percebeu que deveria saber que seria surpreendente. Ele lhe fez sexo oral de uma maneira que não deixou nenhuma dúvida sobre o fato de que estava gostando, tendo tanto prazer do ato erótico quanto dava. Suas mãos fortes e joelhos pressionados na cama, segurando-a aberta em uma pose descaradamente explícita, enquanto a comia com sua boca, era como se estivesse faminto por seu sabor, sua língua afiada contra o clitóris quente, o caminho molhado, antes de empurrar para dentro dela.

Ela engasgou, soluçando frases que não faziam qualquer sentido, suas mãos encontraram a umidade dos fios de seda de seu cabelo e segurando-o firme. Kierland murmurou algo sujo, grosseiro e incrivelmente sexy sobre seu gosto, as palavras provocantes zumbindo em seus ouvidos. Então empurrou os dois dedos grossos o mais profundo que podia levá-los, e Morgan deixou-se ir. Voando. Gozando. Completamente destruída, os impulsos violentos esmagando-a com prazer, deixando-a úmida e rosada, com os braços e as pernas escancarados, enquanto lutava para conseguir uma respiração decente. Demorou alguns segundos, mas quando finalmente conseguiu abrir suas pálpebras pesadas, o viu levar seus dedos reluzentes para a boca... E lambê-los com sua língua. Sua garganta engolindo tudo.

— Como eu disse antes. Incrível. — Parecia embriagado, embora tivesse tomado apenas uma cerveja em sua refeição. Mas suas palavras estavam marcadas com prazer, com os olhos sonolentos e quentes, olhou para ela com febre, um brilho fino de suor cobrindo-o no rosto, ombros e garganta. Uma mecha do cabelo ruivo caiu sobre a testa, e Morgan passou os dedos para frente e para trás, nos fios sedosos e suados.

— Eu acho que essa é a minha linha. — Falou ela vacilante, horrorizada ao sentir a umidade relativa em seu rosto, o gosto salgado das lágrimas no canto da boca.

— Tão forte. — Murmurou, inclinando-se sobre ela enquanto a acariciava com a palma calosa junto o interior da coxa, em seguida, sobre seu quadril, para cima ao longo do lado de seu corpo. Quando chegou ao seu rosto, ele esfregou seu polegar contra o canto de sua boca trêmula e inclinou-se, pressionando a seda quente dos seus lábios contra o canto do olho, onde as lágrimas corriam livremente. — Mas você não é tão dura como pretende ser, não é?

ANTES QUE MORGAN PUDESSE lhe dar uma resposta, Kierland pressionou a cabeça de seu pênis em sua entrada quente, e empurrou profundamente, empurrando duro, com todas as suas forças, incapaz de esperar mais um segundo para ser parte dela. Seu grito instantaneamente encheu seus ouvidos, seu corpo apertando-o, o mais apertado e doce que pôde, mantendo-o dentro de si.

Ela era mais apertada do que ele esperava, quase virginal, embora ele soubesse muito bem que ela não era. Mas Morgan, obviamente, não fazia sexo há muito tempo, e ele não sabia o que pensar disso. Ele sempre tinha pensado nela como o tipo que tinha um amante diferente a cada semana, mas... Ele tinha estado enganado, e amaldiçoou algo quente e arenoso sob sua respiração, odiando que pudesse tê-la magoado. Abaixando a cabeça, ele esfregou a boca abaixo da orelha de Morgan.

— Você está bem?

— S-sim. — Sussurrou, e embora sua voz tremesse, ele podia dizer que ela estava tentando soar forte. — Eu estou bem.

— Eu machuquei você? — Perguntou ele, erguendo a cabeça para que pudesse ver seu rosto.

— Só me pegou um pouco de surpresa. — Murmurou, e ele sorriu, sabendo que ela preferia cortar a língua fora a admitir uma fraqueza a ele. Mas o sorriso sumiu quando ergueu a mão para o rosto úmido, as pontas dos dedos persistindo contra sua pele quente. — Eu deveria saber que você seria muito para eu lidar. — Disse roucamente, abrindo mais os joelhos com um movimento voluptuoso o que o levou ainda mais profundo dentro dela.

— Maldição. — Ele rosnou, sacudido, chocado ao perceber que seu controle já tinha ido para o inferno. Kierland ainda conseguiu se segurar por meros outros dez segundos, e deixá-la se acostumar com ele... E então se perdeu. Com um grunhido cru, animalesco nos lábios, ele cobriu a boca de Morgan com a sua, engolindo seu grito agudo de surpresa quando puxou seus quadris, arrastando seu pênis através da fenda encharcada de músculos tensos de seu interior. Então saiu de dentro dela, voltando com um impulso poderoso, colocando toda a sua força, todo o seu poder nesse ato, empurrando em seu interior, onde passou a última década sonhando em entrar, penetrá-la, o prazer tão intenso que era uma dor afiada, física. Ele não podia ter imaginado como seria estar dentro dela. Ser uma parte dela. Incrível não lhe fazia justiça. Nem surpreendente ou maravilhosa ou quaisquer outros adjetivos que Kierland tinha ouvido as pessoas usarem para descrever o sexo bom. Amava como o menor toque de sua boca contra a pele úmida a fazia se apertar em torno dele. Como o simples roçar de suas mãos calejadas sobre os mamilos a fazia arquear as costas de maneira sensual. Ela era tão sensível... Tão doce, que ele não podia se controlar.

Ele deu a ela uma fome rude e crua, bombeando-a com mais fome e agressão que já tinha mostrado para qualquer outra amante. Mas, então, esta era Morgan. A quem ele sempre quis. A mulher que pensava em todas as vezes que tinha tido outra mulher embaixo dele. Ele não podia controlar seu corpo ou temperamento do desejo de seu corpo. Ele foi longe demais, completamente viciado na sensação de êxtase, encharcado de meter-se em seu calor, no sexo escorregadio. O gozo foi caindo sobre ele, incontrolável e enorme, mas ele forçou-o de volta, a necessidade de senti-la ao redor de seu pênis, embebendo-o, sugando-o, todos os músculos vibrando em torno de seu eixo forte, voluptuosamente mamando-o.

Ele precisava estar enterrado dentro dela, grossa e profundamente, quando ela se deixasse gozar. Mas ela estava lutando... Lutando contra os espasmos de prazer, fazendo tudo o que podia para segurá-lo.

— Vamos, droga. — Ele lambeu o dedo e estendeu a mão, entre os seus órgãos, esfregando os dedos calejados contra seu clitóris, e ela estremeceu, contorcendo-se, suas pequenas garras encravadas em seus braços, tirando sangue. — Não se atreva a tentar conter-se comigo.

— Eu não vou. — Ela suspirou, as pálpebras pesadas, os olhos escuros com a paixão. Kierland tirou o polegar de seu clitóris e a pegou por trás do joelho, puxando-a para que pudesse afundar-se ainda mais, e de repente a deliciosa fragrância dela, tornou-se ainda mais rica, enchendo o ar, e ele soube que ela estava deixando cair os escudos e perdendo o controle. Com seu impulso firme, ele enterrou cada polegada, espessa de seu rígido pênis dentro dela, esfregando-se contra seu clitóris, e então ela estava indo, convulsionando em torno dele, gozando. Fez tudo o que pode para evitar segui-la.

— Ainda não, caramba. Ainda não. — Cerrando os dentes, o Lycan lutou determinado a fazer durar. Ele ficou fascinado pelas lágrimas que pode ver brilhando em seus olhos. Ela parecia tão suave... Tão frágil, a tenacidade da guerreira vencida para revelar a ternura da mulher que ela sempre tentou tão dificilmente esconder. Foi lindo, de tirar o fôlego, e agora que a tinha encontrado, ele queria mais.

Enterrando o rosto em seu cabelo sedoso, Kierland admitiu para si mesmo, foi muito orgulhoso para lutar ao lado dela como um colega, porque era essa deliciosa e macia mulher que sempre quis na cama com ele, e sabia que faria o que fosse necessário para tê-la debaixo dele novamente.

Ela sussurrou seu nome, e ele levantou a cabeça, olhando em seus olhos quando revirou os quadris, movendo-se lentamente, dando estocadas que os embestia em prazer, seu corpo apertado e quente e incrivelmente perfeito.

Ela engoliu, passando a língua sobre o lábio superior, e disse calmamente: — Eu quero... Eu quero mordê-lo.

Ao som dessas palavras roucas, Kierland ficou ainda mais próximo do fim... Seus olhos ficaram grandes quando ela sentiu a diferença nele, achou que fosse o lobo subindo dentro dele, para fazer a mudança em seu corpo. Ele nunca seria capaz de caber dentro dela se ela não estivesse tão molhada, a fricção apertada de seda era boa demais para ser real.

— Eu... Posso? — Perguntou ela, molhando os lábios, o olhar preso avidamente sobre o bombeamento de sua jugular no lado de sua garganta. Embora ela não "precisasse" de sangue para alimentação, não era incomum para os metamorfos femininos a fome por ele quando seus instintos animais haviam sido despertados. Não tinha sido a primeira vez que Kierland tinha ouvido essa pergunta de uma amante, mas essa era a primeira vez que ele quis dizer sim.

Com seu lobo dando socos contra o seu interior, desesperado pelo que estava por vir, Kierland virou a cabeça e ofereceu a ela o que ela queria. Houve um pequeno choramigo de excitação, e depois ela lambeu a veia pesada com a língua, raspando seus pequenos e delicados dentes contra ele de uma maneira sexy como nada que ele tivesse visto até então. A picada de seus dentes afiados contra sua carne o fez estremecer, seu controle deslizando enquanto ia de encontro a ela, dando-lhe tudo o que ele tinha. O Lycan não tinha se preocupado sobre como

controlar sua besta... Mas agora ele se perguntava se talvez não fosse, porque não queria nada mais do que afundar as presas dentro dela, também.

Cerrando os dentes, Kierland estendeu um braço para baixo segurando-a no lugar, então o outro braço segurou-se firmemente na cabeceira da cama. Ela começou a sugar o ferimento, tendo seu sangue quente em sua garganta, e ele foi ainda mais longe próximo ao fim, batendo dentro dela com uma urgência desesperada, primitiva. Elevou um pouco mais as mãos para alcançar o topo da cabeceira da cama, os dedos fizeram buracos profundos na madeira quando Kierland começou a gozar.

O orgasmo foi tão forte, que o fez gritar. Tão bom, que quase o havia matado. A explosão devastadora de prazer rolou por ele em grossas ondas, saindo do corpo de Kierland com tanta pressa e violência que o fez rosnar, gemer e gritar de novo, e enterrou o rosto no emaranhado dos cabelos perfumados de Morgan espalhados pela cama, abafando os ásperos sons guturais. Ela mudou o ângulo de sua cabeça, ainda... sugando sua veia. Manteve-se duro dentro dela, os membros pesados pelo orgasmo esmagador, seus dedos enterrados profundamente na bunda dela e na cabeceira da cama, seu coração fazendo tudo o que podia para arrebentar para fora de seu peito.

— De novo.— Rosnou, soltando a cabeceira para que ele pudesse empurrar o braço em seus ombros, segurando-a sob seu corpo enquanto bombeava em seu interior mais forte... Mais pesado, forçando seu caminho pelo canal estreito e macio, inundado com um delicioso líquido. — Merda, eu quero sentir isso de novo. Eu quero sentir você gozar.

Ela suspirou, puxando as presas de sua garganta, os braços apertados em volta de seu pescoço, e logo depois seus gritos enchiam os ouvidos dele, seu corpo arqueava fortemente abaixo dele com o prazer sacudindo-a com uma explosão. Seu apertado sexo convulsionando em torno dele em uma série de espasmos luxuriantes, encharcando aqueles malditos olhos e rolando a cabeça para trás, ordenhando seu pênis, sugando-o completamente. Quando os pulsos chocantes de prazer finalmente desapareceram, Kierland conseguiu puxar uma respiração profunda, tremendo, sentindo como se tivesse acabado de experimentar algo que nunca teria sequer acreditado ser possível, se não tivesse acontecido com ele. Ele queria beijá-la. Segurá-la. Colocar a boca entre suas pernas e sentir o calor do seu clitóris contra a língua. Lamber aquelas lisas e escorregadias dobras rosadas. Ele queria um milhão de coisas diferentes que não sabia como colocar em palavras, dane-se, a cabeça girando em confusão e seus sentidos drogados de uma maneira que nunca tinha conhecido antes. Mas quando saiu de dentro dela, movendo-se com cuidado para não machucá-la, ela virou o rosto para longe, um braço deixado sobre a boca, os olhos fechados, e assim ele caiu de costas ao lado dela. Foi... Inquietante, o quanto ele queria abraçá-la... Beijá-la... Entrar dentro dela mais uma vez, mas Kierland respirou, obrigando-se a ser paciente. Para esperar e ver o que ela faria.

SENTINDO-SE DESTRUÍDA, EXAUSTA e incrivelmente maravilhosa, Morgan respirou fundo e finalmente abriu os olhos. Ela rolou para Kierland, e o encontrou deitado ao seu lado, um braço sob sua cabeça, outra mão em sua garganta, seus longos dedos roçando a pequena ferida que a mordida tinha feito.

— Sinto muito. — Ela murmurou chocada com o que tinha feito. — Eu... Não devia ter pedido o seu sangue.

— Tudo bem. — Um sorriso preguiçoso curvou sua boca quando virou a cabeça em sua direção, pequenas marcas sexys de riso no canto de seus olhos. Então ele estendeu a mão, tocando com o polegar uma pequena mancha de sangue no canto da boca de Morgan. — Eu estaria mentindo se dissesse que não gostei, ao inferno com isso.

Ela sentiu um riso macio sob sua respiração, e desejou saber o que fazer... O que dizer.

— Acho que isso significa que você vai ser capaz de encontrar-me agora, também. — Disse ele em uma voz baixa, sexual.

Mordendo os lábios, ela balançou a cabeça e perguntou: — Será que isso te incomoda?

— Não. — Ele virou a cabeça olhando para o teto, seus dedos passeando pela barba curta que cobria sua mandíbula. Por um segundo tudo que se pode ouvir na calma do quarto foi o som da respiração deles. — Ele já se alimentou de você?

Morgan sabia que, mesmo sem que ele precisasse dizer, que ele estava falando Ashe. Ela nem teria sequer se preocupado em responder, se ele tivesse colocado a questão com o seu habitual sarcasmo, mas seu tom lhe pareceu simplesmente curioso, sem julgamentos ou críticas.

— Nem quando éramos íntimos...

— Por que não? — Ele rolou em direção a ela, o cabelo castanho escuro caindo sobre a testa fazendo-o parecer mais jovem, a tensão no rosto de algum modo mais leve do que tinha sido antes.

— Você não sabe muito sobre o Deschanel, não é?

— Acho que não, pois eu pensei que eles se alimentavam de seus amantes. — Disse ele em voz baixa.

— Eles podem. Mas não quando acoplados, pode... Ser perigoso se alimentarem durante o sexo com alguém que não seja de sua raça, então eles geralmente não arriscam. Pelo menos, não com alguém por quem não estão apaixonados.

Ele não disse nada, apenas olhou para ela com aqueles belos olhos verdes e Morgan, de repente ouviu-se perguntando:

— Já houve alguém especial para você? Alguém que você tenha amado?

— O que faz você pensar que eu não tenho? — Perguntou ele levantando as sobrancelhas.

Suavemente, ela disse:

— Eu te conheço. Você teria casado com a mulher que tivesse roubado seu coração.

— Você acha que me conhece muito bem, hein? — Ele lhe deu um sorriso brincalhão, mas ela podia ver algo frágil escondido debaixo de sua superfície, e soube que ele não tinha gostado de saber que ela podia lê-lo tão facilmente.

Empurrando as mãos cruzadas sob seu rosto, ela disse:

— Kellan me disse um tempo atrás, algo que me fez pensar que você estava interessado em Molly.

A surpresa se mostrou nos olhos dele, mas ele balançou a cabeça, o canto da boca contraindo com um sorriso irônico.

— Kellan devia aprender a manter sua boca fechada.

Com um riso calmo, ela disse: — É essa a sua maneira de dizer que você não quer falar sobre isso?

Um suspiro profundo, e depois rolou de costas, uma mão coçando preguiçosamente seu peito.

— Eu pensei que, pudesse sentir algo por ela. — Finalmente respondeu, as palavras em um ritmo lento, como se estivesse se esforçando para colocar seus pensamentos em palavras. — Mas não senti. Nós somos amigos, e eu não podia estar mais feliz por ela e Ian. Ele precisa dela.

— E você não precisa de ninguém?

— Algo parecido com isso. — Ele virou a cabeça para ela novamente e sorriu um pouco, mas depois o sorriso desapareceu quando estendeu a mão, empurrando seus cabelos para trás de seu rosto. — No trem...

— Sim? — Perguntou ela, percebendo que seu corpo já começava a responder com calor.

— O que você quis dizer quando me disse para não deixá-la?

O calor de constrangimento queimando sob sua pele, mas Morgan deu-lhe uma resposta honesta.

— Eu não queria que você me tocasse. — Vendo a questão em seus olhos, ela continuou. — Você sabe o que quero dizer. Você me faz ficar excitada, então se afasta e me derruba. Faz com que me sinta como se eu estivesse a um centímetro da loucura. — Sua boca torcida, e deu um aceno triste com sua cabeça.

— Você não tem uma opinião muito elevada de mim, não é? — Ela abriu a boca para explicar, mas ele cortou-lhe a palavra, dizendo. — Eu sei que eu mereço isso. Eu tenho sido um bastardo, te tratando como merda por muito tempo, Morgan.

Silenciosamente, ele acrescentou.

— Reconheço meus defeitos, eu sinto muito que você ache que eu jamais poderia fazer algo parecido com você.

O choque a fez sentir seu cérebro nebuloso, e ela baixou o olhar para o queixo, sem saber o que dizer.

— Eu, hum... Estamos a menos de uma hora de trem de Amsterdam. Provavelmente deveríamos ir em breve.

Ele esperou até que ela o estivesse olhando nos olhos outra vez antes de dizer a ela.

— Mas eu quero você de novo.

A única coisa inteligente a fazer seria sorrir, soltar algum comentário e sair da cama, cortando suas perdas, enquanto ainda podia. Antes que o dano pudesse ficar pior do que já era. Mas ela não poderia fazê-lo. Em vez disso, Morgan aproximou-se dele, tocando a seda quente de sua boca com a dela, e ele gemeu, puxando-a contra o peito, escuro e agressivo. Parecia que eles se beijaram durante horas, com as mãos atropelando seus corpos, sua boca na dela, alimentando a respiração dele, seus rosnados, os sons predadores enchendo sua cabeça quando algo lhe percorreu a alma.

— Eu lhe disse que não iria facilitar para você. — Ele a advertiu em uma voz rouca, suas mãos fortes de repente, virando seu corpo, empurrando-a para frente, um braço prendendo-a em torno de seus quadris, a outra sobre o peito, mantendo-a abaixo dele. Então, ele empurrou seu pênis rígido para o apertado canal de seu sexo, com seus movimentos tocando um lugar dentro dela que a fez estremecer com voz rouca, ofegante... Libertando os gritos de sua garganta.

Morgan gritava seu nome quando ele se ajoelhou no meio da cama e puxou-a para cima de seu colo. Apoiando-a sobre suas coxas esticadas, ele bombeou em sua fenda... Mais profundo, a mão livre moldada em seu clitóris molhado, esfregando em círculos.

Ela não conseguia controlar os sons de necessidade que saiam de seus lábios trêmulos. Toda vez que Morgan tentava sufocá-los, apenas os tornava mais urgentes, difíceis, levando-a com sua agressão selvagem, bruta, até que finalmente deu-lhe mais.

— Eu darei a você tudo o que precisa, depois dessa longa espera. — Rosnou, seu hálito quente contra seu ouvido quando ela começou a gozar, convulsionando, o prazer brutal a arrastando com ele.

Ele empurrou incrivelmente profundo, enquanto ela tremia e gritava, com a boca aberta quente e úmida de encontro ao lado de sua garganta. Seus braços eram como faixas de aço em torno de seu corpo quando ele estremeceu seus músculos... Gritou soltando uma maldição, enchendo-a com violência, em pulsos de calor escaldante. Perderam-se em um emaranhado de pernas e peles lisas e suadas, fingindo para si mesmos, que não os afetava, embora no fundo não se deixassem enganar.

Morgan não sabia o que dizer. Os orgasmos alucinantes deixando-a sonolenta e confusa. Kierland parecia contente com o silêncio, mas pelo menos não a tinha deixado sozinha, num lugar desconhecido.

Ele colocou seus braços musculosos em volta dela e puxou-a para seu peito, as mãos acariciando cada parte dela que ele pudesse alcançar, como se tivesse tomado prazer no simples toque de sua pele contra a dela.

Como se ele estivesse tentando memorizar as formas de seu corpo. Cada cavidade. Cada curva. Apertando os olhos fechados, ela teve que aceitar que tinha sido uma ideia ainda pior do que temia. Mas Morgan não iria se arrepender. Não, se isso era tudo o que podia ter com ele, então ela iria encontrar uma forma de empurrar seu coração em uma caixa e aproveitar enquanto pudesse. Iria lidar com as consequências mais tarde, quando ele se afastasse. Mas até então, Morgan iria tomar o máximo que Kierland Scott estivesse disposto a dar.

CAPÍTULO DEZ

Amsterdã.

Segunda-feira.

KIERLAND TINHA QUE ANALISAR seus sentimentos e isso não era algo que gostava de fazer. O tempo que passou com Morgan no quarto do hotel em Weesp tinha sido apenas sexo. Apenas para suprir a fome que sentia por ela há tantos anos. Deveria ter sentido alguma paz... Finalmente. Mas de alguma forma, seu desejo por ela era mais forte que antes. Mais apertado. Mais profundo. Deixando-o transtornado. Um momento... e tudo o que ele conseguia pensar era em ter outro. A perigosa tentação era, sem dúvida, uma estupidez dos infernos, mas Kierland sabia que isso iria acontecer novamente.

Mesmo agora, horas mais tarde, enquanto estavam indo para um clube de blues no centro de Amsterdã, ele não conseguia manter suas mãos longe dela. Não podia parar de tocá-la. Toques inocentes. Uma mão em suas costas. Ou seus dedos lhe tocavam o braço. Ele podia sentir o aumento de sua ansiedade pelos tremores enquanto se moviam por entre a multidão bem vestida, e embora ele não compreendesse o porquê, Kierland procurou acalmá-la ficando por perto, ao alcance das mãos pequeninas, queria deixá-la saber que ele estava lá, se precisasse dele. Eles não tinham falado sobre o que tinha acontecido naquele quarto de hotel em Weesp, mas toda vez que Morgan virava-se para olhá-lo com o canto do olho, Kierland sabia que ela estava pensando nisso.

Seus lábios estavam ainda inchados, o rosto corado com cores quentes, seu corpo se movendo da forma lânguida de uma mulher que estava completamente satisfeita, embora pudesse sentir sua tensão aumentando à medida que iam mais profundo através da multidão. Deslizando a mão por baixo de seus cabelos, esfregou o dedo ao longo das costas de seu pescoço, tentando acalmá-la. Era estranho, esse novo sentido de consciência se movendo através de seu sistema, como se pudesse sentir seu humor e emoções em um nível diferente agora que ele esteve dentro dela, sido uma parte dela. Nada mais do que sexo... sim, certo. Ele tentou se convencer com a pequena mentira, mas quem ele estava tentando enganar? Ele foi sacudido com a necessidade, o gosto dela em sua boca fazendo-o queimar. Sua pele, as lágrimas, o sexo. Os sabores deliciosos levavam Kierland à loucura, fazendo-o desejar mais, queria perguntar se ele foi o melhor amante que já teve.

Porque ela foi para ele, a tal ponto que ele deveria ter se preocupado como o inferno. Mas se conteve. Ele não sabia o que fazer com as emoções estranhas enrolando-se por dentro dele. Tudo o que sabia era que nunca tinha tido uma experiência nesse sentido de ligação com qualquer de suas outras amantes.

Mas até então, ele nunca tinha tido relações sexuais como tinha tido com Morgan naquela tarde, também. Ao longo dos anos, ele tinha feito sexo duro... Sexo atrevido... Diversos tipos de sexo, mas Kierland nunca sentiu que ia morrer se ele não estivesse dentro de uma mulher. Nunca se sentiu como se tivesse acabado de criar um milagre quando a fez ter um orgasmo. Mas se sentia assim com Morgan e ainda não sabia o que pensar sobre isso.

Ele também não sabia como ajudá-la a relaxar dentro do clube lotado. Decidindo que era hora finalmente de abordar o assunto, Kierland baixou a boca até o ouvido dela e perguntou:

— Você não gosta muito de multidões, não é? — Ela franziu a testa, dando-lhe um olhar que era em partes iguais desconforto e irritação, como se ela não gostasse que ele pudesse lê-la tão facilmente, embora ele tivesse que ser cego para não ter percebido o problema. Especialmente depois de sua reação no mercado em Kladno, pouco antes de se envolverem no acidente de carro.

— Se você não quer falar sobre isso. — Falou em voz baixa, olhando para longe dela, o olhar deslizando sobre a multidão enquanto procurava por Granger. — Está bem. Eu não estou falando isso para começar uma briga. Eu apenas pensei que poderia ser bom conversar sobre isso.

— É tudo a mesma coisa. — Ela murmurou. — Acho que já estivemos bastante tempo em um lugar fechado hoje. — Enquanto seu peito tremia com seu riso, Kierland foi em direção ao bar feito em mogno esculpido, que tomava totalmente um dos lados do clube.

Morgan se sentou em um banco vazio de costas para o bar, de modo que estava enfrentando a sala abarrotada. Embora ele pudesse sentir a presença poderosa de Deschanel no meio da multidão, havia muitos clientes humanos, quase todos não tinham nenhuma ideia que existissem vampiros e lobisomens misturados entre eles.

— E se explodir a tampa com todos os nossos segredos. — Ela passou a dizer, mantendo o olhar dirigido para os homens e mulheres que estavam em torno das altas mesas de coquetel enquanto conversavam com seus amigos. — Poderíamos ficar sem alguém para brigar. — Olhando para o seu perfil delicado, Kierland não pode deixar de balançar a cabeça, um sorriso lento surgindo no canto de sua boca.

— Pense nisso, Morgan. Se Granger concordar em ir com a gente, vamos estar presos com o filho da puta por dias na Escandinávia. Duvido seriamente que não lutar seja um problema para nós.

Ela lançou um riso macio sob sua respiração, sua tensão sumindo com facilidade aparente, agora que não estavam mais no meio da multidão.

— Você levantou uma boa questão, Kierland. — O garçom veio perguntar o que eles queriam, e ambos pediram uma Heineken. Quando as garrafas verdes geladas foram colocadas na bancada do bar, Kierland pegou uma e entregou a Morgan, antes de pegar a sua.

— Você tem certeza que ele está aqui? — Perguntou, olhando-a com o canto dos olhos. Ela baixou os cílios grossos, respirou fundo, e sua boca curvou com um sorriso caloroso e satisfeito.

— Oh, sim. Eu tenho certeza. — Respondeu tomando um gole de sua cerveja antes de inclinar o rosto de modo que ficasse olhando diretamente para ele. Kierland podia ver que sua cor tinha voltado, seus suaves olhos cinzentos dançando com antecipação.

— Você parece muito animada. — Resmungou, apertando os dedos ao redor da garrafa gelada em sua mão. Ele odiava a sua incapacidade de controlar o ardor feio do ciúme chamuscando em suas veias, sabendo que isso ia levar a problemas. Com um ligeiro rolar de seu ombro, ela mudou seu foco de volta para a multidão.

— Claro que estou animada. Eu não vejo Ashe há meses, e ele é um dos meus melhores amigos.

— Assim como um de seus amantes do passado. — Acrescentou Kierland, sua boca torcida com o humor amargo enquanto olhava para o vapor gelado girando ao redor da boca de sua garrafa de cerveja.

Ela fungou mais um daqueles risos suaves e sacudiu a cabeça, os cabelos escuros como seda deslizando sobre os ombros cobertos de cashmere.

— Este era o ponto da noite, é óbvio. — Falou com voz arrastada. — E ninguém se lembrou de me dizer?

— Talvez eu esteja apenas querendo saber se você vai dormir com ele nesta viagem, em troca de sua ajuda, como você fez antes. — Estava sendo rude, em suas palavras roucas, quase inaudíveis sob o barulho da música e vozes, mas Kierland não suportava vê-la falar do vampiro, apertando sua mandíbula a cada vez que ouvia o nome do bastardo.

Embora Morgan tivesse virado seu corpo em direção a ele no banco, ela não fez contato com seu olhar. Sua cabeça estava baixa, o seu olhar sobre o copo de vidro fino em sua mão quando disse: — Isto é um problema para você, não?

Deixando sua cerveja sobre o bar, Kierland passou a língua pelos dentes, querendo que ele apenas mantivesse a boca fechada.

— O que? — Perguntou, sabendo muito bem o que significava.

Ela levantou a cabeça, prendendo seu olhar curioso no dele.

— Ciúmes? — A palavra dita suavemente o deixou estarrecido e o queixo de Kierland quase caiu no chão, achou ser mais seguro não dizer absolutamente nada. Sua cabeça inclinada um pouco para o lado, com os olhos brilhantes enquanto estudava sua expressão, e tudo o que viu lhe trouxe um desses estranhos, sorrisos femininos a boca que sempre deixavam um homem chacoalhando a cabeça, imaginando o que em nome de Deus, ela estaria pensando.

— Eu não vou dormir com Ashe. — Finalmente disse a ele. — Acaso você não tenha percebido Kier, eu estou dormindo com você.

—E isso significa alguma coisa?

MORGAN FORÇOU PARA BAIXO uma explosão instintiva de irritação, determinada a mantê-la sob controle. Por um lado, as palavras saindo da boca do Lycan lindo pareciam pertencer à um burro. Mas por outro lado, havia algo em seus olhos que a fez pensar que Kierland estava escondendo alguma coisa por trás de sua atitude idiota. Ela só não sabia o que ele estava escondendo, e seu cérebro ainda estava meio entorpecido pelos orgasmos que ele lhe dera. Colocando sua garrafa de cerveja no bar ao lado da dele, ergueu as sobrancelhas e disse:

— Um homem é mais que suficiente para me segurar, Kier. E antes que você comece a fazer acusações feias, vamos lembrar que não era eu que estava com aquelas duas Barbies psicóticas na noite de sábado.

Seus olhos ficaram estreitos, enquanto a frustração endureceu suas características masculinas.

— Eu já te disse que não toquei em qualquer uma dessas mulheres. — Murmurou.

— Só porque eu encontrei com você. — Ressaltou, encolhendo os ombros.

— E eu mencionei que eu não queria nem tocá-las? — Disparou para ela com a voz baixa, ela praticamente mal ouviu as palavras.

Um calor subiu por seu corpo, junto com um formigamento em seus lóbulos das orelhas e atrás de seus joelhos, seu pulso de repente, apressando-se em seus ouvidos como um oceano.

— Elas eram apenas substitutas. — Murmurou, colocando seu cabelo ruivo longe de sua testa enquanto olhava pelo clube. Morgan molhou os lábios, incapaz de tirar seus olhos de seu perfil másculo.

— Substitutas para que? — Perguntou ela, seu corpo ainda estava enfrentando uma série de deliciosas dores e pontadas por ter sido tão amplamente utilizado.

Um riso, pouco corajoso saiu da boca bonita, e ele disse:

— Como você mencionou antes, nós provavelmente passamos tempo suficiente em um quarto esta noite. — Ele passou a mão sobre a borda áspera do queixo, as mangas arregaçadas de sua camisa branca revelando as longas filas de músculos e tendões em seus braços poderosos, e então inclinou a ela um olhar fechado. — Vamos encontrar Granger e sair daqui.

Com um aceno de cabeça, Morgan concordou. — Eu acho que ele está em um desses quartos. — Falou, apontando para uma parede distante com várias portas de madeira levando as salas privadas.

Eles começaram a fazer o caminho em direção às portas fechadas, passando no meio da multidão, e ela percebeu que Kierland mantinha seu corpo alto posicionado de modo que ninguém pudesse chegar muito perto ou chocar-se com ela. O gesto protetor era tão diferente dele, pelo menos onde ela estava preocupada que ele aprofundasse o sentido de fantasia que já começava a nascer. Mais cedo ou mais tarde, Morgan sabia que iria obter um tapa frio, duro da realidade na cara, mas no momento ela ainda estava se deixando levar pela ilusão de que era importante para ele... E, secretamente, apreciando infernalmente isso.

— E agora? — Perguntou, quando pararam em frente às portas de mogno escuro que faziam contraste com as paredes claras do clube.

Empurrando as mãos nos bolsos da frente de sua calça jeans, ela fez o seu melhor para ignorar o casal que estava na mesa a sua direita, e disse:

— Eu acho que nós deveríamos esperar. Eu não sei exatamente em qual quarto ele está, e desde que eu não tenho ideia do que está acontecendo em qualquer um deles, eu acho melhor não começar a bater nas portas.

Ele deu um daquelas corajosas e perversamente sexys risadas em resposta, então apoiou o ombro contra a parede mais próxima. Morgan estava ao lado dele, sua atenção focada sobre as três portas, tentando determinar em qual delas Ashe estaria, até que ela sentiu o calor escaldante de um olhar de encontro ao lado de seu rosto. Movendo seu olhar para Kierland, ela encontrou os olhos focados nela, ao invés das portas.

Sua respiração ficou presa na garganta, um calor líquido derramando através de seu corpo, quando viu o brilho de aço fundido que denunciava exatamente o que ele estava pensando.

— Pare. — Sussurrou-lhe, o pulso acelerando enquanto se lembrava de o que teve vontade de fazer quando ele havia empurrado seu pênis dentro dela, esticando-a, enterrando-se duro e profundamente. Ele esteve em todos os lugares, tocando cada parte dela, o prazer ainda zumbindo abaixo da superfície da sua pele como uma poderosa corrente.

— Parar o quê? — Sua boca se curvou em um daqueles preguiçosos, sorrisos tortos que o fazia parecer um diabo... Um lindo diabo enviado a Terra para fazer todas as boas meninas pecarem e Morgan podia literalmente sentir suas células cerebrais se derretendo pela luxúria.

— Pare de me olhar como se você quisesse me comer viva. — Falou vacilante, puxando o lábio inferior com os dentes.

— Não é possível te ajudar com isso. — Disse com uma voz baixa e rouca, os fios escuros cor de vinho de seu cabelo caíram sobre a testa quando ele piscou e deu um sorriso largo de lobo. — Porque é exatamente o que eu quero fazer.

Embaraçada pelo rubor que pôde sentir queimando em seu rosto, ela usou um tom seco, quando disse:

— Você já comeu fora uma vez hoje. Ou... Duas vezes, na verdade. — E ela tinha a sensação de que ele poderia ter continuando, se tivesse tempo.

Sua sobrancelha direita levantou em um processo lento, fazendo um arco.

— O que lhe deu a impressão de que só uma vez com você seria o suficiente para mim? Uma vez não chega nem perto de ser suficiente.

Dando um suspiro profundo, ele olhou para longe dela, algo gutural e primitivo soou em sua voz quando disse: — Seja o que for que aconteceu naquele quarto de hotel hoje só me levou a te querer ainda mais.

Teria sido impossível não perceber a tensão nessas palavras duras, mesmo que Morgan não estivesse tão perto quanto estava.

— E isso te incomoda, não é?

Olhando fixamente para a porta, ele deu de ombros, dizendo:

— Tudo sobre você me incomoda. Sempre incomodou. Mas eu ainda pretendo descobrir o porquê assim que voltarmos para nosso hotel esta noite.

A respiração de Morgan ficou presa por um suspiro agudo, mas antes que ela pudesse dar qualquer tipo de resposta, a porta se abriu e Ashe Granger saiu por ela, seus olhos de prata se ampliaram de choque quando a viu em pé com Kierland Scott. Vestido com cashmere preta e jeans, o vampiro ainda era tão lindo como sempre, seu corpo longo, magro e musculoso, os cabelos de um rico castanho dourado, o corte era mais curto do que tinha estado na última vez que Morgan o tinha visto. O corte curto em outros homens não cairia bem, mas quando se tinha um rosto como o de Ashe, isso não importava. Na verdade, ele só fazia reforçar o fato de quão alto e belo ele era... Bem, obscenamente perfeito.

Dizia-se entre os clãs que a natureza complexa dos Deschanel era um delicado equilíbrio entre os aspectos claros e escuros do mundo, e Ashe era um excelente exemplo. Era de uma beleza escandalosa, e ainda... Também era uma coisa sinistra e perigosa. A dualidade de sua natureza complexa era de um fascínio impotente para a maioria das mulheres, e Morgan sabia muito bem que nunca faltou para as mulheres companheirismo. Mas então, ela também sabia que nenhuma das mulheres que dividiam a cama do vampiro nunca tinham

significado nada para ele. Embora Ashe se certificasse de que suas amantes apreciassem seu tempo com ele, raramente recordava seus nomes, uma vez que deixava suas camas, e Morgan não podia deixar de sentir pena de seu amigo. Depois de tantos anos por conta própria, ela queria desesperadamente que Ashe encontrasse amor e paz e a felicidade que ele merecia.

— Morgan. — Ronronou em voz baixa, o sorriso uma fusão lenta de prazer e irritação quente enquanto fechava a porta e vinha em sua direção.

— Você está linda como sempre, querida.

— Podia soar um pouco mais feliz em me ver. — Murmurou, seus sentidos aguçados facilmente quando sentiu a agressão predatória que emanava do sentinela a seu lado.

— Eu não vejo você há quase três meses. Feliz não é bom o suficiente para descrever como me sinto quando vejo você. — Seu olhar deslizou para Kierland, e ela pôde vê-lo tentando descobrir exatamente o que estava fazendo lá com o Lycan. Ashe sabia tudo sobre como Kierland a tinha tratado na década passada, e ele não era tímido sobre expressar suas opiniões sobre o assunto. — Eu só não estou muito feliz em ver quem te acompanha.

— O sentimento é mútuo. — Kierland murmurou, empurrando-se para longe da parede. Suas mãos rígidas a seu lado, sem dúvida imaginando como seria bom fechar seus dedos enormes em punho e bater em Ashe e jogá-lo para longe com a força do golpe.

— Eu tenho tentado entrar em contato. — Ela falou rapidamente, movendo-se um pouco para o lado quando ele deu um passo à frente, colocando-se entre os dois machos dominantes.

O canto da boca Ashe se contraiu, e ele disse:

— Sinto falta de suas chamadas, mel. Mas eu perdi meu celular há alguns dias.

Morgan sorriu, uma vez que a incapacidade de Ashe para manter o controle de seu telefone celular era uma coisa normal para o vampiro sexy. Ele poderia ter o QI de um gênio, mas o cara era conhecido por sua mania de tirar seu celular do bolso, em seguida, se esquecer de levar com ele quando saía.

Empurrando o queixo em direção a Kierland, o Deschanel disse a Morgan:

— Imagino que tenha algo muito importante a me dizer, vendo como me seguiu até aqui, vamos a um lugar reservado para que possamos conversar.

Surpreendida pela urgência, Morgan pôde sentir em suas palavras apressadas que algo estava errado, quando a porta do quarto atrás dele se abriu e um Deschanel loiro apareceu logo à frente de mais algumas pessoas, que Morgan não pôde ver muito bem, sua visão bloqueada pelo peito amplo do loiro, seus olhos pálidos estreitamente com fúria quando se fixaram em Kierland.

— Que diabos é isso? — Rosnou alto, seus olhos cinzentos se deslizado sobre o rosto dele, antes de pousar um olhar irado de acusação em Ashe.

Morgan não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, mas o que quer que fosse, ela não tinha dúvida de que ia ser ruim. Percebendo o perigo sério, ela estava agradecida quando Kierland se aproximou enquanto ela sussurrava:

— Ashe?

Sob a sua respiração, Ashe disse:

— Não agora, Morgan.

— Você trabalha com estes Sentinelas? — O vampiro, rosnou.

— Não é o que você pensa. — Falou Ashe, segurando suas mãos em um desses sinais universais de “Vamos nos acalmar”.

— Eu achei que estava vindo recorrer a um velho amigo.

O sangue virou gelo nas veias de Morgan, e ela estendeu a mão, ondulando os dedos em torno do braço poderoso de Ashe.

— O que exatamente você estava fazendo na sala?

— Shh. — Ele sussurrou, livrando-se de seu toque quando saiu em direção aos loiros vampiros.

— Eu sabia que não podia confiar nele. — Rosnou o mais alto uma vez, olhando em volta seus companheiros.

— Förmyndares são todos iguais. Ele não estava interessado em fazer um negócio. Ele estava apenas tentando definir-nos.

— Certo Deacon. — Um dos outros resmungou, virando o rosto manchado pela raiva.

— Morgan, saia daqui. — Ambos Kierland e Ashe ordenaram ao mesmo tempo, suas vozes profundas rasgando seu orgulho. Obviamente, nenhum deles pensou que fosse forte o suficiente para lutar, esperando que ela só virasse o rabo e corresse. Quis dizer-lhes que podia lutar tanto quanto eles, mas ela já podia sentir o gelo do pânico agarrado em seu pescoço com o pensamento de enfrentar os vampiros, o medo irracional, como um conjunto de mãos assassinas espremendo fora dela seu suprimento de ar.

Morgan virou-se em seus calcanhares, sua visão obscurecida, sabendo apenas que precisava fugir, escapar, mas não havia para onde ir. Outra meia dúzia de vampiros de cabelos dourados estavam agora os bloqueando do resto do clube, seus olhares pálidos voltados diretamente para ela.

“Oh inferno” pensou ela, tropeçando um passo para trás, seu coração batendo loucamente dentro de seu peito. Quando os sons da batalha irromperam por detrás dela, o muro de vampiros se aproximou, os olhos ardendo de fome e raiva. Com um grito horrível caíram sobre Morgan, seus pulmões queimaram, a dor, desesperados por ar... E então seu mundo tornou-se negro.

CAPÍTULO ONZE

QUANDO MORGAN GRITOU CHAMANDO a atenção, Kierland e Granger já tinham acabado com os quatro vampiros que tinham começado a briga. Em seguida, eles foram para o segundo grupo que estava provocando uma Morgan claramente histérica. Os clientes humanos do clube se moveram para trás, dando-lhes um lugar grande para lutarem contra os vampiros louros restantes, tudo indicava que estavam relacionados com os quatro que tinha seguido Ashe fora da sala particular... E agora inconscientes no chão.

Seja o que fosse que Granger tivesse se metido, Kierland estaria disposto a apostar sua fortuna que não era bom, legal ou sensato. Com a grande presença humana no clube, ninguém lançou suas garras ou presas, tornando a luta puramente uma competição de habilidades. Os vampiros eram cruéis, mas não tão bem treinados quanto ele e Granger.

Com um chute, triturou os ossos da mandíbula do vampiro a sua frente, o bastardo caiu... e não se levantou. Empurrando os cabelos para trás de sua face, Kierland imediatamente virou-se para Morgan, um rosnado baixo surdo surgiu das profundezas de seu peito com a visão de Ashe Granger já ajoelhado ao lado dela. Ela se sentou no chão, o sangue escorrendo de seu nariz, os olhos ainda nebulosos e em pânico quando ela olhava fixamente em branco para o espaço vazio.

Ela, obviamente, tentou lutar contra os idiotas, mas não tinha sido capaz de manter-se por sua própria força contra eles, nas circunstâncias. Não que tivesse qualquer compreensão do que as circunstâncias eram na realidade, exceto que ela não se sentia bem quando estava em lugares lotados por pessoas... ou vampiros. Com Ashe do seu lado direito, Kierland caiu de joelhos a sua esquerda. Ele colocou a mão cuidadosamente em seu ombro, e ela se encolheu, sacudindo a cabeça, seus cílios batendo confusos.

— O que aconteceu? — Perguntou a ela, mantendo sua voz suave, tão suave quanto possível. Ela virou a cabeça, piscando, quando lhe deu um sorriso ligeiro, instável, e ele começou a se aproximar, com a intenção de levantá-la em seus braços, quando ela virou-se para olhar para Ashe. No instante seguinte, ela lançou-se para o Deschanel, seus braços envolvendo o homem num abraço desesperado.

— Tire as mãos dela, maldição. — Kierland rosnou, quando Ashe agarrou Morgan contra o peito coberto pelo suéter e se ergueu com ela nos braços. O vampiro revirou os olhos cinzentos e começou a dar a volta nele, mas Kierland se colocou em seu caminho, bloqueando sua passagem, incapaz de controlar a fúria que se agarrou através dele ao vê-la nos braços de Granger. Ele não tinha justificativa para isso. Não havia razão válida para reclamar, e certamente nenhuma que ele próprio entendesse, mas ele não parava de dizer:

— Se ela precisa ser carregada, então eu vou fazer isso.

Granger parecia dividido entre a irritação e a diversão.

— Não é sexual, como você parece pensar. Estou apenas consolando-a.

Rangendo seus dentes, ele repetiu:

— Eu vou fazer isso.

A face de Morgan se aprofundou no ombro do vampiro, seus braços apertaram em torno de seu pescoço e Granger disse a Kierland com um sorriso sarcástico.

— Chame-me de louco, lobo, mas eu não acho que ela quer ir com você.

— E você acha que sabe o que ela quer? — Ele exigiu, com uma falsa calma, querendo jogar na cara do vampiro arrogante que Morgan tinha passado à tarde na cama com ele. Apenas algumas horas atrás, ele era o homem que a tinha conduzido, a feito gritar de prazer. A única coisa que o parou foi o pensamento de como Morgan reagiria se ele fizesse isso, o que só o irritou ainda mais.

Ele não queria tomar em consideração os sentimentos dela, caramba. Especialmente quando ela estava se agarrando ao vampiro como se quisesse deslizar sob sua pele.

— Eu acho que sei o que ela quer... Inferno... Muito melhor do que você. — Ashe murmurou respondendo à sua pergunta. — O que você estava pensando, trazendo-a para um clube cheio de vampiros?

— O que os vampiros têm a ver com isto? — Forçou para fora através de seus dentes cerrados.

— Ela não pode suportá-los. — A cabeça de Granger se ergueu um pouco para o lado, o tom tingido com escárnio quando adivinhou. — Ou você não sabia?

Varreu seu olhar sobre a forma como ela se segurava contra o peito de Granger, Kierland fez um som grosso, sarcástico na parte traseira de sua garganta.

— Sim, realmente me parece que ela não está suportando você.

Por um momento o Deschanel simplesmente olhou para ele e, em seguida um sorriso zombeteiro lentamente ondulou de sua boca, revelando a ponta de uma presa, e ele puxou Morgan mais perto do peito.

— Eu sou a rara exceção à regra. Ela confia em mim. Sabe que eu prefiro morrer a feri-la. — Fez uma pausa e, em seguida, acrescentou. — O que é mais do que pode ser dito sobre os outros homens em sua vida.

— Não estou brigando com você. — As palavras de Kierland, denunciavam sua raiva e frustração como uma coisa física em seu corpo, perfurando contra seu interior, seu lobo querendo o sangue do vampiro da mesma maneira que um viciado queria sua droga. — Mas, tão logo ela se acalme, eu vou chutar sua bunda.

— Vou olhar para frente enquanto você tenta. — Falou Ashe, enquanto ia em direção à saída do clube, Kierland afastou-se, em seguida, seguiu-os. Ninguém se incomodou com os dois homens altos de aparência sombria enquanto faziam seu caminho através do clube, os clientes humanos dando-lhes passagem.

— Onde está hospedado? — Perguntou o vampiro, uma vez que estavam em pé na calçada, o vento de janeiro chicoteando amargo em suas roupas e cabelo.

Empurrando as mãos nos bolsos, Kierland lhe disse que tinham quartos no Whitney. Então, ele manteve o ritmo ao lado de Granger quando o vampiro partiu para o norte em direção ao hotel.

— Você vai me explicar por que aqueles caras estavam lá?

Com voz fria, Granger disse:

— Trabalho.

— Você estava trabalhando? — Resmungou, sabendo que muitas vezes os Förmyndares trabalhavam disfarçados para o Conselho em casos especiais, infiltrando-se entre as organizações Deschanel cujas atividades ilegais ameaçavam a segurança dos clãs.

— Nada que seja da sua maldita conta, mas eu não estou trabalhando para o Conselho. — Granger respondeu, seu tom de voz grossa, com desprezo. — Nem todos nós temos o cuidado de se sentar e aguardar ordens. Se houver um problema, lidamos com ele.

Não foi a primeira vez que Kierland ouviu esse tipo de insulto dirigido aos sentinelas e as suas regras de engajamento, e não seria a última. Os metamorfos altamente treinados nunca foram feitos para interferir no funcionamento dos clãs até que seus superiores ordenassem o contrário. Mantinham-se "assistindo" as espécies sobrenaturais e relatavam seus resultados, só agiam quando o Conselho ordenava-lhes.

Pelo menos, era assim que deveria funcionar. A primeira vez que Kierland quebrou as regras, Nicole tinha perdido sua vida. Sua reação instintiva foi a seguir todas as ordens futuras, ao ponto da obsessão, até que o Casus tinha voltado e os Buchanans precisaram da ajuda de sua unidade. E desde então Kierland e seus amigos tinham escolhido atuar sobre suas próprias ordens, travando uma guerra contra os Casus sem o consentimento do Conselho, o Lycan tinha encontrado a si mesmo quebrando uma regra após o outra. Era como se uma reação em cadeia tivesse sido colocada em movimento, culminando com os momentos intensamente eróticos de algumas horas atrás.

De repente, o "menino de ouro" do Conselho tinha quebrado todas as regras, mais do que qualquer outro até então. Não que Kierland fosse reconhecer isso a Granger. Em vez disso, ele enrolou os lábios e murmurou:

— As regras que governam os Sentinelas estão lá por uma razão.

— Você realmente vai me dar sermões sobre a obediência a esses bastardos pomposos? — Granger questionou em um sotaque fácil. — Pelo que ouvi lobo, você não está mais em bons termos com o grande "Conselho".

Kierland poderia ter-lhe dito que os dirigentes já o viam como um canhão solto que não podia controlar, mas manteve sua língua dentro da boca. A última coisa no mundo que ele queria fazer era dar a impressão que ele e os vampiros realmente tinham algo em comum.

— A minha unidade luta contra o Casus, não há nada como a sua ideia de justiça vigilante, Granger, e você sabe muito bem disso.

— Paus e pedras. — O vampiro murmurou, inclinando-lhe um sorriso irônico quando levantou as sobrancelhas escuras. — E atrevo-me a perguntar o que você está fazendo aqui? Eu tenho tentado descobrir o que poderia ser terrível o suficiente para você estar em conjunto com Morgan.

— A mandaram atrás de mim. Para me dar uma má notícia. Precisamos de um guia para a Escandinávia. — Kierland disse em uma voz crua.

O Deschanel deu-lhe um olhar duro, rápido, todos os vestígios de sarcasmo e humor desaparecendo com o choque.

— Por que diabos?

Esfregando os nós de tensão na nuca, Kierland explicou sobre plano do irmão para ser capturado por Westmore e levado para onde os Kraven estavam escondidos, para que ele

pudesse salvar Chloe Harcourt. Ashe sacudiu a cabeça no instante que Kierland mencionou o nome de Kell, dizendo:

— Eu deveria saber que tinha algo a ver com Kellan. De nenhuma outra maneira, Morgan se exporia a um risco insano a menos que alguém com quem se preocupa estivesse em apuros.

Kierland grunhiu em resposta, seus pensamentos, de repente desviados pela estranha percepção de que ele não tivesse reagido às palavras do Deschanel, com seu habitual ciúme possessivo. Dois dias atrás, ele teria jurado que Morgan tinha, em algum momento no passado, ido para a cama com seu irmão, considerando-se o quão perto eles estavam... Ele estaria errado. Ela afirmou que ela e Kell nunca tinham estado envolvidos sexualmente, mas por alguma razão ilógica, Kierland realmente acreditava nela. Não valia a pena acreditar, caramba, mas ele acreditava. Ele não tinha nenhuma prova. Não há provas. E, no entanto, por mais estranho que parecesse, seus instintos diziam que ela havia falado a verdade.

O que era mais estranho ainda foi a descoberta que, mesmo se eles tivessem dormido juntos, Kierland ainda a queria, e o pensamento era tão inquietante que o fez recuar. Queria dar dez passos para trás na situação, e dar a sua mente o tempo para descobrir o que estava acontecendo com ele.

Tempo, no entanto, era algo que ele não tinha. Ele e Granger fizeram os últimos metros da caminhada em silêncio, até chegarem ao Whitney e tomarem um dos elevadores laterais até o quarto de Morgan, evitando os olhares curiosos no lobby do hotel.

— Ela está dormindo? — Kierland perguntou, incapaz de ver seu rosto sob a pesada massa de seus cabelos, seu corpo relaxado nos braços do vampiro.

—Mal. — Murmurou Granger. — Portanto, mantenha sua voz baixa.

Era impossível esconder a sua preocupação quanto ele perguntou:

— Isso é normal?

Granger estudou sua expressão com um misto de surpresa e curiosidade.

— Ela reage desta forma às vezes. — Finalmente respondeu. — Se o pânico é forte o bastante para segurá-la, ela apaga depois.

Quando saíram do elevador no décimo primeiro andar, Kierland tirou a chave extra que tinham lhe dado no momento do registro e abriu a porta de seu quarto. Caminhando para a enorme janela do outro lado da sala, ele olhou para fora sobre a cidade, ouvindo quando Granger suavemente empurrou a porta que fechou atrás dele. O animal feroz possessivo dentro dele se contorcia com o desejo de ir até Morgan arrancá-la dos braços do vampiro, mas ele trancou-se no lugar dele, cada músculo enrolado duro e apertado com a tensão fervendo.

— Segure-se. Calma. Eu não posso deixar o safado me enervar. — Kierland exalava um sopro de ar bruto, o predador nele enfurecido com a presença de um rival do sexo masculino... Enquanto ele o homem se esforçava para a loucura fazer sentido em sua cabeça. Finalmente, ele trancou sua mandíbula, forçando-se a virar-se, e não conseguiu deter um grunhido agudo com a visão de Granger sentado na cama, outro daqueles sorrisos tortos, zombeteiros curvando sua boca quando voltou o olhar para Kierland. O vampiro sentou-se com as costas na cabeceira de madeira, o corpo magro de Morgan apoiado em seu peito largo, seu rosto em repouso confiante contra o seu ombro. Nesse momento, com o ciúme, o ódio e a agressão primitiva surgiram através de seu sistema, raspando-o duramente, Kierland poderia ter

conduzido alegremente suas presas na garganta do desgraçado sem sofrer um único momento de arrependimento.

Ele não queria pensar sobre o quão bem eles pareciam juntos. Algo certo. Mas ele não podia desviar seu olhar, atraído para vê-los como os olhos de uma pessoa eram atraídos para uma coisa horrível, como um acidente na estrada. Seu cabelo era quase o mesmo tom de castanho, e apesar dos olhos de Morgan estarem fechados, Kierland sabia que eles eram de um tom cinzento quase idêntico ao do vampiro. Enquanto observava Granger passar a mão sobre os cabelos sedosos, abraçando-a contra seu peito, era dolorosamente óbvio para Kierland que o vampiro ainda a queria. Que ele ainda se importava. Kierland estreitou o olhar, quando Granger falou em uma voz profunda e tranquila.

— Você não vai dizer nada sobre os ataques de pânico, não é?

A questão pegou Kierland desprevenido, e levou um momento antes, de dizer:

— Dizer a quem?

— Ao Conselho.

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Não, eu não vou dizer-lhes. Quantas vezes eles já aconteceram?

— Não faço ideia. — O vampiro admitiu com uma careta, o seu toque suave quando empurrou para as costas o cabelo perdido no rosto pálido de Morgan. — Ela não me disse.

A partir de vários fragmentos dos acontecimentos, Kierland perguntou:

— Será por causa dos ataques de pânico que ela quer tomar a posição na Guarda?

Granger deu um aceno afirmativo, e disse:

— Ela não vai encontrar no trabalho de proteção algo tão emocionante quanto o que ela faz agora, mas ela está olhando para frente a esses espaços abertos na Austrália.

— Por quê? — Ele fez a pergunta, andando em direção ao pé da cama, incapaz de ficar parado. — Quero dizer, porque ela tem os ataques?

O vampiro lentamente levantou a cabeça, sua expressão zombeteira quando deu um olhar ardente a Kierland.

— O que faz você pensar que eu sei? — Ele perguntou em um sotaque lacônico, arqueando uma das sobrancelhas escuras novamente. Kierland ficou rubro, marcando um músculo em sua mandíbula travada, e o vampiro suspirou, dizendo: — Mesmo se eu quisesse te dizer lobo, não é um segredo meu para compartilhar.

— Mas ela te disse, não é? — Ele exigiu, cravando os dedos na outra extremidade da cabeceira da cama.

Outro sorriso torto, e o vampiro admitiu:

— Realmente, ela não teve muito escolha no assunto. Eu estava determinado a cuidar dela. Ser seu amigo, quando ela precisava de um. — Uma pausa, e então ele suavemente acrescentou: — Ao contrário de algumas pessoas.

As rédeas do controle de Kierland escorregaram um pouco mais para longe de seu alcance, e a madeira da cabeceira gemeu enquanto seus dedos apertaram. Em uma voz brutal, abafada, disse:

— Pelo menos ela nunca teve que foder por minha ajuda.

Em vez de vacilar com a acusação, Granger abaixou a cabeça, um ligeiro meio sorriso curvando sua boca, ele apertou um beijo carinhoso na testa lisa.

— Na verdade. — Ele murmurou. — Você nunca ajudou em nada. E eu sempre estive disposto a fazer qualquer coisa que Morgan quisesse. Tudo o que ela quer é só me pedir.

— É mesmo? — Ele rosnou, não mais soando como um homem.

Erguendo o olhar, o vampiro respondeu em um tom seco:

— Eu vou levar seu rabo por toda a Escandinávia, não é? Eu acho que é resposta suficiente.

— Mas quando ela veio a você sob as ordens do Conselho, você não titubeou em transformá-la em algo baixo, não é?

Granger deslizou-lhe um olhar de riso.

— Ninguém em sã consciência, eu lhe garanto. Na verdade, eu sempre me perguntei onde você encontrou a força de vontade para manter suas mãos longe dela. Fez-me muito curioso, há dez anos, tendo em conta o fato de que estava tão louco por ela.

Kierland descobriu que era impossível esconder o choque, em seguida percebeu que realmente não estava surpreso por Granger saber de seus sentimentos por Morgan.

Deve ter sido óbvio para qualquer pessoa que os tinha visto juntos. Granger mudou seu foco para a ferida causada pela mordida delicada do lado da garganta de Kierland, pouco visível acima do colarinho de sua camisa.

— Eu vou dizer isso, porém. — O Deschanel acrescentou as palavras em tom baixo ásperas com uma deliberada nota de advertência. — Ela não é sempre tão forte como ela finge ser. Morgan necessita de lealdade. Não de alguém que só vai usá-la e depois jogá-la de lado como o lixo de ontem.

Balançando a cabeça com a audácia do bastardo, ele retrucou:

— Se isso for verdade, então por que você magoou-a, dando o fora nela? Ela estava apaixonada por você, seu filho da puta.

Os cílios do vampiro abaixaram, escondendo o olhar em seus olhos.

— Considerando como você a tratou durante a última década. — Ele murmurou. — Eu não posso ajudar, mas pergunto por que você se importa.

Não havia nada que Kierland pudesse dizer que não iria enterrar seus dez metros de bunda no problema, então ele mudou de assunto.

— Você realmente vai ser capaz de fazer isso? — Exigiu com uma voz grossa, corajosa, empurrando as mãos dentro dos bolsos. — Realmente vai nos levar por toda a Escandinávia? Ou isto é apenas alguma porcaria de ego de macho que você quer mostrar a Morgan?

O riso dançou nos olhos do vampiro, seu sorriso arrogante quando disse: — Você realmente não gosta de mim, não é, lobo? É por causa do que eu tive com Morgan? — Mantendo-a apertada contra o peito, baixou a voz e continuou. — Ou é por causa do que eu tenho com ela agora?

— Basta responder a maldita pergunta.

— Eu posso fazê-lo. Não vai ser fácil, mas eu posso encontrar.

Por um momento, simplesmente Kierland ficou olhando Ashe. — Se você estragar tudo. — Finalmente advertiu em uma voz calma. — Não haverá nada no mundo que me impeça de te matar.

Virou-se então, em direção à porta, incapaz de tolerar a visão de Morgan nos braços do vampiro por um minuto sequer. Assim que abriu a porta, quando Granger o chamou.

— Só mais uma coisa. — Kierland olhou por cima do ombro, e com uma voz suave, o vampiro disse: — Magoe ela, e eu vou ter de estripar você, antes mesmo de que saiba o que te atingiu.

Um lento e selvagem sorriso torceu a boca do Lycan.

— Eu não posso te dizer o quanto eu adoraria ver você tentar. — Kier disparou de volta. Então ele saiu do quarto, determinado a encontrar uma maneira de esquecer a sentinela irritante embrulhada nos braços do inimigo.

O bater da porta, trouxe Morgan de volta à consciência, dolorida, um gemido baixo derramando de seus lábios enquanto balançava-se para ficar ereta em uma posição sentada.

— Calma lá, querida. Você teve uma noite infernal.

Apesar das dores persistentes de sua luta com os vampiros, ela conseguiu um sorriso trêmulo. Era impossível não amar o som da voz de Ashe, a mistura de sotaques do leste europeu e da cultura britânica deslumbrando seus sentidos.

— Eu estou bem agora. — Respondeu, tocada pela preocupação que ele demonstrava em seus belos olhos, a sombra de uma barba escurecendo o queixo apenas acentuando o seu ar perigoso.

— Você tem certeza? — Pressionou, com a manga de seu suéter de cashmere na marca de sangue do nariz de Morgan, e ela balançou a cabeça em resposta, colocando sua bochecha contra seu peito outra vez. — O que você faz quando não estou por perto? — Perguntou, seu toque suave quando empurrou-lhe os cabelos do rosto.

Com um encolher rígido de seus ombros, Morgan deu-lhe uma resposta honesta.

— Eu me viro por minha conta.

— Você não deveria ter de fazer isso. — Murmurou, passando-lhe a mão pelas costas.

— Sim, bem, você não deve fazer tudo o que estava fazendo nesse clube hoje à noite.

— Argumentou.

O peito de Granger tremia sob seu rosto com o riso, e Morgan pode ouvir o sorriso em sua voz quando ele disse:

— Touché.

— Então, onde está Kierland? — Ela perguntou, tentando soar casual, sem saber que o vampiro intuitivo podia lê-la com muita facilidade.

— Se eu tivesse que adivinhar. — Respondeu Ashe, brincando com as pontas dos cabelos dela. — Eu diria que ele desceu para o bar depois de dar o fora daqui. O lobo definitivamente parecia que precisava de uma bebida. Ou três.

Gemendo, ela deu a volta para que pudesse olhar na cara dele.

— Você brigou com ele?

— Ainda não. — Admitiu ele, um sorriso preguiçoso curvando os lábios. — Mas eu apreciarei a oportunidade.

— Homens. — Murmurou, os olhos estreitando-se enquanto notava as sombras espreitando sob os olhos de prata do vampiro. — O que está acontecendo com você, Ashe?

— Apenas o usual. — Respondeu muito rapidamente, com os braços fechados em sua cintura. — O trabalho está uma loucura. O regresso do Casus tem causado todo tipo de problemas. Parece que todos os psicopatas e megalomaníacos estão saindo esses dias, ansiosos por sua fatia do bolo do poder. Se o Conselho não fizer algo, vai encontrar-se derrubado antes que isso acabe.

Cruzando os braços sobre o peito, Morgan franziu a testa.

— Tenho certeza que você está certo, mas acredito que você está envolvido em algo que é... mais pessoal para você do que trabalho. Ou talvez a sua família. Quando Kierland e eu fomos ao apartamento de Gideon em Praga, alguém tinha revirado o lugar. Então eu encontro você com aqueles caras naquele clube, fazendo só Deus sabe o quê.

Ela podia ver seu cérebro trabalhar quando ele decidia o quanto ia dizer-lhe, pesando, o quanto devia manter segredo e, em seguida, com um suspiro cansado, ele disse:

— Sim, nós temos alguns problemas familiares, mas nada que Gideon e eu não possamos segurar.

Observando-o cuidadosamente, ela perguntou:

— Você sabia que Gideon está trabalhando com Kierland?

Ele respondeu com um aceno de cabeça, dizendo: — Gid me disse da última vez que conversamos. — Sua boca trançada com um sorriso irônico quando acrescentou. — Acho que serve para mostrar que bom gosto nem sempre funciona na família.

Ela queria saber se Kierland tinha dito por que estavam em seu encalço, e Ashe disse-lhe que ele tinha.

— Como eu sou grata a sua ajuda, eu quero que você prometa-me que não vai começar nenhuma briga nesta viagem. — Falou a ele, sua expressão e tom avisando-lhe que ela falava sério.

A curiosidade ardia em seus olhos, mas ao invés de perguntar em que grau estava seu relacionamento com o Lycan, ele apenas sorriu para ela, afirmando.

— Você ainda ama cada saliência em mim, não é?

— Prometa-me. — Ela insistiu.

Com um estremecimento teatral, ele amaldiçoou em voz baixa.

— Vamos, Morgan, isso é cruel.

— Eu quero que o diga, Ashe.

— Tudo bem. — Ele gemeu, fazendo uma careta. — Eu prometo. Mas você não é nada divertida, senhora.

— Conte-me sobre isso. — Suspirando, Morgan inclinou-se para baixo, pressionando o lado do rosto contra o peito do vampiro, e sorriu para o pulsar do seu coração pesado, só mais uma coisa que o folclore humano estava errado sobre a espécie de Ashe.

— Kierland estava puto quando saiu? — Ela perguntou com uma voz calma, lembrando a forma como a Lycan tinha olhado quando ela instintivamente se atirou nos braços de Ashe.

Dando um riso, pouco resistente, respondeu: — Ele olhou para mim como se quisesse rasgar a minha cabeça, mas ele não estava bravo com você, querida. Para ser honesto, ele parecia preocupado como o inferno toda vez que ele olhava para você. Tanto quanto confuso. — Uma pausa, e então ele calmamente continuou. — Acho que você não disse a ele sobre o que aconteceu com você e o vilão.

Afundando os dentes em seu lábio inferior, Morgan sacudiu a cabeça.

— Eu não pude. — Empurrou as palavras arranhando sua garganta rouca. — Eu não quero que ele saiba sobre o passado, Ashe.

— Por que não? — As palavras foram gentis, sem qualquer julgamento ou crítica, mas ela sabia das conversas passadas que Ashe não concordava com ela.

— Porque não faria nenhuma diferença agora. — Disse a ele, pensando na situação. Havia algo de estranho sobre as ações de Kierland que ela não podia entender. Se ele a estava usando para chegar a Ashe, como ela o acusou de querer fazer antes deles dormirem juntos, então por que o Lycan teimoso a deixou no conforto dos braços do vampiro? Por que não usou a oportunidade de criar uma cena?

Morgan ainda estava remoendo a questão, quando Ashe disse:

— Então, você finalmente dormiu com ele.

Seu corpo sacudiu com a surpresa, uma inquietante mistura de choque e dor imediatamente rasgando o seu sistema quando seu cérebro chegou à conclusão lógica.

— Ele falou que... — Ela engasgou.

— Não, ele não disse nada, querida. Mas... Eu posso dizer.

Uma onda de alívio fez sua cabeça leve, e ela enterrou seu rosto contra o peito dele.

— Você está louco, Ashe. Especialmente se você acha que eu vou falar sobre esse assunto com você.

— Você não pode mentir para mim, meu anjo. — Sua mão mudou para seus cabelos, acariciando seu comprimento. Não havia nada de sexual em seu toque suave. Era simplesmente o conforto... cuidado. — Eu te conheço muito bem.

Ela fechou os olhos, sentindo como se o seu rubor fosse queimar o seu caminho através de sua camiseta, e ela sabia que ele podia sentir o calor.

— Por favor, não me faça falar sobre isso. — Falou em uma voz abafada. — Eu não posso explicar, porque eu mesma não entendo.

Ashe pareceu refletir por um momento, antes de dizer: — Então não havia uma imortal declaração de amor.

Morgan riu baixo um momento antes de ser capaz de engolir o nó em sua garganta, de alguma forma.

— Ele quer me tirar da cabeça.

Ele ergueu o queixo de Morgan com um dedo, e havia um sorriso em seu rosto, seus olhos brilhavam com uma estranha mistura de humor perverso e uma espécie de sombra de tristeza.

— Bem, eu poderia ter-lhe dito que não é possível.

Morgan revirou os olhos.

— Você sabe que você não me quer mais assim.

Suspirando, ele disse: — Você sabe tanto, não é?

— Apesar do calor em sua pele agora. — Ela murmurou, colocando a mão contra o lado de sua garganta quente. — Você sabe que eu vou deixá-lo frio, Ashe.

— Não tem que ser dessa maneira. — Sua voz era baixa, cuidadosa... como se ele estivesse tomado cuidado com suas palavras, mas ele sempre tomou cuidado com ela. Levantando a mão de sua garganta, mas para correr seus dedos por ela, sua voz escura, aveludada quando disse: — Eu ainda acredito que se você tivesse sido capaz de me dar seu coração, eu teria começado o incêndio.

A "queima" para o sexo masculino Deschanel começava quando conhecia a mulher que deveria ser dele por toda a eternidade. Embora pudessem levar ou pedir emprestado "calor" por um tempo de suas amantes não Deschanel, apenas os seus companheiros de vida poderiam iniciar a mudança permanente dentro de seus corpos que bania o frio para sempre.

Suavemente, ela argumentou:

— Eu não acredito que teria acontecido dessa maneira, Ashe. Algum dia você vai encontrar uma mulher que você defina como fogo, e então você vai entender a diferença.

Seus lábios se contraíram, um sorriso tocou os cantos da boca.

— Você não sabe tudo, Miss sabidinha. Se você olhasse para mim do jeito que você olha para o lobo, eu provavelmente me consumiria em chamas.

Morgan ainda estava sacudindo a cabeça quando ele perguntou:

— Ele foi gentil com você?

— Que tipo de pergunta é essa? — Ela gaguejou, o rosto ardendo como quando se empurrou para longe de seu peito.

— Parecia simples para mim. — Retumbou, seu sorriso tornando-se mau. — Agora vamos ouvi-la dar uma resposta simples.

Um silêncio de coração batendo, e então ela finalmente sufocou uma resposta.

— Suave é uma palavra que definitivamente não usaria para descrever a experiência. — Disse a ele, mantendo seu olhar fixo no queixo forte, era muito desconfortável olhar nos olhos dele.

— Bom[= Levantando as sobrancelhas, Morgan não pode entender, mas deu um riso espantado quando levantou seu olhar para o dele. — E isso vindo do vampiro que me tratou como algo que pudesse quebrar toda vez que me tocou.

Rolando o ombro, Ashe afirmou:

— Isso era o que você precisava naquele momento. — Esfregou o polegar contra o canto da boca, então pousou o punho contra seu queixo.

— Mas você está diferente agora. Mais forte.

— Não sou tão forte. — Gemeu, todo o prazer que sentia sumindo de suas palavras quando pensou no que tinha acontecido no clube. — Eu fui um desastre total, esta noite, Ashe. E eu estou fraca regularmente agora, mesmo quando estou em combate, o que nunca aconteceu antes. Os últimos dias têm sido tão embaraçosos.

— É provável que seja apenas o estresse que você está suportando. — Disse a ela, sua voz profunda e quente, com preocupação. — E você sabe muito bem que não é algo para você se envergonhar. Cristo, o que você passou foi um pesadelo, Morgan. É um milagre que você ainda tenha sobrevivido.

Com o estômago em nó, ela argumentou:

— Eu tenho estado sob estresse antes, e nunca foi assim.

— Sim, mas estes últimos meses têm sido difíceis. Você esteve preocupada com a guerra, e agora você está preocupada com o Kellan. Embora eu ache que também pode ter algo a ver com o lobo. — Sugeriu.

Seus olhos aumentaram.

— O que Kierland têm a ver com isso?

Um sorriso lento cruzou a boca de Ashe.

— Pense sobre isso querida. Quando você está em torno de Scott, você provavelmente usa muito de sua energia emocional lutando com seus sentimentos por ele, que acabam por não ter força bastante para afastar seu pânico, do jeito que você geralmente é capaz de fazer.

Morgan começou a reagir, pensando que ele só poderia saber sobre algo, mas suas palavras se perderam por trás de um bocejo, longo exausto que a pegou de surpresa.

— Desculpe. — Ela murmurou, cobrindo a boca enquanto bocejou novamente. A reconfortante combinação do quarto de hotel acolhedor e o abraço forte de Ashe a estava embalando no sono, o seu sistema deixava de funcionar, agora que ela se sentia segura.

A voz profunda do vampiro foi hipnoticamente calmante quando ele a puxou contra o seu peito.

— Shh. Basta tentar descansar um pouco, querida. Podemos resolver isso tudo mais tarde. Agora você precisa dormir um pouco.

— Você não vai sair? — Ela sussurrou, os olhos tão pesados que ela mal conseguia mantê-los abertos, a tensão emocional dos últimos dias de repente aproximou-se dela.

Acariciando-a de volta, ele lhe disse:

— Eu vou ficar aqui.

— Você sempre foi muito bom para mim. — Falou, sonolenta, recostando-se contra o peito morno de Ashe, com os braços embalando-a com carinho e forte proteção. Mas era o rosto lindo do Lycan, que Morgan viu quando fechou os olhos.

CAPÍTULO DOZE

Escandinávia.

Terça à noite.

KIERLAND IMAGINOUE era uma verdadeira prova de sua loucura que um olhar para Morgan lhe desse água na boca, mesmo quando envolta em camadas de roupa de inverno. Embora a maioria das espécies dos clãs pudessem suportar o frio melhor que os humanos, os três tinham ainda necessitado de camisas quentes e casacos para a sua viagem através do grave clima da Escandinávia.

Eles começaram sua jornada nas primeiras horas da manhã e tinham chegado ao norte de trem, fazendo um excelente tempo da Noruega até ali. Graças ao homem que tinha permitido a Granger beber seu sangue, uma semana antes, ele foi capaz de viajar a luz do sol, pois os Deschanel podiam temporariamente "assumir" certos traços daqueles de quem se alimentavam. Kierland não compreendia exatamente como funcionava, mas aparentemente algumas espécies, como a dos seres humanos, podiam dar aos vampiros a capacidade de caminhar a luz do sol por até uma semana. E vendo como ele nunca se retorcia de dor diante do crepúsculo dessa região nesta época do ano, concluiu que funcionava bem.

Granger ter aversão à luz do sol não seria um problema uma vez que eles estavam lá, pois o sol raramente dava o ar de sua graça, naquele lugar esquecido por Deus. Kierland nunca tinha viajado para a Escandinávia, tinha estado inseguro de como iria funcionar, mas Granger tinha tornado tudo mais fácil, o que os salvou de horas de viagem. Protegidos por magias que faziam a região invisível aos seres humanos, a Escandinávia era uma prisão, grande e amargamente fria, que "compartilhava" espaço físico com as florestas escandinavas que os rodeavam. Kellan poderia ter, elaborado uma explicação técnica melhor, usando palavras como "dimensão" e "tempo/espaço contínuo", mas Kell era sempre assim. Seu irmão sempre tinha sido muito inteligente para seu próprio bem, e Kierland só podia rezar para que seu intelecto afiado fosse suficiente para mantê-lo vivo nos próximos dias.

E quando ele finalmente colocasse as mãos sobre ele, Kierland ia plantar um beijo no idiota... E depois chutar o rabo dele por assustá-lo como o inferno. Então, quando seu irmão se levantasse do chão, ele iria chutar o rabo dele novamente por colocá-lo nesta situação insustentável, onde ele estava preso com Granger e Morgan. Seu ressentimento com o vampiro cresceu a cada passo dado, enquanto sua fome pela Sentinela feminina fervia sob sua pele, transformando-o de dentro para fora. Uma vez que eles entraram na Escandinávia, Morgan tinha definido a direção que iriam tomar, seguindo o "puxar" do sangue de Kellan e acabaria por levá-los a ele. Após uma caminhada difícil de cinco horas, Granger os levou por terras perigosas a fim de mantê-los no chamado "território neutro", que ainda não havia sido reivindicado por nenhuma das famílias exiladas.

Quando finalmente pararam para fazer um acampamento em uma clareira coberta pela neve, seus nervos estavam à flor da pele, o cansaço cobrando seu preço. Estava frio, escuro e com rajadas de vento, o temporal de neve chicoteava do céu cinza-ardósia, o terreno acidentado era uma combinação de montanhas íngremes e densas florestas, tornando-se impossível usar qualquer tipo de transporte mecânico, tais como uma moto de neve. Mas mesmo que o céu estivesse claro e limpo, os feitiços que faziam o uso de telefones celulares

impossíveis dentro da região, tinha um efeito similar em motores. Em consequência, foram forçados a viajar a pé, seus equipamentos limitados ao que podiam carregar em suas costas.

Embora ele e Granger estivessem fazendo o seu melhor para ignorar um ao outro, o Deschanel se afastou da pequena fogueira que tinha começado a fazer no centro do acampamento, deixando Morgan ajoelhada ao lado das chamas crepitando, e dirigiu-se ao lugar onde Kierland estava. Quando o vampiro parou a poucos metros do enorme pinheiro, onde Kierland estava encostado, ele percebeu o brilho beligerante no olhar do Lycan e murmurou:

— Eu tive uma estranha sensação de que estávamos sendo seguidos há algum tempo, mas não fui capaz de perceber qualquer coisa específica. E você?

— Eu tive uma sensação semelhante. — Admitiu, enquanto uma parte dele percebia o fato de que estava falando com Ashe Granger de uma forma semicasual. Mas não queria perder tempo brigando com o filho da puta enquanto estavam em território hostil, o perigo aumentava a cada etapa que os levava para o deserto gélido e vasto. — Você acha que podemos estar imaginando coisas? — Ele perguntou. — Criando um problema por que ainda não encontramos um real?

Um sorriso tocou a boca do vampiro, e ele riu enquanto passava a mão sobre seu cabelo curto.

— Pode ser. Deus sabe que este lugar sempre me deu arrepios. — Murmurou, lançando um olhar triste ao ambiente sombrio, antes de fixá-lo em Kierland novamente. — Mas eu queria saber se você acha que poderiam ser os Caminhantes da Morte, algum já veio atrás de você? Gideon me contou sobre eles na última vez que conversamos.

Kierland sacudiu a cabeça.

— Só se eles conseguiram mascarar seu cheiro, que eu saiba cheiram como algo que foi deixado para apodrecer no calor. Mesmo aqui, onde a neve e os ventos constantes tornam quase impossível o monitoramento, nós seríamos capazes de dizer se eles estivessem por perto. Mas, eu não tenho certeza se eles poderiam nos seguir aqui.

O vampiro deu outra risada corajosa.

— Muito triste quando um monte de psicopatas em decomposição têm mais senso de direção do que nós, não é?

— Ultimamente, parece que todos e tudo têm mais senso do que eu. — Murmurou secamente, surpreso ao encontrar-se momentaneamente animado com a conversa com o cara.

— Eu conheço a sensação. — Granger preocupado colocou dois dedos contra seu queixo sombreado pela barba, em seguida, deu um aceno de cabeça firme. — Eu vou rastrear o perímetro e me certificar que não há nada demais por perto, só para estar seguro. Mesmo sem a possibilidade dos Caminhantes da Morte, Casus e Kravens ou soldados extremistas atrás de nós, ainda temos de estar em vigília com os vampiros que vivem neste buraco de merda. Da maneira que nós Deschanel podemos mascarar nosso cheiro, eles poderiam estar bem em cima de nós antes mesmo que nos déssemos conta de que estavam aqui. E pelo que eu vi deles, os vampiros aprisionados aqui são mais problemas do que precisamos neste momento.

O vampiro caminhou de volta ao fogo e falou brevemente com Morgan, então desapareceu na floresta densa, deixando-os sozinhos. Kierland se manteve contra a árvore, apenas olhando para ela, enquanto desejou ter se lembrado de pegar alguns cigarros antes de

partirem. Só Deus sabia como ele precisava de um. Ficou ali com seu corpo inerte por mais um momento analisando-a. Ela tinha um ar de cansaço em sua expressão tensa, enquanto olhava para as chamas bruxuleantes, sua mente, obviamente, estava a um milhão de milhas de distância, deixando-o livre para olhá-la, absorvendo a beleza delicada de seu perfil. Enquanto estava ali, teve que lutar para manter-se longe dela, não pôde deixar de lembrar a conversa ao telefone que tinha tido com Quinn, quando tinha deixado seu quarto na noite passada. Deixou seu quarto, e se dirigiu até o bar sozinho... deixando-a nos braços de outro homem.

Depois de escolher uma das mesas num canto escuro, atrás dos painéis de madeira no bar, Kierland tinha acabado de erguer seu copo de uísque aos lábios, quando seu telefone tocou. Na próxima meia hora, ele tinha explicado ao amigo o que tinha acontecido, ouviu quando uma segunda voz amaldiçoava e o ruído de algo caindo e murmurou:

— Que é isso? Uma chamada em conferência do inferno?

Aiden e Quinn deram risadas do outro lado da linha, em seguida, continuaram acusando-o de ser um bastardo teimoso, aquele que sempre se recusava a praticar o que pregava. Embora ele quisesse dizer o contrário, ele não podia. Kierland sabia que seus amigos estavam certos. Ele não tinha nenhum problema em dar conselhos os homens que eram como uma família para ele, mas ao inferno se ele alguma vez aplicou tais conselhos em suas próprias circunstâncias.

A conversa continuou com alegações de que ele era um hipócrita bastardo e alguns avisos guturais de que iria perdê-la, para o rival se não fosse cuidadoso. Naturalmente, a resposta amarga de Kierland foi que ele não podia perder algo que nunca havia sido seu desde o início. Então ele acrescentou que o fato de que não tinha vontade de se amarrar com uma mulher como Morgan Cantrell pelo resto de sua vida, para o que seus amigos tinham respondido com outra rodada de acusações.

Ele retrucou que ela provavelmente ainda estava apaixonada por Ashe Granger. Eles argumentaram que, se Kierland não era homem suficiente para lutar por ela, então ele não a merecia. Passando os dedos nos olhos cansados, ele rosnou finalmente que não sabia o que diabos eles estavam falando, ao que seus amigos responderam que ele jamais seria feliz se não aprendesse a tirar a cabeça do próprio rabo. Uma vez que a conversa, obviamente, não levava a lugar nenhum, Kierland tinha mudado o assunto, dizendo-lhes a teoria de Morgan sobre os Marcadores da Escuridão serem as chaves que abriam a porta para Meridian. Com sua atenção desviada, os Sentinelas o tinham pressionado por mais detalhes, e então tinham se mantido absortos em uma discussão tensa sobre a guerra.

— Os Caminhantes da Morte são o elemento que mais me preocupa. — Resmungou Quinn. — E não apenas porque eles estão vindo atrás de meus amigos. É o fato de que eles não dão uma única pista sobre qualquer coisa. Uma vez que se encontram escondidos entre os seres humanos.

— A merda vai realmente atingir o ventilador. — Aiden juntou-se ao desabafo de Quinn.

Depois que Kierland prometeu proteger as próprias costas e entrar em contato com eles logo que possível Kierland tinha terminado a chamada. Pediu outra bebida, e tentou se sentar e relaxar. Sentar. Relaxar. Mas não funcionou. Tudo o que ele podia pensar era em Morgan em seu quarto, deitada nos braços daquele bastardo. Raiva, luxúria e ciúme estavam

se torcendo dentro dele, enrolando-o em nós, o rosto quente, as mãos se apertando tanto que era um milagre que o copo não se quebrasse em sua mão.

Eventualmente, ele desistiu de tentar combatê-la e tinha voltado para cima, para o quarto de Morgan. O vampiro tinha adormecido na cama com ela, ainda embalando-a nos braços. A vontade de jogar o idiota para fora, foi quase impossível de resistir, e, ainda assim, ele se conteve, sabendo que ela precisava de repouso... E paz. Assim, ele estabeleceu-se no sofá em vez disso. Sentiu-se como um idiota, mas não tinha sido capaz de ir para seu quarto e deixa-la lá com Granger.

Tornava-se claro para ele que, de muitas formas, não conhecia a real Morgan Cantrell em tudo. Ele havia criado uma "imagem" dela em sua mente, que havia usado como um alvo para sua raiva e frustração, mas... que não era a Morgan real. Ela era difícil e poderia ser um osso duro de roer quando precisasse ser. Ela era forte e feroz e poderia enfrentá-lo, recusando-se a acatar suas decisões. Mas também era amável e suave e quase... frágil. Tão delicada como rendas antigas ou as pétalas de uma flor. Quase etérea como um amanhecer nublado pela cor lavanda... Ou como os primeiros raios de sol, surgindo após uma tempestade. Era embaraçosa, a maneira como ele era poético sobre ela, mas não podia fazer nada quanto a isso.

Sua maldita cabeça estava girando apenas de olhar para ela, lembrando-se de cada momento das horas no quarto de hotel em Weesp, seu pau tão malditamente duro que ele poderia ter batido em um muro e derrubá-lo. Ela era, na realidade, uma mistura complexa de ternura e força branca e quente... perigosa... fascinante e se houvesse uma única chance no inferno, das coisas entre eles darem certo, sem terminar em um desastre, Kierland desejaria mantê-la mais do que já tinha querido algo em sua vida inteira.

Ah! Inferno, pensava ele, esfregando as mãos pelo rosto, sua barba incipiente arranhando contra as palmas das mãos. Quem ele estava tentando enganar pensando assim? Só porque ele sabia que não poderia mantê-la não significa que ele a quisesse menos. Ele sabia que era uma loucura, mas ele não conseguia parar de pensar em tê-la debaixo de seu corpo novamente. E depois a loucura, o sexo fora do controle, ele a queria presa em seus braços e, então apenas segurá-la contra seu coração, dizendo-lhe quão preciosa ela era... Como era linda... Como era corajosa.

— E o que em nome de Deus é isso? — Silenciosamente ele rosnou, passando seus dedos nos olhos.

— Você parece cansado. — As palavras suaves puxaram Kierland de seus pensamentos como um esguicho de água fria em seu rosto. Ele abaixou as mãos, piscando, surpreso ao descobrir-se diante de Morgan, olhando em seus olhos... Esperando por uma resposta. Pigarreando, ele enfiou as mãos nos bolsos e disse simplesmente:

— Foi uma longa noite.

— Mais para uns do que outros. — Morgan murmurou, incapaz de disfarçar a amargura em sua voz.

Ele inclinou a cabeça um pouco para o lado, obviamente, percebendo a tensão em suas palavras.

— Se há algo que você queira dizer, basta dizer.

— Tudo bem. Onde você foi ontem à noite? — Ela sussurrou, as palavras saíram de um só fôlego. Morgan sabia que estava louca em lhe perguntar isso, mas não pode deter-se. Isso estava deixando-a louca durante todo o maldito dia.

— Enquanto eu estava com Ashe. Eu sei que você voltou para o quarto e dormiu no sofá, mas onde você esteve antes, então? O que você estava fazendo?

Ele desenhcou as sobrancelhas juntas em uma carranca, os vincos do canto de sua boca se aprofundando com raiva.

— Espere um minuto. Você está falando sério?

Empurrando as mãos nos bolsos do casaco, ela mordeu o lábio inferior e assentiu, seu estômago dando cambalhotas devido ao nervosismo.

Ele estreitou os olhos, o verde pálido de seus olhos começou a brilhar com uma luz sobrenatural quando perguntou:

— O que você acha que eu estava fazendo? — Sua voz era incrivelmente macia, mas Morgan podia ouvir a corrente de raiva afiada através das palavras.

— Eu acho que você foi para o bar e... — Ela engoliu em seco, incapaz de terminar de dizer o que tinha começado, mas isso não importa. Ela pode ver pelas linhas de choque em sua expressão que ele sabia exatamente o que ela queria dizer.

Ele correu a língua sobre os dentes, então forçou as duas palavras saírem baixas e guturais.

— Eu não.

O coração de Morgan cambaleou em resposta dizendo-lhe o quanto queria acreditar nele. Estúpido, mas ela não podia fazer nada. Tomou uma respiração rápida, e virou o rosto para o lado, olhando para o emaranhado de árvores cobertas de neve em torno da floresta.

— Eu teria que ser uma idiota para acreditar em você. — Sussurrou, balançando a cabeça.

— Morgan droga. Eu não fiz merda nenhuma!

Assustada com a força brutal de suas palavras voltou seu olhar capturado pelo ardor forte de emoção latente nos olhos verdes, puros e belos. Queria tanto acreditar nele, o que só a fez se sentir como uma tola.

— Eu poderia ter tido uma mulher debaixo de mim, se eu quisesse. — As palavras soaram baixas e cuidadosas, como se ele estivesse lutando para manter um tom calmo. — Mas a única mulher em que eu estava interessado, estava aninhada na cama com um vampiro. Então, eu tomei um par de bebidas e voltei para cima para dormir em seu maldito sofá.

— Por quê? — Ela murmurou, o olhar fixo no dele. Ela não poderia ter afastado o olhar mesmo que quisesse. — Por que você voltou para o meu quarto? Foi porque você não confia em mim com Ashe?

Ele puxou a mão do bolso, empurrando seus longos dedos através de seu cabelo quando rosnou:

— Eu estava preocupado com você, droga!

Sua respiração ficou ofegante, e ela puxou o lábio inferior com os dentes, querendo tanto tocá-lo... Beijá-lo, mesmo sabendo que seria estúpido. Um erro. Ela já estava obcecada, incapaz de tirá-lo da sua mente. Qualquer contato extra neste momento só iria piorar a situação.

Com uma voz suave, ela perguntou:

— O que você quer de mim, Kierland?

— Algo que não posso ter. — Murmurou, desviando o olhar. — Algo que não existe.

Lutando contra o desejo de alcançá-lo e tocar o queixo duro sombreado com as pontas dos dedos, ela sussurrou:

— Eu não sei o que isso significa.

Um riso bruto saiu de sua garganta, e desta vez foi ele quem começou a sacudir a cabeça.

— Você não quer saber, Morgan. Confie em mim.

Com uma respiração profunda, ela se forçou a dar um passo para trás, aumentando a distância entre eles.

— Não importa de qualquer maneira. — Falou em um tom suave, sabendo que precisava se virar e ir embora, antes que fizesse algo estúpido. — Esta foi uma má ideia. Eu não sei o que estava pensando. O que aconteceu entre nós, é... não fez nada melhorar.

Sua cabeça se levantou suas narinas dilataram quando ele se afastou da árvore.

— Não há volta agora. — Ele disse as palavras, com seus olhos brilhando nas escuras sombras do crepúsculo.

— Não... ouça. Três noites atrás, você estava pegando duas mulheres em um clube. Apesar do que você pensa de mim, Kierland, que não é bom eu sei... eu gosto de sexo, e não tenho vergonha de admitir isso. Mas eu não sou... eu não jogo nesse campo como você faz. O sexo significa algo para mim. Não pode haver amor entre nós. Quer dizer, eu sei que você estava apenas pensando na parte física, só queria colocar em dia o que está atrasado... entre nós, mas eu não penso dessa maneira.

Por um momento, muito tenso, ele simplesmente olhou para ela, seus olhos pesados, a parede muscular do peito arfante com a força de sua respiração. E então ele estava bem na frente dela, seu corpo poderoso pressionando-se contra ela, suas mãos grandes segurando as laterais de seu rosto, inclinando sua cabeça para trás.

— Eu não queria, mas isso significa algo para mim também. — A palavra vibrou com a fome. — Então, pare de pensar que estou procurando outra mulher para me satisfazer, porque isso não vai acontecer.

Piscando para ele, disse as primeiras palavras que surgiram em sua mente.

— Mas você nem sequer gosta de mim, Kierland.

Ele balançou a cabeça um pouco, um sorriso tocou-o no canto da boca. — Eu nunca disse isso.

Ela revirou os olhos. — Acho que nossa história fala por si.

Ele soltou um suspiro áspero e apertou a testa contra a dela, os dedos moldaram-se em torno de sua cabeça.

— Meus sentimentos são... complicados quando o assunto é você, Morgan. Mas se eu não gostasse de você... — Murmurou, sua voz baixa... Rouca. — Eu nunca teria dado a mínima para o que aconteceu entre você e Granger.

— Você é tão confuso. — Ela começou a dizer, mas o resto de suas palavras se perderam em sua boca. Para bem longe de sua língua.

O abismo, o beijo de boca aberta foi deliciosamente selvagem, faminto, seu corpo roçando o dela de uma forma que fez sua respiração começar a fugir de sua garganta. Lambeu a parte interna da boca como se estivesse saboreando seu gosto... Seu sabor, em um ato sensual, uma das coisas mais eróticas que Morgan já havia experimentado, e seu corpo respondeu com um aceno, assustado com o vertiginoso calor.

Ela nunca teria imaginado que ele iria desfrutar do beijo tanto quanto ela, mas era evidente que sim, pela maneira que ele devastou sua boca com profundidade, lambendo com uma pressão sedutora. Era hipnótico, rico e dolorosamente delicioso, cada respiração áspera quase a fazia desmaiar, a fome de sua língua puxando-a em direção as sensações nas profundezas da sua alma agitada.

Com um gemido baixo na garganta, ele se virou, mudando suas posições, com uma urgência repentina em seus movimentos quando a apertou contra o tronco grosso do mesmo pinheiro em que tinha estado encostado. Ela ofegou, seu pulso rugiu quando ele rasgou sua camisa, empurrando o suéter para cima e puxou a taça de seu sutiã para baixo até que os mamilos rosados estivessem descobertos para os elementos, enrugados de frio. Morgan estremeceu, então gritou quando sua boca quente se fechou sobre a ponta sensível de um mamilo. Ele amamentou avidamente, chupando o mamilo contra o céu de sua boca, enquanto abria o botão de seu jeans, puxando o zíper. Em seguida ele empurrou a mão dentro da abertura, empurrando os dedos longos dentro de sua calcinha, atingindo profundamente até que estava tocando as quentes e encharcadas dobras de seu sexo.

— Você ainda está inchada. — Ele gemeu, lambendo seus mamilos, em seguida, capturando-os com os dentes. Seus olhos foram até seu rosto, cheios de segredos e fome, em seu olhar havia mais coisas do que ela tinha células cerebrais para analisar naquele momento, pois todo seu sangue estava correndo para os lugares onde seus dedos tocavam, pulsando no nó inchado de nervos capturado sob o deliciosamente calejado polegar dele. — Muito dolorida? — Perguntou ele, empurrando dois dedos pela abertura inchada de seu sexo, esticando-a quando os forçou profundamente, até os nós dos dedos.

Morgan balançou a cabeça, incapaz de parar seus quadris, empurrando-os para frente, buscando mais da penetração íntima. Flocos de neve caíram por sobre os cabelos ruivos de Kierland, parando nas pontas de seus longos cílios. Seus olhos verdes queimando, como se estivessem imersos nas cores de inverno da floresta. Então ele a beijou novamente, e ela se desfez para a seda quente e a aveludada maciez da sua boca. De uma forma que ela nunca havia pensado antes. Kierland era tão duro e agressivo em seu exterior e, mesmo assim. Seus beijos eram cheios de luxúria, de uma promessa carnal. Eles eram todas as preliminares por conta própria, e ela derreteu sob o ataque sensual, se afogando em fome pela sensação. Moveu os dedos grossos dentro dela, acariciou-a profundamente na parte mais sensível de seu corpo quando interrompeu o beijo, seu hálito quente e rápido contra seu rosto, para deixar as palavras caírem de sua boca, roucas e ásperas.

— Eu não posso parar de pensar em você. Sobre como se sente, como você gosta. Em como é apertada esta sua doce parte. Em como ela me prende. Chupa-me quando entro. — Ele apertou a boca quente na frieza da pele de seu rosto, esfregando-se em sua pele. — Eu quero passar horas dentro de você, Morgan. Eu quero permanecer lá até não podermos mais lembrar nossos nomes.

— Sim. — Ela assobiou, enlouquecida com a pressão, contra seu quadril.

Ela estava desesperada por tocá-lo. Para pegar seu eixo pesado no frescor da palma de sua mão. Ofegante e dolorida, Morgan chegou a sua braguilha, mas ele de repente agarrou seu pulso.

— Espere. — Ele resmungou, logo puxando sua mão para fora de suas calças.

— Algo está errado.

— O quê? — Ela balançou a cabeça como se tentando acordar de um sonho. — O que há de errado?

Kierland levantou a cabeça, cheirando o ar.

— Merda, alguém está vindo. Não se mova. — Rosnou, puxando uma das armas que pegou de manhã e virou-se para a clareira. Ela se atrapalhou com o botão e o zíper em seu jeans, estranhamente confusa pelo fato de que Kierland colocou-se na frente dela, como se ela precisasse se esconder atrás de suas costas. Sua raia de proteção era meio doce, mas ela não tinha intenção de permitir a ele enfrentar o perigo que estava vindo por conta própria, sem sua ajuda. Não importa o que estivesse lá fora, ela ia lutar ao lado dele. Apesar de a escuridão ter se aprofundamento em torno deles, tinha um céu muito aberto sobre sua cabeça, e ar fresco soprava contra seu rosto. Por nenhuma maneira no inferno ela iria deixar o pânico afundar seus dentes novamente nela.

Um segundo depois Ashe apareceu na clareira, a sua arma na mão, também.

— Temos visitas.

— Quantos? — Kierland resmungou.

— Um macho Deschanel, com certeza. Talvez mais.

— A que distância está? — Morgan perguntou, puxando a própria arma do bolso de seu casaco.

As armas de fogo por si só não iriam matar um vampiro, mas pelo menos iria retardá-lo. Antes que Ashe pudesse responder sua pergunta, uma voz rouca veio do meio as árvores a sua esquerda.

— Nem tão perto quanto eu gostaria de estar. — Desafiou um homem alto, esguio, com os olhos brilhando com um selvagem prateado natural em resposta a luz bruxuleante da fogueira.

Morgan poderia dizer por seu cheiro que ele era um Deschanel. Ele estava vestido com botas, jeans rasgado e manchado de sangue e uma camiseta preta, sua pele coberta por um brilho reluzente de suor, como se ele nem sequer registrasse o frio.

— Você sabe que está invadindo a minha terra? — Exigiu. Seu Inglês com forte sotaque.

A voz profunda de Ashe foi calma, se não amigável.

— Este é um território neutro.

— Não mais. — Argumentou o macho enquanto corria seu olhar cinzento sobre Kierland e Ashe, antes de se focar em Morgan, onde permaneceu. Ele estava a mais de seis metros, seu corpo poderoso e magro, mostrando a definição dos músculos nitidamente sob sua pele pálida. O grosso, cabelo castanho-chocolate estava penteado para trás a partir do rosto vermelho, teria sido bonito se não fosse o pesado, pulsar potente de loucura vibrando por dele.

— Eu já reivindiquei esta terra como minha. — Acrescentou. — O que significa que tudo nela me pertence.

O vampiro estava claramente fora de seu juízo perfeito, o estômago de Morgan atou com tensão, uma sensação ruim correu por sua pele com a forma que ele ficou olhando para ela, seu sanguinário olhar movendo-se lentamente ao longo da frente de seu corpo, demorando-se em seus peitos... E coxas. Havia uma mancha escura avermelhada no canto de sua ampla boca que parecia ser sangue seco, e ela quis saber quem ou o que ele tinha atacado.

— Nós não queremos nenhum problema. — Falou Kierland no que ela poderia dizer ser um esforço de soar razoável.

— Nós não vamos ficar. Estamos só de passagem.

— Você quer passar através da minha terra. — Rosnou o vampiro, o corte de um olhar sombrio indo para Kierland quando lançou suas garras afiadas das pontas dos dedos. — Então você vai ter que lutar comigo pela mulher. — Ele tomou uma respiração profunda, e Morgan soube que ele estava puxando seu perfume. Sua língua passou contra seus lábios, como se ele pudesse sentir o gosto dela lá, e sua voz estava áspera com a luxúria quando ele acrescentou: — Ela cheira bem o suficiente para comer.

— Oh inferno. Esta é a última coisa de que precisávamos... Maldição. — Ela sussurrou, verificando sua arma.

— Eu pensei que você disse que poderia nos trazer através da Escandinávia sem problemas, Ashe.

— Eu nunca disse que um de nós não teria de lutar por aquilo que quer. — Respondeu Ashe, seu tom de voz enganosamente suave. — E eu quero você, querida.

— Porra Ashe. Você fez isso de propósito? — Ela suspirou, virando um incrédulo olhar sobre ele.

— Ora vamos! — Ele rosnou. — Eu faria uma coisa dessas?

Antes que ela pudesse responder, Kierland deu um passo agressivo para frente.

— Se eu desconfiar que você deliberadamente a colocou em perigo. — Rosnou, sua voz com uma profunda vibração de raiva. — Você é um homem morto.

O canto da boca de Ashe se contraiu com um sorriso irônico.

— Eu não sei por que você está tão chateado, Lycan. Agora é sua chance de provar a ela o quanto a quer.

Ela apontou o dedo contra o centro do peito de Ashe, com a voz trêmula.

— Quem disse que Kierland tem que lutar?

— Confie em mim, querida. — Com uma preguiçosa fala arrastada, rindo, como se Ashe gostasse da situação horrível. — Não existe uma chance no inferno, de que o lobo me deixe lutar por você. Não está certo, Lycan?

Kierland murmurou algo feio baixinho sobre o “parentesco” de Ashe, então lhe entregou sua arma.

— É melhor você segurar isso por mim. — Murmurou, segurando seu olhar preocupado quando deslizou para fora de seu casaco, jogando-o sobre um ramo baixo.

— Não faça isso. — Disse ela, pedindo-lhe com os olhos. — Por favor, Kierland. Apenas... apenas atire nele e vamos sair daqui.

— Você sabe que eu não posso fazer isso. — Resmungou ele, sacudindo a cabeça.

— Por que não? — Ela sussurrou, mantendo um olhar cuidadoso sobre o vampiro estranho com o canto de seus olhos. — Porque ele lançou um desafio? Esqueça seu orgulho idiota, Kierland. Esse cara não é mentalmente normal. Algo ruim poderia acontecer.

— Que tal um pouco de fé? — Ele murmurou, fazendo-a querer se agarrar a seus ombros amplos e se grudar de alguma forma nele. Mas ele já estava se afastando, indo em direção ao maluco sanguinário que o esperava. Quando ele estava a cerca de dez metros de frente para o vampiro inquieto, ele parou e flexionou suas mãos, seu corpo flexionado levemente sobre seus pés, esperando que o vampiro fizesse o primeiro movimento.

— Cuidado para que ele não te morda. — Gritou Ashe. — Alguns dos clãs exilados são venenosos.

— Esta ficando cada vez melhor. — Kierland murmurou sob sua respiração, mantendo um olhar atento sobre seu adversário enquanto o vampiro flexionava suas garras das pontas dos dedos. Havia um olhar vidrado de loucura nos olhos do vampiro de face pálida, sua pele brilhando sob a luz com o suor, apesar do amargo, frio cortante.

—Vamos lá, lobo. Vamos ver o que você tem.

No instante seguinte, o vampiro lançou seu ataque, os instintos de Kierland, lhe colocaram bloqueando uma série de poderosos chutes, em seguida, deu um gancho de direita rápido seguido imediatamente por um chute alto que sacudiu a cabeça do vampiro para trás com um estalo. O Deschanel rugiu, atacando Kierland com suas garras, ele teve que se retorcer para evitar os ataques letais, antes de virar-se em cento e oitenta graus e cravar as garras nos rins do Deschanel com um impacto poderoso.

Embora o cara fosse, obviamente, um lutador infernal, ele não pode manter seu equilíbrio, e tropeçou, caindo de joelhos. Mantendo os braços soltos a seu lado, Kierland saltou levemente, esperando que o vampiro se levantasse, mas ele não o fez. Em vez disso, um grito agudo derramou-se da garganta do homem, e então torceu os braços sobre a cabeça, seu corpo estremecendo como estivesse sendo varrido por uma dor excruciante.

— Qual é o problema com ele? — Kierland resmungou, juntando as sobrancelhas em uma profunda carranca enquanto manteve um olhar atento sobre o vampiro.

— Ele foi envenenado. — As palavras suaves vieram do outro lado da clareira, onde uma mulher pequena de cabelos escuros estava saindo da floresta espessa, a pálida face apertada de preocupação.

— Quem diabos é você? — Granger exigiu.

— Meu nome é Juliana Sabin. — Respondeu ela, em seguida, apontou para o vampiro que agora estava se arrastando lentamente de volta a seus pés, seu corpo balançando, como se tivesse sido drogado.

— E isso é o Micah, meu irmão. Ele está... indisposto. Peço-lhe que por sua vez nos deixem levá-lo.

— Nós? — Kierland perguntou, mantendo um olhar atento sobre seu adversário.

— Meus guardas. — Explicou ela. Houve um farfalhar de folhas, e quatro homens chegaram através das árvores, ladeando-os.

— Se você deixar, nós gostaríamos de ter a custódia de Micah.

— Fique fora disso, Jules. — O vampiro arrastou-se, e, em seguida, ele cambaleou para frente, atacando Kierland de forma selvagem com suas garras. Kierland cruzou para trás, em seguida, levou a perna esquerda para baixo, atingindo o vampiro nas costas. Com um salto rápido, o vampiro foi para frente, caindo de joelhos novamente, seu corpo tremendo com o que parecia ser algum tipo de violenta convulsão. Agindo rapidamente, Kierland prendeu as mãos do vampiro nas costas e empurrou-o de bruços no chão polvilhado de neve.

— Por favor, não o machuque! — A jovem chorava. Quando Kierland apoiou seu joelho no centro das costas de Sabin, mantendo-o com os braços presos, ela se aproximou, caminhando ao redor do fogo.

— Lembre-se que eu disse sobre certos ninhos aqui serem venenosos. — Granger gritou de onde estava. — Não me lembro de nada sobre o ninho dos Sabin, mas eu não iria deixá-la chegar muito perto, se eu fosse você.

— Nós não somos uma das famílias infectadas. — Argumentou a mulher, parando a poucos metros longe de onde Kierland tinha prendido seu irmão contra o chão.

— Mas quando fomos exilados na Escandinávia, anos atrás, Micah foi infectado por um rogue feminino. Nós não fomos capazes de extrair o veneno ou encontrar uma cura, mas não é uma cepa contagiosa.

— Alguns deles também são mentirosos. — Murmurou Granger. Por alguma razão, ele claramente tinha tomado uma antipatia contra a mulher, seu tom grosso com escárnio. — Assim seja cuidadoso com o que você acredita. Isto é, afinal, uma prisão. Se os Sabins estão aqui, há uma boa razão para isso.

Juliana comprimiu os lábios, recusando-se a argumentar, embora seus olhos brilhassem com lágrimas quando seu irmão começou a chorar de dor, enquanto outra convulsão se abatia através de seu corpo.

Kierland poderia facilmente tê-lo matado, usando suas garras para remover a cabeça do vampiro, mas se conteve. Se Juliana Sabin estava dizendo a verdade, então o homem com quem ele estava lutando, não estava em seu juízo perfeito, que fez a ideia de matá-lo estar fora de questão.

— Por favor. — Juliana chorou, levantando as mãos em súplica. — Por favor, não. Se você entregá-lo para mim, eu lhe dou minha palavra de que vou fazer tudo o que puder para que ele não escape de novo.

Kierland consentiu com um breve aceno, e Juliana chamou seus guardas para frente, dizendo a eles para prenderem cuidadosamente os tornozelos e pulsos de seu irmão.

Colocando-se em pé, Kierland fez o seu caminho de volta para Morgan, sua expressão uma mistura remanescente de medo e alívio quando ela olhou nos olhos dele.

Enquanto os guardas transportavam um Micah Sabin gritando, Juliana se virou e agradeceu, pedindo desculpas pelo comportamento de seu irmão.

— Você já ouviu alguma notícia de um complexo de alta segurança na Escandinávia? — Morgan perguntou a ela.

— Um que pode estar sendo utilizado pelos Kraven? Eu ouvi que há um Kraven, que pagou um bom dinheiro para usar a terra dos Carringtons.

— Cristo. — Murmurou Granger, sua expressão sombria.

— O que é isso? — Kierland exigiu.

— Os Carringtons são um ninho marcado.

Morgan ergueu as sobrancelhas.

— O que isso significa?

— O boato é de que se envenenaram ao beber o sangue de inocentes, drenando-os até secar. Ao contrário de Micah, o veneno que eles têm pode ser transferido para suas vítimas. O que significa que atravessar suas terras vai ser perigoso como o inferno. Para Kellan e para nós. — Dirigindo um olhar sombrio para Juliana, ele disse:

— Você sabe onde o complexo fica?

— Eu não sei. — Ela murmurou. — Os Carringtons reclamaram milhares de hectares como seus, roubando-o dos outros. Não se pode dizer onde o complexo está oculto.

— Vamos. — Granger rugiu, empurrando o queixo para Morgan.

— Precisamos ir agora. De nenhuma maneira... Aos infernos, vou acampar aqui por está noite.

— Há uma cabana na região leste de nossa terra. Vocês podem ficar lá por está noite, se vocês quiserem. — Falou Juliana a eles, seus longos cabelos fluindo sobre seus ombros delicados, ela se virou para ver seus guardas carregando seu irmão que lutava para se soltar, em seu perfil gravado a dor causada pelo veneno. Quando eles desapareceram na floresta densa, ela virou o seu olhar de volta à Granger.

— A cabana é protegida por um feitiço, assim você estará seguro lá.

— Obrigada. — Morgan murmurou, e Juliana rapidamente disse-lhes adeus.

De olho no vampiro do sexo feminino com um olhar desconfiado, Granger perguntou:

— Há uma senha para cruzar o limiar?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim, e deve ser fácil de lembrar. Basta ter em mente que é algo que temos muito pouco aqui na Escandinávia.

— Luz do Sol? — Morgan adivinhou, tremendo quando uma rajada de vento varreu a clareira onde estavam.

Juliana sacudiu a cabeça, um sorriso triste dobrado nos cantos de sua boca enquanto ela lhes disse a palavra mágica.

— Paz.

CAPÍTULO TREZE

Terça-feira.

EMBORA MORGAN NÃO ESTIVESSE totalmente certa de que pudesse confiar em Juliana Sabin, mas mesmo assim agradeceu a oportunidade de usar a cabana dos Deschanel. Ela precisava de uma pausa do frio. Necessitava se aquecer, mesmo que apenas por um punhado de horas, e o fogo que Kierland tinha acendido na lareira já tinha começado a espalhar ondas deliciosas de calor que lentamente tomavam a sala rústica.

Morgan tinha chegado à conclusão naquele dia que a Escandinávia, era ainda pior do que ela imaginava que seria. Se podia literalmente sentir o peso do ar, o peso da magia que protegia os ninhos dos Deschanel exilados, como os Sabins, pairavam sobre a terra como um manto pesado. Enquanto estavam sentados em torno da pequena mesa da cabana, comendo seu jantar de sanduíches e batatas fritas, ela se perguntou se era por isso que Monica Harcourt não tinha sido capaz de lhes dizer onde sua irmã estava sendo mantida prisioneira. Talvez o feitiço que protegia a Escandinávia fosse forte o suficiente para afastar um fantasma.

A Sentinela ainda estava perdida em seus pensamentos, preocupada em como Kellan se viraria nos próximos dias, quando a porta do pequeno banheiro do outro lado da cabana se abriu. Sem se afastar de seu lugar na janela, ela ouviu quando Kierland falou com Ashe, que estava descansando em uma cadeira perto do fogo, dizendo-lhe que era sua vez de se limpar. Obviamente, não havia água quente na torneira, mas eles tinham aquecido alguns baldes de água no fogo e usado para banhos de esponja. Morgan havia ido primeiro, os cabelos ainda úmidos de seu recente banho, seu corpo agora coberto por um moletom de mangas compridas.

Ela havia escolhido a roupa pelo conforto, uma vez que eles estavam planejando usar a cama da cabana para descansar por algumas horas. Embora houvesse uma cama de casal atrás dela, colocada perto da lareira, uma porta ao lado do banheiro levava a um pequeno quarto que abrigava outra cama de solteiro. No segundo em que Ashe fechou a porta do banheiro, Kierland veio para trás dela, perto o suficiente para que ela pudesse sentir o calor de seu corpo febril explodindo contra ela. Ela tinha estado olhando para a lua crescente de prata no céu, e queria ficar perdida em sua tranquilidade, mas sabia que ele estava esperando que ela se virasse. Quando baixou o olhar, ela pode ver o reflexo de seu rosto lindo e ombros amplos no vidro fosco da janela.

— Eu ouvi você e Granger conversando no caminho para a cabana. — Sua voz era baixa, raspando provocadora. — Sobre uma mulher que ele estava namorando. Alguma dançarina em Paris.

Morgan ergueu as sobrancelhas, como se dissesse: "E?"

Rolando um ombro em um gesto inquieto, seu tom de voz um pouco impaciente quando ele disse:

— Isto não faz você ficar com ciúmes? Ouvi-lo falar sobre ele e outra mulher?

— Não. — Respondeu ela, mantendo sua voz suave, neutra. — Mas me preocupo com ele. Ele merece a felicidade. Alguém que vai amá-lo por quem ele é. Não um fluxo interminável de bibelôs que apenas vão usá-lo porque ele é bonito.

— Ele não é tão bonito assim. — Murmurou, com uma forte dose de repulsa, curvando seu lábio.

Ela sorriu para o seu tom seco, mas o sorriso desapareceu quando ouviu sua próxima pergunta.

— Que diabos você viu no bastardo arrogante?

Cruzando os braços sobre o peito, ela olhou para seu reflexo através do vidro e estreitou os olhos.

— Não lhe devo nenhuma explicação, mas vamos apenas dizer que ele estava lá quando eu precisei dele. De qualquer forma, eu me sinto mal por Ashe. Eu o usei quando estávamos juntos, tanto quanto você está me usando agora.

Seus olhos escureceram com perguntas e confusão, sem conseguir entender o que ela queria dizer.

— O que você quer dizer, com isso? Com você estava usando ele?

Balançando a cabeça, ela deu um suspiro cansado.

— Você realmente não sabe Kierland?

— Se eu soubesse, caramba, eu não teria perguntado. — A explosão frustrada de palavras, era como socos contra o silêncio da sala, e Morgan recuou com vigor.

— Esqueça. — Sussurrou, abaixando o olhar até que se encontrava olhando para seu próprio reflexo cansado, com olhos preocupados. — Não é importante, de qualquer maneira. E eu estou muito cansada de seu humor inconstante, então eu acho que vou parar esta divertida conversa, aqui.

O silêncio era tão pesado e grosso que ela podia sentir seu peso envolto em seus ombros... E então Kierland respondeu, com voz gutural e lenta.

— Sim, bem, de qualquer forma, eu tenho certeza que Granger não se importou de ser usado. Não enquanto você fazia parte do negócio.

Tentando segurar seu temperamento, ela respirou profundamente, enchendo seus pulmões com o odor provocador, uma mistura primordial de lenha e o rico perfume de Kierland, mas não funcionou. Em vez disso, ele viu quando a boca dela se enrolou com um sorriso lento, suas palavras enganadoramente suaves quando disse:

— Humm, você provavelmente está certo, Kierland. Na verdade, agora que penso nisso, ele certamente ficou muito grato por minha virgindade.

Ele estremeceu com um arrepio duro, como se tivesse sido atingido por um golpe, em seguida, ficou completamente rígido, nem mesmo respirava. Um segundo passou... E depois outro, e em seguida, um som áspero vibrou na parte traseira de sua garganta e ele afastou-se dela. Olhando por cima do ombro, Morgan assistiu-o colocar rapidamente suas botas e a jaqueta, antes de bater a porta da cabana.

Um momento depois, ela pode ouvir os sons de destruição rasgando a floresta, e entendeu que o Lycan estava descontando sua necessidade de violência em algumas árvores

inocentes, sem dúvida prejudicando suas mãos no processo. Ela sempre tinha achado que Kierland fosse muito controlado, muito disciplinado, para tal reação do tipo Neanderthal, e ela só pode balançar a cabeça em surpresa, chocada que tivesse sido capaz de atingi-lo tão facilmente.

Ou talvez sua reação violenta realmente não tivesse nada a ver com ela. Ele devia estar muito preocupado com seu irmão, assim como seus amigos que haviam ficado na Inglaterra. Sem se falar do perigo em torno deles, do deserto gélido. Poderia ter sido uma combinação de coisas, o que significava que seria tolice achar que tinha alguma relação com ela. Deus, ela nem sabia por que tinha lutado por ela, com o Deschanel enlouquecido.

— Whoa, querida. O que você fez ao lobo? — Ashe de repente sussurrou próximo a sua orelha, fazendo-a saltar em pé no ar. Pressionando uma mão ao peito, ao longo do coração batendo forte, Morgan virou-se, batendo a outra mão contra o ombro do amigo.

— Droga Ashe. Não faça isso!

— Fazer o quê? — Perguntou ele com um piscar de olhos, preguiçosos e inocentes, embora ela pudesse ver o riso escondido nos olhos de prata.

— Não se aproxime tão silenciosamente assim de mim. Eu juro que você flutua sobre o chão como um fantasma. — Para um macho grande e musculoso, Ashe sempre se movia sem esforço, com a graça que era comum entre os Deschanel.

— Você vai responder a minha pergunta? — Ele murmurou, movendo-se para o lado dela para poder apoiar seu ombro contra a parede. Ele empurrou o queixo em direção à janela. — É... Parece que ele está tentando matar algo lá fora.

Cruzando os braços acima do peito, Morgan explicou que tinha dito algo a Kierland que o tinha irritado... E ele tinha saído. Ashe enganchou seus polegares nos bolsos e balançou alegremente as sobrancelhas escuras, sua boca linda curvada num sorriso brincalhão.

— Se você realmente quiser deixá-lo louco, podemos sempre saltar para a cama juntos.

Ela riu, sabendo que ele estava só brincando. Eles não tinham dormido juntos em uma década, desde o final de seu breve romance, e ela sabia que eles nunca mais iriam. Depois dos longos anos de amizade intensa, teria sido como dormir com um irmão.

— Você adoraria lhe dar um belo chute no traseiro, não é?

A resposta do vampiro era quase dolorosamente seca.

— Vendo como ele adoraria nada mais do que desmembrar-me, acho que um pequeno chute só é justo.

— Eu me lembro de você ter esse efeito sobre muita gente. — Murmurou, arqueando as sobrancelhas.

— O que posso dizer? — Sua boca enrolou lentamente, com um arrogante sorriso. — É um talento que eu tenho passado décadas aperfeiçoando.

— Eu queria perguntar-lhe antes. — Falou, mudando de assunto. — Você conseguiu entrar em contato com Gideon antes de entrarmos na Escandinávia?

Ele balançou a cabeça, sua expressão revelando sua preocupação.

— Eu não consegui achá-lo, mas deixei um recado para ele com um dos nossos primos.

— Eu espero que ele esteja bem.

Ele suspirou, dizendo que ele também esperava, e perguntou:

— Então, é sério, o negócio com o grande lobo mal?

— Não há acordo. — Falou secamente. — Pelo menos, não um que eu queira fazer parte. Como lhe disse ontem à noite, ele está apenas me usando.

Em vez de concordar com ela, Ashe surpreendeu-a, dizendo:

— Você tem certeza sobre isso?

Morgan resmungou.

— Tenho certeza. — Suas palavras foram ásperas denunciando sua frustração. — Ele não gosta de compartilhar seus brinquedos.

Observando-a de perto, ele ofereceu:

— Você sabe meu anjo. Pode ser que seu ciúme nasça de algo mais profundo.

— Não é provável. — Zombou, sabendo que seria suicídio emocional permitir se agarrar mesmo a menor esperança.

— Pense como quiser, mas estou certo sobre o lobo. Ele quer você.

— E você está começando a soar como um intrometido sabe tudo. — Murmurou, inclinando-lhe um olhar descontente.

— É um trabalho duro. — Balbuciou com um sorriso torto. — Mas alguém tem que ter todas as respostas. Basta pensar no que eu disse Morgan. Porque quando um homem escolhe lutar contra um psicopata como Sabin, eu não ligaria para o que ele fala, pois suas atitudes o desmentem. E com certeza isso significa alguma coisa.

Esfregando as mãos contra seus braços, ela disse.

— Deus. De que lado você está, afinal? — Ele se inclinou para lhe dar um beijo carinhoso na testa.

— Atenciosamente, meu doce coração. Sempre seu. — Então, ele se endireitou e voltou-se para ir embora.

— Aonde você vai? — Perguntou ela, segurando seu braço.

Ashe empurrou o queixo em direção à porta.

— Ele vai voltar em breve. Eu vou desaparecer.

— Isso não é necessário. — Protestou, mas ele ergueu a mão, delicadamente colocando os dedos em seus lábios.

— Shh. Não vamos perder tempo discutindo, porque eu sei dos meus limites. — Um sorriso torto tocou seus lábios. — Estou com medo que ouvir você e o lobo seja mais do que meu estômago possa suportar.

Segurando seu pulso, Morgan puxou seus dedos de seu rosto, determinada a protestar por sua decisão.

— Mas isto não é justo, Ashe. Você odeia o frio.

— Eu não vou ficar fora por muito tempo. Uma hora ou coisa assim, eu posso subir pela janela do outro quarto e dormir um pouco. E ao inferno, não é como se o frio fosse me matar.

— Você é tão impossível às vezes. — Respirou fundo, de repente, percebeu que estava realmente preocupada em ser deixada sozinha com Kierland. Não porque ele a assustasse, mas por causa de seu desejo desesperado por achar algo nele que simplesmente não estava lá.

— Eu sou assim você sabe. — Falou, empurrando uma mecha de cabelo para trás de sua orelha. — Estou disposto a dar a ele uma chance de te provar o contrário, por sua causa. Mas se ele te machucar, eu vou matá-lo. Sem argumentos. Ele será um homem morto.

O som da porta sendo aberta a fez saltar, e ela endureceu, sua face ficou rubra com a força do olhar de Kierland quando ele voltou para a cabana. Morgan não precisou olhar para ele para saber que ele estava olhando para ela e Ashe. O sentinela não disse nada quando a porta se fechou atrás dele. Ele só atravessou o assoalho de tábuas de madeira, vindo parar em frente ao fogo na lareira, de costas para a sala. Mas seu silêncio falou por si.

Ashe agarrou seu braço e deu-lhe um aperto suave quando se inclinou e apertou um beijo suave em seu rosto. Então ele deu-lhe um daqueles sorrisos lentos que teria feito à maioria das mulheres fraquejarem sobre seus joelhos, e afastou-se, silenciosamente, fazendo seu caminho para fora da cabana.

“Tudo bem”, ela pensou, apertando uma mão em seu coração que batia loucamente quando se virou para olhar Kierland. Vamos ver o que você tem. Ele ainda estava lá enfrentando as chamas que crepitavam na lareira, mas agora ele tinha se inclinado um pouco mais adiante, suas recém-feridas mãos apoiadas contra os braços da cadeira rústica, cravando os longos dedos na madeira escura. Quando ela passou o olhar pelas linhas de seu corpo, por toda a forma poderosa de seus amplos e musculosos ombros, Morgan suspirou, se lembrando de como ele tinha lutado por ela apenas algumas horas antes.

Foi bárbaro, um guerreiro selvagem, os músculos de seu corpo se movendo com a graça, elegante e mortal de um poderoso predador, que era exatamente o que ele era e ela se lembrou de como ele havia mudado quando tinha estado dentro dela. Embora a dor que persistia nas partes íntimas de seu corpo finalmente começasse a desvanecer-se, a memória ainda ardia em sua mente, fazendo-a ficar inquieta... Fazendo-a desejá-lo. Limpando a garganta, ela tentou controlar o nervosismo e disse com cuidado:

— Eu gostaria de começar de novo, se pudermos, e dizer-lhe que me desculpe... Por esta tarde. Que você teve que...

— Não foi sua culpa, então não há necessidade de pedir desculpas. — Virando-se, ele prendeu seu olhar no de Morgan, um olhar de pálpebras pesadas, dominados pela luxúria e a agressividade.

— Onde você vai dormir esta noite? — Perguntou a ela, as palavras brutas deslizando deliciosamente em sua pele, deixando uma onda de calafrios e sensações em seu rastro. Morgan puxou o lábio inferior com os dentes, sugando uma respiração profunda através de seu nariz.

— Eu não entendo.

— Eu acho que você entende sim. — Suas palavras suaves quase baixas demais para serem ouvidas, seus olhos ardiam com um fogo sobrenatural que fez com que seu pulso disparasse, o som frenético correndo em seus ouvidos.

— Você ainda está com ciúmes, não é? — Ela sussurrou, molhando os lábios. — Mesmo que eu continue dizendo que não há nenhuma razão para ter.

— O que eu tenho é fome. — Suas grandes mãos machucadas se contraíram ao lado de seu corpo bonito e longo, iluminado pelo cintilante brilho laranja das chamas. — Tive todo o maldito dia. Então, faça sua escolha.

— Não há nenhuma escolha a fazer, Kierland. — Ela levantou a cabeça e deu um passo para mais perto dele. — Eu vou ficar aqui. Com você.

Por um momento, tudo o que ele fez foi ficar ali, olhando para ela com seus olhos predadores, as longas filas de músculo e tendões em um magnífico esforço físico contra os limites da sua roupa. Ela começou a tremer, a vibração fina tiritando sob sua pele, e o fogo em seus olhos queimando brilhante.

— Se você quer impedir que suas roupas sejam feitas em pedaços. — Rosnou com uma voz grossa, baixa e gutural. — Então as tire. Agora.

Com os dedos tremendo, Morgan puxou a camiseta sobre a cabeça e caminhou em direção a ele. Mas, em vez de colocar os braços em seus ombros, ela ficou de joelhos, e soube que o tinha chocado como o inferno por sua respiração rápida. Ela nunca tinha visto seus olhos verdes como estavam naquele momento, à cintilação da luz do fogo brilhando sobre a cor vinho escuro de seus cabelos grossos, indisciplinados.

Com uma voz que soava como pedras caindo, ele disse:

— Que diabos você está fazendo?

— Você não precisa ter ciúmes nunca mais. — Sussurrou, chegando e pressionando a palma da mão sobre o comprido, duro e pesado pênis. — Você é o único homem que eu quero.

Ela se inclinou para frente, raspando os dentes ao longo da crista enorme restrita abaixo do jeans apertado, ele deu um gemido de prazer bruto surgido de sua garganta, o som erótico era a coisa mais sexy que ela já tinha ouvido. Sua cabeça caiu para trás, sua respiração ficou mais forte... Desigual, enquanto seu perfume inebriante ficava mais quente, drogando seus sentidos.

— Morgan.

Ela nunca o tinha ouvido falar seu nome... Rosnando com tanta saudade... Tanta necessidade e sua própria respiração tornando-se instável quando empurrou o jeans e a cueca de algodão para baixo por seus quadris estreitos, e então ele estava ali, surgindo do meio do ninho de cabelos escuros, mais brutal e bonito do que qualquer homem tinha o direito de ser.

Sua respiração era irregular, os poderosos músculos das coxas, rígidos com a tensão, o ar pesado com uma sedutora antecipação. Ela poderia brincar com ele, obrigando-o a esperar, mas ela estava muito desesperada por seu gosto. Ele era grande demais para caber em sua boca, mas com um gemido baixo de prazer vibrando na garganta, Morgan tomou tanto quanto pôde, amando o calor salgado dele, sua energia masculina acentuada explodindo contra ela, quente em seu rosto. Com as mãos ao redor da base ampla de seu eixo, ela lambeu e o mamou ávida por tanto dele quanto pudesse tomar.

Nesse momento, os únicos pensamentos que corriam através de sua mente atordoada de prazer eram os de necessidade, querer e doloroso desejo. Cada puxar voluptuoso de sua boca em seu eixo, era a dura resposta a alguma pergunta queimando dentro de seu coração.

Ela precisava de seu gosto, seu calor e seu prazer como precisava de sua própria respiração. Seus dedos se apertaram em seu cabelo, seus quadris socando para frente em um rígido movimento reflexivo, empurrando incrivelmente profundo, enquanto um grito duro era arrancado de sua garganta. Ela sorriu, lambendo por todo o comprimento latejante, seu calor, sua pele esticada era como camurça suave sobre o aço rígido, e percebeu que não queria nada mais no mundo do que fazê-lo perder completamente o controle.

Tirando Ashe, que tinha sido sempre extremamente gentil com ela, ela nunca tinha escolhido um amante alfa entre os poucos que ela tinha tido, preferindo betas. Homens que poderiam facilmente ser controlados. Mas havia uma infernal diferença a ser dita de estar cabeça a cabeça com um homem que sabia o que queria e não tinha medo de levá-la. Procurá-la.

— Termine. — Rosnou com uma voz áspera, dominando-a com um olhar bruto, de desespero selvagem. Ele segurou a cabeça dela comprimida entre as mãos quentes, seus polegares tocando os cantos da boca. — Faça-me chegar até o fim, Morgan.

— Primeiro, tire o resto de sua roupa. — Sussurrou, acariciando seu comprido pênis com um aperto forte, possessivo. — Eu quero vê-lo. Todo você. Cada centímetro de pele.

O calor a queimava pela ponta do nariz e pelas maçãs do rosto, sua pele quente febril ao toque, com a fome mal contida.

— Ah! Sim, Morgan. Pare de brincadeiras comigo.

— Eu não estou. Eu juro. Vou ficar com você a noite toda. — Prometeu. A voz dela tremendo de emoção, rouca e áspera, o som dela fazendo-o escurecer o olhar. — Vou te dar tanto quanto você puder tomar. Mas eu quero você nu, Kierland. Eu quero poder olhar para seu corpo.

Inflamou suas narinas, mas não discutiu. Ele fez como ela disse, embora não tivesse cuidado algum com suas roupas, sua mandíbula trancada amaldiçoou com uma sequência de xingamentos em voz baixa e começou a rasgá-las de seu corpo rígido, os movimentos marcados pela urgência. Os lábios de Morgan se curvaram lentamente em um sorriso satisfeito, seus sentidos vibrando com o prazer decadente quando ele finalmente ficou parado diante dela, sublimemente nu, seu corpo todo liso, músculo sólido e belas linhas.

— Você vai gritar quando estiver em minha boca, quero estar olhando em seus olhos.

— Merda, eu não posso esperar. — Rosnou, de repente, descendo e segurando-a sob os braços.

— Eu pensei que você queria gozar na minha boca. — Sussurrou.

— Da próxima vez. — Arquejou, rompendo o cordão que prendia o agasalho de Morgan a sua cintura, empurrou-os para baixo por seus quadris.

A satisfação engrossava o sangue nas veias de Kierland, seus olhos ficaram vidrados de fome, e ele queria uivar. Então, ela o chocou empurrando seu peito, para derrubá-lo no chão. Ele caiu de costas, o tapete Navajo colocado em frente à lareira fez muito pouco para atenuar o impacto da queda, mas não importava. Ele poderia ter sido atropelado por um caminhão, e não teria recuado, todo seu foco sobre Morgan... Em ficar dentro dela. Ela desabou sobre seu peito em uma pilha macia de pele lisa e curvas femininas, em seguida, trocou de posição, pegando de volta seu pênis com a boca, exuberantemente molhada, a sensação tão boa que quase fez seus olhos virarem em sua cabeça.

— Eu disse a você na próxima vez. — Murmurou, erguendo a cabeça para que pudesse vê-la descendo sobre ele, sua língua cor de rosa passando rapidamente contra a cabeça escura com uma provocação, antes de sugá-lo de volta para a boca. — Porra, Morgan. Eu preciso estar dentro de você.

— Está dentro de mim. — Murmurou, os lábios se movendo contra a coroa delicada. — Enfrente Kierland. Você só queria me parar porque não gosta de perder o controle.

— Eu perco o controle cada maldita vez que eu toco em você. — Rosnou. Odiava isso, mas era a verdade.

Talvez tenha sido o que tinha acontecido com seus pais. Ou a educação que ele e Kell tinham tido nas mãos de seu avô. Seja qual fosse o motivo, Kierland tinha crescido um homem que não gostava de situações que ele não pudesse estar no comando. E só Deus sabia que ele nunca tinha sido capaz de comandar Morgan para fazer uma única coisa. Mas ele não podia negar que a queria, agora mais do que nunca, mais a cada minuto que passava. Ele precisava estar dentro dela, precisava de mais dela, até que tivesse encontrado uma forma de tirá-la fora de seu pensamento.

Nunca vai acontecer. Não é mesmo possível. As palavras deslizaram através de sua mente, e sua mandíbula travou-se, determinado a ignorá-las e foi surpreendentemente fácil de fazer, com seu perfume exuberante, provocante cada vez mais forte, enchendo sua cabeça, dando-lhe água na boca. Alcançando seus quadris, Kierland puxou-a até que ela estivesse deitada no chão ao lado dele, seus cachos úmidos a poucos centímetros de sua boca. Com um rugido feroz, ele empurrou até que ela estivesse com as pernas abertas, revelando a carne cor de rosa doce de seu sexo, o cheiro das pregas reluzentes puxando um som animal grosso de fome de seu peito. Mantendo-a aberta com seus polegares, ele se inclinou para frente, enquanto a boca dela ainda envolvia seu pênis, e rodou a sua língua por todo aquele mel, doce de excitação, seu gosto caindo sobre seus sentidos como uma droga.

Uma que já o tinha viciado, desejando sempre a próxima vez... E sua próxima. Ele poderia ter perdido a si mesmo por horas, dias, na doçura quente do mel de seus sucos escorregadios, o sabor tão perfeito, que era como se ela tivesse sido feita para ele. Lambeu seu minúsculo clitóris com sua língua, e enfiou dois dedos grossos dentro de sua abertura delicada, macia, pulsante, e com um grito assustado, ela começou a se mexer contra ele. Duro, molhado e dolorosamente doce. Ele enfiou os dedos mais profundo, delirante ela se agarrou a ele, os músculos de sua vagina pulsando, mamando seus dedos enquanto ela soltava um grito contra seu pênis, o que quase levou Kierland a beira do abismo, o prazer tão intenso que era quase uma dor física.

Substituindo os dedos pela língua, enfiou dentro dela, bebendo-a, voraz por seu gosto, enquanto uma vertiginosa espiral de perguntas continuou a trilhar seu caminho por sua mente. Como poderia algo tão perfeito ser errado? Por que ele não podia simplesmente aceitar o passado e seguir com o futuro? Colocar-se de joelhos e implorar a ela por uma oportunidade que ele sempre quis... necessitava... ansiava?

Perguntas estúpidas, quando ele já sabia as respostas. Por um lado, ele não confiava em si mesmo, e nunca o faria. E depois havia a parte dele que temia que ela estivesse ainda apaixonada por Ashe Granger.

Bem, por tudo o que sabia talvez ela o estivesse usando apenas para fazer ciúmes a Granger. Era ele realmente que ela queria entre suas lindas coxas? Ou ela estava apenas

brincando com ele? Será que ela iria correr de volta para o desgraçado se ele pedisse a ela? Kierland não sabia, porra, e a frustração o estava enlouquecendo. Com um rosnado profundo, gutural, ele estendeu a mão, e segurou os cabelos sedosos de Morgan, puxando-a para longe de seu pênis. Um segundo depois, ele a tinha de costas, com seus joelhos enganchados sobre seus braços, seus gritos enchendo sua cabeça enquanto ele enterrou um bom pedaço de seu pênis dentro dela. Suando, ele bombeou para dentro dela, batendo os quadris contra os dela, impulsionado por um selvagem e brutal desespero.

Ela era incrivelmente apertada, e ainda estava um pouco inchada do dia anterior, mas molhada o suficiente para que ele fosse capaz de entrar em cada centímetro, duro e grosso. Apoiando-se de joelhos, Kierland agarrou seus quadris e puxou-a sobre as coxas, fazendo-a cavalgar em seu membro liso, o atrito erótico tão incrível que estava pronto para explodir no primeiro impulso. Mas ele se conteve, recusando-se a gozar até que ouvisse seus gritos e visse seu rosto corado, seu corpo flexível convulsionando profundamente, com espasmos de prazer. Ele canalizou toda sua emoção violenta, frustrante para o ato em si, montando-a mais duro do que ele jamais ousou com outra mulher, cravando os dedos em seus quadris enquanto puxava e empurrava-a com suas investidas poderosas, mas ele sabia o quão forte ela era.

Delicada, feminina e bela, mas dura o suficiente para levar o que ele tinha para lhe dar. Ela se voltou, com as costas arqueadas com graça feminina quando convulsionou forte em torno dele, apertando, mamando-o, enquanto seus cabelos úmidos estavam espalhados pelo chão como um líquido escuro derramado. Antes mesmo que ela prendesse a respiração, Kierland tinha tirado seu pênis dela e a virado de frente, se enterrando novamente naquela quente e encharcada fenda, com o braço sustentando-a em torno de seus quadris, a mão esquerda apoiava seu peso sobre o piso quando ele ergueu o pau dentro dela, batendo forte e profundamente, com cada polegada, martelando e empurrando. Apoiando-se em seus braços dobrados, ela disse:

— Você parece faminto esta noite.

— Sempre. — Ofegou, sua respiração entrando dura, em rajadas cortantes. — Sempre faminto por você.

— Mas hoje... — Falou ela em voz baixa, pressionando seu rosto sobre sua mão e colocou os lábios nos dedos machucados. — Você está no limite.

— Desculpe. — Suspirou, dolorosamente conscientes do peso em suas gengivas que sinalizava a liberação de suas presas. Ele tentou ser gentil, com o ritmo de seu corpo quando invadiu o dela, mas ele estava muito longe, perdido no prazer quente da fusão de seus corpos.

— Eu não estou reclamando. Só... curiosa.

O calor subiu por seu peito, queimando através de sua garganta, quando ele disse:

— O escuro.

— Escuro?

— Estar tanto tempo na escuridão. — Murmurou, curvando-se sobre ela, seus lábios em movimento contra a pele macia debaixo da orelha enquanto falava. — Isso afeta a besta. Afeta o meu controle. Não quero assustá-la.

— Você não está. Faça o que você precisa Kierland. Eu não tenho medo de você. Sei que nunca iria me machucar.

Rugindo, ele a manteve empalada quando a pegou, colocando-a sobre o lado da cama elevada.

— Venha para mim. — Suspirou, e então ele cobriu com o peito as costas de Morgan, os braços apoiados em ambos os lados dela. Suas garras deslizaram livres, rasgando o colchão e a roupa de cama, mandando jatos de penugem branca flutuando pela bruxuleante luz do fogo.

Morgan podia sentir que ele estava ficando mais grosso mais pesado dentro dela, esticando-a incrivelmente com seu grande membro. Ela não queria nada mais do que abrir a boca e dizer coisas, dizer-lhe coisas que ela sabia que nunca deveriam ser ditas. Ela percebeu que os sentimentos tumultuados de Kierland, eram por ele ter tido de lutar por ela, naquele dia. Depois de ter visto a maneira com que ele tinha lutado com Micah Sabin, ela entendia sua violência, seu temor que fazia com que todas suas defesas estivessem prestes a desabar. E tudo o que ela poderia fazer por ele, era se abrir totalmente, perdida em sua umidade pastosa e dor, desesperada por tudo o que ele pudesse lhe dar.

Por cada linda, rígida e brava parte dele. Ela queria dar banho nele. Beijar, abraçar e amá-lo com tanta necessidade que era quase uma dor, sangrando como uma ferida em seu peito. Morgan nunca tinha feito nada para ele, ido a lugar algum com ele, se ele ao menos tivesse lhe dado uma chance. Mas ela sabia que o futuro não estava sendo colocado sobre a mesa. Sabia que o tempo que tinham juntos teria um meio e um fim, então mordeu os lábios sufocando as palavras que queria dizer a ele. Palavras que deixariam sua alma nua, dando-lhe poder para destruí-la, esmagá-la.

— Muito do lobo. — Rosnou, seu corpo em febre, liso de suor. Ele a pressionou contra a cama duramente, com a potência do martelar de seus quadris, enquanto escapavam de sua garganta gritos ofegantes. — Morgan droga. Eu não quero te machucar.

— Você não vai. — Ela engasgou. As lágrimas pungentes em seus olhos nascidas da emoção, e não da dor como ele pensava. — Eu te amo assim, Kierland. Tudo bem... Pare de se preocupar.

Ele fez um som áspero, suas garras escavando a cama quando bateu mais duro... Mais rápido, com seus quadris empurrando de forma maciça dentro dela. Ele bateu fundo uma, duas vezes, empurrando seu corpo sobre a cama acolchoada, quando um grito gutural rasgou de sua garganta, entrando fundo nela mais uma vez, seu membro enorme repuxando e, então o estouro poderoso do líquido quente encheu-a.

Morgan prendeu o fôlego com a força do próprio orgasmo, gritou perdida em seu clímax, o pulsar profundo do prazer prendendo-os juntos, seus corpos fervendo, enquanto lutavam para atrair ar suficiente a seus pulmões. Com um gemido baixo, ele retraiu suas garras e arrastou-a para cima da cama, puxando-a contra o peito. Nos minutos que se seguiram, Morgan percebeu que os momentos de silêncio eram verdadeiramente devastadores. Deitada ali ao lado dele, ouvindo o ritmo pesado da pulsação de seu coração, completamente no escuro com seu delicioso perfume enchendo seus sentidos, descendo por seu corpo, Morgan entendeu que aquele era um dos momentos mais preciosos de sua vida.

Fechando os olhos ela tentou absorver o máximo da sensação de bem estar que pode, e calmamente perguntou:

— Como você pode fazê-lo?

— Fazer o quê? — Resmungou, enquanto sua mão alisava-a pelo caminho de sua espinha, dobrando-se ao redor de seu traseiro.

Dando uma respiração profunda, ela disse cuidadosamente.

— Como você pode me tocar do jeito que você faz, quando é só sexo para você? ... Você é assim com todas as mulheres?

Sua mão acalmou, e ele se virou de costas, sua voz tomada pela tensão, quando ele sacudiu a cabeça e disse:

— Não. Nunca. Nem perto disso. — Com um grunhido, deixou que as palavras seguintes raspassem para fora de sua garganta. — É você. Você é... diferente Morgan

Ela se levantou sobre seu cotovelo, fixando seu olhar no dele, e viu cuidado nos dele, soube que ele não queria ter essa conversa. Mas ela não conseguia parar. Ela tinha que saber.

— Diferente como? — Perguntou ela.

Ele engoliu em seco, e sua respiração fluiu entre os lábios entreabertos, seus olhos sombreados com emoção. Ela não achava que ele fosse responder, e então ele murmurou lentamente:

— Diferente de todas as maneiras possíveis, Morgan. Em todos os malditos sentidos, o que importa.

— Eu quero te dizer uma coisa importante, Kierland. — Sua voz tremeu, e ela pode sentir a tensão desconfortável tremendo em seus músculos. — Mas primeiro eu preciso lhe fazer uma pergunta.

Seu cabelo ruivo caiu sobre seu rosto quando ele deu-lhe um aceno cauteloso, esperando para ouvir o que ela diria.

— O que você teria feito se Ian tivesse dito sim?

Suas sobrançelas se contorceram, e ele afastou seu olhar do dela, olhando para o escuro, nas vigas do teto.

— Honestamente? — Ele grunhiu, com seu queixo duro.

— Por favor.

Ele ergueu a mão, raspando a palma da mão contra seu queixo sombreado, e murmurou:

— Eu o teria matado. Mesmo se eu tivesse pensado na hora que você fosse à última chance de fazer o que era certo, não há chance no inferno que eu o tivesse deixado tocá-la.

Um suspiro de alívio suave se derramou de seus lábios, e ela se aconchegou contra ele, seu rosto pressionado contra o calor de seu peito musculoso.

— Eu respondi a sua pergunta. — Ele disse um momento depois enquanto os dedos de sua mão esquerda afagavam o comprimento de sua coluna vertebral. — Então o que você quer me dizer?

Morgan não sabia se sua confissão mudaria algo entre eles. E ela ainda teria os seus segredos. Sua armadura emocional que iria proteger seu coração. Mas ela precisava lhe dizer uma coisa. Necessários para que houvesse pelo menos uma verdade entre eles.

— Eu não... Eu não dormi com Ashe, porque tinha recebido uma ordem.

Houve um momento de silêncio, em seguida, ele estremeceu, o tremor que atravessou seu corpo pareceu ter o poder de um terremoto. Sua respiração tornou-se mais áspera, mais profunda, sua voz um som gutural.

— Do que diabos você está falando?

— A verdade é que eu nunca recebi uma ordem do Conselho para usar meu corpo, e se eles tivessem dado tal ordem, eu os teria mandado para o inferno. Eu nunca tive de fazer nada com Ashe. Ele estava mais do que disposto em ir atrás dos canalhas que mataram Nicole. — Ela ofereceu uma confissão tranquila, sua boca trêmula de emoção e alívio. — Eu não precisei dormir com ele por sua ajuda ou para torná-lo mais cooperativo.

A reação de Kierland foi instantânea, com as mãos grandes segurando seus ombros, empurrou-a de volta para cama, enquanto pairava sobre ela.

— Por que você fez isso? — Ele rosnou, sua expressão revelando seu tormento visceral. — Jesus, Morgan. Todos esses anos, você me deixou acreditar em uma mentira? Que diabos você estava pensando?

— Uma vez que você fez sua suposição, eu não vi nenhuma razão para fazê-lo mudar de ideia. — Explicou ela, tomando uma respiração profunda para criar coragem. — E eu acho que foi mais fácil, de certa forma, deixá-lo pensar no pior, Kierland. Porque você estava certo sobre mim, sobre eu te querer. E eu acho que senti que, se você me odiasse, então seria mais fácil ficar longe de você. Para que eu nunca pudesse ser tentada a vir implorar pela sua atenção e me humilhado no processo. — Um sorriso tocou-lhe a boca, e acrescentou:

— Eu só não sabia que você ainda faria isso pairar sobre a minha cabeça uma década mais tarde.

Ele balançou a cabeça um pouco, sua expressão aturdida.

— E agora? — Ele perguntou, com a voz grossa: — Por que me disse a verdade agora?

— Eu estive chateada com você por um longo tempo. — Falou em voz baixa, erguendo a ponta dos dedos para passar sobre sua face quente. — Mas eu... Bem, eu não estou mais com tanta raiva agora. E seria bom se pudéssemos ser amigos, quando tudo isso acabar. Eu gostaria de deixar os Sentinelas sabendo que estou em bons termos com você.

Kierland sacudiu a cabeça, incapaz de acreditar nas palavras que estava ouvindo. Ela queria amizade com ele? Como poderiam ser amigos? Cristo.

— Será que é tão difícil? — Ela perguntou, seu pequeno sorriso batendo em seu peito como um golpe físico.

— O difícil é manter minhas mãos longe de você. — Murmurou, puxando-a para si. Kierland meio que esperava dela dizer que não queria mais, já foi o suficiente, mas ao invés disso, ela afundou os dedos em seus cabelos e levantou-se lambendo sua boca com uma fome que combinava perfeitamente com a sua própria.

Eles foram tão famintos, desesperados, como se pudessem sentir que seu tempo juntos escorregava para longe a cada momento que passava. Beijou-a mais forte, mais profundo, e começou a esfregar seu pênis levemente contra o calor de seu ventre, suas mãos tocando cada parte dela que podia alcançar. Ele amava o conjunto de músculos magros sob a palma de sua mão, a pele nua dela, era um golpe sensual em seus sentidos. Onde quer que ele tocasse, ela era lisa e suave, drogando-o de prazer, e ele não pôde resistir a passar sua língua

pelo suor em sua pele. Por baixo de sua orelha. Através de seu ombro. Na curva de seu peito. No interior de seu cotovelo. Ele poderia ter passado horas explorando-a, fazendo amor com ela. Dias. Semanas. Anos. Não importa quanto tempo fosse nunca seria o suficiente.

— Você me mata. — Gemeu, empurrando os fios de cabelos úmidos para trás de seu rosto quando olhou profundamente em seus olhos. — Você é tão quente, úmida e apertada. Eu poderia ficar em você toda a noite, Morgan, e nunca me fartaria.

Ela engasgou quando ele estendeu a mão e tocou o nó inchado de seu clitóris, esfregando em círculos lentos até que ele pode ver a neblina de prazer nos olhos dela. Em seguida ele levou o próprio polegar à boca, molhando-o, e o usou para esfregar o broto tenso e escorregadio em círculos. Empurrou-se para cima com seu braço livre, observando a maneira como seu pênis esticou, quando se esfregou contra os pelos púbicos de Morgan, brilhantes do suco de seu interior. Sua respiração veio bruta e áspera.

— Você é tão bonita. — Rosnou.

— Você também. — Ela murmurou, arqueando-se abaixo dele, e ele percebeu o jeito guloso que ela olhava para o pulsar na base de sua garganta.

— Me morda. — Rugiu ele, os instintos do lobo tomando conta dele. Virando a cabeça para o lado ele abaixou-se sobre ela. — Tome tudo o que você precisar.

Ela gemeu, tocando a ponta da sua língua em sua pele, em seguida, afundou as presas profundamente, quando ela o mordeu, o prazer correu por todo o seu corpo, até a cabeça de seu pênis. Ele engasgou para respirar, apertou a si mesmo contra seu clitóris com cada impulso de seu corpo enquanto se enfiava nela, a necessidade de gozar cada vez mais perto... Mais profunda, até que ele estivesse em cada parte dela. Mesmo naquelas onde não pertencia. Onde ele não podia ficar.

Eles chegaram juntos, em uma longa onda de prazer, que drenou a ambos, o rosto de Kierland enterrado na curva do ombro de Morgan, seus corpos deixados ofegantes e retorcidos juntos, manchados de suor apesar do frio no ar. Kierland sabia que deveria se afastar, mas ele não podia, necessitando absorver cada momento do tempo com ela que podia. Ele odiava cada segundo, que se aproximava de Kellan, ele também chegava mais perto do momento em que teria que dizer adeus a Morgan. Seu tempo juntos estava escoando muito rápido. Ele queria encontrar Kellan, queria ter certeza de que seu irmão estava seguro. Mas, caramba, não havia uma única parte dele que não quisesse um pouco mais de tempo com a mulher em seus braços. Uma parte que não queria perder o que ele tinha encontrado só agora.

CAPÍTULO QUATORZE

Complexo Casus/Kraven.

Quarta-feira, 02h00.

— O LOBO ESTÁ SE APROXIMANDO.

Westmore tentou se manter em uma postura casual, com os braços cruzados sobre o peito, os ombros encostados as grades da cela da jovem psíquica, enquanto ouvia o que ela tinha dito.

A maioria dos homens teria achado difícil soar tão à vontade ao conversar com uma mulher que tinha sido espancada e acorrentada ao chão, mas o Kraven não sentiu pena da criatura frágil. Ele tinha mandado baterem em Raine na noite anterior, quando seus guardas tinham relatado ter visto Kellan Scott viajando através das estepes em sua forma de lobo, indo direto para o complexo, sem dúvida, executando algum plano idiota para roubar os marcadores em sua posse. Assim que Westmore tinha ouvido os relatos, instantaneamente tinha se voltado para Raine, sabendo que ela teria visto a aproximação do Lycan com seus poderes. Viu... E manteve a informação para si, o que lhe valeu esta última punição.

— Eu vou adicionar o Sentinela a minha coleção. — Murmurou, desejando que ela levantasse o rosto para que ele pudesse ver seus olhos. Ele estava começando a ter uma obsessão doentia com o brilho, incomum de seu olhar, e saber disso, lhe fez fazer cara feia.

— Você não precisa dele como refém, agora que estou ajudando-o com os mapas. — Sussurrou, sua voz rouca e fraca de fome e dor. — Então, por que capturá-lo?

— Você sabe que os Marcadores só terão serventia para mim, se estiverem todos juntos. — Respondeu ele. — Eu preciso dos cinco, que estão em posse dos Sentinelas.

Ela explodiu em um riso macio e frágil, e balançou a cabeça, as algemas de metal que circundavam seus pulsos raspando contra o chão de pedra, quando ela puxou os braços para baixo de si. — É tudo apenas um desperdício de tempo. — Disse a ele. — Porque você não vai ganhar.

Os olhos dele se estreitaram com indignação, e ele instintivamente soube que a garota dizia aquilo para quebrar-lhe o espírito.

— Você não pode ver o futuro. — Fervia. — Somente o passado.

Raine soltou um gemido quando puxou suas pernas para mais próximo de seu corpo ferido, e então disse:

— Eu não preciso ser vidente para saber o que vai acontecer na sua guerra. Gente má como você, sempre comete um erro, mais cedo ou mais tarde. Normalmente vem bem na época que seu ego fica muito grande para controlar. Quanto mais você pensa que é invencível, maior é a queda.

— Palavras corajosas para uma mulher, cujo seu irmãozinho é meu mais novo brinquedo.

Ela endureceu em reação às palavras suaves, tentando levantar seu corpo magro do chão, mas seus braços feridos e sangrando, mal puderam movê-la poucos centímetros de onde estava largada no chão, e ele riu baixo... Satisfeito.

— Deixe-me dizer-lhe algo sobre um Casus que escapou de Meridian ano passado. — Murmurou, apreciando seus esforços. — Seu nome é Gregory, e ele tem umas coisas no lugar dos dedos. Louco como um mergulhão, mas o cara poderia dar lições de boa e saudável tortura. Você não pode imaginar as coisas que ele faz. Coisas que eu poderia facilmente fazer para o resto de seus entes queridos.

— Eu vi Gregory. — As palavras foram suaves, quase um sussurro, e ele estava certo de ter ouvido errado o que ela tinha dito.

— O que você disse?

Ela tomou uma respiração profunda, estremeando, sua voz um pouco mais forte quando ela cerrou os dentes e, finalmente, conseguiu empurrar seu corpo em uma posição sentada no chão coberto de sangue.

— Eu vi Gregory. Vi que não conseguiu capturá-lo... E nem matá-lo, também.

A nova aresta de alerta aguçou o olhar de Westmore, seus dedos se curvaram em torno das barras da cela.

— Quando? Onde? Você pode ver onde ele está agora?

Ela ergueu o queixo, fixando nele o brilho de ódio de seu olhar. — Deixe meu irmão ir. — Disse a ele— E eu vou lhe dizer o que já vi.

Westmore sentiu o ódio subir por seu corpo.

— Você acha que pode negociar comigo vadia?

— Eu chamo isso de fazer um acordo. E confie em mim quando digo que você não tem nenhuma escolha. Por que eu sei o que ele tem planejado para você, e não é bonito. — Sussurrou. Seu lábio partido curvando-se em um sorriso frio e mortal. — Se você não quer acabar sendo mais uma de suas vítimas, Westmore, você vai me dar o que eu quero.

CAPÍTULO QUINZE

Quarta à noite.

Embora tivesse viajado através do território traiçoeiro todo o dia, evitaram se encontrar com qualquer um dos vampiros Carrington, graças aos conhecimentos de Ashe da área. Depois de cuidadosamente navegarem a sua maneira através de uma ravina íngreme, rochosa que passava pelas terras reivindicadas pelo ninho dos Carrington, eles estavam finalmente se aproximando do local onde eles se abrigariam pela noite, e Morgan estava mais uma vez grata pela chance de sair do frio.

— Olha lá. — Ashe murmurou, acenando com a cabeça em direção ao leste, onde o brilho prateado da lua iluminava uma estrutura pequena no vale abaixo, aninhado entre um pavilhão de abetos. A cabana era uma das várias que eram utilizadas pelos Förmyndares quando viajavam pela Escandinávia, mas tinha sido pura sorte que eles estivessem próximos à cabana, enquanto seguiam o “puxar” do sangue de Kellan, que os estava levando por aquele vale em particular.

— Nós devemos estar lá em uns vinte minutos ou coisa assim.

— Graças a Deus. — Morgan gemeu. — Sinto como se meus pés fossem cair a qualquer momento.

— E você precisa comer. — Kierland murmurou a seu lado, a nota áspera de preocupação em sua voz profunda a fez dar um sorriso. Após os selvagens orgasmos que haviam quase derretido seu cérebro na noite anterior, eles tinham se permitido algumas poucas horas de sono, entrelaçados como se fossem uma obra de arte erótica. Quando ele a acordou, com voz rouca em seu ouvido dizendo que era hora de colocar a cabeça fora dos cobertores, Morgan sentiu-se nervosa, preocupada em como ele iria tratá-la depois das coisas que tinham acontecido naquela noite. Todas as palavras que haviam sido rosnadas e sussurradas, e também a confissão de seu crime. Foi de um prazer surpreendente quando ela percebeu que ele não iria se retrair ou se comportar de maneira beligerante.

Em vez disso, ele tinha sido suave, um pouco silencioso, perdido em seus pensamentos, mas... Tinha estado perto. Ele ficou ao seu lado, certificando-se que ela estava bem, ajudando-a quando tinham que fazer seu caminho através de passagens difíceis ou em pontes estreitas. Ele ainda foi menos implicante com Ashe, e mesmo assim continuava provocando-o, sorrindo torto quando Kierland não estava olhando. Morgan disse assim que olhou para os olhos cinza brilhantes do Deschanel e percebeu que Kierland começava reagir às provocações:

— Se vocês pretendem começar um incêndio, esperem ao menos que tenhamos chegado à cabana. — Murmurou apoiando a mão sobre um dos ombros rígidos de Kierland, enquanto ele a ajudava a transpor um emaranhado de árvores caídas, o último obstáculo antes de chegarem até o abrigo.

— EU VOU AQUECER AS latas de sopa que nós trouxemos. Não é muito, mas pelo menos vai estar quente.

O Lycan piscou para ela com um sorriso sexy, em seguida, veio para trás dela, enquanto Ashe abria caminho pela estreita trilha que serpenteava pelo bosque. A mente de Morgan vagava, para além dos caminhos profundos da floresta, estava preocupada com Kell e pelos caminhos que seu próprio coração tomava. Ela sabia que se envolver além de um nível físico, com o magnífico lobisomem iria mexer seriamente com suas emoções, mas não tinha ideia de quão profundamente seria afetada.

Ao invés de ir para longe dessa situação, ela caminhava para rasgar uma profunda ferida no centro do próprio peito. Não havia maneira de evitar. O estrago estava feito. E ainda, mesmo sabendo que teria um final, ela não conseguia parar de pensar sobre como seria a próxima vez que tivesse as mãos sobre ele. Tentou chegar a uma conclusão, para poder explicar a si mesma a intensidade louca de sua necessidade, de suas emoções fora de controle, mas não pôde. Tudo o que sabia é que ia muito além do êxtase surreal, estilhaçando sua mente, levando-a para algo mais profundo... E infinitamente mais devastador. Quando ele tinha tocado seu corpo, tinha encontrado o caminho para algum abrigo, sombrio, uma parte dentro dela que tinha sido fria, escura e silenciosa por anos, mas que agora estava gritando alto a plenos pulmões, trazendo calor e luz com seu rugido.

— Parece um pouco quieta, de repente? — Ashe murmurou. Sua voz baixa puxando-a para fora de seus pensamentos quando fez uma parada pelo caminho logo à frente dela, ela girou a cabeça lentamente em direção as profundezas escuras da floresta.

O medo fez o sangue nas veias de Morgan gelar e ela estremeceu.

— Eu estou com um mau pressentimento. — Ela sussurrou, a sensação desconfortável de ser observada, picando na parte de trás do pescoço. Cada um deles deixou cair os fardos pesados que estavam transportando no chão, e Kierland aproximou-se dela, deslizando um olhar afiado para Ashe, que estava erguendo o nariz para o ar.

— Que cheiro você está sentindo?

O Deschanel sacudiu a cabeça, o rosto bonito puxado em linhas sombrias de frustração quando ele olhou para eles por cima do ombro.

— Nenhum, mas eu tenho que admitir, de repente senti a mesma sensação ruim.

— Há algo aqui. — Morgan murmurou. — Algo próximo.

Antes de Kierland ser capaz de responder, a floresta explodiu com um movimento. Foi como algo saído de um filme, a coreografia perfeita de corpos que sobem através do ar, caindo a partir dos ramos superiores das árvores para prendê-los no caminho, dezenas de pares de olhos de prata brilhante com fogo predatório nas sombras do luar da floresta.

Kierland amaldiçoou em uma série de xingamentos, empurrando-a contra uma árvore e plantou seu grande corpo musculoso na frente dela, pois se encontravam diante de um ninho de vampiros Deschanel selvagens. Suas presas letais já estavam totalmente distendidas, bem como suas garras. E no centro do grupo estava Micah Sabin, seu corpo ainda vestido com as mesmas roupas manchadas de sangue que tinha estado usando no dia anterior, um hematoma fresco escurecendo seu rosto, em seu queixo e garganta manchas secas, já escurecidas de sangue.

— Micah. — Ela suspirou, olhando em torno do ombro largo de Kierland.

— Como você escapou? Onde está a Juliana?

— Juliana, provavelmente, deve ter voltado para nosso abrigo, apertando as mãos como uma boa menina, preocupada com o que vou fazer a seus novos amigos. — Zombou, o ar de loucura em seus olhos, ainda predominava, da mesma forma que da última vez que o tinham visto.

— Eles simplesmente te deixaram ir? — Ashe perguntou, mantendo um olhar atento sobre o grupo de vampiros, enquanto ele se aproximava de Morgan e Kierland.

O canto da boca de Micah curvou com um sorriso falso.

— Eles não tiveram muita escolha, considerando que eu consegui colocar minhas garras em torno da garganta de uma das minhas primas. Ela era uma coisinha doce. — Murmurou, o peito arfante com a força de suas respirações. — Pobre Jules não pode suportar a ideia de que a garota ficasse machucada.

A bile subiu pela garganta de Morgan, e ela teve que tossir antes de poder perguntar:

— E onde está a menina agora Micah? Ela está bem?

Ele recuou, apertando os olhos por uma fração de segundo, e sacudiu a cabeça, como se agitá-la fosse afastar uma memória indesejada.

— Eu não sei onde ela está. — Respondeu com uma voz grossa quebrada, então balançou a cabeça outra vez, seu olhar selvagem denotando que a insanidade tinha tomado conta dele mais uma vez.

— E... Não importa. O que importa é que eu a encontrei. Estava procurando por você a noite toda e o maldito dia.

— E quem são seus amigos? — Kierland solicitou, sua voz enganosamente suave quando lentamente sacou sua arma das costas, enquanto Morgan e Ashe faziam o mesmo.

Micah enviou a Ashe um sorriso duro.

— Eles são Carringtons. Eu sabia pelo que você disse a Juliana, que estava indo para o novo abrigo dos Kraven. Quando eu escapei, fiz meu caminho até os Carringtons e ofereci-lhes um negócio, uma vez que estão sempre desesperados para pôr as mãos em carne fresca. Disse a eles que eu iria partilhar a refeição, se pudessem me ajudar a te derrotar.

— E agora? — Ashe resmungou, parecendo cada bocado do guerreiro mortal que ela sabia que ele podia ser.

Empurrando o queixo em direção a Kierland, Micah disse:

— Eles ficam com vocês dois, e eu fico com a mulher.

— Nós não vamos deixar você tê-la. — Afirmou Kierland em uma voz calma, mas Morgan pode ouvir a corrente de ódio que raspava nas bordas das suas palavras.

O vampiro começou a dizer algo em resposta, então se retraiu, com a testa puxando forte, como se estivesse com dor, o veneno poluindo sua corrente sanguínea, sem dúvida devastando sua sanidade, bem como seu corpo.

— Micah. — Murmurou, mantendo sua voz suave. — Você não precisa fazer isso.

— Você está errada. — Seu peito estremeceu com o peso de uma respiração irregular, sua pele estava úmida e pálida. — Tenho que fazer. Eu não consigo tirar você da minha cabeça. Você... Você cheira muito bem. Eu não consigo parar de pensar nisso. Seu sangue. Seu corpo.

— Você não pode tê-la. — Kierland repetiu as palavras, cuidadosamente de maneira pausada, como se estivesse falando com uma criança confusa. — Eu entendo como você se sente, mas você não pode tê-la, Sabin. Ela é minha.

— Não por muito tempo. — Micah retrucou, enquanto fazia sinal com sua mão para que os vampiros Carringtons atacassem.

— Não deixe que eles te mordam! — Ashe gritou, disparando tiros contra os vampiros venenosos que corriam em direção a eles. — Lembre-se que é contagioso!

Embora muitos disparos tivessem sido feitos, havia muitos dos monstros sanguinários. E ambos os homens foram obrigados a entrarem no combate corpo a corpo, fazendo o máximo para manter Morgan protegida atrás deles. Quando um dos bastardos venenosos agarrou o braço de Ashe, segurando-o pelo antebraço. O belo Deschanel deslizou sua arma novamente para o cós da calça jeans e atacou o oponente com suas garras com incrível precisão mortal. Era uma horrível cena sangrenta, mas Morgan não teve tempo de ficar enjoada. Kierland tinha as mãos cheias. Lutando contra Micah Sabin e o resto dos Carringtons,

Morgan forçou-se a ficar calma enquanto disparava com sua Glock, fazendo seu melhor para ajudar. Mas não foi fácil. Os selvagens vampiros venenosos lembravam muito aqueles que tinham matado Nicole anos atrás, e ela podia sentir as garras geladas do pânico esforçando-se para tomar posse dela. O medo inundou seu sistema, a transpiração manchava seu lábio superior, escorrendo para baixo ao lado de seu rosto, seus pulmões se contraíram. Vendo o pânico em sua expressão, Kierland começou a ir em sua direção, e Micah e os Carringtons aproveitaram-se imediatamente da situação.

Com as costas expostas a seus inimigos, o Lycan sentiu quando saltavam sobre ele. Morgan gritou com raiva enquanto o grupo arrastava Kierland para longe e desaparecia na escuridão da floresta. Ela gritou para Ashe, mas ele estava muito ocupado lutando contra seus próprios atacantes. Tinha que fazer isso sozinha. Não é possível perdê-lo. Preferiria morrer a perdê-lo. Com uma respiração profunda, Morgan segurou sua arma com ambas as mãos e saiu correndo, agradecendo a Deus a cada segundo por ter tomado o sangue de Kierland, uma vez que seria capaz de seguir seu rastro e chegar até ele.

Eles o estavam arrastando mais e mais profundo na floresta densa, as trevas espessas tornando quase impossível ver para onde ela ia. Alguma coisa rosnou para ela, apressando-se, vindo da esquerda e ela levantou sua arma, disparando sua última bala com um tiro que atingiu direito entre os olhos prateados do vampiro. Ele caiu. E ficou no chão. Morgan sabia que o tiro não iria matá-lo, mas isso iria tomar-lhe um inferno de tempo para cicatrizar, e ela esperava que sua bunda virasse um bloco de gelo antes que ele recuperasse a consciência.

Ignorando o medo que fazia cada nervo de seu corpo tremer, ela acorrentou seu exasperante pânico e se manteve em movimento, tropeçando, enquanto seguia o “puxar” do sangue de Kierland. O “puxar” era mais forte do que qualquer outro que já tinha sentido, e não era apenas centrado em seu peito. Ela podia sentir isso queimando em cada célula de seu corpo, todo o seu ser focado em segui-lo... Encontrá-lo.

Com uma praga abafada nos lábios, ela empurrou através de um emaranhado de espinhos, e teve que abafar um grito quando descobriu que do outro lado, Kierland estava no centro de uma pequena clareira, argumentando com Micah, enquanto os Carringtons o rodeavam, e ela estava sem balas! Tinham sobrado apenas uma pequena adaga e o frasco de vidro minúsculo, que Gideon tinha deixado para Kierland em seu apartamento. Morgan

lembrou-se de perguntar a Ashe para que servia o tal frasco, enquanto caminhavam no dia anterior, e ele tinha dito que era uma espécie de bomba. Apesar de não ser como qualquer outro explosivo que ela já tivesse visto. Especificamente criado para matar vampiros, o “diamante” criava uma explosão de magia destinada a aniquilar qualquer Deschanel num raio de vinte metros. Gideon tinha, obviamente, pensado que era a arma perfeita para dar-lhes, considerando que estavam indo para a Escandinávia.

Morgan só podia orar a Deus para que funcionasse. Usando sua capacidade de monitoramento de sangue para determinar o paradeiro de Ashe, certificando-se que ele não estivesse dentro do raio da explosão da bomba, ela respirou fundo. Então levou seu braço para trás e levantou o “diamante” no ar, pronta para batê-lo contra a terra como Ashe havia instruído que fizesse. Nenhum dos vampiros a tinha notado, concentravam seu foco em Kierland que rugia a Micah que se ele tivesse bolas, iria parar de se esconder atrás dos Carringtons e lutaria com ele cara a cara.

Micah gritou de volta, caminhando de um lado a outro da clareira, e assim que o Deschanel se virou em direção a Morgan, avistou-a com o canto do olho, seu olhar selvagem parou no frasco pequeno que ela segurava na mão. Ele poderia estar fora de seu juízo perfeito, mas reconheceu a arma. Assim quando o vampiro virou e alertou-os, o caos irrompeu na clareira, os Carringtons perderam a paciência e ataram Kierland, que parecia um trovão de Deus enquanto revidava e atacava todos ao mesmo tempo, seu corpo poderoso girando com graça, sinuosamente predatório, teria sido bonito de ver, se ela não estivesse tão temerosa por sua segurança.

Acreditando que a arma iria funcionar da maneira que deveria, Morgan jogou o frasco contra o chão com toda sua força. O frasco de vidro quebrou e o líquido bateu contra o chão da floresta, e uma súbita explosão de calor arremessou-se através do ar. Morgan foi jogada de lado, com um baque duro, batendo contra um emaranhado de raízes das árvores, o ar momentaneamente fugiu de seus pulmões. Antes mesmo que ela pudesse se colocar em pé sozinha, Kierland estava ao seu lado agarrando-a em seus braços, sua respiração superficial e grosseira quando abraçou-a contra o peito. Kierland não abrandou o forte abraço após mais de uma dezena de metros, um olhar estranho predominava em seus traços ásperos quando cambaleou de encontro a uma árvore próxima, e quando o abraço finalmente afrouxou, seus braços começaram a tremer.

— O que há de errado? — Ela resmungou, apertando as mãos na frente do casaco enquanto seus pés escorregavam de volta ao chão. — Você está bem? Eles te morderam?

— Não morderam. — Forçou as palavras através de seus dentes cerrados, sua íris brilhando um verde sobrenatural enquanto a olhava preocupado. — Apenas a explosão me deixou meio fora de mim. Vá... Vá encontrar Granger. Chegue à cabana. Eu vou atrás de vocês assim que conseguir de volta minha respiração.

O medo se enrolou dentro dela quando percebeu como ele estava pálido.

— Você está louco? — Choramingou, sua pulsação rugindo em seus ouvidos. — Eu não vou a lugar nenhum sem você! Porra, Kierland, me diga o que aconteceu!

— Não discuta comigo! — Rosnou, empurrando-a para longe dele. Ela cambaleou para trás, caindo no chão quando tropeçou em outra raiz de árvore retorcida. O medo se solidificou em terror paralisante quando viu que a cor sumia do rosto de Kierland, como se alguém tivesse feito seu sangue simplesmente vazar de seu corpo. Ela tentou dizer o nome dele, mas nada

saía, a garganta embargada, a voz bloqueada, apertada no peito batendo. As rajadas de neve caíam sobre seu rosto e lábios trêmulos, quase quentes em comparação a frieza de sua pele.

— Morgan.

As sílabas ásperas caíram da boca dura, então ele sucumbiu, caindo para frente de joelhos. Ela gritou, correndo para ele, a tempo de pegar seu peso nos braços.

— O que aconteceu? O que eles fizeram para você? — Ela chorou, mas se ele ouviu, não deu nenhuma indicação, seus cílios esvoaçantes como se seus olhos revirassem dentro de sua cabeça. — Ashe! — Ela gritava, cerrando os dentes enquanto lutava com o peso de Kierland, tentando ser gentil quando o baixou ao chão. — Ashe! Porra, onde está você?

O Deschanel apareceu do nada, suas roupas e rosto salpicados com sangue, sua expressão vincada com linhas profundas de preocupação quando se agachou ao lado dela.

— Onde você está ferida? — Ele rosnou, seu olhar aterrorizado movendo-se rapidamente sobre seu corpo ajoelhado.

— Eu estou bem. — Morgan balbuciou, os olhos inundados com lágrimas quentes e salgadas.

— É Kierland. Ele é o único que precisa de ajuda.

Ashe deslizou seu olhar para Kierland, os olhos aumentando com surpresa pelo Lycan esparramado no chão. Dois vales profundos nasceram entre as sobrancelhas do vampiro, quando estendeu a mão, e tirou a jaqueta de tecido escuro de Kierland, revelando a camiseta ensopada de sangue.

— Oh, Deus santo. — Soluçou ela, olhando para a bagunça ensanguentada no torso de Kierland. Ele havia sido cortado, deixando seu estômago aberto, o sangue que derramava do ferimento horrível embebia a terra debaixo deles, e quando ela levantou às mãos a boca, sentiu o sangue cobrindo sua pele. Ela devia ter estado em choque, para não ter sentido o cheiro antes, porque estava em toda sua pele e roupas, e ela percebeu por que Ashe tinha pensado que era ela que tinha sido ferida quando tinha chegado ali. Ela estava coberta do sangue de Kierland. Encharcada nele.

— O que diabos aconteceu?

O emaranhado da voz de Ashe a fez estremecer, e ela balançou a cabeça, tentando se focar. Mas era quase impossível, quando seu coração estava partindo-se em minúsculas partes dentro de seu peito.

— Morgan! Porra, fale comigo. O que aconteceu?

Ela molhou os lábios, forçando as palavras roucas a passarem pelos lábios congelados.

— Eram muitos vampiros, e eu... Eu comecei a entrar em pânico. Kierland notou, e ele acabou por dar-lhes as costas no meio da luta, tentando me alcançar. O pegaram e o arrastaram para floresta. Eu... Eu corri atrás dele, encontrei-os, mas havia tantos e Kierland estava tentando lutar contra todos eles. Então, eu usei a o “diamante” para me livrar deles, mas deve ter sido tarde demais. Devem ter cortado ele antes da explosão que os matou.

— Ele tem que mudar. — Ashe disse a ela, vincos profundos esculpiam as laterais de sua boca. — É a única chance que seu corpo tem de consertar o dano.

Ela piscou, apertando os dentes que batiam.

— Será que ele pode?

Com o cotovelo apoiado no joelho dobrado, Ashe estourou uma respiração áspera e esfregou a mão manchada de sangue na boca.

— O inferno se eu sei. — Resmungou. — Mas devemos levá-lo à cabana, primeiro. Se ele puder fazer a mudança, ele vai estar debilitado, pelo menos, por doze horas ou coisa assim.

Lágrimas corriam pela face de Morgan enquanto ajudava Ashe a levar Kierland através dos bosques, a neve estava caindo mais forte quando finalmente chegaram a cabana. Ele gemia enquanto o deitavam no tapete em frente de uma lareira de pedra, levantou os cílios, seu olhar cheio de dor lutando para focar o rosto na cintilação da luz das velas.

— Não... Não deixe Granger tocar em você. — Ele gemeu, seus lábios puxando para trás sobre seus dentes, enquanto assobiava de dor. — Não o quero em qualquer lugar perto de você.

Ajoelhada ao lado dele, Morgan lhe empurrou o cabelo para trás da testa com um toque suave, sua voz urgente, quando se inclinou perto de seu rosto e disse:

— Kierland, me ouça. Eu sei que não será fácil, mas eu preciso que você mude.

— Não. — Gemeu, seus cílios esvoaçantes. Seus lábios ficaram cinza, e um soluço estrangulado passou pelo nó na garganta, os dedos tremendo enquanto ela tocava a bochecha fria.

— Sim, querido. Você precisa fazer. Você foi ferido. — Sussurrou com voz partida. — Esta é a única maneira de você conseguir se curar.

Ele gemeu de novo, fechando os olhos, e ela podia o sentir escapando dela. Agarrando seus ombros, sacudiu-o um pouco, gritando:

— Porra, Kierland. Transforme-se! Você precisa fazer!

— Não é possível.

— Ele está morrendo. — Disse Ashe a dela, seus dedos longos pressionados contra a jugular de Kierland, monitorando seu pulso.

— O diabo que ele está. — Retrucou, a fúria ardendo em seu corpo com uma força impressionante. Puxando-lhe a mão, Morgan se focou na bela face de Kierland. Em meio ao borrão das lágrimas, ela bateu-lhe o mais forte que pode, o golpe marcando o rosto pálido dele. Ele deu um grunhido baixo, mas nada mais, e ela bateu-lhe novamente, mais forte, colocando todas as suas forças por trás do golpe.

— Droga, você vai fazer isso! — Rosnou, engasgando com soluços.

— Morgan, querida, o que você está fazendo? — A voz profunda de Ashe estava grossa de preocupação, e ela cerrou os dentes, sabendo que devia parecer uma louca.

— Eu estou provocando-o. — Engasgou, batendo em Kierland novamente... E novamente, enquanto seu peito arfava com a força irregular de sua respiração. — Se ele ficar bravo o suficiente, ele pode ser capaz de fazer a mudança.

— Jesus, Morgan. — Ashe passou por cima do corpo sangrento de Kierland e segurou os pulsos de Morgan, mantendo-a fortemente presa.

— E ele pode feri-la por acidente, se perder a sanidade devido à dor. No que você está pensando. Se ele se transformar enraivecido com você, pode ser capaz de matá-la!

— Eu não me importo! — Ela gritou, puxando os pulsos.

— Eu não vou perdê-lo. Agora não. Não assim.

Com um suspiro resignado, Ashe soltou os pulsos de Morgan e recostou-se em seus calcanhares. Tomando uma respiração profunda, estremeceu, Morgan puxou a mão e bateu contra a lateral da face de Kierland novamente. Finalmente, seus olhos se abriram, brilhantes, com uma sombra ainda mais brilhante de verde, curvou seu lábio quando olhou para ela.

Ele amaldiçoou feio e bruto, exigindo saber o que Morgan estava fazendo, suas palavras soando cheias de dor, e ela bateu nele de novo, mais forte. A cabeça de Kierland curvou para trás com a força do golpe, ele empurrou seu corpo ao mesmo tempo em que suas presas começavam a surgir de seu lábio superior.

— Ele está se transformando. — Falou Ashe em uma voz baixa e arenosa. — Continue. Mas o atinja com suas garras.

Recusando-se a olhar para a parte inferior do corpo de Kierland, ter a visão de seu corpo encharcado de sangue só a faria ficar histérica, Morgan lançou suas garras curtas, respirou fundo e as lançou sobre a pele da bochecha de Kierland, deixando sulcos profundos de sangue. Um rosnar grosso escapou do peito de Kierland e Ashe prendeu seus punhos contra o chão, enquanto Morgan prendia a bile na garganta e o atingia novamente.

Lutando contra Ashe, Kierland travava seu olhar com o de Morgan, os brilhantes e selvagens olhos verdes cheios de dor e confusão bárbara.

— Sinto. — Sussurrou, lágrimas escorriam por seu rosto enquanto atingia a outra face dele, seus dedos lisos com o sangue dele. — Eu sinto muito.

— O queremos chateado. — Resmungou Ashe. — Pare de pedir desculpas e faça de novo. E rápido Morgan ou será muito tarde.

Os olhos de Kierland estavam escuros de raiva, seu corpo tremia, a mudança premente, tanto que Morgan podia sentir o poder do lobo pulsando dentro dele, em ondas viscerais que batiam quentes contra a pele gelada dele. Seu olhar furioso se fixou em Ashe e depois voltou para ela, e ela de repente soube o que fazer. Como leva-lo ao limite. Sentindo-se como a mais cruel cadela viva, ela atraiu outro fôlego e tremendo inclinou-se, pondo a boca em seu ouvido enquanto dizia: — Se você me deixar Kierland, eu vou fugir com Ashe. Eu vou... Eu vou casar com ele. Ser sua companheira. Ter seus filhos.

— Ele está se transformando. — Ashe murmurou, lutando para manter presos os pulsos de Kierland, quando as garras começavam a surgir das pontas dos dedos do Lycan, um rosnar rígido escapando de seu peito.

— Continue.

— Eu vou para a cama com ele. — Engasgou, pressionando as mãos em seus ombros enquanto tentava ajudar Ashe a mantê-lo contido. Olhando para os tendões fortes em sua garganta, incapaz de enfrentar o olhar em seus olhos, ela endureceu sua voz e disse:

— Vou deixá-lo me usar, quanto ele quiser. De qualquer maneira que ele quiser. Vou deixá-lo tomar meu sangue enquanto estiver enterrado dentro de mim, e eu vou gritar para ele. Vou gozar para ele. Quantas vezes ele quiser.

— Para trás! — Ashe de repente rugiu, empurrando-a tão fortemente que ela parou na outra metade da sala. Sentando-se, empurrou os cabelos emaranhados de seu rosto, seus olhos se alargaram quando o corpo de Kierland começou a tremer com espasmos violentos, arqueando quase um metro fora do chão, suas garras crescendo ainda mais na ponta dos dedos.

Ele soltou um grito gutural, e seus ossos começaram a estalar e expandir, sua roupa rasgando, enquanto sua pele escurecia para um tom violáceo, no local da ferida a cor ia ao vinho escuro, curando-se, a mudança tomando conta totalmente dele agora.

— Pelo amor de Deus, seja cuidadosa. — Ashe murmurou, com o canto dos olhos ela pode ver o vampiro cuidadosamente indo em direção a porta, enquanto mantinha o olhar atento na mudança do corpo de Kierland.

— Aonde você vai? — Perguntou ela, usando as mangas de sua camiseta para secar as lágrimas que corriam por seu rosto.

— Considerando como você conseguiu o que queria. — Ashe disse pausadamente: — Acho que é minha deixa para sair. Vou manter os olhos abertos nas coisas lá fora, me certificar de que não seremos incomodados. — Deu-lhe um sorriso apertado, torto, acrescentando:

— Só se certifique de que ele não venha atrás de mim, meu anjo.

E com essas palavras provocadoras, fechou a porta da cabana... E ela ficou sozinha com Kierland. O som de seu nome sendo sussurrado com voz rouca, à fez virar na direção dele, piscou admirada quando o viu em forma de lobo, o corpo enorme tremendo enquanto tentava se empurrar para cima com seus braços.

— Não tente se mover. — Sussurrou, rastejando em direção a ele em suas mãos e joelhos. Ela estava tão frágil, que não confiava em seus pés para mantê-la. — Você foi ferido, e nós tivemos... Nós tivemos que levá-lo a mudar. Você só precisa de descanso agora. Seu corpo vai fazer o resto.

Ele olhou para ela, o tapete, depois de volta para ela novamente, e inclinou a cabeça ao lado, demonstrando sua sonolência, nos luminosos olhos verdes. Um sorriso trêmulo tocou sua boca, e ela disse:

— Espere um segundo. Eu só preciso acender a lareira.

Morgan poderia senti-lo olhando para ela enquanto se atrapalhava com os fósforos que haviam sido deixados sobre a pilha de achas ao lado da lareira, tentando acendê-los. Quando as chamas começaram a arder e cuspir, ela se virou para ele, os braços em volta de seu corpo, e ajoelhou-se na beirada do tapete, incapaz de parar de olhá-lo. Apesar de conhecer Kierland há tantos anos, ela nunca o tinha visto em forma de lobo, e era algo maravilhoso de se ver. Ele era muito bonito. Magnífico. Maior do que um lobo real, com pele e presas e um rosto de animal, mas o corpo ainda mantinha a aparência de um homem com braços e pernas poderosos. Ele poderia rasgá-la ao meio, com um único golpe de suas garras poderosas, mas ela não estava com medo. Ela sabia que ele nunca iria machucá-la.

Não fisicamente. Mesmo quando Morgan cortou-o com suas garras, ele não a tinha atacado. Teria, provavelmente, a deixado matá-lo antes de atacá-la. Ela não entendia, mas ela estava cansada demais para descobrir isso. Tudo que ela sabia era que queria estar perto dele, para vigiá-lo. Agarrando os restos ensanguentados das roupas dele, jogou-os nas chamas, em seguida arrastou-se para o lado dele e deitou-se estendida ao longo do corpo dele. Um som

baixo, satisfeito partiu de sua garganta quando ele rolou para o lado, dobrando o corpo em torno do dela, e ela endureceu com surpresa, quando a verdade surpreendente ocorreu a ela. Ela ainda estava apaixonada por ele. Ela ainda estava apaixonada por Kierland Scott.

O estranho e assustador pensamento queimou o caminho em seu cérebro quando ela aninhou o rosto contra o calor do peito largo, os olhos apertados para impedir as lágrimas quentes de correrem por seu rosto. Uma parte dela estava aterrorizada com o que o futuro traria, mas quando seus braços fortes se envolviam em torno dela em um abraço apertado, possessivo, ela não pode deixar de ser grata pelo milagre que lhe foi dado naquela noite. Ela não o perdeu. Esteve tão próximo de perdê-lo, mas ele sobreviveu. Ele ficou com ela... E Deus, queria dizer alguma coisa, não é? Com um sorriso nos lábios trêmulos, Morgan empurrou suas preocupações e medos de lado, agarrando-se a esperança de não deixá-lo ir e se aconchegou para dormir com seu lobo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Quinta à tarde.

KIERLAND ABRIU OS OLHOS para a cintilação das brasas do fogo crepitante, e se surpreendeu por estar se sentindo bem, enquanto um pensamento quase incompreensível continuava abrindo caminho através de sua mente, fascinando-o com seu significado. Morgan chegou para ele. Resgatando-o. Salvado sua vida. Ela já não estava deitada em seus braços, mas ele podia sentir por seu perfume que ela estava perto... E que o vampiro não estava.

— Onde está Granger? — A pergunta saiu como pouco mais que um sussurro duro, a garganta tão seca e áspera como se uma lixa tivesse sido forçada por ela.

— Ele está fazendo patrulha ao redor da cabana. — Murmurou com voz suave, Kierland virou-se para encontrá-la ajoelhada atrás dele no chão, com um copo de água nas mãos. Pressionando o copo à boca ressecada enquanto rolava a sua volta, ela lhe deu um sorriso hesitante, depois disse:

— Eu mantive a guarda por algumas horas no meio da noite para que Ashe conseguisse dormir, e então nós trocamos novamente.

— Que horas são? — Perguntou, enquanto percebia por seu reflexo no copo que não estava em sua forma humana.

— No final da tarde. — Respondeu, e ele percebeu que ela estava vestindo roupas limpas, em vez das que tinham sido manchadas com seu sangue. — Você dormiu por um longo tempo.

Kierland olhava atentamente através dos olhos do lobo, e apesar do fato que ela tinha dormido em seus braços, não podia deixar de ficar chocado, que ela parecesse tão completamente à vontade com ele em sua forma de lobo. Embora ela soubesse que ele nunca iria prejudicá-la, o fato é que ele era um predador, e Morgan era vulnerável o suficiente para ser vista como presa.

— Você não está... Com medo?

Um sorriso feminino e misterioso tocou-lhe a boca, sua voz suave quando ela chegou até ele e acariciou o rosto dele com as pontas dos dedos.

— Não Kierland. Eu não tenho medo de você.

Ele podia ouvir a voz do lobo em sua cabeça, gutural impelindo-o para que a reclamasse. Marcá-la, para sempre como sua. Fechando os olhos, tentou bloquear seu sorriso tentador, seu olhar suave e quente, mas tudo em que conseguia pensar era em como ela tinha salvado sua vida. Como ela tinha enfrentado seus medos, para ir atrás dele, mesmo quando o pânico tomava conta dela. E depois havia a dor visceral da fome correndo em suas veias, consumindo sua mente com a lembrança de como era perfeito estar dentro dela. Como era molhada e deliciosamente apertada, de como ele se sentia quando ela o segurava apertado dentro de seu corpo.

Kierland precisava dela contra ele, com ele, em torno dele, com uma urgência que abalava seu autocontrole, mas ele não podia permitir-se tocá-la como estava. Ele teria de

mudar primeiro, e esforçou-se para assumir o controle de seu lado escuro, a fome crua rangendo através de seu corpo, rasgando-o, quando ele forçou seu corpo a transformação que a traria de volta a forma humana.

Mas ele perdeu a luta interna, antes que a mudança estivesse concluída, rodou em torno de si mesmo, cobrindo-a com sua forma maior e mais pesada.

Ele temeu que ela fosse gritar por Granger pedindo socorro, mas ela não o fez. Em vez disso a linda sentinela enrolou seus braços ao redor de seu pescoço e ergueu a boca para seu rosto. Seus lábios estavam estranhamente frescos contra o ardor de sua pele, e ela espalhou beijos doces onde suas pequenas garras tinham cortado seu rosto, embora as feridas já estivessem curadas.

— Eu sinto muito. — Sussurrou com a voz embargada pelas lágrimas enquanto baixava a cabeça de volta para o tapete, tentando esconder os olhos molhados dele. — Eu estava tão assustada, que você não reagisse. Você estava morrendo Kierland... Eu estava vendo você morrer... E isso... Isso estava me matando. Eu tinha que fazer algo, qualquer coisa para mantê-lo comigo. Mas eu sinto muito tê-lo magoado.

— Está tudo bem, querida. Eu estou aqui. Estou bem. Por causa de você. Eu não vou a lugar nenhum. — Murmurou, sua voz ainda muito gutural, muito do lobo, para que ele se arriscasse a tocá-la. Mas ele não conseguia parar. Seu corpo queimava por ela. Apesar de sua cabeça ter voltado à forma humana, ele ainda ostentava as garras mortais, o corpo maior do que o habitual, mais alto e com os músculos distendidos poderosamente, capaz de esmagá-la facilmente se não tivesse o suficiente cuidado.

Com a pulsação rugindo em seu ouvido, o corpo dolorido e uma necessidade furiosa e luxuriante dela, Kierland apoiou-se nela, prendendo-a sob seu corpo, murmurou para que ela tirasse a roupa. Sua pele cremosa resplandecia, seu cheiro provocante ficava cada vez mais forte enquanto ela seguia seu comando áspero. Prendendo o lábio inferior entre os dentes, ela tirou o jeans e a blusa de seu corpo, a visão de suas graciosas curvas e pele nua, arrancaram-lhe um gemido selvagem dos lábios. Quando o sutiã e a calcinha foram embora, e ela se deitou sob ele nua e trêmula, Kierland só pode olhar hipnotizado por cada detalhe de sua beleza, em poucos segundos sua boca estava pressionado na exuberante curva dos seios dela.

Suas garras deixavam sulcos profundos no tapete, enquanto lambia e mamava avidamente em seus mamilos rosados, deliciosamente inchados, amando seu gosto... Sua textura, então se forçou a afastar-se. Passando-a para frente, ele empurrou os pesados cabelos dela por cima dos ombros, e tentou lembrar-se de tomá-la gentilmente enquanto seu lobo rosnava que precisava dela agora.

Ela estremeceu quando ele esfregou a pele quente e sedosa na parte de trás de seu pescoço, seu cheiro mais forte ali e em seus cabelos úmidos, atrás de sua orelha e joelhos. Ao longo da curva de sua garganta, onde sua pele era tão frágil e lisa.

— Kierland, por favor. — Gemeu, arqueando-se contra ele. — Eu preciso de você. Por favor.

Havia tanto medo e preocupação agitando-se dentro dele, mas ele não podia parar. Morgan se virou novamente de frente para ele, abrindo suas pernas explicitamente o mais largo que pôde, seu delicado e molhado sexo rosa era como uma flor de estufa.

Com o fôlego cada vez mais rápido e afiado, Kierland se ajoelhou entre as coxas levemente musculosas dela e avidamente pressionou o rosto contra a parte mais preciosa e

íntima dela, a boca comeu avidamente seus sucos, sua língua rodando e acariciando dentro dela.

Morgan arqueou-se debaixo dele, cravando suas unhas nos ombros dele, arremessou a cabeça para trás, um gemido rouco escapando de sua boca aberta enquanto ele se apoiava sobre a mão esquerda para pairar sobre ela, ele não podia esperar mais, e ela soltou um suspiro assustado. Kierland retraiu suas garras e posicionou seu pênis na minúscula e estreita entrada de Morgan, provocando-a com a grossa cabeça de seu eixo, ela não o afastou ou gritou para que saísse de cima dela.

Em vez disso, ela estendeu a mão, colocando-a em seu rosto quente e puxando-o para mais perto de si. A situação obrigou-o a ir mais fundo, arrancando um grito profundo de seus lábios enquanto ela tocava a boca dele, esfregando pele contra pele, produzindo uma estática sensual entre eles.

— Desculpe. — Suspirou, apoiando-se em seus cotovelos enquanto ela tentava fazê-lo empurrar mais profundamente... Ele estava apavorado de que pudesse tê-la machucado. — É demais, caramba. Você é muito pequena.

— Não sou. — Respirou contra seus lábios, a rouquidão de sua voz deslizava sobre a coluna de Kierland como fogo líquido, enrolando-se em suas costas e orelhas, e ele revirou os quadris, mais um centímetro dentro do casulo enervado dela, sentindo-se malditamente grande para ela. Kierland sabia que era quase impossível caber naquela passagem estreita, mas milagrosamente ela já estava ficando molhada, banhando-o em maciez e calor. Kierland entrou um pouco mais profundamente, seus olhos quase viraram, tamanho era seu prazer.

Kierland nunca, em toda sua vida, tinha feito sexo estando tão perto de sua forma total de lobo, e a nitidez da sensação quase o matou, temia até onde isso poderia levá-lo. Ele retraiu as presas, mas ainda as sentia pesando em sua gengiva, queimando para se liberarem. Ele podia facilmente ver-se abrindo a boca e cravando-as na pele frágil do ombro de Morgan, a marca da mordida ligando-a para sempre a ele de corpo e alma.

Inferno teria sido tão perfeito, tão certo, se não fosse o fato de que ele era muito parecido com seu pai, e ela não ser o tipo de mulher que pertenceria verdadeiramente a um único homem. Uma mulher que poderia dar seu coração facilmente a outro homem. Ela já tinha feito isso antes, porra. Ela o queria, e tinha se entregado a Granger. E faria novamente. Nunca seria capaz de amá-lo da maneira que ele precisava.

Amá-lo? Oh meu Deus. Ele não queria, mas não havia como esconder de si mesmo por mais tempo.

A verdade tornou-se assustadoramente clara para Kierland, como um grande letreiro de néon ardendo em seu cérebro, e ele tentou fugir dessa certeza. Esse calor e essa luxúria incomparável sempre haviam estado ali... Mesmo quando tinha evitado olhar para o passado com medo do que ia encontrar. Ele sabia muito bem que algumas verdades eram melhores quando deixadas esquecidas, não elucidadas, pois nunca se sabia o que elas trariam. O quanto essa verdade poderia afetá-lo a cada dia. E sempre haveria a chance de ele perder a cabeça, romper em violência, destruindo o que lhe passasse pela frente, e só Deus sabia como ele poderia lidar com tudo isso.

E agora Kierland tinha que enfrentar a verdade assustadora e angustiante de que estava amando Morgan Cantrell. Sua cabeça deu um salto, seu coração rasgou sangrando, pois

tinha morrido para esse tipo de amor. O tipo que não podia ser partido ou esmagado. O tipo que iria amarrá-lo em nós a cada minuto de cada dia, para o resto de sua desgraçada vida.

Uma centelha de calor pairava nas bordas de sua consciência, acenando-lhe, dizendo-lhe que isso era um dom. Um milagre. Algo a ser valorizado, estimado e protegido. Mas ele não poderia fazê-lo.

Não importava o quanto quisesse, ele não poderia se entregar a ela, por que isso o assustava como os infernos, gelava seus ossos. E talvez fosse por isso que Granger tinha se mantido longe dela por todos esses anos.

Era alucinante sentir-se consumido com tanta preocupação pela segurança de outra pessoa, quando havia tantos perigos no mundo. Mesmo sem o monte de desagradáveis e difíceis questões que se interpunham entre eles. Kierland sabia que nunca seria capaz de superar o medo irritante de que algo pudesse tirá-la dele.

Porra, havia tantas coisas que poderiam dar errado. E se levando em conta o quanto ele estava preocupado, essa missão na Escandinávia tornou-se demasiadamente perigosa para Morgan permanecer ali.

“Mas eu a quero”, o lobo rosnou, fervendo de raiva enquanto rondava os limites de seu corpo. “Eu preciso dela. Precisamos dela.”

Com a mandíbula travada, Kierland lutou para se impedir de bombear nas profundidades líquidas do corpo de Morgan, mais e mais profundamente e então ela abriu os olhos, e ele quase se encolheu quando viu como ela o olhava, fixando seu olhar no dele. O cinza suave agitado com muitas emoções, como uma janela para partes dela que ele conhecia melhor do que ela. Ele precisava afastar seu olhar para longe, caramba, mas não pode.

Ela o tinha preso nas profundezas de seu corpo, e ele não conseguia mais suportar, era intolerável. Ele tinha que fazê-la ajustar-se direito a ele, enquanto ainda podia.

Kierland pode sentir o calor escaldante subindo dentro dele, enquanto rangia os dentes agarrou-a por detrás dos joelhos, mantendo-a cativa abaixo dele e, empurrou tão profundamente quanto ela pode tomá-lo em seu interior, batendo seus quadris contra os dela, empurrando-se em uma escaldante explosão, seu corpo em erupção dura e visceral que o fez atingir picos de prazer que pareciam estar drenando sua alma. Seu rosto tinha minúsculas gotas de suor frio, sua boca tremia, seus olhos ardiam com um brilho suspeito de umidade, e ele começou a virar a cabeça, mas ela o parou.

— Não. — Sussurrou ela, tocando os lados do rosto úmido de Kierland com as pontas dos dedos. O pulsar em seu interior dizendo a ele que ela tinha encontrado sua própria liberação, enquanto ele mesmo estava sobre a beira do abismo. — Eu só...

— É tão incrível...

Lendo a pergunta nos olhos dele, ela lhe deu um leve sorriso e, explicou então.

— Só agora percebi que você nunca olha pra mim quando você se entrega ao orgasmo. Você sempre vira o rosto para longe. Mas é tão bonito, posso ver o lobo em seus olhos, posso sentir seu prazer queimando em mim. É como se eu pudesse ver dentro de você, Kierland. Eu amo isso.

Ele estremeceu, sua garganta teve dificuldade de engolir o nó que se formou, mas ele não disse nada. Ele não precisava.

Morgan pode ver as emoções impressionantes brilhando em seu pálido olhar, pode ver o desejo correndo por ele e lhe roubou o fôlego. Derreteu-a até que ela fosse uma piscina morna repleta de amor e desejo em baixo dele, precisando dele para sempre... Para sempre.

E então seu olhar quente tornou-se frio, algo tempestuoso e escuro e, ele se colocou de joelhos e começou a se retirar de dentro dela cuidadosamente.

— Maldição. — Ele rosnou, curvando o lábio com raiva. — Eu não devia ter feito isso.

— Por que não? — Perguntou, tremendo quando ele lhe deslizou um rápido e frio olhar e, em seguida virou-e.

— Muito do lobo ainda estava em mim. — Murmurou, movendo-se para ficar em pé, mudando-se totalmente para sua forma humana diante dos olhos de Morgan.

Alcançando o jogo de roupas limpas que ela tinha separado para ele, começou a vesti-las.

— Por que você não entende? — Grunhiu, sua raiva se intensificando enquanto colocava as botas. — Eu poderia tê-la rasgado em dois, Morgan.

— Mas você não rasgou. — Ressaltou, em voz baixa, alcançando suas próprias roupas. — Eu adorei, Kierland.

— Você não merecia isso. — Murmurou, olhando para ela enquanto empurrava as duas mãos pelo cabelo grosso, seu corpo grande e bonito marcado pela frustração.

— Bem, eu gosto de todas as partes de você, Kierland. Não apenas a do playboy.

Ele deu uma risada amarga, e baixou o olhar, suas mãos apoiadas em seu quadril estreito, em uma dessas poses masculinas que enlouqueciam uma mulher, enquanto a camisa de casimira cinza apertava-se sobre os músculos de seu ombro.

— Tire a besta da jaula. — Advertiu. — E quem sabe o que poderá acontecer?

— Eu não tenho medo de sua besta. Ou de você. — Disse a ele, terminando de colocar seu suéter sobre a cabeça, enquanto colocava uma calça jeans. — Eu vou estar com você, Kierland.

— Não, você não vai.

Sua voz se tornou dura, pensativa, e outra onda de calafrios atravessou a superfície de seu corpo.

— Por que você está indo embora.

— O quê? Da cabana?

— Não. — Ele deslizou-lhe um olhar fechado, em seguida afastou-se através do cômodo rusticamente mobiliado em direção à janela solitária. — Você está deixando a Escandinávia. — Ele murmurou, olhando para o entardecer. — Eu vou encontrar Kellan por mim mesmo. Ashe pode levá-la de volta a Inglaterra.

— O que? De que diabos você está falando? — As palavras chocadas raspam contra sua garganta e ela engoliu, sentindo-se doente.

Ele deixou uma mão áspera sobre a moldura da janela, a raiva e a tensão vibrando sobre seu corpo grande e musculoso como um impressionante golpe físico, e ela estendeu a mão, cravando os dedos na parte de trás de uma cadeira próxima para equilibrar-se.

— Isto é muito perigoso. — Disse em uma voz dura. — A noite passada foi a prova disso. Eu quero que você volte.

— Bem isso é malditamente ruim. — Argumentou ela, furiosa por ele pensar que poderia tirá-la de lado tão facilmente. — Por que eu não vou a lugar algum. E você precisa de mim para encontrar Kellan.

A luz do fogo brilhava contra os fios de seu cabelo ruivo quando ele sacudiu a cabeça.

— Estamos pertos o suficiente agora, eu sou capaz de encontrá-lo sozinho.

— Talvez. — Admitiu ela, com voz grossa. — Mas nada é definitivo. Você está disposto a correr esse risco?

Fez-se uma longa pausa, e então ele soltou um suspiro profundo, corajoso.

— Se isso significa que você vai estar fora daqui. Eu estou disposto a arriscar.

Morgan estava com tanta raiva, que ela podia sentir a fúria como se fosse algo além de uma emoção. Algo como uma parte dela. Uma coisa viva que se enrolava em seu corpo, borbulhando, torcendo e rasgando em suas entranhas.

— Então é isso? Você está terminando comigo?

— Eu nunca deveria ter começado nada com você. — Sua voz tremeu, seu corpo alto vibrou com a eminência de algo explosivo. — Preocupar-me com você sempre conduziu a problemas. E eu não vou continuar fazendo isso, caramba. Isso para aqui.

— Eu não entendo. — Sussurrou, seu tom grosso pela confusão.

— Eu cometo erros por causa de você. — Rosnou, afastando-se da janela para olhá-la diretamente, seu rosto tomado por uma emoção dura, enquanto seus olhos pálidos brilhavam com fúria. — Nicole pagou o preço por isso.

— Nicole? — Morgan sacudiu a cabeça, completamente atordoada. — Do que em nome de Deus você está falando?

— Na academia. Eu... Eu queria você. Mas eu não podia me deixar envolver. — Ele empurrou as mãos nos bolsos da calça jeans, sua voz era uma barra escura. — O quanto eu queria você ferrou com a minha cabeça. Cometi erros imperdoáveis, por que deixei tomar conta de mim, entende. Eu não queria te machucar, e Nicole morreu por causa disso.

Morgan cruzou os braços sobre o peito, apertando fortemente seus dentes.

— Eu... Eu ainda não entendo.

Ele puxou as mãos dos bolsos e passou sobre seu rosto, e inclinou a cabeça para trás olhando para o teto.

— Eu não queria que você fosse parte do ataque ordenado pelo Conselho. — Sua respiração estava áspera e seu pomo de Adão se deslocava frenético por sua garganta enquanto ele engolia. — Não foi por que eu tivesse achado que você era muito fraca, mas por que eu não pude suportar a ideia de você estar em perigo. De te acontecer alguma coisa. Foi por isso que me recusei a atacar com a unidade completa dos estagiários. Ao invés disso levei alguns cadetes comigo para atacar o ninho, mas não foi suficiente, alguns dos bastardos fugiram. Eles mataram Nicole em retaliação.

Morgan não podia acreditar no que estava ouvindo, seus pensamentos gritando, quando começou a juntar os pedaços do quebra-cabeça que havia feito seu passado tão conturbado.

— Kierland você não pode culpar a si mesmo. Eram monstros. Não é sua culpa que a tenham matado.

Abaixando a cabeça ele fixou seu olhar turbulento nela.

— Ela não foi uma vítima ao acaso Morgan. Eles escolheram a ela, por que me reconheceram. Por que os deixei escapar. — Soltou uma risada cansada e amarga que revelava apenas sua raiva e dor, e ele amaldiçoou asperamente, respirando fundo, seu perfil distorcido pela culpa, olhando para algum ponto distante na parede. — Ela não merecia isso. O que eles fizeram com ela. E as últimas palavras que dissemos um ao outro foram horríveis.

— Vocês tiveram uma briga?

— Sim. — Outro riso amargo escorreu de seus lábios, e ele baixou o queixo quando colocou novamente as mãos nos bolsos.

— Ela me acusou de ser emocionalmente ausente em nosso relacionamento, e ela estava certa. Era a verdade por que eu só a estava usando para me manter longe de você. À noite em que a mataram eu devia ter estado lá, mas eu a tinha deixado sozinha. Deixei-a sem proteção, por que eu estava malditamente preocupado com você. Eu sabia que vocês iam sondar o que estava acontecendo na floresta naquela noite, e assim te segui para me manter de olho em você.

Seu peito doía por ele, por sentir a dor em sua voz profunda.

— Ainda assim não foi culpa sua Kierland. — Morgan desejou que ele a deixasse se aproximar, mas sabia que ele não deixaria, e ela não queria forçá-lo a nada. — O que aconteceu com Nicole foi uma tragédia, eu sinto muito pelo que ela sofreu. Pelo que você perdeu, mas você não pode continuar culpando-se pela morte dela.

Ele bufou, os fios de cabelo ruivo caíam sobre sua testa quando ele sacudiu a cabeça e murmurou:

— Como diabos que não posso.

— Se ela te amava, e não sei como ela não poderia te amar, então ela não gostaria que você se sentisse assim. Ela não iria querer que você passasse o resto de sua vida se culpando pelo que aconteceu.

Um silêncio pesado pairou por um momento e, em seguida ele olhou lentamente em sua direção, prendendo seu olhar e Morgan se assustou com a força bruta que ele continha.

— Será que você pode me dizer por que estava tão determinado a se manter longe de mim? — Sussurrou.

Por um momento ela achou que ele não fosse responder, mas então ele soltou uma respiração áspera e disse em voz grossa:

— Por que eu sabia que podia haver algo entre nós.

— E por que isso teria sido tão ruim? — Sua voz estava embargada pela emoção, ela tentou se controlar, pois sabia que os próximos momentos determinariam para onde iriam. —

Por que você não disse que sentia algo por mim? Por que você tornou tudo tão difícil? Foi por causa da minha linhagem? Por que você se envergonhava de mim?

— Jesus Morgan. Por que eu deveria me envergonhar de você?

— Então o que foi? Por que você não pode alegar que se envolveu com Nicole por causa da minha relação com Ashe. Eu nem estava com ele quando você começou a namorá-la.

Ela queria gritar com ele, gritar e gritar, mas ela mal conseguia proferir algumas palavras roucas.

— Então qual a verdadeira razão? Por que depois de tudo o que passamos, acho que tenho o direito de saber.

Ele baixou a cabeça novamente, seu peito subindo e descendo enquanto olhava para um ponto distante no chão.

— Eu venho do mal Morgan. Da merda, de algo fraco e desagradável.

Ela piscou atordoada, sem saber o que pensar.

— Do que você está falando?

— Meu pai era um assassino. — As palavras pareciam estar arranhando sua pele. — Aquele bastardo ciumento que matou minha mãe, em um de seus ataques de raiva.

— Oh meu Deus. — Kellan tinha dito a ela que seus pais tinham morrido em um trágico acidente quando ele e Kierland eram ainda garotinhos, mas isso foi tudo.

— O que aconteceu? Ela estava tendo um caso?

Ele balançou a cabeça com um movimento breve, os músculos em sua fronte começaram a pulsar.

— Tanto quanto sei, não houve outro homem. Inferno, ele estava tão no limite, que qualquer coisa simples poderia tê-lo feito enlouquecer. Provavelmente ela tenha sorrido para o leiteiro de maneira errada. Dito olá ao carteiro. Isso era tudo o que ele precisava. — Ele puxou uma respiração profunda e segurou-a, deixando que ela saísse lentamente por seus lábios, quando disse:

— Eu estava lá quando aconteceu. Eu tinha entrado na cozinha para perguntar se eu e Kell poderíamos pegar alguns biscoitos, e ela estava deitada no maldito chão aos pés de meu pai, sangrando. Ele me olhou, olhou-me bem nos olhos e me disse para nunca amar alguém. Que isso enlouquecia um homem. Em seguida distendeu as garras e rasgou o próprio intestino... Se matou.

— E você acha que... — Ela não conseguia pronunciar as palavras, a boca trêmula.

Ele ergueu a mão, esfregando a parte de trás do pescoço, uma cor febril subindo por seu rosto.

— Eu tinha esperança de que talvez... Que talvez não fosse como ele. Eu tinha finalmente começado a acreditar nisso. Então você entrou em minha classe, em seu primeiro dia na academia, e eu soube que era como o bastardo. Isso foi tudo como ele disse.

Estendeu a mão direita, os dedos abertos, e ela viu a maneira que ele estremeceu.

— Você sorriu para mim, e eu soube que faria qualquer coisa, roubar, assassinar, enganar. Para mantê-la. Fazer você minha. E no final soube que tinha uma chance de acabar

como minha mãe. Eu não deixaria... Não importa o que me custasse, eu não podia deixar que isso acontecesse com você. — Suas mãos pressionaram as veias que pulsavam logo abaixo a linha de seus cabelos. — Eu não vou deixar que isso aconteça, Morgan.

— Tem alguma coisa parecida com ele? — Perguntou, provando o gosto salgado das lágrimas em seus lábios, que nem sequer tinha percebido que estavam caindo. — Qualquer coisa do homem que ele foi?

Ele balançou a cabeça. Murmurando: — Eu tento não ter.

— Então, o que te faz pensar que você possa agir como ele? Só por que ele fez uma coisa horrível, não significa que você vá fazer. Eu sei que...

Cortou com sua voz profundamente frustrada.

— Eu não sou estúpido. Eu sei que não sou a mesma pessoa. Mas sei também que cada vez que Ashe olhava pra você, que eu queria matá-lo. Rasgá-lo com minhas próprias mãos. E ainda quero. — Seu peito tremia com a súbita explosão do fôlego desagradável, um riso que só tinha mágoa e dor, e deslizou seus olhos quase fechados em Morgan. — Talvez eu tenha mais do meu velho em mim do que você pensa.

— Então você está me dizendo que decidiu meu futuro por mim, certo? — Ela limpou as lágrimas de seu rosto, surpresa com o calor de sua própria face, muito da própria preocupação e raiva queimando nela. — Sem mesmo dar-me uma escolha?

— Você não entendeu? Não há escolha! — Ele rugiu as duras palavras guturais batendo pela sala com uma força escaldante de energia, soprando contra ela. Suas mãos tremiam, sua pulsação rugindo em seus ouvidos, como uma espécie de tempestade destrutiva.

— Droga. — Ela gritou, levantando a voz enquanto lutava contra a vontade de atravessar a distância entre eles e agarrá-lo, travando-se em volta dele em um elo que jamais poderia ser quebrado. Mas era uma ilusão. Um sonho. Por que não importava o quanto fortemente estivesse agarrada a ele. Ele iria escapar. Não importava o quanto ela lutasse desesperadamente, não seria o suficiente. — Acredite ou não. Você nem sempre sabe o que é melhor para todos!

— Eu sabia que era uma má ideia. — Ele rosnou, o peito arfante, com a força da respiração irregular. — Eu devia ter mandado sua bunda de volta para a Inglaterra, no segundo em que você pisou no clube sábado à noite.

Morgan estava com tanta raiva que queria dar um tapa nele. Atingi-lo. Feri-lo da mesma forma que ele tinha feito por todos esses anos. Pela maneira que ele a machucava agora. Mas ela não podia fazer, por que feri-lo doía nela também. Por mais ridícula que a ideia de que ele pudesse feri-la fisicamente parecesse, ela percebeu que ele realmente acreditava nisso. Que ele não confiava em si mesmo para estar perto dela. Preocupava-se com ela.

Os dois saltaram quando a porta da cabana de repente abriu, e Ashe entrou na sala, seus cabelos escuros e roupas polvilhadas de neve. Morgan sacudiu a cabeça, enviando-lhe um olhar que lhe dizia que aquele era um mau momento, mas ele soltou um suspiro cansado e murmurou.

— Desculpa, o sol está nascendo, mas eu tenho uma notícia para o lobo. — Kierland se virou para ele, sua expressão aguda, seu foco em alerta, quando Ashe explicou:

— Seu irmão está por perto. Eu senti o cheiro dele, enquanto estava patrulhando o perímetro do bosque e o segui. Encontrei-o em um acampamento a poucos quilômetros a leste daqui. Havia alguns Kravens no local, guardando-o sob a mira de armas, mas eu mascarei meu cheiro para que eles nem sequer soubessem que eu estava lá. Eles também tinham uma ruiva com eles, que parecia estar no comando das coisas, mas ela é humana.

— Spark. — Kierland murmurou, seu olhar escureceu quando soube da notícia.

Ashe deslizou ao Lycan um olhar curioso. — Spark?

— O ser humano. — Kierland disse, com voz fria... Dura. O nome dela é Spark. Ela é um soldado extremista, uma assassina.

— É uma das cadelas mais hediondas que já conheci. — Acrescentou Morgan.

— Você falou com ele? — Kierland grunhiu, cortando-a.

O vampiro balançou a cabeça.

— Não. Mas me coloquei onde ele pudesse me ver. Parece que ele me reconheceu.

— Ele provavelmente reconheceu. — Ela murmurou. — Ele viu as fotografias que tenho de nós dois juntos.

Ashe reconheceu a explicação com um aceno lento, seu olhar penetrante deslocando de Kierland para ela, e Morgan percebeu que ele estava tentando descobrir o que tinha acontecido entre eles.

Seu olhar voltou ao Lycan, e ele disse:

— Eu ia tentar me aproximar dele, mas ele me alertou com um olhar para voltar atrás.

— Ele ainda não está pronto para ser salvo.

— Isso é malditamente ruim. — Kierland murmurou, caminhando para sua mochila.

— Espere. — Ela suspirou, estendendo a mão e segurando o braço dele. — Pare para pensar por um segundo. Isso é exatamente o que Kellan queria que acontecesse, Kierland. Você tem que o deixar fazer isso do jeito dele. — Ele olhou para ela com um olhar cheio de estupor, uma onda violenta de cor subiu pelas maçãs de seu rosto e pela ponta do nariz.

— Você sabia? — As palavras enganosamente suaves, estavam repletas de fúria, ele recuou soltando seu braço do aperto da mão dela, sua fúria tornando-se mais escura a cada instante.

— Sabia o que? — Ela sussurrou passando a língua sobre o lábio inferior.

— Não brinque comigo Morgan. — Ele murmurou tremendo com a raiva mal contida, um músculo pulsava em sua têmpora sombriamente.

— Se ele estava tão perto quanto Granger disse, você saberia. — Ela não queria mentir-lhe, mas sabia que ele não iria acreditar na verdade. E no final, condenou o silêncio dela.

— O que é isso? — Desdenhou, um olhar cortante indo dela para Ashe, que parecia querer pegá-la em seus braços e protegê-la da raiva de Kierland, mas sabia que não era bom desafiar a sorte.

— Vocês acabam de tentar me ferrar mais ainda?

— Não! Deus, você sabe que não é verdade. — Disse ela hesitante, pedindo-lhe com os olhos para acreditar nela.

Ele passou a mão sobre a forma cruel de sua boca, como se quisesse acreditar, mas não pudesse.

— Então por que diabos você não me disse nada?

— Por que para ser honesta, eu não estava prestando atenção para onde Kell poderia estar ontem à noite. — As palavras tranquilas abaladas com a emoção. — Eu estava ocupada demais me preocupando com você. Eu não percebi que o “puxar” do sangue de Kell estava perto quando acordei hoje de manhã. E então... Distraí-me. Eu não tive a chance de dizer nada. Mas teria lhe dito.

Ele apenas olhou para ela de toda sua altura, seu corpo rígido com a tensão, como se estivesse prestes a explodir a qualquer momento. Com uma respiração profunda e trêmula, Morgan se forçou a dizer às palavras que precisavam ser ditas.

— Nós não estamos aqui para detê-lo. Você sabe disso. Nós estamos aqui para ficar esperando, por perto, quando ele sair de lá com Chloe e precisar de nossa ajuda. Mas isso é tudo. Você tem que ter fé Kierland, por que Kellan não vai falhar. Isso é muito importante para ele.

— Sim, bem, é importante para mim também. — Ele murmurou, afastando-se dela.

— O que você está dizendo? — Perguntou, observando quando ele se ajoelhou e começou a procurar algo entre a mochila com suas armas, arrancando duas pistolas e muitos pentes com munição.

Sem olhar para ela, ele disse:

— Estou indo atrás dele.

— Você não ouviu o que eu acabei de dizer? Você não pode!

— Como diabos que não posso. — Resmungou, voltando a se abaixar para tirar o casaco e colocar as armas nos bolsos.

Tentando controlar o tremor em sua voz, Morgan respirou fundo e disse:

— Depois de tudo que ele passou para chegar até aqui. Você realmente acha que é isso que ele quer? Que você vá resgatá-lo? Ele tem um plano Kierland. Ele é um homem adulto e um soldado e tanto. Deixe Kell fazer o que acha que é certo.

— Ele pode acabar se matando. — Disse voltando-se para olhá-la.

— Essa é uma possibilidade. Sim. Isso é sempre uma possibilidade. Mas a escolha é dele. — Ela argumentou com voz rouca, seus olhares estavam travados em uma explosiva guerra de vontades. — Por favor, Kierland. Pelo menos uma vez, ouça alguém, e pare de pensar que você sabe o que é melhor para todos.

Ele estremeceu de ódio, mas não disse nada, e ela só pode sacudir a cabeça, seus ombros pesados com a decepção ao perceber que nada do que tinha dito faria alguma diferença.

— Divirta-se tentando fazê-lo entender. — Ashe falou com uma nota de desgosto em sua voz profunda enquanto se dirigia a porta, obviamente tinha decidido que já tinha ouvido o suficiente. — Vou estar lá fora se você precisar de mim.

A porta se fechou atrás do vampiro, e Morgan esperou que Kierland dissesse alguma coisa, mas ele não o fez. Ele simplesmente estava lá, seu corpo em uma postura rígida, as mãos grandes paradas ao lado de seu corpo, enquanto ele olhava para a porta.

— Você realmente vai me deixar aqui sozinha? — Ela perguntou, erguendo o queixo, quando tudo o que realmente queria era se retirar para algum canto e poder lambar suas feridas.

Com um olhar frio de canto de olho, Kierland disse:

— Você não estará sozinha. Você tem o vampiro, como sempre.

— Deus. — Sussurrou ela, piscando para não derramar as lágrimas frustrantes. — Eu tenho sido tão estúpida, não tenho? Eu realmente pensei que, depois de ontem à noite, que você iria... Que você poderia cuidar de mim. Para que nós dois em fim tivéssemos uma chance juntos. Mas você nunca vai deixar isso acontecer, não é Kierland?

— Não fale assim sobre nós. — Ele soltou as palavras por terra, estreitando os olhos com raiva. — Isso é entre mim e Kell.

— Não. — Foi estranho ouvir sua própria voz soando tão fraca, tão oca, como se toda a vida tivesse sido drenada para fora dela. — Isto é sobre você Kierland. É sempre sobre você.

Ele fez um som baixo vindo da parte de trás de sua garganta que soava mais como um animal do que como um homem, seus olhos verdes brilharam com fúria em sua face sombria.

— Você não sabe do que está falando Morgan.

Sua respiração era tão pesada que fez seu lábio estremecer, as lágrimas vinham rápido queimando seu caminho sobre a face de Morgan, quando ela cruzou os braços sobre o peito, tentando manter-se firme.

— Eu sei que te amei. Eu te amei tanto que quase morri quando você me apresentou a Nicole. Eu te amei tanto que te odiei por estar com ela. Foi por isso que corri para Ashe. Por que você partiu meu coração, e você nem sequer sabia disso.

— Dane-se. — Seu corpo tremia violentamente, como se estivesse lutando para permanecer no controle. Ele empurrou o cabelo para trás de seu rosto com as mãos trêmulas e rosnou: — Isso é mentira e você sabe disso!

— Não. — Disse a ele, sacudindo a cabeça, incapaz de parar o dilúvio de palavras que brotava para fora de sua boca. — Eu passei meses esperando que você me convidasse para sair, e você nunca o fez. Eu pensei que você estivesse apenas esperando que eu ficasse um pouco mais velha... Isso foi quando eu a conheci. Quando você me apresentou a Nicole. Eu não... Eu não te desejei apenas, Kierland. Eu te amei. E você partiu meu coração quando a trouxe a meu encontro. Foi como um tapa na cara... Assim eu soube que você estava fora do meu alcance. Assim eu deixei você em paz. Seu plano funcionou, por que naquela noite eu fui atrás de Ashe. Você só soube da nossa relação um pouco mais tarde, por que eu não tinha contado a ninguém.

Ele parecia atordoado. Então apertou os lábios, quando rosnou;

— Por que ele?

Ela limpou as lágrimas com as pontas dos dedos, sua voz tremendo quase incontrolavelmente quando disse.

— Por que eu sabia que ele era o contrário de você. Ele não tinha medo de me assumir. Por que sempre foi gentil comigo.

— Gentil? — Ele rosnou. — Cristo, Morgan. Ele só queria te fazer tirar as calças.

— Você está errado. — Argumentou. — Ashe foi um verdadeiro amigo para mim Kierland. Recuso-me a me sentir culpada por nosso relacionamento, por que ele tem sido um dos meus melhores e mais leais amigos. Mas a verdade é que eu acabei ficando com ele por que você partiu meu coração. Por que você estava com medo demais de ter uma chance de ser feliz comigo. Por que você achava que sabia o que era certo, e não estava disposto a deixar alguém ter algo a dizer.

Um pesado silêncio caiu entre eles, o tipo de tensão que estendia para fora deles e fazia o quarto vibrar até que ela mal pudesse respirar, ele agitou fortemente sua cabeça, juntando as sobrancelhas em um “v” profundo.

— Não importa. — Resmungou curvando os ombros e enfiou as mãos nos bolsos. — Eu nem sei por que estamos discutindo isso. Jesus. O que está feito... Está feito. Você se apaixonou por Ashe e esqueceu tudo sobre mim. Era óbvio para todos que você estava louca por ele. Devastada quando ele a deixou. O que quer que seja que você tenha sentido por mim, não era tão forte como o que sentia por ele. Então nada do que você alegou, muda alguma coisa.

Ele a olhou assustado. Estava com medo. E tinha sido esse medo que sempre o tinha mantido afastado dela.

— É isso então? — Perguntou ela. — Você ainda vai manter Ashe entre nós, por que isso é o que convém a você?

— Eu não estou interessado em ter uma segunda opinião. — Ele resmungou, sua expressão dura como pedra tanto quanto seu tom.

— Você só vai enxergar o que quer não é?

Ele afastou-se dela, sua mão já na maçaneta da porta.

— Ele quer você Morgan. — As palavras guturais saíram às pressas pelo esforço. — Ele obviamente lamenta ter se afastado de você. Uma vez que eu esteja de lado, você vai poder ter o que quer. O que você sempre quis.

Olhando para seus ombros rígidos, ela lutou para conseguir fazer sua voz sair e finalmente disse:

— Você acha que tem tudo planejado, mas você não sabe nada, Kierland.

— Eu sei que você não pode mudar o passado. Eu perdi você, e aprendi a viver com isso.

— Claro que você aprendeu. — Ela sussurrou, enquanto um riso sufocado caía de seus lábios. Ou talvez tenha sido um soluço. Ela estava destruída demais para saber a diferença, um tremor estranho nasceu em seu peito ameaçando se espalhar por todo seu corpo, quebrando-a.

— Você não precisa de ninguém, não é Kierland?

— Que diabos você quer de mim? — Exigiu em voz grossa e rouca, seus ombros tensos.

“Doía”, pensou ela, dar seu amor a alguém. Cortar um pedaço de si mesma fora e oferecer a ele. Mas pior ainda era saber que ele não queria. Que não iria deixar que isso importasse.

— Eu quero o que não posso ter. — Ela murmurou, dando de volta a ele as mesmas palavras que ele tinha lhe dado.

Ele deu um riso corajoso, e escancarou a porta.

— Confie em mim Morgan. Ele é seu. Você quis aquele vampiro por anos, e agora você o tem. Ele não vai se afastar de você outra vez.

— Uau. Parabéns, Kierland. — Era impossível esconder a amargura em seu tom de voz. Não que ela estivesse tentando. — Mais uma vez você tem tudo planejado.

A porta já se fechava atrás dele, quando Morgan caiu de joelhos no meio da sala.

— Pena que você está errado. — Disse ela debilmente, logo depois escondeu o rosto entre as mãos.

CAPÍTULO DEZESSETE

Quinta à noite.

KIERLAND RASTEJOU PELA FLORESTA como uma sombra, tomando o cuidado de não fazer um único ruído. Ele sabia que precisava se concentrar no presente, que ele precisava estar alerta, mas mesmo assim não conseguia parar de pensar em Morgan. Em sobre como sua face parecia pálida e devastada quando ele lhe dera as costas na cabana e foi embora.

Cristo. Havia milhares de coisas que desejava ter dito antes, que as coisas terminassem entre eles, mas sabia que era melhor assim. Não havia nada que ela pudesse dizer que o fizesse mudar de ideia. Eles teriam discutido sempre com os mesmo argumentos sem chegar a lugar algum, enquanto a vida de Kellan pendia na balança.

Com uma arma na mão direita, Kierland levantou a esquerda e esfregou seu peito que queimava com dor, enquanto parecia que seu estômago estava engolindo um bloco de gelo. Era impossível descrever a dor que tinha sentido quando Morgan tinha dito que o amara há tantos anos atrás. Mas isso não importava. Ele não podia deixar que isso importasse. Por que a verdade era que ela tinha se apaixonado por outro homem. Aquele que, provavelmente ainda amava. E esse era um risco que ele não podia correr. O fato de que mesmo que Morgan tivesse escolhido estar com ele agora, não queria dizer que ela eventualmente não pudesse mudar de ideia e ir correndo de volta para o vampiro. Não com o sangue de seu pai fluindo em suas veias. Não, preferia viver com a dor rasgando-o em pedaços pelo resto de sua existência miserável, que correr o risco de feri-la.

Os ventos estavam soprando frio, mas ele estava grato pela neve, que tornaria quase impossível aos Kraven farejar sua presença. Ele tinha caminhado pela mata por cerca de vinte minutos, indo para leste, embora tivesse sido difícil sentir o cheiro de seu irmão, Kierland sabia que estava chegando perto. Podia sentir isso, seus sentidos lhe diziam que não demoraria muito agora. Tentou limpar sua mente enquanto entrava mais profundamente na floresta sombria, com foco em sua missão... Enterraria toda essa porcaria emocional que o estava distraindo, em seguida Kierland viu o brilho de uma fogueira cintilando no horizonte, e ele soube que os tinha encontrado.

Seu coração começou a bater em um ritmo difícil de trovão, e ele esperou sentir alívio nesse momento. Mas ele não veio. Em vez disso, sua atenção estava nas palavras de Morgan quando tinha implorado para que a ouvisse. Ela tinha dito: "Você tem que ter fé, Kierland, Kellan não vai falhar. Isso é muito importante para ele".

Porra ele precisava tirar essa mulher da mente. Agora, antes que ele perdesse completamente a sanidade. Ele se aproximou furtivamente e em silêncio, esperando encontrar sentinelas guardando o perímetro do campo, mas não havia nenhum.

Os Carringtons que tinham sobrevivido à luta da noite passada, obviamente não tinham avisado Westmore e seus aliados sobre sua presença, mas ele não podia esperar fidelidade de um ninho de vampiros enlouquecidos, psicopatas venenosos, não importava quanto dinheiro tinha trocado de mãos.

Ainda mais considerando que na região em que estavam, o negócio poderia nem ter sido um negócio, em termos monetários. Até onde sabia, Westmore poderia ter oferecido aos vampiros sanguinários “carne fresca”, isso era repulsivo, seu estômago revirou em protesto.

Enquanto se aproximava, Kierland pode ver que a fogueira estava bem no centro de uma pequena clareira, e os Kraven estavam ao redor do fogo para se aquecer, suas vozes retumbando em uma conversa. Eles estavam fofocando sobre duas mulheres que Westmore tinha sob sua custódia em seu Complexo, referindo-se a uma delas como a “bruxa”. Tinha que ser de Chloe Harcourt que estavam falando. Quando um dos homens fez um comentário lascivo a aquela que se referiu como “psíquica”, Sparks se sentou entre o grupo e olhou para cima com uma expressão de desgosto.

— Porcos. — Ela murmurou.

Em seguida voltou à leitura, sua testa franzida em concentração enquanto folheava um pequeno caderno de couro.

Na parte mais distante da clareira, cerca de quinze metros de distância de onde Sparks estava, Kellan estava sentado.

O coração de Kierland se apertou quando viu um grilhão grosso no tornozelo esquerdo de seu irmão, ligado a uma corrente pesada que estava presa a uma árvore próxima. Tinham prendido seu irmão em uma árvore como um maldito cão, e ele engasgou com a fúria selvagem que subiu por sua garganta, que quase o levou a atacar Sparks e os Kraven de imediato, rasgando suas gargantas com sua mandíbula mortal de lobo.

Puxando uma respiração profunda pelo nariz, Kierland se forçou a ficar calmo e avaliar a situação. Seu irmão parecia exausto, com círculos escuros ao redor dos olhos e uma grande equimose ao lado da boca, seus cabelos ruivos estavam sujos e revoltos caindo ao redor de seu rosto. Havia uma aparência selvagem em seu olhar, bem como na forma muscular de seu corpo e Kierland, soube que Kellan tinha viajado em sua forma total de lobo, o que lhe permitiria viajar mais rápido e seguro que em sua forma humana. Nem sempre os Lycans tomavam a forma completa de seu lobo, e quando o faziam podia ser algo perigoso, pois ficavam muito próximos de seu animal interior, suas tendências agressivas se tornavam mais acentuadas. Seu temperamento mais explosivo. O que significava que Kellan teria que tomar muito cuidado quando finalmente encontrasse Chloe Harcourt, ou ele a iria assustar como o inferno. Whoa. O que é isso? O que queria dizer “quando” ele a achasse? Afinal ele não estava aqui para salvá-lo?

Amaldiçoando baixo, Kierland passou a mão por seu rosto, e perguntou-se se estava enlouquecendo. Não só estava tendo conversas consigo mesmo, mas também tinha esquecido o motivo de ele estar ali. Que era salvar seu irmão, ele quisesse ou não ser salvo. “Você acha que isso é realmente o que ele quer? Que você vá resgatá-lo? Ele tem um plano Kierland. Ele é um homem adulto e um soldado e tanto. Deixe Kell fazer o que acha certo”. Ele fez uma careta ao sussurro da voz de Morgan deslizando através de sua mente, e moveu-se para frente da posição de Kell.

Kierland se manteve nas sombras, apenas assistindo, confiante no fato de que Kellan teria sentido sua presença. Ele sabia que balas não iriam matar os Kravens, uma vez que só podiam ser mortos com uma estaca de madeira maciça cravada no centro do coração, mas as balas iriam retardá-los o suficiente para que pegasse Kell e saísse de lá.

Alguns momentos depois, seu irmão inspirou profundamente e ergueu a cabeça, correndo seu olhar pelas bordas sombreadas da clareira, focando sua visão noturna muito melhor do que a de um ser humano. Em poucos segundos, seus brilhantes olhos azul-esverdeados se defrontaram com os de Kierland, e lhe enviou um olhar escuro, desconfortável de advertência. Usando uma série rápida de sinais que tinham combinado quando eram mais jovens, enquanto brincavam de guerra pela extensa propriedade de seu avô, Kierland perguntou se ele estava bem.

Kellan deslizou um olhar em direção aos Kraven e Sparks, certificando-se de que não estavam olhando para ele, então apoiou os cotovelos sobre os joelhos dobrados, de modo que suas mãos ficassem livres entre as pernas. Mantendo seu olhar sobre seus captores, ele indicou o complexo ao norte. Trinta milhas. Eles estão me levando para lá está noite.

Kierland esperou que Kellan estivesse olhando novamente para ele e sinalizou. Você sabe o que está fazendo? Enquanto queria adverti-lo a se afastar para que pudesse abrir fogo contra Sparks e os Kraven, as palavras de Morgan rugiam em sua mente, então ele viu que Kellan respondia com um aceno de cabeça positivo, seus olhos brilhando com determinação.

Tudo bem, ele assentiu. Eu odeio isso, mas não vou interferir. Vamos acompanhá-lo até o Complexo. Em seguida combinaram um ponto de encontro duas milhas ao sul. Se você não estiver lá até a próxima sexta-feira nós iremos atacar. Só saia de lá o mais rápido possível, eu não quero perder você.

Kellan sorriu para ele, lhe inclinando um sorriso torto de menino que fez com que Kierland quisesse inclinar a cabeça para trás e uivar.

Deus doía muito deixá-lo ir. Mas Morgan estava certa. Essa situação não estava sob seu controle. Kellan não era uma criança que precisasse dele para fazer suas escolhas por ele.

Escapulindo com um adeus silencioso, Kierland sentiu-se estranhamente perdido quando se virou e voltou pelo mesmo caminho que tinha vindo, como se fosse uma bússola que momentaneamente perdesse seu senso de direção. Algo estava acontecendo com ele, tudo estava fora de seu controle, sua mente pesada se mantinha focada em um único ponto importante. Morgan.

Cristo, ela tinha estado certa. Ele era o único a destruir tudo, com suas loucas questões, medo estúpido e cego. Ele era aquele que tinha enfiado tudo na merda. Abandonaria toda essa louca bagunça se pudesse. Mas não sabia como. Estava preso dentro de sua própria prisão, e iria perdê-la por causa disso. Perdê-la? Diabos, ela já estava perdida. Afugentada por sua atitude idiota.

A menos que fosse atrás dela. Ficasse de joelhos e implorasse por outra oportunidade. A urgência de suas palavras ardentes ecoou em sua mente, mas ele não sabia o que fazer com ela.

Sim, ele sabia que a amava. Que a queria. Que temia poder feri-la. Por um lado, ele ainda tinha medo do que o amor pudesse fazer a ele. De como ele poderia ser torcido e mutilado pelo ciúme. Até que se tornasse um monstro tão grande quanto seu pai tinha sido. E então tinha o fato de que ela tinha dito ainda estar apaixonada por ele. Mas antes ela também tinha estado, e mesmo assim corrido para os braços do vampiro.

Então, o que em nome de Deus poderia fazer? Ele não poderia deixá-la ir embora... E, no entanto, ele não sabia como confiar em si mesmo para ser parte de sua vida, para ser o tipo de homem que ela merecia.

Precisava falar com ela. Dizer como se sentia. Colocar tudo para fora, e deixar que ela lhe ajudasse. Dar-lhe a oportunidade que ela tanto queria. Juntos. Sem pânico.

Era terrível como o inferno a ideia de se abrir para ela e confessar tudo o que estava dentro dele, mas nesse momento o que ele tinha a perder? Ele já sabia como sua vida ia ser sem ela. Fria e inútil, até que sua amargura o transformasse em alguém que nem ele mesmo reconheceria.

Ele tinha que, pelo menos tentar. Quem se importava se ele fizesse de si mesmo um idiota? Ele não se importava. Nada importava, exceto encontrá-la e atirar-se a seus pés.

Impulsionado pela adrenalina do desespero, Kierland começou a correr, as pernas bombeando, aumentando a velocidade até que estava correndo pela floresta enluarada, determinado a alcançá-la antes que ela...

Era estranho. Assim como antes, com Kellan, seu cérebro descarrilou no pensamento de chegar até ela antes que Morgan fosse embora com Granger e ele tivesse que persegui-la, só que agora era mais difícil manter sua concentração. Sua mente empurrava seu corpo ao limite, seus músculos queimavam uma sensação horrível de pânico correndo através dele. Era difícil ignorar o clamor do medo em seu peito, em seu estômago, todos seus sentidos sendo inundados de terror. Ele não sabia por que, mas tinha a sensação de que algo tinha acontecido. Algo ruim.

“Tarde demais”, ele pensou. Eu não deveria tê-la deixado. Estou muito atrasado.

Correndo como se os cães do inferno estivessem atrás de sua bunda, Kierland já tinha coberto mais da metade da distância de volta à cabana, quando ouviu alguém se aproximando dele da direção oposta quase na mesma velocidade. Ele pode dizer pelo cheiro que era Granger, o vampiro não havia feito nada para mascarar sua presença, e os dois pararam abruptamente quando avistaram um ao outro.

A expressão desagradável e chocada de Granger confirmava sua suspeita de que algo ruim tinha acontecido a Morgan. Ele podia sentir o cheiro do sangue dela sobre o bastardo, algo dentro dele rachou com uma dor aguda e penetrante que quase o rachou ao meio.

— Que diabos está acontecendo? — Ele rosnou, com sua besta rondando os limites de seu corpo, tão furiosa e preocupada quanto o homem. — Sinto o cheiro de sangue. Onde está Morgan?

— Vamos depressa. — Disse o Deschanel ofegando, com as mãos sobre os joelhos, se apoiando para frente, lutando para recuperar o fôlego. — Consegui me afastar da cabana. Mas ela está em apuros. Nós não temos tempo a perder.

Uma névoa vermelha turvou a visão do Lycan, ele lutou para se impedir de afundar na fúria visceral, destruído pela dor e desespero.

— O que aconteceu com ela? — Rosnou. — Foram os vampiros?

Granger sacudiu a cabeça. — Caminhantes da Morte. Morgan saiu da cabana mascarando seu cheiro, quando eu percebi o que ela tinha feito fui atrás, mas cheguei tarde demais, eles já tinham atacado.

Oh, Cristo. Quando os Caminhantes da morte não tinham atacado logo na primeira noite, Kierland tinha deduzido que as criaturas não os tinham seguido até a Escandinávia. Mas ele estava errado. E agora Morgan pagou por seu erro.

— Como foi que você a encontrou se ela estava mascarando seu cheiro?

Granger enrolou o lábio.

— Eu pude sentir o cheiro dos Caminhantes da Morte.

— Onde eles estão agora?

O vampiro esticou sua cabeça até não poder mais.

— Você não vai acreditar. — Ele murmurou. — Mas temos que agradecer a Juliana Sabin por expulsá-los. Ela está com Morgan agora.

— Juliana? — Ele resmungou. — Que diabos ela está fazendo aqui?

— Micah sobreviveu à explosão na noite passada e conseguiu voltar a seu ninho.

Em um de seus momentos de lucidez, Juliana disse que ele contou o que tinha feito. Ela e seus guardas vieram para cá se certificar de que estávamos bem. Foi apenas sorte cega que nos encontrassem naquele momento e conseguissem afugentar os bastardos fedorentos.

Sabendo que não havia tempo a perder, Kierland começou a correr, apenas vagamente consciente de Granger mantendo o mesmo ritmo atrás dele, todo seu foco centrado em Morgan. Ele estava doente de medo, seu corpo frio, seus pensamentos torcidos enquanto tentava assimilar na mente o que tinha acontecido. Eles fizeram o caminho de volta à cabana em um punhado de minutos.

Ele imediatamente correu para dentro, não dando sequer um olhar aos guardas de Juliana, que estavam montando um acampamento em frente à cabana.

O cheiro do sangue de Morgan era esmagador, e Kierland eclodiu em um suor frio, ele caminhou em meio ao torpor até a cama escondida na outra extremidade da sala. Morgan estava esticada em cima de uma colcha escura, olhos fechados, seu rosto e roupas manchados de sangue.

Juliana Sabin estava sentada em uma cadeira ao lado da cama, com um pano limpava o rosto delicado de Morgan. A vampira se levantou quando viu ele e Granger atravessando o quarto, murmurando que estaria lá fora se precisassem dela.

Caminhando ao lado da cama, Kierland olhou para o rosto pálido de Morgan, as lágrimas brilhantes tinham cavado um caminho entre as manchas de sangue, Kierland sentiu as mãos trêmulas, o coração pareceu parar em sua garganta como uma pedra.

Fez um som cru de raiva quando olhou pelo corpo esguio dela, incapaz de acreditar no que estava vendo. A calça jeans e a blusa dela estavam completamente rasgadas por garras e marcas de mordidas, sua pele delicada machucada e rasgada pelos bastardos malditos.

Os Caminhantes da Morte, obviamente tinham brincado com ela, enquanto a atacavam. Seus punhos se cerraram imaginando o medo que ela deveria ter sentido.

— Ela está inconsciente desde que eu a encontrei. — Granger murmurou com voz embargada. — Ela perdeu muito sangue, e suas habilidades de autocura não são desenvolvidas o bastante para lidar com tal dano. Algo tem que ser feito.

Sabendo o que exatamente o vampiro queria dizer com alguma coisa, Kierland baixou a cabeça apertando o polegar e o indicador entre as pálpebras, os músculos faciais puxados em uma careta apertada. Ele queria tanto ser egoísta e ter o que precisava, mas desta vez, ele precisava fazer isso por Morgan. Não suas necessidades. Não seus desejos. Mas sim os dela.

Ele não podia ignorar a memória de como ela tinha ficado devastada quando o vampiro a tinha abandonado há tantos anos atrás. Um fantasma. Um oco de si mesma. O que significava que realmente não havia nenhuma escolha. Kierland a amava, e só Deus sabia o quanto, então ele tinha que fazer o que era certo. Para o inferno com sua própria vida. Como lhe tinha dito Morgan, nem tudo era sobre ele. O que ele queria, não importava. Tudo o que importava era que ela conseguisse o que queria.

Dando um olhar estreito em direção a Granger, ele respirou fundo, e então forçou as palavras a saírem por seus lábios, embora estivessem arrancando um pedaço de sua alma.

— Você tem que mordê-la.

Kierland sabia que um Deschanel não podia “fabricar” um vampiro. Ou você nascia um, ou não. Mas os machos da espécie podiam passar alguns de seus traços quando se ligavam a uma companheira. Isso era feito através de um soro especial que eles carregavam em sua composição genética. Durante a mordida, eles injetavam o soro na corrente sanguínea da mulher, e em seguida o corpo faria o resto.

Aos pés da cama, Granger voltou seu olhar penetrante para Kierland e perguntou:

— Por que eu?

— Por que ela te ama. — Admitiu Kierland, as palavras vibrando de emoção quando ele olhou de volta para Morgan. — E não importa o quanto eu prefira que ela viva uma vida miserável comigo do que uma longa e feliz com você.

Um silêncio pesado pairou, enquanto Granger olhava queimando para a lateral do rosto de Kierland e então o vampiro disse calmamente:

— Você realmente a ama não é? Eu tinha minhas dúvidas, principalmente depois de hoje. Mas não podia estar mais claro agora.

— Que importa? — Ele rosnou, seu pulso rugia em seu ouvido enquanto ele lutava para manter-se calmo. Para que não desmoronasse. Podia desmoronar depois, mas não enquanto Morgan estivesse sangrando em sua frente, pálida como um fantasma. — Tudo o que importa é fazer a escolha que ela mesma faria por si, se pudesse.

— Isso. — Granger disse.

— É como sei que você está apaixonado por ela.

Esforçando-se para dar um passo atrás, Kierland passou a mão por entre os cabelos, sua respiração entrando dura e áspera por seus pulmões, enquanto esbravejava com o vampiro.

— Cristo, não temos tempo para está merda. — Ele rosnou. — Como me sinto é irrelevante. Tudo o que importa é mantê-la viva. Nem que eu tenha que obrigá-lo!

Com um suspiro áspero, Granger cruzou os braços sobre o peito largo e disse:

— Eu não posso. Por mais que eu esteja tentado, não vou fazer isso com ela.

Um som escuro, primitivo rasgou a garganta de Kierland, enquanto mantinha as mãos fixas ao lado de seu corpo.

— Merda, ela te ama!

— Como amigo, seu imbecil. — O vampiro empurrou o queixo em direção a ele. — Vai... Tem que ser você.

— Não. — Ele estremeceu, e deu mais um passo pesado para longe da cama, não confiando em si para estar perto dela. — Isso não é sequer possível.

Granger olhou para trás, implacável.

— Por que não?

Esfregando a mão sobre a boca, Kierland lutou para colocar seus pensamentos caóticos em ordem.

— Ela não pode ser ligada a um Lycan. — Explicou em voz áspera. — Ela já tem genes de lobo em sua composição, o que significa que não posso mudar nada com minha mordida. A única forma de passar minhas características para ela é marcando-a. Eu teria que mordê-la em minha forma humana, com as presas do lobo. E por causa de como me sinto sobre ela, isso a ligaria a mim.

— Então faça isso. — Resmungou Granger. — E antes que você perca mais tempo, dizendo que você não pode. Vou lhe avisar que não é algo que eu não possa fazer agora mesmo. Foi Morgan quem me deixou e não o contrário. Ela tentou fazer nossa relação dar certo, mas não pôde, por que ela era apaixonada por você. E ela ainda é.

O choque passou por sua mente, fazendo sua cabeça girar, e ele recuou um passo.

— Você está mentindo. — Disse ele tremendo instável, com medo de deixar-se acreditar. — Eu vi vocês dois juntos. Ela era louca por você.

Um sorriso tocou a boca de Granger, e ele baixou a cabeça, esfregando a parte de trás do pescoço.

— Ela tentou ser, mas não pôde te esquecer. Ela será para sempre apaixonada por você, e se você não estivesse tão envolvido em si mesmo, seria capaz de ver. Mas ela sempre esteve lá. — Um brilho rígido em seu olhar quando levantou a cabeça, a respiração irregular quando prosseguiu, acrescentando: — Ela te amou tanto que quase morreu por você. E eu não estou falando desta noite.

Kierland percebeu algo no tom de voz do vampiro que fez os pelos de sua nuca se levantarem.

A expressão de Granger era de raiva e nojo, quando disse:

— Como você acha que encontrou o ninho de vampiros que matou sua namorada? Enquanto você estava chafurdando em sua culpa, Morgan se ofereceu para ser a isca. O plano deu errado. E quando a encontramos, os vampiros já a tinham arrastado para um cubículo fechado. A tinham prendido ao chão, e um por um bateu nela, ela estava fazendo o som mais horrível que já vi, mendigando, gritando, implorando por alguém para ajudá-la.

— É por isso que ela não gosta de lugares lotados de pessoas. — Ele resmungou com o rosto molhado de suor. — Por que ela não gosta de estar em espaços fechados. — Granger assentiu.

— Também é parte do motivo pelo qual ela estava tão arrasada na época em que você pensou que eu a tinha abandonado. Ela se culpava por não conseguir tirar você da cabeça, para

que algo entre nós pudesse ter uma chance. Mas ela também estava às voltas com o trauma do ataque.

Era quase impossível, mas ele conseguiu perguntar.

— Será que eles a estupraram?

— Não, mas estiveram perto disso. — O vampiro travou o queixo enquanto olhava para o corpo ensanguentado de Morgan. — Eles já a tinham despido, um deles estava com as mãos e a boca sobre ela, mas eu cheguei a tempo de impedir que a penetrasse. Um segundo depois teria sido tarde demais. O sacana já estava entre as pernas dela.

Levou um instante para que Kierland conseguisse forçar sua garganta a engolir, a fúria gigantesca rasgando por seu corpo, fazendo com que se sentisse uma merda.

— Por que ninguém me disse nada? — Ele finalmente conseguiu perguntar em voz grossa.

Um riso amargo escapou da boca de Granger enquanto ele balançava a cabeça.

— Ela nos pediu que não contássemos nada a você. Disse que você tinha problemas o suficiente para lidar. E você estava tão fora de si por um tempo, que os outros concordaram.

Ele se moveu para mais perto da cama, os olhos ardendo com lágrimas que ele nem mesmo tentava esconder.

— Eu não posso acreditar que ela tenha feito algo com isso.

— Não é tão difícil de acreditar se considerando o quanto ela era louca por você. — O vampiro fez uma pausa então calmamente perguntou:

— Você realmente não sabia como ela se sentia em relação a você?

Sua garganta estava tão apertada que Kierland mal conseguia pronunciar as palavras.

— Eu não ousava ter... esperança. Eu só estava... eu não podia...

— Você estava com medo?

Pela primeira vez, não houve julgamento na voz de Granger, e ele sugou uma respiração profunda, em seguida deu um aceno positivo.

— Sim. Sempre tive quando se tratava dela. — Suas palavras saíram roucas, quebradas pela emoção. — Eu a amava. E tinha tanto medo que quase me via fora de mim.

Kierland podia ver claramente o passado agora, tanto que feridas foram esculpidas em seu coração. Podia ver que tinha sido um idiota, com clareza dolorosa que o fez querer jogar a cabeça para trás e uivar. Durante anos tinha construído uma imagem de Morgan em sua mente para ajudá-lo a ficar longe dela. Mas, no fundo ele sempre soube que era uma fraude. Ele não havia procurado a verdade, preferindo acreditar nos rumores, assim como nas mentiras que tinha dito a si mesmo, por que facilitava se manter a distância.

Ele tinha sido um idiota. E não a merecia. Mas... Ele tampouco estava preparado para perdê-la. O que significava que ele tinha apenas que passar o resto de sua vida tentando compensá-la. Tentando se tornar um homem digno de seu amor. Ainda estava com tanto medo de que algo acontecesse a ela, e sempre teria. Estava apavorado. Amá-la significava render-se a tudo, até mesmo ao medo de lutar pelo que queria. Sim, ele provavelmente seria superprotetor e possessivo, mas Morgan era forte o suficiente para mantê-lo na linha.

Ela era uma deusa linda de tirar o fôlego, ele estava pronto para passar o resto de sua vida a seus pés adorando-a, agradecendo a Deus por todos os momentos que tivesse com ela.

Movendo-se ao lado da cama, Granger pegou o pulso de Morgan verificando sua pulsação. O medo queimava em seus olhos pálidos quando olhou por sobre seu ombro, travando seu olhar com o de Kierland.

— Se você não fizer isso logo. — Ele disse. — Vai perdê-la.

Ele balançou a cabeça, engoliu em seco e começou a se mover, mas o Deschanel bloqueou seu caminho.

— Mas tenha certeza do que quer. — Avisou o vampiro com o olhar prateado tomado pela emoção. — Por que tenho certeza de que ela prefere partir agora, que viver presa a você, se você realmente não a quiser.

— Ela é tudo o que eu sempre quis. — Ele murmurou, a confissão raspando em sua garganta.

— Então faça essa coisa, e a faça ficar bem. — Murmurou Granger, esfregando as mãos pelo rosto. — Me deixa louco vê-la assim.

Sentindo as bordas tensas de seu ciúme começando a estalar, uma a uma, Kierland disse:

— Você realmente se preocupa com ela, não é?

Granger revirou os olhos e bufou.

— Eu não vou tentar roubá-la de você. — Ele murmurou num tom seco. — Por isso não perca seu tempo se preocupando com isso.

— Não... Eu apenas... — Kierland engoliu, respirou fundo, estendeu a mão e disse: — Obrigado por ser seu amigo. Por cuidar dela durante todos esses anos.

Com um olhar um pouco chocado o vampiro olhou preocupado novamente por sobre o ombro para Morgan, em seguida passou a mão pelo rosto de novo.

— Bem então, eu vou sair daqui. Isso é demais para mim.

— Espere. — Kierland chamou quando Granger já estava abrindo a porta, uma rajada de neve invadiu a sala.

— Tem mais uma coisa que eu preciso saber. Por que ela sempre alegou que tinha sido você a terminar o relacionamento?

Uma risada baixa deslizou preguiçosamente dos lábios do vampiro, e ele sorriu.

— Isso foi ideia de Morgan. Ela não queria arruinar minha reputação. Sempre foi doce demais para seu próprio bem. — Inclinou a cabeça um pouco para o lado enquanto estreitava o olhar. — Só para você saber, Sentinela, eu vou estar de olho em você, certificando-me de que vai tratá-la bem. Empurrou o queixo em direção de Kierland para confirmar o aviso, e em seguida fechou a porta atrás de si, deixando Kierland e Morgan finalmente sozinhos na sala.

Com seu coração batendo em um ritmo poderoso, trovejante, ele caminhou para a cama e olhou para baixo, a mulher que tinha virado seu mundo de cabeça para baixo no momento em que a tinha conhecido. Tinha perdido tantos anos lutando contra o inevitável.

Mas não mais.

Tomando cuidado para não machucá-la, Kierland baixou-se para a cama, apoiando-se em seus cotovelos quando se deitou ao lado dela. Ela nem ao menos se mexeu, o subir e descer da respiração em seu peito quase imperceptível.

A parte de trás de sua garganta queimava quando ele se inclinou para ela, pressionando seu rosto molhado na pele estranhamente fria ao lado da garganta dela. Ele pode sentir seu desvanecimento, sentia que ela estava se afastando dele, então encostou seus lábios no ouvido de Morgan e disse:

— Espero que você possa me ouvir, meu amor, por que eu amo você. Eu devia ter dito isso hoje. Droga, eu devia ter dito mil vezes antes, eu sinto muito por cada vez que não disse. Por cada segundo perdido. Mas... Mas eu prometo que nunca mais vou me afastar de você. Vou te dizer que te amo todos os dias, com palavras, com o toque do meu corpo e com a maneira que vou olhar para você. Eu juro que você nunca mais vai ter que tentar adivinhar como eu me sinto. Eu vou ser o mais óbvio bastardo, e não dou a mínima para o que digam. Eu não me importo com nada além de você. Só quero passar o resto da minha vida com você, tentando te fazer feliz.

O fogo crepitava na lareira quando o Lycan puxou uma respiração profunda e empurrou os cabelos de Morgan para trás da face pálida, pelos ângulos preciosos de seu rosto. Seu coração batia mais rápido quando apertou um beijo carinhoso no canto de seu olho... Depois na curva feminina de sua mandíbula frágil... E pela coluna de sua garganta.

Então ele lançou seus dentes, murmurou que a amava e deu a mordida.

CAPÍTULO DEZOITO

Complexo Casus/Kraven.

Sexta à noite.

UMA CORRENTE DE PALAVRÕES passou pelos lábios de Kellan Scott enquanto caminhava por sua cela. O Lycan tinha passado as últimas vinte e quatro horas em uma sala de interrogatório no andar térreo do Complexo de Westmore, onde o Casus tinha feito o seu melhor para descobrir por que ele tinha viajado para a Escandinávia.

Entre as agressões violentas, Kellan tinha alimentado suas suposições de que tinha ido atrás dos Marcadores que estavam em posse de Westmore, tomando cuidado para não mostrar interesse no paradeiro dos outros prisioneiros. Até que finalmente o levaram para o subsolo do Complexo, e o jogaram em uma cela fria e estéril que se alinhava junto a outras tomando uma parede inteira do nível subterrâneo do Complexo. Embora as barras de ferro na frente das celas oferecessem uma visão clara dos que estavam do lado de fora, as celas eram separadas por paredes, tornando impossível aos prisioneiros verem uns aos outros.

Quando tinha passado pela primeira cela, Kellan tinha visto uma forma pequena e feminina dormindo em uma cama estreita, antes de eles terem lhe jogado na cela ao lado, ele deduziu que fosse a psíquica que os Kraven tinham falado na quinta feira a noite. Todas as outras celas estavam vazias.

Chloe Hancourt não estava lá.

Kellan pode sentir o cheiro persistente de uma Merrick na cela vazia ao lado a sua esquerda, que lhe disse que Chloe tinha estado ali. Mas onde diabos ela estava? Seu perfume ténue de dar água na boca era uma lembrança angustiante de que não a havia encontrado, apesar de tudo o que tinha passado. Ele tentou segurar sua razão e esperança vacilante. Mas não foi fácil. Três dias antes, ele foi mordido por um Deschanel infectado. Embora ele não pudesse passar o veneno para outra pessoa, ele estava se espalhando lentamente por seu corpo, e ele não conseguia controlar a tensão em seus músculos doloridos, o corpo intermitente entre os extremos de calor e frio.

— Maldição. — Ele rosnou com a respiração irregular, apavorado de que pudessem estar machucando-a em algum lugar. Que ela estivesse assustada e sozinha. Ele cruzou os braços fortemente sobre o peito, e tentou controlar os calafrios que sacudiam sua espinha, enquanto o suor escorria pelos lados de seu rosto. — Onde infernos você está mulher?

— Eles não a feriram. — Alguém murmurou, uma voz suave e rouca vinda da cela onde a médium estava dormindo. — Eles a levaram para ser examinada por um médico.

Colocando-se no canto direito de sua cela Kellan agarrou as mãos em torno das barras de ferro, o metal era frio contra a palma de sua mão febril.

— Por que um médico? — Ele perguntou com voz rouca, tomando cuidado de falar suficientemente baixo para não serem ouvidos pelos guardas acima. — O que aconteceu com ela? Ela estava machucada?

— Ela está frágil, pois não alimenta seu despertar Merrick. — Sussurrou a mulher. — Westmore se recusa a deixar que alguém a toque, pois a está guardando para alguém chamado

Calder. Então eles vão tentar dar-lhe o sangue que precisa de maneira intravenosa. Mas isso não vai funcionar.

— Eu sei. — Ele murmurou, surpreso de saber que o despertar de Chloe já tinha começado. — Quando vão trazê-la de volta?

Um momento de silêncio, em seguida uma resposta suave:

— Em breve.

— Quem é você? — Perguntou ele, suas palavras ásperas pela fúria quando pensou no que os Kraven deviam ter feito a essa jovem. Lembrou-se de suas piadas grosseiras sobre a tortura e o abuso que ela tinha sofrido desde que tinha sido capturada.

— Meu nome é Raine. — Disse ela. — E você já descobriu por que estou aqui. Sou o animal de estimação psíquico de Westmore.

— Se você é uma psíquica, você pode ver o futuro? — Ele perguntou engolindo contra a garganta seca. — Você pode me dizer o que vai acontecer?

— Me desculpe, mas meus poderes não funcionam dessa maneira. Só posso ver o passado e o presente. Mas pelo que vi, posso lhe dizer que algo ruim está por vir. Um Casus de nome Gregory está vindo para cá, para destruir Westmore.

— Gregory é um idiota. — Kellan murmurou, curvando os lábios quando encostou a testa úmida contra as barras de ferro frio. — Mas se ele quer Westmore, que seja bem vindo. Seu ataque pode servir como uma distração para que nós possamos escapar. Eu vou encontrar uma maneira de tirar você e Chloe daqui.

— Receio que não será tão simples.

— Por que não? O que você vê?

— Este Gregory, quer mais do que apenas Westmore. — Suas palavras estavam esmagadas pelo esgotamento e a dor. — Mesmo que você consiga sair daqui com a bruxa, você não será livre. Não enquanto Gregory viver.

— Oh, merda. — Ele gemeu, entendendo o que ela estava tentando dizer.

O Casus bastardo queria Chloe também.

O medo tomou Kellan, e ele rezou para que Kierland estivesse por perto, sabia que iam precisar dele, quando finalmente conseguissem escapar. Com o despertar de Chloe drenando suas forças, e com o veneno do maldito vampiro o corroendo por dentro, não sabia em que estado estariam quando conseguissem chegar ao lado de fora.

— Você pode ver meu irmão? — Ele perguntou em voz baixa. — Ele está bem?

— Eu posso vê-lo e ele está bem. Ansioso para tirar você daqui, mas disposto a fazer as coisas a sua própria maneira. — Soava quase como se ela estivesse rindo quando disse: — Há muito que ele quer te dizer.

Kellan deu um rosnado suave, sabia que Kierland estava furioso com ele.

— Sim, apostado que há.

— Ele não está zangado com você, não mais. Está apavorado por sua segurança, mas está grato por você ter trazido a Sentinela para vida dele. Houve algumas complicações, mas ele está determinado a não perdê-la. Na verdade ele já a reclamou com sua mordida.

Balançando a cabeça Kellan curvou o lábio ferido em um sorriso, e mandou palavras de agradecimento em pensamento para quem pudesse estar ouvindo. Apesar do inferno ao que tinham sobrevivido e aos desafios que se colocavam, era bom saber que as coisas começavam a dar certo.

Após todos esses anos, seu irmão finalmente tinha sua mulher.

CAPÍTULO DEZENOVE

Complexo Sabin.

Sábado á noite.

DOIS DIAS DEPOIS DE KIERLAND ter mordido Morgan, ela ainda estava inconsciente. Kierland teria se apavorado se Juliana Sabin não tivesse garantido que era normal o processo de cicatrização tomar algum tempo. Como nunca tinha tido a intenção de reclamar uma companheira, nunca tinha prestado muito atenção às regras intrincadas que se aplicavam no ato, o estava deixando maluco não saber o que esperar.

Sim, ele sabia o básico. Mas não podia deixar de se preocupar de ter feito algo errado. Será que fazia alguma diferença ela não estar consciente no momento da mordida, ou que já tivesse perdido muito sangue? Constantemente se censurava por não tê-la mordido no momento em que tinha voltado para a cabana na quinta feira, mas ele tinha estado tão certo de que era Granger quem ela queria.

Depois que ele saiu da cabana, e todos souberam que havia mordido Morgan, Juliana os tinha convidado para acompanhá-la ao Complexo Sabin. Kierland aceitou a oferta, queria manter Morgan em um local tão seguro quanto possível, ainda mais com a ameaça dos Caminhantes da Morte pairando sobre suas cabeças. A fêmea Deschanel também tinha oferecido um quarto gentilmente, e vinha vê-la constantemente, até tinha ajudado Kierland a lhe dar banho e vesti-la com roupas limpas. Para que ela ficasse mais confortável, quando finalmente acordasse.

Ashe tinha ficado com ela por horas seguidas, sua tristeza e preocupação esculpida nas linhas sombrias de seu rosto bonito, quando se sentou na cabeceira da cama de Morgan segurando suas mãos frias nas dele. Kierland tinha agradecido o vampiro novamente, e tinha até compartilhado algumas conversas tranquilas com o homem que tinha odiado por tanto tempo.

Mas era difícil guardar rancor contra o bastardo arrogante e Kierland estava começando a gostar dele. Ashe concordou em se unir a luta contra o Casus, assim que localizassem seu irmão, e Kierland tinha dito que seria imensamente grato a suas habilidades no campo de batalha. A única coisa sobre a qual não tinham conversado, era sobre o problema de família que Ashe e Gideon estavam lidando, mas Kierland não quis pressioná-lo. Apenas tinha deixado claro, que se precisasse de ajuda, seria só dizer como e onde e Kierland estaria lá.

Mesmo Micah, que havia sido acorrentado dentro de seu quarto desde seu regresso ao complexo Sabin, tinha expressado sua preocupação pelo bem estar de Morgan. Embora o veneno continuasse a comandar ataques loucos de raiva, Juliana tinha contado a Kierland que havia momentos em que Micah parecia em paz com seu confinamento, aliviado por estar em um lugar que não pudesse fazer mal a ninguém. As buscas pela jovem vampira que Micah tinha tomado como refém em sua ultima escapada continuava sem sucesso. Os Sabin temiam o pior, temiam que apesar de Micah alegar que não se lembrava, que ele tivesse matado a menina.

Em várias ocasiões Kierland e Ashe tinham tentado perguntar a Juliana sobre o porquê de a família Sabin ter sido confinada a Escandinávia, mas ela se recusava a responder, alegando que o assunto ainda era muito doloroso para discutir. Enquanto Kierland estava disposto a

deixa-la manter seus segredos, Ashe parecia incapaz de conter sua frustração, Ele constantemente começava a argumentar com Juliana quando ela vinha visitar Morgan, assim ela tinha começado a sair do quarto quando ele se aproximava.

Mas na maior parte do tempo, Kierland tinha passado sozinho no quarto com a mulher que agora era sua companheira, segurando-a em seus braços, rezando a um poder superior que ela acordasse e se virasse para ele.

Sua mordida curava as feridas físicas que os Caminhantes da Morte fizeram, mas eram aquelas que ele não podia ver que estavam dentro dela, o faziam estremecer de medo.

E, no entanto, sempre começava a se preocupar com o trauma do ataque ser demais, ele se lembrava que ela era a mais brava, mais forte de todas as mulheres que já tinha conhecido, e a segurava mais firmemente, sussurrando em seu ouvido, dizendo que voltasse para ele, porque ele não poderia viver sem ela.

Exatamente quarenta e oito horas depois do momento em que a tinha mordido, ela finalmente abriu os olhos.

Kierland estava deitado de lado, com a cabeça de Morgan embalada na curva de seu braço esquerdo, murmurando-lhe enquanto que com seus dedos longos acariciava a curva delicada de seu rosto.

E a próxima coisa que ele soube, foi que ela estava olhando de volta para ele, seu belo olhar travado contra o seu.

— Sede. — Ela gemeu, e então ela o chocou como o inferno quando virou-se na curva de seu ombro... E mordeu seu pescoço. Morgan afundou suas presas profundamente, sugando sua veia e uma escaldante onda de prazer quase o virou do avesso. Seus dedos se curvaram na parte de trás de sua cabeça, segurando-a contra ele, e Kierland sentiu uma necessidade intensa de estar dentro dela, achou que podia morrer se não fizesse isso.

Mas primeiro, eles precisavam conversar. E Cristo, ele precisava ter certeza de que estava tudo bem com ela. Que ela não estava sentindo dor.

Ela bebeu profundamente por quase um minuto, cada sucção em sua veia, fazia-o tremer e suspirar, seu prazer uma requintada mistura de sensações. Então ela fez um som baixo e afastou-se, com as costas da mão pressionada contra a boca rosada enquanto ela olhava para ele com olhos enormes, assustados.

— Por que fiz isso? — As palavras roucas pelo constrangimento.

— Eu não tenho certeza, querida. — Um sorriso curvou o canto da boca do Lycan. E estava feliz demais para tentar entender. — Mas não estou reclamando.

Ela piscou os olhos, um rubor delicado se espalhando pela ponta de seu nariz.

— Eu mordi sua veia, Kierland, como se tivesse direito a isso.

— Eu sei. — Ele disse, e era impossível disfarçar a satisfação rica em seu tom de voz. Levantando a mão, ele empurrou alguns fios de cabelos sedosos, para trás de seu rosto, em seguida correu o polegar pelos sulcos profundos de preocupação que tinham se formado entre suas sobrancelhas. — Do que você se lembra, querida?

— Não muito. — Ela sussurrou, seu olhar distante assustando-se enquanto afundava em suas memórias. — Eu sei que deixei a cabana para ir atrás de você. Eu estava preocupada

de que você pudesse se machucar. Então me lembro de ter sentido o cheiro dos Caminhantes da Morte, e... —Ela piscou novamente, e um arrepio correu por seu corpo. — Eles me morderam, não foi? — Perguntou ela, olhando profundamente em seus olhos.

— Sim e foi muito ruim. Mas Ashe e Juliana Sabin trouxeram você de volta para a cabana, então Ashe foi atrás de mim. — Segurou a mão de Morgan, e com a ponta dos dedos encontrou a marca de sua mordida que ainda persistia, a pele não estava quente ao toque, e seus olhos percorreram o local quando disse:

— Você estava bastante mal, até que fiz essa mordida bem aqui.

— Você me marcou? — Kierland assentiu, observando como ela estudava o olhar orgulhoso e possessivo em seu rosto, e começou a tremer.

— Oh, Deus. — Ela ofegou. — Como você pode?

Kierland esforçou-se para parecer espirituoso, mesmo com sua voz apertada, quando disse:

— Essa não era exatamente a reação que eu estava esperando. Eu pensei... — Ele fez uma pausa escolhendo as palavras com cuidado. — Não era isso que você queria?

Lágrimas brilhavam nos olhos de Morgan, fazendo o estômago de Kierland se apertar com medo, até que ela admitiu:

— É claro que era o que eu queria. Eu estou apaixonada por você! Mas... Era o que você queria? Ou você só fez isso para me manter viva? Por que eu prefiro não viver do que ter você atado a mim contra sua vontade.

— Morgan, querida, pode se calar por um momento e me ouvir? — Kierland disse com um sorriso meigo, pressionando sua boca contra os lábios de pétalas macias dela. Ele empurrou seus dedos em seus cabelos, moldando sua cabeça com as mãos, e puxou o suficiente para que ficasse olhando diretamente em seus olhos. — Eu não a mordi apenas para mantê-la viva. Eu fiz isso por que não posso viver sem você. Por que eu não quero acordar um único dia sem ter seu corpo junto ao meu. Por que eu quero envelhecer com você, construir uma vida com você. Assim que essa maldita guerra acabar, quero levá-la para algum lugar, e mantê-la lá por dias, semanas, até que nós façamos um milagre e nosso bebê esteja crescendo aqui. — Disse ele com a voz rouca baixando a mão para esfregá-la sobre a barriga de Morgan.

— Estou sonhando? — Ela sussurrou, segurando-o pelos ombros enquanto seus olhos aumentavam comicadamente de tamanho. — Oh, Deus, eu morri? Isso seria tão típico! Obter tudo o que sempre quis, e descobrir que morri... Que não é real.

— Você não está sonhando. — Um sorriso torto tocou sua boca, e ele a beijou novamente, dizendo: — Você está muito viva querida. E você também é muito... Mas muito amada.

— Eu sou? — Ela murmurou contra seus lábios.

— Você é. — Ele retrucou, puxando-a para trás para ver seu rosto. — E você também não é uma boa mentirosa.

— Oh. — Puxando o lábio inferior com os dentes, ela perguntou: — O que foi que você descobriu?

Mantendo-se próximo a ela, Kierland lhe contou sobre a conversa que teve com Ashe, explicando como o vampiro tinha lhe dito a verdade sobre o relacionamento deles, e também sobre o terrível ataque que ela tinha sofrido dos vampiros malditos. Então ele explicou como eles foram parar no Complexo Sabin, recontando os eventos da noite em que ela foi atacada pelos Caminhantes da Morte, sua voz tremia quando disse:

— Quando deixei Kell, e estava voltando para junto de você, me assustou como o inferno pensar que tinha te perdido, por que eu tinha agido como um idiota. Que eu poderia ter que passar o resto da minha vida sem você. E... Isso é algo que não posso fazer.

— E seu pai? — Perguntou ela, empurrando o cabelo para trás da testa. — Isso não te preocupa mais?

Ele inalou uma respiração profunda e calmamente explicou:

— Eu tenho ciúme de tudo que está a sua volta. De cada homem que olha para você. Do ar que você respira. Das roupas que tocam seu corpo. Mas a diferença é que eu amo você Morgan. E o amor é mais poderoso do que qualquer outra coisa. Eu nunca iria machucá-la ou traí-la.

Os olhos de Morgan foram nublados por uma memória, e ela sussurrou:

— Eu me lembro de alguma coisa na quinta feira, após o ataque. Eu pude ouvi-lo discutir. Você tentou fazer com que Ashe me mordesse.

— Por que pensei que você ainda o amava. Que ele era o que você realmente queria. — Ele engoliu em seco, esforçando-se para empurrar as próximas palavras pelo nó de sua garganta. — E isso era tudo o que importava para mim. Que você vivesse e fosse feliz. Se ficar com Ashe tivesse lhe feito isso, eu teria ficado de joelhos e implorado a ele para fazê-lo. — Mas ele... Ele disse que você não estava apaixonada por ele.

— Ele está certo. — Suas palavras eram quentes e suaves enquanto passava as mãos pelo peito de Kierland. — Eu não estou, porque eu sou apaixonada por você.

— Sim, ele disse isso, também. — Tocando o lado de seu rosto em sua palma, Kierland enxugou uma gota brilhante de uma lágrima com o polegar, e havia uma nota áspera de urgência em sua voz quando disse:

— Não se junte a Guarda. Venha para casa comigo. Trabalhar comigo. Morar comigo. Tire-me da minha miséria e me faça inteiro, Morgan. Faça isso, e eu juro que vou adorar você em tudo que existe, até o fim dos tempos. Você vai ser uma rainha. Minha rainha...

— Eu vou. Eu não me importo em ser uma rainha. — Ela murmurou, cortando-lhe as palavras, com um brilho provocante em seus olhos. — Eu só quero ser sua Kierland.

— Você sempre foi. — Ele gemeu, passando a mão para baixo na curva graciosa de sua coluna vertebral, até que parou em sua bunda, puxando-a contra a crescente dor de sua ereção, seu pênis ficando mais duro, mais espesso. — Eu estava simplesmente apavorado demais para admitir isso.

— E agora? — Ela engasgou, arqueando-se contra ele.

— Agora a única coisa que me assusta é perder você.

— E o que me diz de Ashe? — Ela perguntou, parecendo preocupada. — Porque ele sempre vai ser meu amigo. Eu não posso... Eu não poderia nunca virar as costas para ele.

— Eu não esperaria isso de você. — Murmurou, sua mão deslizando ao longo das costas de sua coxa, até seu joelho, e ele engatou a perna sobre seu quadril, empurrando contra ela. — E eu confio em você, Morgan. Nada pode mudar a maneira que me sinto sobre você.

— E os ataques de pânico? Porque, bem, eu poderia ser uma responsabilidade. — Explicou instável. — Eu ainda estou quebrada... E não sei se vou ser capaz de... de controlar o pânico. Faz-me fraca.

— O diabo que faz. — Rosnou, odiando que ela se sentisse daquela maneira sobre si mesma. — Eu não sei de qualquer outro homem ou mulher que pudesse ter sobrevivido como você fez e ainda se tornado um sentinela e tanto. Você é um milagre, Morgan, e eu estou malditamente orgulhoso de você.

— Está? — Ela piscou, olhando... Chocada. — Você sempre disse na academia, que você não podia suportar qualquer tipo de fraqueza.

Kierland estremeceu.

— Deus, eu só estava sendo um idiota arrogante, jorrando a mesma besteira que eu tinha crescido ouvindo em casa. Mas a verdade é que são nossas fraquezas que nos fazem fortes, que nos completam, e até mesmo o maior filho da puta sabe disso.

Com um sorriso irônico, disse:

— Você não.

— Você também. — Argumentou ele, sua voz grossa de emoção. — Eu estou segurando minha fraqueza em meus braços, meu anjo. O medo de que alguma coisa aconteça com você... Cristo, me deixa louco só de pensar nisso. E eu ainda não entendo como você pode ter se colocado em risco da maneira que fez com os bandidos. Ela levantou a mão para seu rosto, acariciando levemente a forma de suas sobrancelhas enquanto disse:

— Foi uma escolha fácil, realmente, porque eu sabia que você ia se matar se não fizéssemos alguma coisa. E eu não podia deixar isso acontecer.

— Só prometa que você nunca vai se colocar em risco assim de novo. — Murmurou, pressionando os lábios na testa de Morgan. — Porque eu morreria se te perdesse.

— Então, é melhor se certificar de que você vai estar por perto. — Morgan sussurrou, o coração tão cheio de amor, que não sabia como conseguia guardá-lo todo dentro do peito. — Melhor você ter certeza de que fez a coisa certa.

Os olhos de Kierland brilhavam com fogo predatório quando torceu a mão no cabelo macio em sua nuca e puxou-lhe a cabeça para trás.

— Você usa a minha marca, Morgan. — Sua voz era escura, intoxicante. — Confie em mim, anjo. Eu fiz o certo.

— Mas é melhor ter certeza. — Ela disse com voz rouca, completamente deslumbrada com o olhar de desejo ardente e de amor encharcado em seu rosto.

— Você ainda está se curando! — Ele resmungou, ficando rubro, como se estivesse queimando de febre. — Cristo, não me seduza.

Beliscando seu queixo, Morgan se abaixou e abriu o botão superior de seu jeans.

— Se você não se colocar dentro de mim, Kierland, eu vou pegar pesado com você.

— Morgan, droga. Espere.

— Não. — Ela engasgou se livrando de outro botão. — Eu sempre esperei por isso. Eu quero saber como me sinto por ter você olhando para mim, com seu corpo enterrado dentro de meu corpo, enquanto me diz que me ama. Não me faça esperar mais.

— Porra, eu não posso te negar nada. — Gemeu, suas mãos poderosas tirando-a fora de sua calcinha e camiseta. Morgan ajudou a tirar a camiseta sobre a sua própria cabeça, e então ele estava caindo sobre ela, seu peso apoiado em seu braço esquerdo quando abriu a boca no mamilo sensível, a sua língua acariciando-a lambendo, enquanto usava a mão direita para empurrar seu jeans sobre seus quadris. E então ele estava dentro dela, o sentimento de acerto tão intenso que ela gritou, dissolvendo-se em calor, a boca aberta, tremendo quando encontrou a dele e o beijou, Kierland a devorava com fome. Como se quisesse comê-la viva. Eles fizeram amor selvagem, com uma intensidade passional que era muito mais doce somada às emoções de tirar o fôlego queimando entre eles, se alimentando com o sabor de suas bocas, se drogando com o gosto de sua felicidade e esperança.

— Minha. — Ele respirou contra seus lábios, mordendo-a com seus dentes, enquanto ela se apertava em volta de seu pênis com luxúria, ganância, desesperada por tudo o que ele tinha para lhe dar. Até que explodiram em gozo juntos, trêmulos de prazer e amor.

Quando sua respiração irregular, finalmente desacelerou, ela perguntou:

— O que está acontecendo agora?

Morgan apertou a orelha no peito dele, ouvindo a batida constante do seu coração enquanto Kierland estava deitado de costas debaixo dela.

— Nós estamos monitorando o Complexo de Westmore. — Ele disse a ela, sua voz rica e profunda de satisfação. — Esperamos por um sinal de Kell. Vou dar-lhe até sexta-feira, mas é só isso. Depois disso, eu vou achar uma maneira de tirá-lo daquele lugar, mesmo que eu tenha que cavar através de quilômetros de gelo para fazer isso.

— É justo. — Ela murmurou. — Vamos entrar em contato com Quinn e os outros?

Ele acariciou a mão pelos cabelos, dizendo:

— Ashe vai sair amanhã e rastrear Gideon, depois voltara aqui para nos ajudar contra Westmore. Ele também vai ligar para Quinn e deixa-lo saber o que está acontecendo. Se Quinn e os outros estiverem determinados a vir para ajudar, como eu imagino que estarão, Ashe então vai reunir-se com eles e trazê-los até aqui.

— É tão estranho ouvir você falar sobre Ashe. — Ela sorriu e pressionou um beijo em seu peito quente. — É como se o universo tivesse sido empurrado para fora da galáxia ou algo assim.

— Sim, bem, devo-lhe muito por estar lá quando você precisava dele.

O sorriso de Morgan ficou maior quando ela levantou a cabeça, prendendo seu olhar com o dele.

— Eu disse que ele não era tão vilão.

— Nós não vamos usar pulseiras de melhores amigos em breve. — Disse com um sorriso torto chutando no canto de sua boca. — Mas, sim, ele não é tão ruim.

— Sabe. — Sussurrou. — Quando sorri dessa maneira, só me faz querer atacá-lo.

O calor brilhava em seus belos olhos verdes, mas ele franziu a testa, sua voz áspera quando disse:

— Eu não quero que se canse.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Então me dê o que eu quero sem que tenhamos que lutar por isso.

— Morgan. — Gemeu com voz rouca quando ela envolveu a mão em todo o comprimento, quente e rígido de seu pênis. — Merda, você está me matando.

— Sinto-me incrível, Kierland. Melhor do que eu já me senti. Mas eu vou me sentir melhor com você dentro de mim novamente. — Disse a ele, acariciando-o em um processo lento, apertado, possessivo. — Por favor.

Ele amaldiçoou, rosnando palavras roucas e sexuais sobre como ela ficava louca, e o deixava louco... Quando queria alguma coisa... Ela queria que ele se enfiasse nela novamente aninhado entre o berço de suas coxas. Seus lábios se enrolaram lentamente, com um sorriso satisfeito quando Kierland se colou contra ela, forçando seu pênis dentro do escorregadio túnel feminino, abrindo passagem para as profundezas de seu corpo. Ele pressionou a boca aberta na dela, lambendo por dentro, e empurrou-se profundo... Mais profundo, a parede muscular do seu peito esfregando-se contra os seios dela. Um som áspero, gutural escorregou de seus lábios enquanto puxava de volta seu quadril, e em seguida, empurrava-se para dentro em um processo lento, dando estocadas pesadas com as costas arqueadas, enquanto ela se segurava sobre a superfície quente, suada de seus ombros. Então, ela estremeceu, sufocando um soluço abafado, e ele levantou a cabeça, olhando para ela, uma expressão aflita apertando seu rosto no instante em que percebeu as lágrimas em seus olhos.

— Droga, eu te machuquei?

— Não! — Ela engasgou, travando as pernas em torno de sua cintura estreita quando ele começou a retirar-se. — É só que... Eu estou tão assustada, Kierland. Estou apavorada de que você de repente acorde e mude de ideia.

— Ah, meu anjo. Isso nunca vai acontecer. — Disse a ela, entrelaçando seus dedos aos dela. — Deus, Morgan, minha vida tem sido um inferno sem você, e eu sei que tenho muito para compensar. Muitos erros. Eu desperdicei muito tempo que poderia ter gasto com você, porque eu fui um idiota e um imbecil, mas eu não vou ser mais. Eu sou apenas... Eu vou ser o que você precisar que eu seja.

— Meu. — Disse ela sem fôlego. — Tudo que eu preciso é que você seja meu.

— Sempre. Eu prometo. Eu não poderia ser outra coisa.

— Então me morda outra vez. — Sussurrou ela, sorrindo para ele. — Eu quero a chance de apreciá-lo neste momento.

— Inferno. — Resmungou, já abrindo a boca sobre a curva de seu ombro, enquanto se enterrava mais profundamente dentro de seu corpo. E então ela não pode ouvir qualquer coisa, exceto as batidas de seu coração. O rugido de seu pulso. Quando o êxtase nadou através de seu corpo, Morgan fechou os olhos, perdendo-se na beleza do momento. O calor escaldante do prazer expandido por seu amor cresceu dentro dela.

Em seguida, Kierland puxou os dentes de seu ombro, fazendo seu caminho ao longo de sua garganta trêmula e sussurrou suave em seu ouvido.

— Quer me morder também, meu amor?

Com perfeita confiança em seu coração, e lágrimas ardentes nos olhos, Morgan jogou seus braços ao redor de seu pescoço e disse:

— Eu pensei que você nunca perguntaria.

FIM